

Autora de *Feitiços de Amor*, *A Magia do Amor* e *Sonhos Encantados*

BARBARA
10 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS EM TODO O MUNDO
BRETTON

Filha da Magia

*Criar um bebê é difícil,
mas criar um com poderes mágicos
é-o ainda mais...*

ROMANCE MÁGICO





Ficha Técnica

Título original: Spells & Stitches
Autor: Barbara Bretton
Tradução: Marta Mendonça
Revisão: Domingas Cruz
Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.
ISBN: 9789897260353
QUINTA ESSÊNCIA
uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda
uma empresa do grupo LeYa
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01
© Barbara Bretton, 2011
e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leva.com
www.quintaessencia.com.pt
www.leva.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico

*Para o meu marido, Roy.
Por tudo. Para sempre.*



SUGAR MAPLE, VERMONT
— STICKS & STRINGS

Sabem qual é a receita para a loucura? Pegamos numa cidade pitoresca da Nova Inglaterra com um segredo mágico, acrescentamos resmas de tricoteiras desvairadas numa missão da Elizabeth Zimmermann, adicionamos uma quantidade regular de viciadas em tricô atraídas pelo letreiro «30% desconto» afixado na montra da loja de artigos de tricô mais popular do nordeste, misturamos tudo com uma aprendiz de feiticeira com as hormonas aos saltos e, acreditem em mim, tudo pode acontecer.

Chamo-me Chloe Hobbs, sou a proprietária incrivelmente grávida da Sticks & Strings, e, só para que saibam, já me encontrava atolada em loucura e ainda faltavam cinco horas para fechar a loja. Estava a pé desde o raiar do dia, a reorganizar o *stock*, a arrumar as peças feitas de malha em exposição, a introduzir preços no computador e a tentar controlar magicamente os novelos espalhados pelo chão. Nos velhos tempos, antes de a magia e a gravidez terem tomado conta da minha vida, ansiava pelos saldos da Sexta-Feira Negra como um miúdo anseia pelo Natal. Apenas com um *Red Bull* e umas bolachas com pepitas de chocolate da *Chips Ahoy* no bucho, debati-me com novelos dispersos e com clientes tresloucadas vindas de todo o lado e, ainda assim, consegui manter os segredos de Sugar Maple guardados a sete chaves.

Quem havia de dizer que a gravidez e a magia resultariam numa combinação tão volátil? As minhas hormonas meio humanas estavam ao rubro e a minha magia de aprendiz de feiticeira não lhes ficava atrás. Chorei cristais durante um episódio de *Mad Men*. Os meus soluços produziram bolas de sabão. Tranquei inadvertidamente um grupo de duendes no congelador e depois tive de os aquecer num ninho feito de meias de lã desirmanadas. E houve aquela vez em que comecei a lançar feitiços a torto e a direito e mandei duas clientes de Idaho numa viagem alucinante até às Green Mountains, agarradas a uma dobadoura gigante. Nem imaginam a quantidade de favores que tive de pedir nessa noite para resolver a situação, mas a verdade é que as senhoras regressaram a Boise somente com uma ligeira dor de cabeça e dez quilos de caxemira 6-ply fiada.

O truque hoje era permanecer calma e contar com a ajuda da minha mestra de zen interior para conseguir aguentar o caos que são os saldos da Sexta-Feira Negra sem enviar mais clientes em excursões imprevistas.

Mas, após oito meses a «apagar fogos» de magia, sentia-me exausta e a vontade de me aninhar num cantinho qualquer, e passar pelas brasas, era francamente irresistível.

– Nem penses nisso – disse a minha amiga Lynette Pendragon, passando por mim com uma braçada de lã angorá, mesclada e fofinha, em tons pastel estilo ovos da Páscoa. – Descansas depois.

Lancei-lhe um olhar irritado.

– Pensava que eras um ser metamórfico, não uma leitora de mentes.

– Querida, sabes bem que a tua cara não engana. Estavas a olhar para aquele sofá da mesma maneira que olhaste para o Luke quando ele apareceu na vila pela primeira vez.

Luke era o homem responsável pelo bebé que uniria as nossas famílias no dia 1 de janeiro. Não só era o amor da minha vida como também era o chefe da polícia e o único residente completamente humano da vila, um facto que continuava a fazer alguns dos nossos habitantes locais espreitarem constantemente por cima do ombro.

Há mais de trezentos anos, a minha antepassada Aerynn liderara o êxodo das criaturas mágicas de Salem para Sugar Maple com o objetivo de escaparem à devastação por de mais humana causada pelos abomináveis Julgamentos das Bruxas. Antes de ter furado o véu, vários anos mais tarde, ela lançou um feitiço de proteção em torno da sua amada vila, protegendo-a de todas as maldades humanas enquanto um dos seus descendentes fosse vivo.

O ano passado, por esta altura, parecia que esse momento estava prestes a acontecer. Sem uma filha para dar continuidade à linhagem Hobbs, a coisa acabava em mim e o mesmo se podia dizer do nosso invulgar sistema de segurança. A verdadeira natureza de Sugar Maple ficaria exposta ao mundo inteiro e todos sabíamos que isso seria o nosso fim.

Eu explico: eu era uma amante de gatos meio humana e meio feiticeira alta, magra e solteira e não saía num segundo encontro desde os tempos de liceu. Dizer que a coisa estava negra é pouco.

Os habitantes de Sugar Maple lançaram um feitiço que atraiu todos os vampiros, lobisomens, *selkies* e *trolls* solteiros da nossa dimensão. Quem havia de dizer que existiam tantos Srs. Errados numa vila tão pequena? Quando as minhas amigas mais próximas começaram a insinuar que Dane, um malévolo elemento das Fadas, poderia ser a resposta às minhas preces, preparei-me para dar entrada num convento. Até Forbes, o Gigante da Montanha, me parecia ser uma melhor opção.

As tentativas delas para me atracarem a alguém (fosse ele quem fosse!) só me atiraram ainda mais para os braços das reposições da série *America's Next Top Model* e para encontros embaraçosos com o vinho de pacote e os gelados *Cherry Garcia*, ao mesmo tempo que a vila mergulhava numa espiral vertiginosa rumo à desgraça.

Mas depois Luke apareceu na minha vida e, num instante, tudo mudou.

Eu amava Luke e ele também me amava. A magia que toda a minha vida eu desejara possuir crescia cada vez mais forte. A vila que eu amava encontrava-se novamente em paz e em franco desenvolvimento. O meu bebé mudou de posição dentro de mim e sorri. Tanto quanto me era possível vislumbrar, tínhamos um futuro risonho pela frente.

Porém, isso não significava que podia desleixar-me. Era fantástico poder fazer magia, mas às vezes era preciso um pouco de intervenção humana.

– Espera aí, Lynnie. – Estendi a mão e retirei uma pena, amarela e macia, do ombro dela. – É a quarta vez esta semana.

Lynette deixou escapar um suspiro:

– Agora já sabes porque nunca uso preto.

Embora ela se recusasse a admiti-lo, Lynette tinha uma certa dificuldade em fazer a transição. Era um ser metamórfico fantástico, mas não tinha jeito nenhum para regressar à sua forma natural. Se eu tivesse um dólar por cada vez que Lynette ia parar em cima do meu fogão, ou dentro do lava-louça, nas últimas fases da transição agora estaria a conduzir um *Rolls-Royce* novinho em folha em vez de um *Buick* do século passado. O marido dela, Cyrus, andava a tentar convencê-la de que ela precisava de usar óculos, mas Lynette recusava-se a admitir tal coisa. Eu estava convencida de que só quando esturricasse as penas da cauda na fogueira do Samhain¹ é que talvez esse ser metamórfico vaidoso se mentalizasse de que estava na altura de aceitar a meia-idade.

Pelo menos, eu achava que ela estava a entrar na meia-idade. Em Sugar Maple, a idade era uma incógnita. Tínhamo-nos adaptado ao mundo dos humanos, mas continuávamos a não fazer parte dele. Os nossos relógios internos regiam-se por um calendário muito diferente. Em termos de anos humanos, um dos nossos alunos do pré-escolar podia ser elegível para a reforma.

O desgraçado do Luke continuava a ter algumas dificuldades com isso e eu também. Até recentemente eu havia envelhecido à escala humana, mas agora que as minhas capacidades de magia tinham finalmente começado a funcionar em pleno, a minha esperança média de vida era uma incógnita.

Lynette agradeceu-me e depois tornou a desaparecer na multidão de clientes. Ela e Cyrus eram os proprietários da Casa das Artes de Sugar Maple e estavam atualmente a ensaiar a sua produção anual de «Um Conto de Natal». O facto de ela ter abdicado de uma parte do seu fim de semana prolongado para me ajudar na Sticks & Strings era muito importante para mim.

Na verdade, muitos dos meus amigos locais haviam-se oferecido para me darem uma ajuda. Lilith, a bela *troll* norueguesa com um coração de ouro, ajudou-me a abrir a loja e depois saiu a correr para ir abrir a porta da biblioteca municipal. Paul e Verna Griggs, dois lobisomens casados há muitos anos, tinham mandado os seus filhos adolescentes e robustos na noite anterior para mudarem os caixotes do lixo das traseiras da loja e assim criarem mais espaço para estacionamento. Bettina, a filha casada do estalajadeiro Renate Weaver, encontrava-se enfiada num dos cantos da loja com a sua harpa maravilhosa, a tocar uma música tão bonita que parecia capaz de encantar o cartão de crédito da pessoa mais sovina. Até a vampira matriarca Midge Stallworth, que nunca mostrava o rosto roliço e rosado antes do lusco-fusco, prometera que apareceria às quatro e meia para me ajudar a fechar a loja.

Não eram a minha família de sangue, mas eram sem dúvida a minha família de eleição.

O meu devaneio sentimental foi interrompido por um grito agudo, seguido das palavras: «Ponha lá isso no lugar, se não...»

Se você for uma tricoteadeira, compreenderá por que motivo não esperei para descobrir o que a pessoa planeava fazer. Até uma crocheteira sabe que a fibra e o banho de sangue não combinam.

Uma fiandeira que reconheci de uma das aulas do verão passado estava toda ativa por causa de uma meada de Bluefaced Leicester, desgrehada mas rica, que ainda faltava limpar ou cardar, já para não dizer etiquetar. Infelizmente, ela não estava num despique com outra fiandeira, mas num autêntico «mano a mano» com Elspeth, a nossa hóspede infernal. A mulher estava muito corada e alterada, com a lã imunda encostada ao peito farto, enquanto Elspeth lha tentava tirar.

Lembram-se do que Benjamin Franklin disse em relação aos hóspedes? «Os hóspedes, tal como o peixe, começam a feder ao fim de três dias.» Ele deve ter partilhado a casa com uma *troll* como

Elspeth.

Elspeth não cheirava realmente mal (embora Luke dissesse que ela cheirava a *waffles* ressequidos), mas ainda não estava na vila há um mês e a velha *troll* já conseguira alienar todos os habitantes e a maioria da minha clientela. Uma coisa era certa, se eu pudesse já a teria mandado embora de Sugar Maple, mas ela estava protegida por um feitiço extremamente poderoso que a tornava intocável. Quando o companheiro de Aerynn, Samuel, o patriarca do nosso clã, furara o véu, o seu último desejo fora que Elspeth me acompanhasse durante toda a gravidez, ou seja, os nove meses mais compridos da minha vida.

Como tal, Elspeth fazia praticamente o que lhe apetecia, sem pensar em mais ninguém. A educada Bettina ainda sugeriu que reuníssemos a nossa magia para emudecer Elspeth durante um ou dois meses, mas Samuel, o meu antepassado e protetor dela, pelos vistos considerara a hipótese de combinarmos forças quando lançara o feitiço. A única coisa que podíamos fazer era colocarmos os *phones* e ouvirmos Led Zeppelin em altos berros para abafarmos as suas lamúrias intermináveis.

Agora imaginem o quanto Luke adorava partilhar a nossa casa com ela.

– Elspeth! – rosnei, qual *rottweiler*.

– Eu vi-a primeiro – anunciou Martha, a minha cliente, assim que me aproximei. – Esta... Esta sósia da Betty White apareceu vinda sabe-se lá de onde e tentou roubar-ma!

Agradei aos deuses o facto de Elspeth se ter lembrado de aparecer sob a sua forma humana, uma vez que a visão de uma *troll* com trezentos e muitos anos talvez não fosse muito favorável ao negócio.

– Largue isso, Elspeth – ordenei, tentando não deixar transparecer a irritação na minha voz. – A Martha é uma das minhas clientes favoritas.

Não que Elspeth se preocupasse muito com algo tão banal como um estabelecimento comercial, mas não custava tentar.

– Isto não estava à venda – respondeu Elspeth, espetando o queixo ossudo para a frente. – Ela abriu um daqueles armários e retirou-a de lá mesmo nas minhas barbas. – Apontou para o meu armário de artigos que não estavam para venda junto à sala de trabalho. – Vi-a com os meus próprios olhos.

– Essa agora... – replicou Martha. – Seja como for, não lhe dá o direito de me agredir.

Fantástico. Era só o que me faltava. Uma acusação de agressão física na minha loja.

Tinha de pensar rapidamente em algo. Lancei um olhar furioso a Elspeth capaz de deter um búfalo.

– Isso estava arrecadado por algum motivo, Martha – disse-lhe eu, passando a mão pela lã imunda e esboçando uma careta. – Não me diga que quer ter o trabalho de a lavar e cardar?

– Isto é Bluefaced Leicester – retorquiu ela. – Não é fácil encontrar BFL com esta gramagem.

– Tenho ali um bocado de BFL lavada e posta de parte. É trinta por cento mais grossa. – Fiz uma pausa para causar impacto. – E se eu lha vendesse pelo mesmo preço dessa suja?

Ela largou a lã com tanta rapidez que quase me ri.

– Negócio fechado.

Não fora propriamente o Acordo de Helsínquia, mas eu tinha aprendido a ficar satisfeita com as pequenas vitórias. Passei-lhe um talão e mandei Martha direitinha para a caixa registadora. Em seguida, atirei-me a Elspeth.

– O que está aqui a fazer?! – exigi saber. – Tinha dito que hoje ia dar um passeio interdimensional

para visitar uns amigos. – Eu e Luke estávamos ansiosos para passarmos um dia inteiro sem a rabugice e os protestos dela.

– Não tens nada a ver com o que faço ou deixo de fazer, minha menina.

– Mentiu-nos! – Nem sei porque estava admirada. – Nunca fez tenção de ir a lado nenhum.

Ela ficou num silêncio agressivo, o que me fez saltar a tampa de vez.

– Eu disse-lhe para não pôr os pés na minha loja. Não tem nada que discutir com as minhas clientes. Não é propriamente bom para o negócio.

– Aquela não passa de uma ladra.

– A Martha não é ladra nenhuma. É apenas... uma entusiasta. – As amantes das fibras eram um grupo feroz e acreditavam que a aquisição era tudo.

– Ela meteu-se onde não era chamada.

Diz o roto ao nu... Eu não estava para me dar ao trabalho de lhe explicar a obsessão com a Sexta-Feira Negra. Seria o mesmo que explicar o DVR a uma tartaruga.

– Não pode estar aqui, Elspeth.

– Tu precisas que olhem por ti.

– Eu preciso que volte para casa e que pare de armar confusão com as minhas clientes.

– Tu não me dás ordens, minha menina. Eu fui enviada para cá para afastar as forças do Mal.

Eu ia lembrá-la de que não era grande fã dessa conversa sobre o Mal, mas, para minha surpresa, ela deu meia volta e derreteu-se.

Raios a partissem. Eu tinha avisado Elspeth em relação ao uso da magia em público, mas ela era muito esperta. Talvez devesse dar-me por satisfeita por ela não ter aparecido na loja sob a sua forma de *troll* de pelo amarelado e um metro de altura. É certo que o disfarce à Betty White era um pouco exagerado, mas felizmente ninguém parecera notar.

Arrumei a lã num sítio onde não pudesse ser encontrada por fiandeiras dedicadas à pilhagem e depois continuei a etiquetar o *stock* remanescente. *Penelope*, a gata da loja e espírito do clã Hobbs, ergueu o olhar para me fitar do seu local habitual em cima do meu cesto de lã em bruto que se autoabastecia. *Penny* estava comigo desde sempre e antes de mim estivera com a minha mãe e a minha avó, tendo acompanhado a linhagem até Aerynn, a mãe de todos nós.

– Está tudo sob controlo. – Debrucei-me o máximo que consegui e cocei-a atrás da orelha esquerda. – Podes continuar a dormir.

A Noro desapareceu num instante e a Malabriga também. Ainda tínhamos uma caixa de Tilli Tomas, um pouco de Debbie Bliss e uma quantidade razoável de Cleckheaton e de Jamieson. Até a lã acrílica quebradiça que eu tinha recusado incluir na listagem da nossa página na Net voara das prateleiras como fugitivos de uma prisão de segurança máxima. Ou muito me enganava ou ficaríamos sem *stock* muito antes da hora de encerramento da loja.

Eu mal havia recommçado a etiquetar mais material quando Janice Meany apareceu ao meu lado. Eu e Janice sempre fôramos próximas, mas depois da aventura em Salem, no verão anterior, a nossa relação tornara-se sagrada. Ela era proprietária do Cut & Curl, o salão de cabeleireiro e spa de serviço completo situado ao lado da biblioteca, e no seu tempo livre cuidava do marido e da família em crescimento.

– Não olhes agora – sussurrou-me ao ouvido –, mas estás a ser vigiada.

Resmunguei algo e coleí uma etiqueta nas minhas últimas meadas de Noro Silk Garden.

– Só se me pudessem tricotar, fiar ou feltrar é que alguém olhava para mim nesta loja. – A única

coisa que andava a ser perseguida era a lendária Wollmeise que eu havia escondido no interior do frigorífico da loja, atrás das sandes de peru.

– Não, estou a falar a sério – disse Janice, posicionando o corpo de modo a ficar virada de costas para o centro da loja. – A tipa de cabelo grisalho que está parada ao lado das rodas de fiar Ashford. Está lá há mais de cinco minutos e juro que ainda não pestanejou uma única vez.

Colei outra etiqueta numa meada brilhante de Disco Lights.

– As pessoas entram nas lojas de artigos de tricô e é como se entrassem noutra mundo. – Sorri para a minha amiga ruiva. – Estou convencida de que tem a ver com os vapores, mas não digas aos nossos tintureiros que fui eu que te disse isso.

Janice não se riu, o que despertou a minha atenção. As pessoas que dizem que as bruxas de décima geração não têm sentido de humor decerto não conhecem nenhuma das mulheres Meany. Além disso, eu sempre conseguira fazer a minha amiga rir.

– Muito bem – respondi-lhe, pousando o rolo de etiquetas autocolantes e dando-lhe toda a minha atenção. – Porque dizes que ela me está a vigiar?

– Porque está a olhar para ti como se fosses duzentos gramas de qiviut.

– Provavelmente, nunca viu ninguém assim tão grávida e está prestes a ligar para o Livro Guinness dos Recordes.

Eu não estava a brincar, parecia que tinha uma equipa de futebol dentro da barriga. Estava enorme. Luke achava que estava muito feminina, mas eu tinha a certeza quase absoluta de que se tratava de um eufemismo para gorda.

Não que me importasse. Adorava estar grávida. Está bem, talvez não me agradasse ter sabido da gravidez por uma *troll* mal-humorada que aparecera nas nossas vidas da mesma forma que a casa de Dorothy caíra em cima da Bruxa Má do Oeste, nem que os enjoos duravam o dia inteiro, mas a verdade era que adorava a ideia de que cada dia que passava me aproximava vinte e quatro horas mais do momento de conhecer a nossa filha.

E, há que ser sincera, as mamãs maiores eram uma vantagem.

Janice, que tinha cinco filhos, não estava interessada nos meus devaneios sobre a maternidade.

– Vais achar que sou maluca – disse-me ela –, mas tenho a certeza de que já a vi antes.

– Provavelmente viste – repliquei. – A Sticks & Strings tem a clientela mais leal do nordeste. – Ia dizer «do mundo», mas mais valia guardar a hipérbole para a minha próxima missiva por *e-mail*. Pensando melhor, quem precisava de hipérboles quando as marcações para os *workshops* da loja eram feitas com um ano de antecedência e éramos conhecidos em toda a *Internet* como a loja onde a lã nunca se emaranhava, as mangas ficavam sempre do mesmo tamanho e jamais havia malhas soltas?

Janice abanou a cabeça.

– Não é uma cliente habitual. – Ela fez uma pausa, com as sobrancelhas franzidas. – Raios, mas onde é que já a vi...?

– Não faço a mínima ideia – respondi-lhe, encolhendo os ombros. – Estou grávida de oitocentos meses.

Contudo, Janice despertara a minha curiosidade, por isso olhei de relance na direção da mulher que ela avistara junto às Ashford. Devia medir cerca de um metro e sessenta e tinha uma estrutura óssea pequena, com uma quantidade razoável de gordura de amortecimento. Envergava um blusão sem mangas, roxo e brilhante, por cima do fato de *jogging*, azul-escuro muito elaborado, e calçava

uns tamancos verde-escuros, que deixavam ver as suas meias amarelas com padrão de diamantes. O cabelo grisalho exibia um corte curto e formal. A única bijutaria era a aliança de casamento simples e os brincos de pérola.

Na verdade, uma mulher caucasiana de estatura baixa e cabelo grisalho numa loja de artigos de tricô no norte da Nova Inglaterra não era propriamente o avistamento de uma baleia azul em Snow Lake, mas eu tinha de concordar com a minha amiga.

– Tens razão – disse-lhe. – Ela parece-me realmente familiar.

– E não tira os olhos de cima de ti.

Ela estava certa, mais uma vez.

A mulher acenou com a cabeça e sorriu-me. Acenei e sorri-lhe também ao mesmo tempo que sentia um arrepio de preocupação entre as omoplatas.

– Salem – afirmou Janice. – Foi lá que a vi.

O arrepio de preocupação estendeu-se a toda a espinha.

– Quem me dera que não tivesses dito isso. – A nossa viagem a Salem testara todos os nossos limites e eu jamais queria passar por isso outra vez. Dei voltas à cabeça para tentar localizar a mulher no espaço e no tempo. – É capaz de ser a rececionista do motel...

Janice abanou a cabeça:

– O Luke é que fez o *check in*. Nós ficámos no carro.

Do outro lado da divisão, a mulher de cabelo grisalho abriu ainda mais o sorriso e começou a avançar por entre a multidão de viciadas em lã, na minha direção.

– Ora bolas – exclamei. – Ela está a vir para aqui.

O lado mágico do meu ADN não tinha medo de nada, mas o lado humano gritava para eu me pirar dali para fora. A adrenalina conseguia ser tão poderosa como um valente feitiço.

– Toma conta da loja – pedi a Janice enquanto tentava levantar o traseiro atualmente enorme do banco onde estava encavalitada. Avizinhavam-se sarilhos. O melhor era fugir dali.

Infelizmente era tarde de mais.

– Chloe? – A mulher fitava-me com uma expressão idêntica à minha gata quando eu ia buscar a lata de *Fancy Feast*. – É a Chloe, não é? O Luke disse-me que tinha uma loja de artigos para tricô, portanto, espero que... – Ela parou de falar assim que desviou o olhar do meu rosto e viu a barriga colossal que nenhuma bancada de trabalho industrial podia dissimular.

– Oh! – Era incrível a quantidade de emoção que se conseguia conferir a uma palavra tão pequena.

Por um escasso segundo coloquei a hipótese de sacar da magia e limpar-lhe toda a memória em relação a mim, mas com a loja tão cheia de gente isso seria um erro. Ainda andava a apalpar terreno no que dizia respeito a feitiços e poções e, embora me tivesse transformado numa excelente feiticeira, ainda tinha muito que aprender. Um pequeno deslize e podia transformar a loja inteira num clã de colchoeiras alérgicas à lã.

– Oito meses e meio – repliquei antes de ela ter tempo para me perguntar. – E não, não vou ter gémeos. – Fiz uma pausa por uns instantes, mas ela continuava vidrada na minha barriga. Era como se eu tivesse um plasma amarrado à pança. – E você é...?

Ela desviou o olhar e fez um esforço para se concentrar.

– Sou a Fran. – Proferiu as palavras como se fizessem sentido para mim, mas eu estava longe de saber. – Fran Kelly. Conhecemo-nos em abril, quando você e o Luke estiveram em Salem. – Ela fez

uma pausa, enquanto eu dava voltas à cabeça para me conseguir recordar. – Na Walmart... Junto aos artigos de desporto.

A situação estava a ficar cada vez mais embaraçosa.

– Trabalhei com o Luke quando ele estava na polícia. – Ela forçou uma pequena risada, ao mesmo tempo que olhava de relance para a aliança de ouro gaulesa que eu usava no dedo médio da mão esquerda. – Não que queira ficar com os louros, mas fui eu que lhe falei sobre o lugar disponível aqui.

Todo o encontro embaraçoso no corredor do meio da loja de descontos assolou-me à mente. A Fran não só tinha trabalhado com Luke em Boston como também era grande amiga de Ronnie, o irmão dele que era agente imobiliário, e provavelmente de todo o clã MacKenzie. Há meses que Luke andava a evitar os convites para jantar por parte da família, com desculpas esfarrapadas sobre o excesso de trabalho dele e o meu horário na loja. Como se isso não bastasse, ele ainda não tinha partilhado a boa-nova com ninguém para além dos limítrofes da vila de Sugar Maple.

Eu fãtara-me de o avisar para que informasse a família sobre o bebé antes de ela entrar para a faculdade, mas ele fazia aquela coisa tipicamente masculina que eu tanto odiava e assumia uma surdez seletiva sempre que lhe falava sobre o assunto. Ele tinha as suas razões, mas até eu sabia que era impossível guardar um segredo destes da família para sempre.

– Fran – exclamei, esboçando um enorme sorriso na esperança de encobrir o meu embaraço. – O Luke vai ficar com pena de se terem desencontrado.

Ela deu uma alegre gargalhada.

– Não estávamos à espera de o encontrar na loja de tricô. Vamos dar um saltinho à esquadra da polícia, aqui ao lado, para lhe dizermos olá antes de nos irmos embora.

– Ele também não está lá – respondi-lhe, sentindo-me a enrubescer. Fiz sinal na direção de Janice, que escutava a nossa conversa e ouvi-me a mim própria a proferir algo sobre Luke ter ido ajudar Lorcan Meany a arranjar o barco deles. O que, como é evidente, era uma grande mentira, mas dizer a um humano que o seu amigo tinha ido acompanhar um *selkie* na sua renovação aquática anual não era propriamente uma opção. – Só deve voltar no final da tarde, mas, se quiser ficar aqui à espera dele, esteja à vontade.

Está bem, alguém me enfie uma meia com virola pela goela abaixo. A última coisa que eu queria era ter a amiga humana e metediça de Luke a observar todo o processo. Preferia ficar presa num túnel de vento com o cabelo de Donald Trump.

Seria de esperar que as coisas não pudessem piorar, mas nunca se sabia.

– Mas, espere aí... – Esforcei-me para manter o meu batimento cardíaco sob controlo. – Disse «nós»?

Fran desviou o olhar para a esquerda e eu segui-o.

– A Bunny andava com a sensação de que o Luke lhe estava a esconder alguma coisa, mas julgo que nunca lhe ocorreu que fosse algo deste género. Decidimos juntar o útil ao agradável: fazer compras e aproveitar para coscuvilhar.

Bunny era Bernadette MacKenzie, também conhecida como a mãe de Luke. A mesma mulher que ele andava a evitar desde que o sinal positivo aparecera no teste de gravidez. Eu e Bunny tínhamos falado algumas vezes, aquelas conversas de ocasião sobre o estado do tempo ou o paradeiro de Luke, e sempre que o fazíamos eu desligava o telefone a sentir-me culpada por não dizer à mulher que estava grávida do neto dela.

Na minha opinião, era o tipo de coisa que se partilhava com as pessoas que gostavam de nós. As pessoas que nos tinham trazido ao mundo, que nos haviam guiado durante a infância e durante as águas turbulentas da adolescência.

Mas o que sabia eu? Para mim, a família era um mistério embrulhado num enigma que por sua vez estava enfiado num merino tingido em casa. Eu passara a maior parte da minha infância a desejar ser adotada por Cliff e Clair Huxtable². Provavelmente, tinha mais hipóteses de compreender a física quântica do que o funcionamento normal de uma família humana.

Uma mulher loura e de estatura mediana, na casa dos sessenta, caminhou lentamente na nossa direção. Os olhos dela perscrutavam as prateleiras de ambos os lados com uma precisão metronómica. Parou uma vez junto a uma pilha de alpaca suri com pouca gramagem, namoriscou momentaneamente um cesto de angorá angelic e trocou uns comentários com duas mulheres culturistas que examinavam uma mohair há pelo menos meia hora.

A mulher emanava uma onda estilo «biscoitos de açúcar regados com um belo gim» que eu sentia do outro lado da loja. Envergava calças de ganga imaculadamente passadas a ferro, ténis *Skechers* e uma camisola com mangas raglã azul-petróleo e muito simples. Tinha os braços cheios de Cascade 220 e um pouco de Madelinetosh e exibia esse ar «não se metam comigo» que algumas mulheres adotam à medida que vão envelhecendo. A boca larga revelava rugas de preocupação profundas que eram compensadas pela quantidade de pés de galinha nos olhos verde-escuros.

Ela metia-me mais medo do que um exército de guerreiros fada.

Se eu atirasse Fran ao chão e depois galgasse a bancada de trabalho, teria cinquenta por cento de hipóteses de chegar à porta da rua antes de ela me conseguir alcançar. Porém, estava grávida de oito meses e meio e mal me conseguia mexer pelo que optei por uma solução quase tão boa como a primeira.

Peguei fogo ao novelo de lã dela.

¹ O Samhain é um festival pagão, conhecido popularmente como *Halloween* ou Dia das Bruxas. (N. da T.)

² O casal da série televisiva norte-americana *The Cosby Show*. (N. da T.)



Não foi de propósito; acho que o choque de ver Bunny MacKenzie na Sticks & Strings acabou com o último vestígio de controlo sobre a minha magia, desencadeando todo o processo.

Labaredas saíram disparadas das pontas dos meus dedos, qual fogo de artifício desvairado em plenas comemorações do 4 de julho, em direção à mãe de Luke. Dei um grito. Janice sacudiu-lhe o novelo das mãos e começou aos saltos a tentar apagar a meada em lenta combustão. Abençoadas sejam as ovelhas e a lã que elas produzem. A lã não se incendia, apenas arde lentamente, mas ainda assim a visão do fumo desencadeou o histerismo. Fran retirou uma garrafa de água da mala, removeu a tampa e atirou o conteúdo para cima da amiga.

Em suma, não foi propriamente a melhor maneira de conhecer a mãe dele.

A boa notícia era que os humanos entre nós não faziam ideia de que eu havia sido a incendiária de serviço, uma vez que o feitiço de proteção de Aerynn fizera o seu trabalho e camuflara a origem.

A má notícia? O segredo do bebé já não era segredo para ninguém.

O fogo, o duche inesperado, tudo desapareceu por completo assim que Bunny MacKenzie pôs os olhos verde-escuros na minha enorme e redonda barriga. Num misto de terror e fascínio, vi a expressão dela passar de choque a alegria e culminar na típica «ele está feito comigo!».

Abri a boca para falar, mas não saiu nada. Uma sensação estranha e dormente explodiu sob a minha pele, como se agulhas em brasa estivessem a tentar sair. Os meus pulmões estavam sufocados e fiz um esforço para tentar respirar fundo. O meu coração começou a bater a cem à hora, a visão começou a faltar-me e, quando dei por isso, Bunny MacKenzie estava a ajudar-me a caminhar até um dos sofás repletos de almofadas junto à lareira.

– Tragam mais água – gritou Bunny, acomodando-me nas almofadas. – Rápido!

Janice correu para a cozinha, enquanto a pobre Fran olhava fixamente para mim, com os olhos arregalados.

– Ligo para o cento e doze? – perguntou ela, vasculhando novamente na mala enquanto a mãe de Luke me tomava o pulso.

Bunny olhou-me nos olhos.

– Dói-lhe alguma coisa?

Abanei a cabeça.

– E contrações, sente?

Abanei novamente a cabeça.

– Ótimo, é assim mesmo. – Ela mediu-me a pulsação com gestos seguros. – Parece-me que está tudo bem.

Consegui recuperar a voz.

– É enfermeira?

– Há trinta e cinco anos. Cuidados intensivos do setor cardíaco. Reformei-me em maio. – O seu tom de voz soava descontraído, mas o olhar estava longe disso. – Quando nasce?

– Dia um de janeiro.

Um sorriso irónico entortou-lhe os cantos da boca.

– E quando tencionava ele informar-nos?

Esbocei o que esperei fosse um sorriso igualmente irónico.

– No dia dois de janeiro.

Ela teceu uma série de comentários que me fizeram rir sem querer, essencialmente sobre Luke ser um idiota teimoso e um chico-esperto que não tinha o direito de alienar a família numa altura como esta.

Não pude discordar. Felizmente escapei-me de ter de lhe responder quando Janice apareceu com duas garrafas de água, uma banana e uma toalha para a encharcada Bunny.

Algumas pessoas desatam a transpirar quando ficam nervosas. Eu começo a lançar feitiços. A minúscula tempestade fora apenas o princípio. Todo o meu corpo tremia por causa do esforço para evitar que mais feitiços explodissem na minha loja de artigos de tricô, qual conteúdo de uma pinhata em estilhaços.

Bunny pareceu aperceber-se dos tremores que se haviam apoderado do meu corpo. (Fiquei com a sensação de que pouca coisa escapava àquela mulher.)

– Santa Maria – murmurou ela, pegando-me no pulso direito e medindo-me novamente a pulsação. – Minha querida, a sua pulsação está demasiado rápida para o meu gosto.

– Eu estou bem – balbuciei e as minhas palavras rodopiaram à volta da cabeça dela em tons de néon vivo. – Isto não é nada.

– Já lhe tinha acontecido?

Acenei com a mão, na tentativa de imitar um gesto depreciativo, e uma flotilha de fadas viajantes empertigadas surgiu no ombro direito de Bunny. Alguma vez vos apareceu uma picada de mosquito em pleno inverno e se interrogaram sobre a origem da mesma? É sinal de que têm uma infestação de fadas. Elas têm uns dentes pequeninos muito aguçados e um sentido de humor maléfico que normalmente implica sacar sangue. Além disso, cheiram a tomate podre quando ficam embriagadas, mas façam de conta que eu não vos disse nada.

– Ai! – Bunny olhou de relance para o ombro e depois para Fran. – Espero que não tenhamos apanhado nenhum bicharoco no restaurante onde fomos esta manhã. Eu bem te disse que tinha visto qualquer coisa a rastejar atrás do teu banco.

Uma fileira de espíritos dançarinos desceu em espiral do teto e saltou-lhe em cima da cabeça, puxando-lhe as orelhas e dançando sobre o seu nariz. Uma segunda fileira desceu também em espiral e enrolou-se na testa de Fran.

Fran começou a coçar as têmporas.

– Não me devias ter dito isso.

As duas mulheres começaram a esbracejar e a coçar a cabeça na tentativa de afastarem os

visitantes indesejados que agora se fitavam uns aos outros, enquanto assumiam as suas posições de combate.

Uma disputa territorial por causa de Bunny MacKenzie? Não me parecia. Mas a minha magia estava descontrolada e eu até tinha receio de espirrar, não fosse desencadear o início da batalha. Lancei um olhar de súplica a Janice e escondi as mãos debaixo do rabo, rezando para não chamuscar nada vital.

Já ouvira histórias sobre as grandes batalhas das fadas do século anterior. Primeiro apareceram as fadas, depois os espíritos e, se não instaurássemos rapidamente a paz entre as duas facções, os *trolls* seguir-se-iam para tentarem assumir o controlo da situação. Se isso acontecesse, estaríamos todos metidos num grande sarilho porque ninguém dava ordens aos *trolls*. Acreditem no que vos digo. Nem sequer os *trolls* querem morar com um *troll*. Há oito meses que morávamos com Elspeth e tínhamos as cicatrizes para o provar.

Janice fez questão de me esfregar as mãos.

– Estás gelada! – exclamou ela, piscando-me o olho de forma dissimulada. Puxou uma manta enorme das costas de um dos sofás junto à lareira e pô-la à volta dos meus ombros. Abençoados amigos com poderes fantásticos. Ela havia impregnado a manta com propriedades retardadoras de feitiços que arrefeceram os meus dedos de imediato e deixaram a minha magia numa espécie de hibernação.

Em seguida, Janice voltou a sua atenção para a batalha entre fadas e espíritos que começava a ganhar forma no ombro esquerdo de Bunny MacKenzie.

– Inacreditável! – dizia Bunny, sacudindo uma fada para cima de um monte de Malabrigo. – Qual percevejo de cama, qual quê! Estas coisas estão em todo o lado.

A desgraçada Fran estava praticamente a dançar a jiga, enquanto os espíritos caíam para o chão, aos seus pés.

– Deixe-me ver isso – disse Janice. – Tenho cinco filhos, já vi de tudo.

– A Janice é ervanária – informei-as. – Conhece todo o tipo de remédios naturais para tratar coisas desse género.

Bunny não ficou impressionada, mas Fran parecia ter chegado a um ponto em que estava disposta a experimentar qualquer coisa.

Quanto a mim, parecia que estava a ter uma experiência extrassensorial, ao ver a minha melhor amiga a revistar o cabelo de Bunny como um chimpanzé fêmea a catar a cabeça do macho.

– Não vejo nada – disse Janice num tom descontraído. Depois revistou o cabelo de Fran. – E você também não tem nada.

– Nada? – Bunny olhou-a com um ar sério. – Parecia que tinha uma comunidade inteira deles à minha volta. Alguma coisa era!

– Sim, mas não o que está a pensar – respondeu-lhe Janice, fazendo sinal para uma pilha de fibra de algodão num cesto ao lado de Fran. – Pigmento de cochinha. Sessenta e três por cento das mulheres de pele clara têm uma reação negativa na primeira vez que entram em contacto com essa substância. – Ela soava tão convincente que quase acreditei também. – Felizmente é uma reação única e não voltará a acontecer.

Não sei se Bunny acreditou realmente na explicação ou se estava a pensar noutras coisas, mas fosse como fosse decidi que estava na altura de me ir embora. Retirei a manta dos ombros e pus-me de pé.

– Tenho de...

– Sente-se – ordenou-me. – Ainda não acabámos.

Outra mulher ter-lhe-ia gritado «Ouça lá, aqui quem manda sou eu!», mas as palavras dela tiveram o mesmo efeito que um abraço apertado. Os meus pais morreram quando era muito pequena e às vezes pensava que passara toda a minha vida a tentar compensar o que perdi.

Tornei a sentar-me no sofá e convidei Bunny para se sentar ao meu lado. Janice, sendo ela quem era, apercebeu-se de imediato do que estava a acontecer e levou Fran dali para fora, à procura de café e donuts, para podermos conversar sossegadas.

– Peço desculpa por não a convidar para falarmos no meu escritório, mas tenho de ficar aqui a vigiar a loja. – Fiz sinal na direção do amontoado de clientes às compras, a rirem-se e a compararem ideias para modelos.

Ela inclinou-se e tomou a minha mão esquerda na dela.

– Vamos lá ver como é que você está.

– Estou bem – protestei. – A sério, eu...

Ela arqueou uma sobrancelha e eu calei-me, enquanto ela media a minha pulsação com a ajuda do relógio.

– Muito melhor, mas ainda um bocadinho acelerado. – Deu-me uma palmadinha na mão e depois largou-a. – Vamos ligar ao seu médico, só para ficarmos mais descansadas.

Mas, afinal de contas, quantos percalços podem suceder numa relação de quinze minutos? Eu não tinha médico. Pelo menos, não o tipo de médico reconhecido pela Ordem dos Médicos. Tinha uma série de problemas especiais que um médico não mágico seria incapaz de resolver. (Tentava não pensar nos problemas humanos especiais que um médico mágico talvez não conseguisse solucionar.)

Neste mundo do Twitter, do Facebook e do YouTube todo o cuidado era pouco. Já tivera a minha quota-parte de pesadelos sobre o que aconteceria se a história de Sugar Maple fosse exposta ao mundo dos humanos. Embora fosse metade humana, optara por seguir o mesmo percurso básico que a minha mãe e todas as mulheres Hobbs. Uma curandeira/parteira quebequense chamada Brianne estava a trabalhar em conjunto com Lilith para garantir a minha segurança durante a gravidez e o parto.

E também não me podia esquecer Elspeth, não é verdade? Ainda não sabia muito bem qual era o papel dela nesta minha etapa de vida, mas não havia dúvidas de que ela estaria presente até ao fim.

– Agradeço imenso a sua preocupação, Mistress MacKenzie, mas...

– Bunny.

– Bunny –, repeti –, mas estou bem. Para a semana, quando for à consulta de rotina, informarei o médico do que se passou. – Era uma mentira, mas era necessária.

Ela sacou do telemóvel.

– Dê-me o número dele – ordenou-me. – Eu ligo-lhe e explico-lhe a situação.

– Não, a sério. Juro-lhe que está tudo bem.

– Está a tomar algum medicamento?

Neguei com a cabeça.

– Nada.

– E anda a tomar as vitaminas pré-natais?

– Estou a fazer tudo o que deve fazer-se, Bunny. – Soei um pouco defensiva e talvez o estivesse a

ser. As coisas que eu andava a fazer decerto não haviam sido abordadas no curso de enfermagem dela.

– Estou certa que sim, minha querida. Eu é que sou muito insistente. – Ela sorriu e as minhas defesas começaram a dissipar-se. – Os meus filhos dizem que sou uma chata.

– Eu diria mais atenciosa.

– Uma chata atenciosa, pronto. – Ela pousou a mão na minha barriga. Não era muito dada a que estranhos me apalpassem o útero ocupado, mas para o bebé ela era da família. – É uma menina?

E pensava eu que era a única com poderes.

– Como sabe?

– Era o que eu gostava que fosse. – O seu rosto ficou momentaneamente sombrio e eu percebi que estava a pensar na filha que Luke e a ex-mulher dele tinham perdido anos antes. – Tem a ecografia aí à mão? Gostava imenso de a ver.

Em Sugar Maple não se faziam ecografias, mas eu não podia dizer isso a Bunny. Em vez disso, dei a desculpa de que tinha entornado o café em cima dela e que teria de pedir outra ao meu médico.

Bunny acenou com a cabeça, mas eu não a censurava se ela me achasse uma doida varrida. Sem dúvida alguma que parecia sê-lo.

Bunny, porém, tinha ainda mais perguntas.

– Vejo que usa aliança – disse ela, fazendo sinal para o anel de ouro galês que eu usava no dedo médio. – Você e o meu filho são casados?

– Não – repliquei. – É um anel de família.

– Porque não são casados?

Luke tinha-me pedido em casamento tantas vezes antes do final do primeiro trimestre de gravidez que eu já lhes perdera a conta, mas não disse nada a Bunny. Parecia ser a opção mais segura.

E, para dizer a verdade, ela assustava-me!

Bunny, contudo, não se deixou demover.

– Ensinei o meu filho a assumir a responsabilidade pelos seus atos.

– E ele assim fez – ripostei. Lá se ia a opção mais segura. – Está tão entusiasmado com o bebé como eu. – De certa forma, talvez estivesse ainda mais, visto que tinha a plena noção do quão preciosa era a vida de uma criança. – Acho melhor ser a Bunny a falar com ele em relação a isso.

– Pode ter a certeza de que o farei – respondeu-me ela –, mas isso não significa que não queira ouvir o que você tem para dizer. Afinal de contas, traz a minha neta na barriga.

O bebé respondeu com um valente pontapé. Peguei na mão de Bunny e pousei-a no sítio exato.

– Acho que ela tem qualquer coisa para dizer – comentei eu e outro pontapé fez-nos dar uma gargalhada. Estranho como me parecia tão natural partilhar esse momento com ela.

– Uma verdadeira MacKenzie – proferiu Bunny, novamente com os olhos cheios de lágrimas. – Forte e obstinada.

– O mesmo se pode dizer de uma mulher Hobbs.

– Não duvido. – Ela deu-me uma palmadinha na barriga e recostou-se nas almofadas do sofá. – Então, ama o meu filho?

Ela proferiu-o da mesma maneira que uma tricoteadeira diria: «Gosta de caxemira?» Era óbvio que só havia uma resposta certa.

– Amo-o muito.

- E ele ama-a a si?
- Sim. – Tinha muitas dúvidas em relação aos humanos e ao seu mundo, mas o amor de Luke não era uma delas.
- Então qual é o problema?
- Não há problema nenhum. Neste momento estamos concentrados no bebé.
- Um bebé que merece dois progenitores.
- E ele tem dois progenitores.
- Refiro-me a uma família a sério.
- Nós *somos* uma família a sério.
- Aos olhos de Deus e de Vermont não.

Ela não acrescentou «e dos MacKenzie», mas eu ouvi as palavras na mesma.

- Não concordo, Bunny.

Ela olhou-me demoradamente de cima a baixo, o que me fez rezar para que o feitiço de proteção à volta de Sugar Maple me protegesse de candidatas a sogra.

- Na nossa família primeiro casamos e só depois temos filhos.
- Não planeámos as coisas desta maneira, Bunny. A gravidez foi uma boa surpresa para ambos.
- Quer então dizer que tencionam casar mais tarde.
- Não foi isso que eu disse... – Aliás, quem me dera não ter aberto a boca. – O melhor é conversar com o Luke em relação a isso.

– Tem razão – replicou ela, acenando com a cabeça e abanando o penteado imaculado. – Tenho mesmo de falar com o Luke.

Ela sacou do iPhone e premiu a tecla de acesso rápido para o número do filho pródigo, enquanto eu rezava para ter um ataque de contrações Braxton-Hicks.

Desgraçado Luke. Nem sabia o que o esperava.



LUKE — SHADOW BEACH
SUL DE NEW HAMPSHIRE

A próxima vez que um *selkie* com dois metros de altura, e cem quilos, me pedir para o levar até ao mar para poder iniciar o seu período de hibernação, serei obrigado a recusar.

Chloe tentara avisar-me de que era areia a mais para a minha camioneta, mas eu gostava de Lorcan Meany e, depois do que ele e a mulher Janice tinham feito por nós em Salem, sentia que estava em dívida para com eles. Como tal, quando o tipo me pediu uma boleia decidi que não podia ser muito complicado.

Tal como acontece com muita coisa na vida, na altura pareceu-me ser uma boa ideia.

Ficaria parado na praia a ver Lorcan entrar na água e desaparecer sob as ondas. Em seguida, pegaria na roupa dele, na carteira, no iPod e no seu exemplar gasto de *Pela Estrada Fora* e estaria em casa ao lado de Chloe ainda a tempo de comer os restos do Dia de Ação de Graças.

A primeira dica de que estava prestes a embarcar numa aventura louca surgiu quando fui buscar Meany a casa. Ele estava à minha espera na entrada, com um saco para cadáveres e três geleiras enormes aos seus pés.

— É caso para ficar preocupado? — perguntei-lhe. — Eu sei que sou teu amigo, mas também sou o chefe da polícia.

Trabalhara na divisão de Homicídios em Boston antes de me mudar para Sugar Maple. Sacos para cadáveres e geleiras não eram propriamente um bom sinal.

Ele lançou-me o mesmo tipo de olhar que eu costumava receber quando dizia a um nova-iorquino que era fã dos Pats.

— É a minha pele.

— A tua pele?! — Parecia que o inglês era a minha terceira língua.

— Pele de foca — respondeu. — Não me digas que pensavas que crescia uma todos os anos.

— Hum... — retorqui. — Por acaso até pensava.

— Sem a pele não podia regressar ao mar.

— E isso é assim tão grave?

— Se não regressasse, estaria morto por volta do Natal. — Regra geral, ele hibernava todos os anos em Snow Lake, permanecendo debaixo do gelo durante dois longos e seguros meses de inverno.

Mas, de cinco em cinco anos, tinha de regressar ao mar, caso contrário, enfrentaria a extinção.

Olhei-o fixamente.

– Estás a brincar comigo.

– A Chloe não te explicou?

– Ela tentou, mas eu disse-lhe que tratava do assunto.

Estava redondamente enganado. O saco para cadáveres continha uma pele de foca, escura e reluzente, que ele envergaria para entrar no mar. Visualizei uma espécie de casaco com fecho à frente que ele podia vestir e despir sempre que quisesse, mas estava muito longe da realidade.

E isso era só o princípio.

– Caramba – exclamei, quando ele abriu a geleira meia hora depois. – Cheira a peixe estragado.

Algumas pessoas levam *Cheez Doodles* e dónutes para petiscar. Lorcan Meany levava truta. Eu sabia que o tipo gostava de peixe (ninguém grelhava truta fresca como Lorcan), mas não se via um único grelhador por perto. O tipo começou a emborcar truta congelada, com bocados de gelo e tudo, arrancando-lhes primeiro a cabeça e depois engolindo o raio das coisas, a começar pelo rabo.

– Tenho de me abastecer de peixe – disse ele entre dentadas. – Sempre que regresso, chego a estar uma semana inteira sem encontrar comida. Tenho de estar preparado.

Quando ele se atirou à terceira geleira, já estava a resfolegar de uma forma esquisita e a cuspir espinhas para o painel de instrumentos.

– Francamente, meu! – protestei, ao mesmo tempo que tripas de peixe traçavam autênticas tangentes ao meu nariz. – Tem lá paciência! – Já tinha estado ao lado de cadáveres que cheiravam melhor que ele. Baixei o vidro do carro e pus a cabeça de fora na tentativa de evitar vomitar o pequeno-almoço.

Quanto mais nos aproximávamos do mar, mais estranhas se tornavam as coisas no interior do *Jeep*. Lorcan enfardou a última truta e depois pareceu mergulhar numa espécie de coma alimentar. A sua capacidade de articulação humana parecia ter sido suplantada por guinchos aleatórios e arquejos intermitentes.

Quando ele despejou duas garrafas de água *Poland Spring* pela cabeça abaixo, considerei a hipótese de lhe atirar as chaves do carro e regressar a Vermont à boleia, mas o mais certo seria ele enfiar o meu *Jeep* no mar.

O meu telemóvel tocou e deixei-o passar para o *voicemail*. Nem pensar em atender uma chamada da minha mãe com um rapaz foca sentado ao meu lado, a fazer uma barulheira infernal. Além disso, não era como se não soubesse por que motivo ela me estava a ligar. Este seria o terceiro ano consecutivo em que eu não aparecia para o jantar do Dia de Ação de Graças. Só isso era o suficiente para receber dois telefonemas, no mínimo.

Chloe andava a insistir para eu informar o clã MacKenzie sobre o bebé, mas até agora tinha conseguido resistir aos seus melhores argumentos. Eles atirar-se-iam a nós como formigas a um piquenique e meter-se-iam em tudo e mais alguma coisa que nos dissesse respeito. Ultimamente, a magia de Chloe não andava a funcionar muito bem. Bastava que ela encostasse literalmente a tia-avó Brigid à parede para desencadear a confusão.

E se o bebé não fosse exatamente humano?, questionava-me. Já tinha passado algumas noites sem dormir, agarrado ao uísque, a pensar nesse assunto. Afinal de contas, estava sentado ao lado de um tipo prestes a passar o inverno vestido com um fato de foca. Já nada me parecia impossível. Esperar que o bebé chegasse a este mundo para então apresentá-lo ao lado humano da família

parecia-me ser uma excelente decisão.

O telemóvel voltou a tocar. Tornei a ignorá-lo. A pessoa que inventara os toques personalizados devia ter tido uma mãe como a minha.

O toque cessou, mas isso não queria dizer que a minha mãe tinha desistido. O mais certo era estar a ligar para Chloe nesse preciso momento, para lhe relatar todos os pormenores sobre a minha vida enquanto filho desnaturado. Até agora Chloe havia alinhado na minha decisão de manter a gravidez em segredo, mas com a época festiva ao virar da esquina e as emoções do terceiro trimestre ao rubro, havia a possibilidade bastante real de ela despejar a novidade assim que a minha mãe lhe perguntasse: «Tudo bem?»

Porém, eu pensaria nisso mais tarde. Agora tinha um *selkie* para entregar.

Os últimos oito quilómetros foram bastante complicados. Lorcan ficou sem trutas e os seus olhos, castanhos e grandes, fitaram-me com uma enorme tristeza até eu parar num Long John Silver e comprar um pacote de peixe e batatas fritas. Ele tinha-me dado um mapa detalhado antes do início da viagem e eu segui-o por caminhos paralelos até alcançarmos a praia isolada que seria o nosso destino final.

– Ora bem, amigo – disse-lhe eu, descendo do *Jeep*. – Vamos lá começar isto.

A agitação que marcara a viagem até ali desapareceu por completo assim que uma sensação de paz pareceu envolver Lorcan. Até eu conseguia ver que ele estava a transformar-se mesmo à minha frente. Abri a porta da traseira do *Jeep* e ele abriu o fecho do saco para cadáveres.

Estaria a mentir se dissesse que não me senti esquisito quando olhei realmente para a pele. Eu crescera com as histórias da Disney e aquilo fazia o homicídio da mãe do Bambi parecer uma brincadeira. A pele não estava propriamente pronta a vestir. Era grande, quente, húmida e praticamente respirava com vida. Cheirava a peixe, a salmoura e a outra coisa qualquer. Algo que o meu sangue reconheceu, mas que o meu cérebro se recusava a assimilar. A cabeça era esguia e o nariz comprido e cheio de bigodes. Os dentes eram castanhos e amarelos, com os incisivos afiados e prontos para atacar.

Aquilo era Lorcan Meany, a forma humana à qual eu havia começado a chamar amigo.

Ele vestiu a pele, deixando-a assentar exatamente como ela era: uma segunda pele. Por enquanto, fazia lembrar os filmes de aventura antigos em que o caçador dissimula a sua presença humana envergando a pele de um urso e atravessa a floresta passando totalmente despercebido.

Foi então que as coisas começaram a ficar estranhas.

Ele caiu de joelhos a escassos metros da borda da água e virou-se para o lado direito no preciso instante em que o toque da Chloe ecoava no bolso do meu casaco.

Nem pensar em deixar essa chamada passar para o *voicemail*.

Premi a tecla OK, ao mesmo tempo que corria em direção à forma rígida de Lorcan.

– Estás bem? – gritei para o telemóvel.

– Sim, mas...

– Estás com contrações?

– Não, mas, Luke...

Lorcan estava muito pálido e a suar profusamente sob a pele pesada.

– Ele está para aqui aos tombos na areia. É normal?

– Não faço ideia. Eu nunca...

– Merda, está com dificuldade em respirar. Os *selkies* precisam de ar ou de água? Respiração

boca a boca? Tens de me ajudar.

– Escuta, Luke, a tua...

– Já te ligo.

O tipo estava a bater as botas. Ou, pelo menos, eu pensava que sim. Não estava minimamente preparado para uma coisa daquelas. Ocorreu-me que talvez ele precisasse de oxigénio, do género que se encontra na água. Baixei-me para o rebolar em direção à rebentação, mas ele pesava duzentos e trinta quilos e não fui capaz de o mover nem um milímetro. A linha entre o humano e a foca era cada vez mais ténue, com as feições de Lorcan a desaparecerem nos contornos da pele. As coisas seriam mesmo assim ou ele precisava de ajuda?

O toque de Chloe tornou a soar.

– Vais ter de esperar, Chloe, estou aqui com um problema.

– Então já são dois, Luke William Aloysius MacKenzie –, disse uma voz familiar –, porque tens um problema aqui também.

Mas que mal teria eu feito para irritar os deuses daquela maneira?

– Tenho de desligar, mãe. – Uma dúzia de leões-marinhos avançou rumo à praia, gritando alto e em bom som ao mesmo tempo que se arrastava até Lorcan. Um dos leões-marinhos, de focinho cinzento-escuro e bigodes brancos, era do tamanho de uma camioneta. Deixou-se ficar para trás, enquanto os outros rodeavam Lorcan, deitado de bruços, fitando-me com os olhos castanhos e grandes, como se estivesse a tirar-me as medidas.

– Onde estás? – quis saber a minha mãe. – Que latido é esse?

– Agora é má altura, mãe. – Estava a ser conduzido para a água por dois leões-marinhos que pareciam pensar que eu era um parente deles há muito desaparecido. – Ligo-lhe depois.

– Descubro que estás prestes a ser pai outra vez e tu vais desligar-me o telefone na cara? Não me parece que...

– Mãe, a sério, não é nada boa altura. Eu ligo-lhe assim que puder.

– Onde é que eu já ouvi isso, meu menino?! Eu e o teu pai merecemos uma explicação e eu exijo que...

– Estou a deixar de a ouvir, mãe. Não ouço nada do que está a dizer.

– Olha que eu não nasci ontem. A tua irmã Meghan também usa esse truque comigo, portanto, deixa-te de tretas. A tua sorte é eu ter de levar a Fran de volta, caso contrário, aceitava o convite da Chloe e passava cá a noite.

Elsbeth, a nossa hóspede autoritária, e a minha mãe, ambas debaixo do mesmo teto. Mas onde raio tinha Chloe a cabeça?!

– Estou? Estás a ouvir-me, Luke? Responde-me.

É difícil falar quando estamos a fugir de um leão-marinho monstruoso que parece estar prestes a avariar-nos à cabeçada. Ele era mesmo rápido, caramba. Apanhou-me na anca direita e atirou-me ao ar.

– Luke? Estou? Desligaste-me na cara? Não me parece que isso seja... – Essas foram as últimas palavras dela, enquanto o telemóvel me escorregava da mão e mergulhava no Atlântico.

Mal tive tempo para rebolar para o lado e evitar ser esmagado pelo amontoado de leões-marinhos que conduzia Lorcan até ao mar. Tudo o resto se desvaneceu (a água gelada, o vento forte, a voz da minha mãe), enquanto os corpos enormes desapareciam sob as ondas, levando o meu amigo com eles.



CHLOE — DE VOLTA A SUGAR MAPLE

E stávamos paradas na entrada da Sticks & Strings, a ver Bunny e Fran partirem.

– Ela não te acenou de volta – observou Janice, enquanto eu mudava o letreiro de ABERTO para ENCERRADO. – Isso não é bom sinal.

– Achas mesmo? – O bebé deu um pontapé e eu pousei as mãos na barriga. – O Luke vai começar a receber telefonemas de todos os membros da família MacKenzie a torto e a direito.

– Por mim, lançava-lhe um feitiço – disse-me Janice. – Para a fazer esquecer tudo o que aconteceu aqui.

– Se fosse para lhe lançar um feitiço tê-lo-ia feito enquanto ela estava cá.

– Envia-lhe uma sonda de pensamento inversa ionizada – sugeriu Lynette. – Funciona como um encantamento num raio de duzentos metros.

– Tenho mais jeito para coisas dispersas – repliquei. – Ainda não domino as sondas de pensamento.

– Isso é porque estás grávida – retorquiu Janice. – As hormonas dão-te cabo da concentração.

– Mas tu não tens esse problema – lembrei eu. – Porque não o fazes tu?

Janice fazia magia desde o dia que nascera. Para ela, eliminar recordações antigas era tão simples como lavar os dentes.

– Sabes bem que por ti faria tudo, Chloe.

– Então é melhor despachares-te.

– Não me deixaste acabar a frase – disse ela. – Por ti faria tudo, mas não posso fazer isso.

– Não é como se estivéssemos a fazer-lhes mal. Quer dizer, vão acabar por saber que estou grávida. Isso não muda o rumo dos acontecimentos humanos, pois não?

– Não te armes em *Star Trek* comigo – respondeu-me Janice e toda a gente se riu. – Não estou preocupada com o rumo dos acontecimentos humanos. – A dinâmica e confiante Janice Meany sussurrou-me ao ouvido com um ar encabulado: – A Elspeth não me deixa urdir feitiços enquanto estiver sob a sua orientação. Diz que a abstinência servirá para potenciar as minhas capacidades. Estou proibida de lançar feitiços e encantamentos até à próxima lua nova.

Resmunguei:

– Mas tu dás ouvidos àquela criatura horrorosa?

– No que toca a mestrias, ela é absolutamente fantástica – respondeu-me Janice, com um ar ainda mais encabulado do que antes, como se isso fosse possível.

– É a criatura mais chata que alguma vez conheci.

– Lá isso é verdade – replicou Janice –, mas acredita no que te digo: ela é um Livro dos Feitiços ambulante.

Revirei ligeiramente os olhos.

– Então talvez seja melhor pedir à Elspeth para lançar um feitiço a Bunny MacKenzie.

Agora toda a gente estava a prestar atenção.

– Não queiras lançar um feitiço à tua sogra – disse Rosie, do Lar de Sugar Maple, num tom grave.

Rosie era uma coscuvilheira do pior. – Acabas como comesas. Não te esqueças disso.

– Ela não é minha sogra – lembrei à vampira aposentada.

– Mas é avó do teu bebé – replicou Rosie, com a dentadura a bater desvairadamente dentro da boca.

– Ouve a Rosie – chilreou Midge Stallworth. – Ela sabe o que diz.

Rosie tinha razão. Midge tinha razão. Todas elas tinham razão. Eu tinha de declarar Bunny isenta de feitiços e manter-me firme.

Aquilo era entre Luke e a mãe dele e eu iria manter-me o mais afastada possível, como se estivesse nas Bermudas.

– Olhem bem para esta loja – disse eu com um gemido. – Parece que esteve aqui um exército. – Comecei a reunir canecas vazias e guardanapos amarrotados.

– Vai sentar-te, querida – disse Lilith. – Nós damos uma ajudinha e isto fica pronto num abrir e fechar de olhos.

– Sim, sim – acrescentou Renate. – A união faz a força.

– Parem lá com as frases feitas! – suplicou Janice. – Já não vos posso ouvir.

Ninguém lhe prestou atenção.

– O Luke já devia saber que nunca se desliga o telefone na cara da mãe – comentou Midge Stallworth, ao mesmo tempo que procurava a vassoura e a pá. – Seja em que idade for, temos sempre de ouvir a nossa mãe.

Eu adorava conversa de mãe. Nos dias que corriam absorvia cada palavra.

– Exatamente – concordou Renate Weaver, diminuindo repentinamente até ficar do seu tamanho natural de fada. – A semana passada contactei a Bettina através da chama azul e ela disse-me que a resolução da imagem era muito fraca, mas eu não fui na conversa dela. – A chama azul era uma espécie de *Blackberry* ou *iPhone* da nossa comunidade, mas em vez de um pequeno ecrã comunicávamos através de hologramas em tamanho real. – Eu sabia que ela estava a almoçar com os amiguinhos humanos perfeitos e que não estava para aturar a mãe dela.

Até a eternamente doce Lilith, a bibliotecária/historiadora da nossa vila, se posicionou do lado da indignação maternal.

– Tens toda a razão, Renate. Segundo os estudos realizados pelo Instituto de Magia e Alquimia, a chama azul é a forma de comunicação mais segura da dimensão. Isso foi conversa dela.

– Claro que foi – respondeu Renate. Não era fácil meter medo à filha quando se era do tamanho de um rato do campo, mas Renate deu tudo por tudo e olhou fixamente para Bettina, a sua filha mais velha.

– Digo-te uma coisa, Chloe: se as mães humanas forem com as mães fadas, então o desgraçado do

Luke está feito – avisou Bettina com frieza, enfiando a harpa na mala de transporte.

– A Bunny vai acabar por esquecer que ele lhe desligou o telefone na cara – disse eu, pegando noutro prato de papel usado –, mas jamais perdoará o Luke por não lhe ter dito nada sobre o bebé.

– A família dele é antiquada? – perguntou Lynette ao mesmo tempo que limpava uma mancha de sujidade no balcão da loja.

Acenei com a cabeça.

– O clã MacKenzie defende a máxima «até que a morte nos separe». Ainda nem sequer acreditam que têm dois filhos divorciados.

– O Luke é supersticioso – disse Verna Griggs, instalando-se num dos sofás com a manta rústica que andava a tricotar nos últimos seis meses. – O Paul diz que ele bate na madeira sempre que fala no bebé. Por isso é que não contou nada à família. Quer esperar que ele nasça para ver se tem todos os dedos das mãos e dos pés.

Luke esforçara-se imenso para aceitar a morte da filha e conseguira finalmente esse objetivo pouco antes de descobrirmos que eu estava grávida. Dizia que não era supersticioso, mas eu sabia que ele só descansaria depois de o bebé nascer.

O que para nós era perfeitamente aceitável, mas as famílias não pensavam da mesma maneira. No que dizia respeito a bebés, exigiam estar a par de tudo e mais alguma coisa.

Lilith acenou vigorosamente com a cabeça.

– O Archie viu-o a atirar sal por cima do ombro no Fully Caffeinated quando alguém lhe perguntou quando nascia o bebé.

– E que os deuses não permitam que um gato preto volte a atravessar-se no seu caminho – afirmou Midge, com uma risada. – Ficou mais pálido do que o meu último cliente.

Midge e o marido, George, eram os proprietários da única (e raramente utilizada) agência funerária e ela jamais perdia a oportunidade de fazer um pouco de humor mortuário.

– Ei! – protestei. – Não há mal nenhum em fazer um pequeno encantamento para manter afastadas as forças do Mal, pois não?

– É exatamente isso que me intriga nos humanos – disse Lynette. – Não têm qualquer dificuldade em acreditar na magia quando serve os seus propósitos, mas quando lhes pomos a verdade à frente dos olhos são mais cegos do que um morcego.

O que a mim parecia ser uma coisa positiva. A existência de Sugar Maple dependia da nossa capacidade de escondermos a nossa magia à vista de todos.

Midge franziu o sobrolho para Lynette.

– Queridinha, gostava tanto que não fizesses constantemente referência a morcegos. Sabes bem qual é a minha opinião sobre esses estereótipos da treta. Afinal de contas, estamos em pleno século vinte e um.

– Nem tudo são referências vampíricas – retorquiu prontamente Lynette. – Não precisas de ficar com as *Spanx* todas tortas³ sempre que falo em morcegos.

Todas fingimos não ter ouvido a risada que emergiu algures na sala. Não havia, no universo inteiro, cuecas grandes o suficiente para albergar o enorme traseiro de Midge Stallworth.

– Sobraram *cupcakes*? – perguntei a Janice. Parecia-me ser uma boa altura para mudar de assunto.

– Uma dúzia, pelo menos – respondeu ela. – Sem contar com os queques de amora e os scones de mirtilo.

– Estás a pensar o mesmo que eu? – inquiri.
– Os bolos frescos secam muito depressa – afirmou Janice, com um ar muito sério.
Lilith piscou-me o olho.
– Sim, têm um prazo de validade muito reduzido.
– De minutos – concordei. – Seria uma pena deixá-los estragarem-se.
– Vou pôr o chá a fazer – disse Lynette, dirigindo-se para a pequena cozinha nas traseiras da loja.
– Vou buscar os *cupcakes* – exclamou Bettina.
– E eu vou invocar os espíritos domésticos viajantes para fazerem a limpeza no final – disse eu, o que foi recebido com uma ovação.

– Já parece os velhos tempos – disse Rosie, enquanto nos instalávamos à volta da crepitante lareira a gás, com a comida e a malha. – Há séculos que não tínhamos um serão de tricô.

– A culpa é minha – respondi-lhe, a montar malhas para um pequeno barrete de cordões com seis cores que andava ansiosa para começar. – Desde que fiquei grávida que não faço outra coisa senão comer e dormir.

Seguiu-se uma troca de olhares em sinal de concordância.

Dei uma palmadinha na barriga.

– Não sei se sabem, mas eu estou realmente grávida. Não me digam que não tinham reparado.

– Não foi a tua gravidez que mudou as coisas, querida, foi essa *troll* com quem tu e o Luke moram – disse Midge, dando-me uma palmadinha no joelho com a mão gorducha e impecavelmente arranjada. Em seguida, falou num sussurro: – Ela é... Desculpa dizer-te isto... Uma grande cabra.

As minhas amigas acenaram afirmativamente, fazendo lembrar um conjunto de bonecas Bobblehead⁴.

– A Midge tem razão – disse Verna. – Eu sei que a Elspeth é tua parente afastada, Janice, mas a mulher é mais castradora do que a Proibição.

– Não tenho nada a ver com isso – replicou Janice. – Ela está cá para fazer o parto à Chloe. Assim que o bebé nascer ela regressa a Salem.

– Ela não está aqui para fazer parto nenhum – protestei. – Está aqui para dar comigo em doida. – Pelo menos era o que eu sentia.

– Ela é uma *troll* – insistiu Verna. – Tu não tens antepassados *troll*, Janice. Tenho andado para te perguntar como aparece ela na tua árvore genealógica.

Janice suspirou:

– Ela é bruxa do lado da mãe e *troll* do lado do pai.

– Os poderes da mãe e a carinha laroca do pai – observei, num tom ligeiramente mais desagradável do que tencionava. A prima em quarto grau de Janice era uma autêntica praga.

– Conheço bem o género – interveio Renate. – Ela nunca se irá embora. Ouve bem o que te digo.

– Se não for ela, vou eu – respondi-lhe, enquanto os meus dedos manipulavam habilmente os fios de merino de cores vivas. – A maneira como ela aparece em todo o lado, encapuzada e sempre escondida... – Fingi um arrepio. – Ainda bem que eu e o Luke ficámos grávidos antes de ela aparecer, caso contrário teria sido impossível.

– Podes crer, amiga – disse Janice enquanto toda a gente se ria. – A mãe do Lorcan veio morar connosco depois de o pai dele ter furado o véu e foram os sete anos mais longos da minha vida.

– Ela só lá esteve oito semanas – corrigi-a, com um sorriso. – Só que te pareceram sete anos.

– Não pode ter sido assim tão mau – disse Rosie. – Tu e o Lorcan conseguiram ter cinco filhos em quatro anos.

Janice riu-se mais alto do que toda a gente.

– Quantos mais melhor – disse ela, esboçando um sorriso enorme. – Calculei que nos safássemos se conseguíssemos ser mais do que os sogros.

– Não me fales em sogros – exclamou Midge. – Os pais do George eram da velha guarda. – Ela revirou os olhos do tamanho de pires para dar ênfase às suas palavras. – Saíam todas as noites para caçar e dormiam o dia inteiro, enquanto eu dava aulas aos miúdos, em casa. Havia manchas de sangue por todo o lado. Foram eles que envolveram os miúdos naquele movimento de alimentação retro, mas isso é outra história. Só quando fiz o frango assado da Ina Garten com quarenta dentes de alho, durante cinco noites seguidas, é que decidiram que estava na altura de procurarem uma casa só para eles.

– Devias dar-te por satisfeita por o Luke não ser filho da mamã – disse Lilith, mordiscando um queque de amora. – O Archie não muda de meias sem primeiro consultar a mãe.

– Estás a brincar! Isso é impossível. O Archie é tão... – Parei a meio da frase, antes que insultasse o marido da mulher.

– Podes dizê-lo à vontade – replicou Lilith, dando uma risada bem-disposta. – Ele é um *troll*. Eu sei que ele é um *troll*. Tu sabes que ele é um *troll*. Todas sabemos que ele é um *troll*. – O sorriso dela aumentou. – E não me refiro à genealogia.

A imagem do proprietário da loja de reparações eletrónicas, grosseiro e desagradável, a telefonar à mamã antes de tomar qualquer decisão fez-nos desatar às gargalhadas como se fôssemos miúdas da escola.

– A regra é muito simples – disse Verna, virando a manta que estava a tricotar. – Quanto mais alarido faz o marido, mais poder tem a sogra.

– Não te deixes enganar pelos caladinhos – disse Midge. – O meu George faz os nossos clientes parecerem uns barulhentos, mas quando cá estava a mãe dele ela é que mandava no galinheiro.

– Até agora tens tido sorte – afirmou Bettina. – Tu e o Luke têm vivido na terra da fantasia.

– Temos uma hóspede com trezentos anos a morar connosco desde abril. Se achas que isso é a terra da fantasia...

– Ela não é mãe dele – lembrou-me Rosie. – Isso faz toda a diferença.

– Quero ver se não me esqueço disso da próxima vez que me cruzar com ela no corredor às três da manhã.

– O que andavas a fazer no corredor às três da manhã? – indagou Lynette.

Apontei para a minha barriga.

– Adivinha.

– A família muda tudo – disse Janice. – Quase sempre no bom sentido, mas leva algum tempo a definirmos o nosso território e a aprendermos a preservá-lo. A família de um homem é uma força poderosa.

– Até parece que se trata de um conselho de guerra – respondi, completamente abstraída do tricô. – É verdade que a Bunny ficou aborrecida porque o Luke não lhe disse nada sobre o bebé, mas isso é perfeitamente compreensível. Ela tem todo o direito de estar chateada. Eu também estaria, no lugar dela.

– Isso é só o princípio – disse Rosie. – Ouve bem o que eu te digo: a Bunny está neste preciso

momento a montar a sua armadilha.

– De certeza absoluta – concordou Lynette. – Antes do fim de semana terminar, a mamã vai telefonar a convidar-vos para o grande espetáculo.

– Com comparência obrigatória – confirmou Janice.

Comparência obrigatória? Ali estava eu, prestes a receber a família que sempre quisera e, pela primeira vez nesse trimestre, sentia uma vontade enorme de vomitar.

– Devia ter visto menos episódios do *Cosby* e mais do *Donas de Casa Desesperadas*.

– Que se lixem as donas de casa – exclamou Janice para júbilo das presentes. – Precisais de ler o meu exemplar do livro *A Arte da Guerra*.

– Eu preciso é de um número de telefone privado. – Fadas guerreiras terríveis, almas raptadas, vilas desaparecidas; tudo isso eram coisas com as quais eu sabia lidar. Mas a ideia de lidar com uma família humana real, em vez daquela que eu havia imaginado, era o suficiente para me fazer entrar em parafuso. – Acho que não estou preparada para tanta confusão.

Um simples feitiço de principiante e os telefonemas de Bunny voltariam para trás como um bumerangue. Luke quisera manter a família afastada e esta seria a maneira perfeita de lhe fazer a vontade durante mais algum tempo.

Mas eu não podia fazer isso.

– Estou desiludida contigo, minha querida – disse-me Midge, enquanto eu recalrava a magia. – Esperaste a vida inteira para conseguires os teus poderes, e para seres realmente uma de nós, e agora estás a tomar novamente o partido do teu lado humano.

– Não estou a tomar o partido dos humanos – protestei –, estou a fazer o que é melhor para a minha filha.

– O melhor para a tua filha é certificares-te de que a verdade sobre Sugar Maple permanece em segredo.

– Eu sei isso.

– Então porque hesitas? Os avós costumam fazer visitas. E das longas. Tens a certeza de que estás preparada para isso?

– Nem sequer estou preparada para ter um bebé – repliquei numa surpreendente explosão de sinceridade. O ano anterior havia sido uma sucessão de acontecimentos com consequências para toda a vida. Sentia-me exausta! – Só sei que os MacKenzie são a família dele, por isso não vou fazer nada que o impeça de os conhecer e de criar laços com eles.

E, embora não o tivesse dito em voz alta, talvez eu os quisesse conhecer e criar laços também. Apesar de ter aceitado a minha magia, conquistada a muito custo, assim como tudo o que ela implicava, o meu sangue continuava a ser meio humano e isso era impossível negar.

Por muito que amasse a minha família adotiva e os meus amigos de Sugar Maple, existira sempre um vazio dentro de mim que eles não conseguiam preencher. Só depois de conhecer Luke e de me sentir atraída pelo seu calor muito humano é que comecei a compreender o que me faltava.

Nunca tinha conhecido a família do meu pai humano. Nem sequer sei se ele tinha família quando eu nasci. Só sei que era jovem, bonito, que tinha imenso jeito com as mãos e amava Guinevere Hobbs. A vida dele antes de ter conhecido a minha mãe, a família que havia deixado para trás para estar com ela, tudo isso havia caído no esquecimento, nunca fora referido por Sorchia, a curandeira que me havia criado após a morte dos meus pais.

Não era isso que eu queria para Luke ou para a nossa filha.

Sorcha sempre acreditara que a interação com os humanos levaria à desgraça e a morte de Guinevere fora prova disso mesmo. Embora os meus poderes só tivessem aparecido muito perto dos trinta anos, eu havia sido criada de acordo com a minha herança genética, isto é, como uma das descendentes de Aerynn, na expectativa de que seria eu a levar Sugar Maple para lá do século XXI.

– Podia ser bem pior – disse eu, afastando a saudade amarga que os pensamentos sobre os meus pais costumavam evocar.

– Podes crer – replicou Lilith. – Se te tivesses apaixonado pelo Gunnar ou pelo Dane, terias a Isadora como sogra.

Janice estremeceu dramaticamente.

– Que pensamento aterrador.

Isadora era a líder exilada da facção de fadas guerreiras que se havia dedicado a empurrar Sugar Maple e todos os seus habitantes para lá do nevoeiro, rumo a uma dimensão diferente. Ela fora a causadora de todas as coisas terríveis que tinham acontecido na minha vida e não havia um único dia em que eu não reforçasse o feitiço que tinha urdido para a manter longe de nós.

Gunnar e Dane eram os seus filhos gémeos. Dane era tal e qual a mãe, uma criatura bela com uma alma perturbada, enquanto a beleza de Gunnar se manifestava tanto no interior como também exteriormente. Tínhamos crescido praticamente juntos e em tempos estivera perto de me deixar levar pelo feitiço obscuro de Dane. Quando as fadas direcionavam a sua magia sexual para alguém, em especial alguém com sangue humano, era o fim. A beleza deslumbrante conjugada com o magnetismo transcendental dava um amante perigosamente irresistível. Com ênfase na palavra «perigo», claro. O sexo era apenas uma parte.

Felizmente, a razão prevaleceu antes que eu sucumbisse às investidas de Dane, mas essa experiência transformara-o num inimigo formidável. Tal como já disse, poucas fêmeas lhe diziam que não. Ele agora tinha desaparecido para o inferno que existia para tudo o que era malévolo, mas a recordação do perigo demoraria a desaparecer.

Enquanto ele era a sombra, Gunnar era o Sol, um espírito de luz pura. Durante algum tempo, Sugar Maple fizera bastante pressão para nos juntar, a mim e ao meu querido amigo Gunnar, mas o destino assim não quisera. No fim, Gunnar sacrificara a sua vida para que a minha vida com Luke fosse possível.

Eu amara Gunnar como amigo, mas o meu coração pertencia só a Luke e assim seria para todo o sempre. As mulheres da família Hobbs apaixonavam-se uma única vez na vida e davam à luz uma única criança: uma filha que, enquanto descendente de Aerynn e Samuel, estava destinada a proteger Sugar Maple.

Mas eu estaria a mentir se dissesse que não pensava diariamente em Gunnar. Sentia a falta das suas gargalhadas, do seu calor, da sua amizade inabalável. Podia soar algo estranho, mas tinha saudades de tudo o que jamais partilharíamos. Nunca me passou pela cabeça que ele não estaria presente para celebrar o nascimento da minha filha, mas o destino tivera outros planos.

Não podia mudar o futuro da minha filha (estava definido por uma magia muito maior do que a minha), mas podia certificar-me de que ela não caminhará sozinha neste mundo. Ela tinha de saber qual era o seu lugar no mundo. Em ambos os mundos.

Ela tinha de conhecer a sua família.

³ Variante da expressão idiomática *to get one's knickers in a twist* (literalmente o desconforto de «ficar com as cuecas tortas»), que significa «ficar abespinhada». Neste caso, há também a alusão à roupa interior modeladora *Spanx*, usada para uma aparência mais

delgada. (*N. da T.*)

[4](#) Bonecas cuja cabeça se encontra ligada ao corpo através de uma mola. Quando se toca na cabeça ela fica a abanar. (*N. da T.*)



LUKE

O meu telemóvel tinha-se afogado. Essa era a má notícia. A boa notícia? O meu telemóvel tinha-se afogado.

Algures por aí, a minha mãe estava a deixar inúmeras mensagens de voz, ameaçando-me com tudo e mais alguma coisa desde a deserção à condenação eterna caso eu não lhe devolvesse a chamada de imediato, mas, graças ao oceano Atlântico, só a *Verizon* podia ter a certeza.

Infelizmente, algures por aí, Chloe estava a arcar com as culpas.

Raios. Porque não lhe tinha dado ouvidos e lhes tinha contado tudo meses antes? O choque de descobrir que ia ser novamente pai apanhara-me desprevenido. A recordação da morte da minha filha Steffie projetava uma sombra na minha alegria, pelo que tive de lutar imenso para me conseguir libertar dos meus medos e acreditar que agora seria diferente.

E, claro, havia a questão de Chloe para ter em consideração. Ela era inteligente, divertida, carinhosa, talentosa, linda e feiticeira. Uma feiticeira com dedos que disparavam faíscas e labaredas que lhe voavam dos olhos, capaz de transformar alguém numa salamandra e que vivia numa vila repleta de vampiros, lobisomens, *trolls*, fantasmas, espíritos e um gigante adormecido.

Experimentem explicar isso a uma idosa com setenta e um anos que achava que um genro episcopaliano era uma coisa verdadeiramente rebelde.

E, já agora, aproveitem e expliquem-lhe por que motivo a vila é populada por espécimes sobrenaturalmente belos, demasiado parecidos com estrelas como Julia Roberts e Catherine Zeta-Jones. E tentem explicar-lhe por que razão um forasteiro não conseguia reservar um quarto na estalagem aparentemente vazia de Sugar Maple ou porque é que não havia registos de nascimentos ou de óbitos desde 1703.

E isso era apenas o princípio.

A minha família não acreditava em limites. Aparecia sem avisar. Coscuvilhava os armários dos medicamentos. Oferecia opiniões sobre tudo, desde a nossa vida sexual até à quantidade de fibra que devíamos ingerir. Se a minha mãe não topasse o que se passava em Sugar Maple, de certeza absoluta que uma das minhas irmãs o faria.

Com um raio, o mais certo era ela estar sentada na nossa casa neste preciso momento com Fran, a mirarem tudo desde a quantidade de caixotes de gato ao dedo anelar vazio de Chloe. No que dizia

respeito à minha mãe, dois mais dois era uma equação que dava sempre mais do que quatro.

A última coisa de que precisávamos era de mais hóspedes. Se elas ainda estivessem lá em casa, iria oferecer-lhes uma dormida no hotel Ramada mais próximo, com todas as despesas pagas.

Cheguei a Sugar Maple pouco depois das seis da tarde, cansado, faminto e a feder a halibute estragado e a algas. A única coisa na minha mente quando dobrei a esquina da Rua Osborne era um duche quente e tempo a sós com Chloe. Elspeth, a nossa hóspede *troll* infernal, tinha ido para Salem passar o Dia de Ação de Graças com uns amigos, deixando-nos sozinhos pela primeira vez em quase oito meses.

Ou talvez não. A velha jarreta tinha a capacidade de desaparecer num abrir e fechar de dentadura e aparecer precisamente a meio do que julgávamos ser um momento privado.

Exatamente, *nesses* momentos.

Chloe tinha planeado fechar a loja às três horas e ir para casa descansar e a ideia de me enfiar na cama com ela fez-me carregar ainda mais no acelerador.

Com um raio, eu era o único agente da polícia da vila, não era como se me fosse deter a mim próprio por excesso de velocidade.

Depois do duche e de comer qualquer coisa, seriam umas sete e meia ou oito da noite. A minha mãe era uma pessoa de hábitos matinais. Ela costumava deitar-se por volta das nove e levantar-se antes do nascer do Sol. Se eu fizesse as coisas como deveria ser, talvez conseguisse evitar ter de lhe dizer mais do que um simples «olá» e «ia contar-te para a semana», antes de ter tempo para inventar uma boa desculpa.

Estava parado num sinal de stop quando vislumbrei um brilho de luzes no espelho retrovisor. Mas que raio?! Ou muito me enganava ou as luzes provinham da Sticks & Strings.

A loja que devia estar fechada há quase três horas.

Fiz inversão de marcha e dirigi-me para a rua deserta, depois estacionei no meu lugar habitual, no beco entre a esquadra da polícia e a loja de artigos de tricô. Risadas trespassavam as paredes. Altas e irregulares, o tipo de risada feminina não censurada que os homens raramente ouvem.

Mas afinal quantas pessoas estavam na loja, raios? Conseguia distinguir pelo menos oito vozes diferentes. A gargalhada rica de Chloe sobrepunha-se a todas as outras. Escutei com mais atenção. A minha mãe tinha um riso distinto, uma espécie de mistura entre cacarejo e riso abafado, mas não o consegui ouvir e a risada forte de catarro de fumador de Fran também não.

A risada aumentou de volume no instante em que transpus a porta.

– Não te preocupes – disse Janice assim que me viu. – Elas foram-se embora há duas horas.

– Olhem bem para a cara dele! – exclamou Rosie, do Lar de Sugar Maple. – Aposto que estavas escondido aí na esquina!

– A tua mãe está em pé de guerra – disse-me Renate Weaver, abanando a cabeça com um ar sobranceiro. – Mas que ideia foi a tua, Luke? Não se guardam segredos da família.

– Por acaso até guardam – respondeu-lhe Chloe, piscando o olho na minha direção. – Não escondeste o teu vício por compras *on-line* do Colm até ele descobrir as coisas no sótão?

– Ninharias. Esconder um par de botas de camurça vermelha até ao joelho não é o mesmo que esconder uma gravidez.

A fada estalajadeira tinha razão.

– Ela está muito chateada? – perguntei a Chloe.

– É difícil de dizer – replicou Chloe –, mas acho que estás feito.

Mais risadas.

– Não lhe devias ter desligado o telemóvel na cara, Luke. – Lynette emitiu um som reprovador. – Foi uma péssima ideia.

– Eu não desliguei. Estava a ser perseguido por um grupo de leões-marinhos e o telemóvel caiu-me no mar.

Janice começou a rir-se.

– A comitiva de boas-vindas, queres tu dizer.

– Que fedor! – exclamou Midge Stallworth, apertando o nariz com dois dedos gorduchos.

– Francamente! – Lilith sacudiu levemente o ar à sua volta. – Acho melhor mudares de *aftershave*, Luke.

Rosie e Verna esconderam os respetivos narizes numa pilha de lã verde vivo.

– Obrigadinho pelo aviso, Janice – disse eu, ao mesmo tempo que Chloe se desviava do meu beijo com uma gargalhada. – O teu marido deu cabo da minha carrinha com o seu *happy meal* de halibute. Podias ter-me dito o que me esperava.

– Era truta. Se te tivesse dito, ter-te-ias oferecido na mesma? – retorquiu Janice.

Lancei-lhe o meu melhor olhar de polícia carrancudo.

– Agora já sei porque é que todos os gatos da vila tentaram arrombar a vossa carrinha.

A expressão dela ficou menos dura.

– Ele começou bem?

Contei-lhe sobre o grupo de leões-marinhos gigantes que haviam rodeado e escoltado Lorcan até às águas geladas do Atlântico.

– Estava lá um tipo grande com o focinho cinzento e os olhos enormes?

– Foi esse que me tentou dar uma tarefa – repliquei.

– É o pai do Lorcan e não estava a tentar dar-te uma tarefa, estava a agradecer-te.

Okay, tenho de admitir que a ideia de Lorcan Meany ser filho de um leão-marinho me apanhou um pouco desprevenido, mas lembrei a mim mesmo que estava em Sugar Maple, um sítio onde esse tipo de coisa fazia todo o sentido.

– Tenho as coisas dele na carrinha – disse eu a Janice, enquanto ela enfiava o seu tricô num saco de pano vermelho vivo. – Ia deixá-las em vossa casa, mas já que aqui estás...

Ela acenou com a cabeça e eu vi, além das piadas e da risada, a esposa que iria passar o inverno preocupada até o marido regressar para junto dela. Chloe apertou-me a mão e eu percebi que ela tinha visto o mesmo que eu. Nem mesmo a magia podia garantir que a vida seria exatamente como esperávamos que fosse. De certa e variada forma, andávamos todos às apalpadelas.

– Estávamos aqui a fazer apostas sobre quanto tempo permanecerias escondido – disse Verna Griggs, remexendo no enorme cobertor amarelo e laranja que tinha em cima do colo.

– Segundo os meus cálculos, as probabilidades eram de vinte para um em como irias passar esta noite na carrinha em vez de confrontares a tua mãe – disse Bettina Weaver Leonides, com as agulhas a cem à hora, tricotando algo rendado e cor de rosa que eu apostava a loja que era para o meu bebé.

– E foi difícil encontrar quem quisesse apostar comigo – informou-me Rosie. – Quem quer apostar numa coisa certa?

– Obrigadinho pelo voto de confiança, minhas senhoras. – Eu começava a ficar irritado. – Sei lidar bem com a minha mãe.

– Eu conheci a tua mãe, meu querido – disse Renate, originando mais risadas – e olha que não me

parece.

– Podes ter sido um tipo importante lá em Boston – disse Rosie, para o caso de eu ainda não ter percebido –, mas isso não significa que consigas dar a volta à tua mãe.

– Vou ver se não me esqueço disso – respondi-lhe, fazendo um esforço para não me rir.

Chloe estendeu-me a mão e ajudei-a a levantar-se do sofá.

– Desculpa, Luke – disse-me ela –, mas a Midge tem razão: cheiras mal que tresandas.

CHLOE

Uma hora mais tarde, eu e Luke estávamos em casa, agarradinhos em frente à lareira e a comermos sandes de restos de peru com todos os acompanhamentos. Elspeth, para nossa alegria, encontrava-se em parte incerta.

– Agora cheiras a molho de arando – disse eu, quando ele se debruçou para roubar um dos meus pickles. – Bastante mais agradável.

Ele sorriu, mas eu percebi que estava a pensar noutra coisa.

– Fala comigo – disse-lhe.

– Sobre o quê?

– Sobre o que estás a pensar.

Ele ficou calado durante um bocado.

– Alguma vez viste um *selkie* a regressar ao oceano?

– Vi o Lorcan a mergulhar no Snow Lake, há uns anos, mas foi uma coisa bastante simples. – Dei uma dentada na minha sandes e mastiguei, pensativa. – Excluindo aquela coisa do fato de foca, claro.

– Uma coisa é certa, podiam ter-me avisado sobre o fato de foca.

– Já conhecias as lendas dos *selkies*. Não pode ter sido uma surpresa assim tão grande.

– Dá um desconto aqui ao humano, Hobbs. Não é como se o Lorcan o tivesse comprado na Men's Warehouse.

– Tens razão – repliquei, pousando o prato e aninhando-me ainda mais no calor dele. – Provavelmente não.

Ficámos em silêncio durante algum tempo e depois Luke tornou a falar.

– Achas que ele corre muito perigo?

– O Lorcan? – Encolhi os ombros. – Nunca pensei nisso.

– Está no meio do oceano Atlântico, com barcos de pesca, petroleiros e sabe-se lá o que mais.

– A Janice nunca disse que ele corria perigo.

– Eu vi a expressão dela – disse Luke. – Estava apavorada.

– A Janice não tem medo de nada.

– Mas tem medo disto – insistiu Luke. – Não me digas que nunca reparaste?

– Ele costuma hibernar em Snow Lake. Se calhar, estava demasiado preocupada com as minhas coisas e nunca me apercebi. – Uma afirmação embaraçosa, mas a verdade costuma sê-lo. Nunca me tinha ocorrido que Lorcan Meany pudesse não voltar para a família na primavera.

Agora não ia conseguir tirar essa ideia da minha cabeça. Ultimamente, não era preciso muito para me fazer ter pensamentos obscuros e assustadores. Quanto mais me aproximava da data prevista para o parto, mais preocupada ficava. Tudo me parecia ser um prenúncio de potencial desgraça.

Uma tempestade que se aproximava, más notícias em relação a uma cliente, Luke atrasar-se dois minutos de um serviço que tinha ido fazer, tudo o que tinha a ver com bebés desaparecidos; era o suficiente para me deixar completamente desvairada e lavada em lágrimas.

E Elspeth também não ajudava à festa. Ela via desgraça em tudo o que era sítio e não hesitava em partilhar os seus piores pressentimentos. Se ao menos a pudesse desligar da mesma maneira que desligava o noticiário da noite... Sou incrivelmente ansiosa por natureza. E, agora que estava grávida, com as hormonas aos saltos e a morar com Elspeth, a minha imaginação estava sem dúvida no seu expoente máximo.

O mundo estava cheio de perigos. Isso era um dado adquirido. Tanto o mundo dos humanos como também o mundo da magia possuíam terrores que se erguiam a meio da noite, quando eu estava mais vulnerável, fazendo-me desejar poder guardar a minha filha dentro de mim para sempre. Não tinha medo do parto. Não estava preocupada com a dor. O que me assustava era o que podia acontecer depois de a nossa filha dar o seu primeiro fôlego neste mundo.

Dizem que é normal as grávidas recearem pelos seus filhos ainda por nascer e eu não era a exceção. Somente quando Luke estava comigo, e eu podia cheirar a sua pele e sentir o calor do seu corpo quente junto ao meu, é que a preocupação desaparecia.

Pelo menos, por uns instantes.

Ele comeu as suas sandes e o que restava da minha enquanto eu dormitava ligeiramente a ver uma repetição do filme *Milagre na Rua 34*. A versão original, com Maureen O'Hara, ou seja, a única que valia realmente a pena ver.

– Ele existe mesmo, sabes? – murmurei no ombro dele durante os anúncios. Estava na altura de ele saber a verdade.

– Quem?

– O Kris Kringle.

Seguiu-se um longo silêncio.

– E vais dizer-me que ele mora aqui em Sugar Maple.

– Não digas parvoíces. Tanto quanto sei, continua no Polo Norte.

– A construir *Nintendos* na sua fábrica de brinquedos, com duendes não sindicalizados.

Dei-lhe uma ligeira cabeçada no ombro.

– Estou a ver que não acreditas.

– E eu estou a ver que estás a gozar comigo.

– Ele é um de nós – disse-lhe eu. – Fugiu do Velho Mundo quase na mesma altura que a família do Samuel. Dizem que, durante a viagem, ele cativou as crianças assustadas com brinquedos feitos à mão e que foi assim que tudo começou.

– E as renas, os duendes, a Mãe Natal...?

– Ele é um filantropo.

– Um filantropo/feiticeiro com trezentos e muitos anos que por acaso mora perto do Polo Norte.

– Na verdade, é um ser metamórfico.

– Um ser metamórfico...

– Como a Lynette e a família dela.

– E transforma-se em quê, no Rodolfo?

Comecei a rir.

– Não acreditas em mim.

– Ei, eu quero acreditar, é uma história fantástica.

– E é uma história verdadeira. Aqui há uns tempos terias acreditado em mim se te dissesse que o pai do Lorcan era um leão-marinho velhote ou que os irmãos dele o iriam escoltar até ao mar para o início da hibernação?

– Tens razão.

Respirei fundo e aproveitei o momento.

– A família é assim mesmo. Está sempre presente, quer queiramos quer não.

– Montaste-me uma armadilha. – Era a vez de ele se rir.

– Aproveitei o momento. – Inclinei-me para a frente e tirei uma batata frita do pacote aberto em cima da mesinha de apoio. – Estamos a um mês de sermos pais. Acho que está na altura de eu conhecer a tua família.

– Eles moram demasiado longe para os convidarmos para jantar – disse ele – e também não os podemos convidar para passarem o fim de semana connosco.

A ideia de Elspeth e Bunny juntas na mesma dimensão fez-me estremecer.

– Pois, tens razão.

– E nós não vamos lá outra vez.

– Um dos meus tintureiros independentes é sócio de um restaurante de luxo na margem norte do lago Winnepesaukee. Fica a meio caminho, mais coisa menos coisa.

– Território neutro – disse Luke. – Gosto dessa ideia.

– Encontramo-nos, almoçamos e conversamos. A tua mãe fica toda contente.

Ele olhou-me nos olhos.

– Estás disposta a isso?

– Com certeza – respondi. – Quero que a nossa filha tenha a família que eu sempre desejei.

– As famílias são muito mais complicadas do que tu pensas.

– Estou disposta a correr o risco.

– Depois de o bebé nascer não vamos conseguir evitá-los.

Beije-o no pescoço, de lado, no sítio onde o sangue batia rápido e quente imediatamente sob a pele.

– Não os quero evitar. São a família dela.

– E podiam ser a tua também.

– Eu sei. – Tínhamo-nos tornado autênticos peritos naquela dança dos pedidos de casamento.

– Quantas é que já foram? Esta é a nona, a décima ou a décima primeira vez?

– Décima quarta – repliquei. – Não que as ande a contar.

– Amo-te, Chloe. Quero construir a minha vida contigo e com a nossa filha.

– Nós estamos a construir uma vida.

– Não somos casados.

– Vê o que aconteceu ao meu pai. Porquê fazer ondas?

– Não me vai acontecer nada de mal se nos casarmos.

– As mulheres Hobbs não têm um grande historial no que toca a finais felizes. – Os homens que amamos costumam pagar bastante caro.

– Não acredito nessa treta.

– Mas devias. Se te acontecesse alguma coisa por termos casado... – Nem sequer era capaz de completar a frase.

- Não vamos acabar como os teus pais – disse ele, puxando-me para si.
 - Espero que acabemos como os *teus* pais. – Casados há mais de quarenta anos e ainda juntos, a verem os filhos e os netos crescerem. Não conseguia imaginar nada mais maravilhoso.
 - Quando conheceres o meu velhote falamos.
 - Gostava de ter essa oportunidade.
- Ele esboçou um sorriso triste.
- Tens um pouco de magia aqui para o filho pródigo?
 - Não precisas de magia – respondi. – Basta marcares o número.
 - Ainda tens muito que aprender sobre os humanos e as suas famílias.
 - Eu sei – retorqui, passando-lhe o telefone. – E está na altura de começar.



MEGHAN — PRINCETON, NOVA JÉRSIA

— **D**esculpa incomodar-te, Meg, mas preciso que alguém feche a loja por mim esta noite. Meghan MacKenzie parou de jogar Angry Birds e sorriu para a idosa encostada ao balcão da receção.

— Tudo bem, Amy. Está outra vez com enxaquecas?

— Dasquelas pavorosas – replicou Amy, com péssimo aspeto. – A última sessão quase deu cabo de mim. Acho que me vou deitar no meio da estrada e esperar que um camião me passe por cima.

— Que drástico! – exclamou Meghan, dando uma pequena risada. – Ouvi dizer que há uns medicamentos que ajudam imenso.

— Já experimentei tudo e mais alguma coisa – respondeu-lhe Amy. – Já toda a gente se foi embora, à exceção das duas mulheres que vieram à experiência e o tipo de fato de treino azul. Acho que ainda estão nos balneários.

— Está a falar daquele giraço com os olhos muito azuis?

Amy fitou-a inexpressivamente:

— Não faço ideia de que cor são os olhos do tipo de fato de treino azul.

— Deste lembrava-se de certeza – replicou Meghan. – Um metro e noventa de pura fantasia. – Ele possuía uma aura que o fazia sobressair fosse onde fosse. Quer dizer, nas fantasias de Meghan, pelo menos. Não era costume o tipo dos nossos sonhos mais privados aparecer na nossa vida. Mesmo que se tratasse de uma simples visita de médico.

— Se tu o dizes – respondeu-lhe Amy, com um suspiro, empurrando um pesado molho de chaves na direção de Meghan. – A mim pareceu-me ser um tipo perfeitamente normal. Bem, sabes o código do alarme, não sabes?

Meghan acenou com a cabeça.

— É na boa. Não tenho propriamente pressa de chegar a casa.

— As primeiras seis semanas são as mais complicadas – disse Amy.

— Já passaram sete desde que eu e o Mark acabámos.

— *Okay*, então as primeiras sete semanas são as mais complicadas. O que sei eu sobre o assunto?

Casei-me assim que saí do berço. – Ela inclinou-se para a frente e deu um leve abraço a Meghan. – Tu és nova. És gira. Vais encontrar outra pessoa.

Amy era a mais simpática das instrutoras do Hot Yoga, situado na saída da Estrada 1, em Princeton. Quando Meghan começara a andar com Mark, o plano fora conduzi-los até à Florida e abrirem um ginásio como *personal trainers*, sendo o ioga a especialidade de ambos. Ela não sabia ao certo como tinham ido parar a Nova Jérsey, mas, primeiro, fora o carro que se avariara, depois o Mark partira um dedo do pé e, quando dera por isso, Meghan estava a trabalhar no Hot Yoga em *part-time*, enquanto ele andava a dormir com a rapariga do apartamento do outro lado do pátio.

E ali estava ela, a trabalhar na receção e a dar seis aulas por semana enquanto tentava decidir o que fazer a seguir.

Talvez devesse pegar nas suas tralhas, enfiá-las na mala do *Toyota* e partir em direção à Florida sozinha. Metade das pessoas com quem treinara com Yogini Sirubhi estava na zona de Miami. Não seria difícil arranjar um sítio para dormir e um trabalho em *part-time* enquanto não resolvesse as coisas.

E se não resolvesse nada em Miami, daria um salto até Nassau, nas Bahamas, e arranjaría trabalho nas mesas de *blackjack*, em Paradise Island, até resolver.

Aguentar-se-ia como uma leoa. Aguentava sempre. Se não desse aulas de ioga e também não trabalhasse nas mesas de *blackjack*, podia sempre arranjar trabalho temporário com o seu curso preparatório para Direito até aparecer algo melhor.

Talvez começasse a ligar para alguns dos seus amigos em Miami já essa noite para ter uma ideia das coisas. Iria beber um bom tinto, ligar o portátil e fazer uma série de listas. Amigos de Miami. Competências profissionais. Objetivos a curto prazo. Objetivos a longo prazo. O que gostaria de receber no Natal, embora ultimamente já ninguém lho perguntasse.

O Natal. Só de pensar nisso ficava com uma enxaqueca também.

A mãe não a largava ultimamente, enchendo-lhe a caixa do correio eletrónico com mensagens desvairadas por causa de Luke e de uma fulana qualquer das lãs que, ao que parecia, ele havia engravidado, mas ainda não tinha tido tempo para responder a nenhuma. Ela e Luke eram bastante próximos. Ele ter-lhe-ia contado se tivesse conhecido alguém.

Bunny costumava passar-se sempre que um dos filhos saía debaixo das suas saias e começava a imaginar todo o tipo de coisas malucas. Não obstante ter sido detetive na polícia de Boston, Luke sempre fora a ovelha negra da família durante a maior parte das vidas de ambos, mas Meghan gostava de pensar que também estava a concorrer a esse título.

Por outro lado, se ele começara uma família em segredo, lá nas terras altas e cheias de neve, talvez ela tivesse o trabalho facilitado.

Adicionou Luke à lista de telefonemas que planeava fazer e depois foi até ao balneário feminino despachar as mulheres que tinham ficado para trás.

– Fechamos às dez – disse para as duas mulheres que estavam a secar o cabelo na casa de banho –, mas se precisarem de mais tempo é só avisarem.

– Não é necessário – respondeu-lhe a mais nova –, mas obrigada na mesma.

Ela parou em frente à porta do balneário masculino e bateu duas vezes.

– Faltam dez minutos para fecharmos – exclamou.

Ficou à espera de resposta e, como não obteve nenhuma, bateu novamente com mais força.

– Tem dez minutos!

Só podia ser ele. Hoje só tinha vindo um tipo às aulas e era giro como tudo, bem torneado, transpirado e com um ar a roçar o perigoso. Tudo o que ela adorava num homem e mais qualquer

coisa.

Meghan empurrou ligeiramente a porta e ficou à escuta. Estava tão silencioso como numa igreja. Não que ultimamente ela fosse à missa, mas tinha uma boa memória. Não se ouvia a água a correr. Nem secadores de cabelo. Nada de postos a darem desporto ou, pior ainda, programas de rádio.

Talvez ele se tivesse ido embora. Devia ter saído quando fora ao balneário feminino, esgueirando-se quando ela não estava a olhar.

Fosse como fosse, esperaria mais um pouco, só para ter a certeza.

Voltou para o balcão da receção, reuniu as suas coisas e enfiou tudo no enorme saco de cabedal que usava desde os tempos de escola. As duas mulheres acenaram-lhe a caminho da porta da rua, mas não havia sinal do Fabio⁵.

A maneira mais fácil de perder o emprego no Hot Yoga seria trancar um cliente no ginásio, pelo que ela pôs o saco ao ombro e entrou no balneário masculino para se certificar de que não havia cadáveres deitados em cima dos bancos ou no chão dos chuveiros.

Mais valia prevenir do que ficar desempregada.

TRÊS HORAS DEPOIS

Os beijos dele eram demorados, húmidos e intensos e, se continuassem por muito mais tempo, Meghan tinha praticamente a certeza de que a matariam.

O prazer era capaz de matar uma mulher, se ela não tivesse cuidado, e Meghan era tudo menos cautelosa no que dizia respeito ao amor.

O que não era o caso, como é óbvio. Nada de amor. Agora não. Não era possível apaixonarmos por um estranho no espaço de três horas, mesmo que esse estranho parecesse saído do tipo de fantasia que não se partilha com ninguém.

Tudo nele era perfeito. Ela ficava embriagada só de olhar para ele, de o tocar, de inspirar o odor da sua pele dourada.

– Tenho de fechar o ginásio – sussurrou-lhe, erguendo a cabeça para respirar. – Não me posso dar ao luxo de perder o emprego.

– Não vais perder o emprego. – Ele fez-lhe algo com a língua que a fez esquecer o seu próprio nome.

– Não podemos...

As mãos dele desceram um pouco mais.

– E se entrar alguém enquanto estamos a...

Os dedos dele fizeram a sua magia.

– Ninguém vai entrar.

– A porta está escancarada. Qualquer pessoa pode...

– Eu sei – respondeu ele. – O que torna tudo muito mais divertido.

Oh, Deus, ele tinha razão... Tinha mesmo razão...

Ela mexeu-se de encontro à mão dele, ansiando pelo prazer derradeiro que ele mantinha à distância. Um gemido formava-se-lhe na garganta e ela cravou os dentes no ombro musculado dele para evitar fazer barulho.

– Cabra – murmurou ele no cabelo dela, afastando-lhe as pernas com o joelho. – Sabes do que gosto.

Ela mordeu-o de novo, com mais força, ávida por algo que até àquele momento não sabia que existia com aquele homem. Ele saciou-a ao máximo, levando-a à beira da loucura até não restar uma única saída.

Ela deixou de se importar que alguém entrasse e os visse. Deixou de recear perder o emprego ou o que restava da sua sanidade. Se ele lhe tivesse pedido, ela teria caminhado sobre brasas para estar com ele.

De repente, a única coisa que importava eram as mãos dele no seu corpo, a boca dele na sua.

Ele pegou nas chaves e atirou-as pelo ar. O som das chaves a embaterem no chão fê-la dar um salto. O seu coração bateu de encontro às costelas e ela sentiu a transpiração a formar-se na parte de trás do pescoço.

– Estás com medo? – Ele estava em cima dela, tapando-lhe toda a visão.

– Deveria estar?

– Depende do que receias.

Aranhas. Cobras. Passar outra noite, longa e escura, sozinha.

Ela sabia o que ele queria ouvir.

– De ti – replicou e, subitamente, não estava a mentir. – Tenho medo de ti.

– Ótimo – disse ele. – Já é um começo.

⁵ Referência a Fabio, um modelo italiano que se tornou bastante famoso nos Estados Unidos nos anos 90. (*N. da T.*)



CHLOE

— Talvez isto não tenha sido muito boa ideia – murmurei, umas manhãs mais tarde, sentada à mesa da cozinha com o portátil e um copo enorme de sumo de laranja.

Bettina Weaver Leonides estava a tomar conta da loja, pelo que tinha até às duas da tarde para não fazer nenhum, vestida com as calças de fato de treino pré-mamã e a camisa velha de Luke. Tinha um cesto cheio de amostras de novelos para devolver, modelos para formatar, e converter para *pdf*, e papelada suficiente para me manter ocupada até à chegada do meu bebé, mas o telefone não parava de tocar. Tintureiros independentes, uma pastora de Brunswick e a mãe de Luke.

– Espero não estar a ligar muito cedo, querida – disse Bunny MacKenzie, num tom jovial –, mas queria apanhá-la antes que saísse para o trabalho.

– Não é nada cedo – respondi, olhando de relance para o relógio e estremecendo ao ver as horas.

– Na verdade, só vou para a loja da parte da tarde.

– Não há problema nenhum, pois não?

– Só se considerarmos a papelada um problema – retorqui com uma risada. – Às vezes, entretinha-me tanto com as tricotadeiras que apareciam na loja que ficava sem tempo para o resto.

– Trabalha demasiado – disse ela com uma certeza maternal. – Eu bem a vi a andar de um lado para o outro na loja.

– A rebolar de um lado para o outro quer você dizer.

– Está lindamente, minha querida. Quem me dera ter tido o seu aspeto em vez de inchar como um balão de ar quente sempre que ficava grávida.

Falámos sobre gravidezes durante uns minutos e depois ela abordou o assunto que a tinha levado a telefonar-me.

– Esqueci-me do nome do restaurante onde nos vamos encontrar no domingo.

– Carole's Lakeside Inn. – Soletrei o nome da cidade. – Fica na margem norte do lago Winnepesaukee.

Conversámos durante mais uns segundos e depois desliguei, satisfeita. Não tinha custado nada.

Dez minutos mais tarde ela tornou a ligar. Dessa vez, queria saber se eram permitidas crianças com menos de doze anos no bufê.

Cinco minutos depois disso ligou para me dizer que Luke não atendia o telemóvel e se eu lhe

podia pedir para ligar imediatamente para casa.

Após a terceira chamada com recados «diga ao Luke», decidi desligar o som do telefone e deixar Bunny a falar para o *voicemail*. Teve mesmo de ser.

– O que te disse eu, minha menina? – Elspeth, a nossa hóspede indesejada, apareceu subitamente ao meu lado, uma mulher gorda e baixinha, com o cabelo da cor de um táxi amarelo. – Não ganhas nada em conviver com os humanos. Essas engenhocas a tocarem e a apitarem dia e noite, só para se poderem meter na vida uns dos outros... Eu acho melhor manteres a distância.

– Eu sou meio humana – lembrei-a, ignorando conscientemente o facto de Elspeth adorar espiar os outros. – O meu bebé será três quartos humano. Quero conhecer a família dele. – Queria que ele *conhecesse* a família dele.

– Haverá uma altura para isso. – Elspeth tinha queda para conferir um tom obscuramente ameaçador à frase mais simples. – Mas não é agora.

Semântica à parte, até eu tinha de admitir que ir passear para um lugar que ficava a duas horas de distância de casa, nas últimas semanas de gravidez, não era a minha ideia mais brilhante, mas eu confirmara com Brianne, a curandeira do Quebeque que iria ajudar-me no parto, e ela consentira desde que a viagem fosse feita nessa semana.

– Eles são mais do que as mães – exclamou Elspeth, espreitando por cima do meu ombro para o monitor do computador. – Já vi coelhos com ninhadas mais pequenas.

– Não tem mais nada para fazer? – perguntei, fitando-a por cima do ombro. – Está a invadir o meu espaço.

Ela emitiu um som que era um misto de resmungo com um cumprimento típico do Bronx e depois desapareceu. Eu estava prestes a celebrar o sucedido quando ela tornou a aparecer, do tamanho de uma boneca, em cima do tapete do rato.

– Ei! – gritei ao mesmo tempo que o cursor dançava na página.

– A culpa é do Samuel e ponto final – disse ela, atravessando o teclado. – Estou aqui para ajudar o teu bebé a vir ao mundo em segurança e depois adeusinho.

Provavelmente, não devia ter ficado tão incomodada por ela também não querer estar aqui. Era capaz de dar todo o meu *qiviut*, juntamente com uma manta Baby Camel, só para lhe arranjar um bilhete de ida para Salem, mas a última vontade de Samuel era imutável.

O companheiro de Aerynn, pai da sua única filha, fora um poderoso feiticeiro. No fim da sua vida no plano terreno reunira cada micron da magia que lhe restava e embrulhara-a à nossa volta, minha e da *troll* de cabelo amarelo e mau feitio, unindo-nos até que a geração seguinte de mulheres Hobbs viesse ao mundo.

Acreditem em mim, tentei todos os feitiços que conhecia (e uns novos que inventei) para mandar Elspeth de volta para o farol que ela guardara para Samuel durante tantos anos, mas nada resultava. Pior, deixaram um rasto interdimensional que lhe revelou exatamente o que eu andava a fazer.

Na semana anterior consegui urdir um encantamento que nos permitiu, a mim e a Luke, alguma privacidade no que dizia respeito a Elspeth. Sem isso ela não teria tido qualquer problema em entrar no nosso quarto às cinco da manhã para se queixar dos pássaros que cantavam em frente à sua janela.

E sem isso Luke poderia ter entrado no oceano Atlântico atrás de Lorcan.

– Está a bloquear o monitor, Elspeth. – Não foi de propósito que a atirei por cima do CapsLock quando premi atecle de retorno. Aconteceu. O facto de ela ter desaparecido logo a seguir foi uma

sorte.

Ao longo do tempo, Sugar Maple desenvolvera um sistema para conseguir viver com magia num mundo não mágico. Muitas das nossas crianças acabavam por frequentar as melhores escolas do mundo humano. (Janice, por exemplo, andara em Harvard.) Mas sem certidões de nascimento, historiais de saúde de um médico credenciado e exames de aptidão válidos, essa educação não podia realizar-se pelo que improvisávamos.

Pronto, está bem; mentíamos. Tivemos uma situação complicada há um ano, quando os organismos oficiais da capital de estado ficaram muito interessados no «desaparecimento» das nossas certidões de nascimento e óbito, mas com a ajuda de Luke conseguimos desviar a atenção deles. Porém, para mim foi uma espécie de abre olhos.

Se queríamos continuar a viver no mundo dos humanos, tínhamos pelo menos de fingir que cumpríamos as suas regras. O meu lado humano talvez se tivesse sentido mal, mas o meu lado mágico nem pestanejou ao transformar os nossos próprios registos meticulosos em algo aceitável para o mundo fora de Sugar Maple.

Regra geral, não nos preocupávamos com esse tipo de coisas até a criança entrar para o secundário, mas Brianne estava convencida de que era melhor começar antes, por isso eu tinha uma lista de datas e informações de que necessitava prontas para lhas enviar por *e-mail*. Era o que devia ter feito, mas sabem como é. Adorava passar as manhãs a navegar na Net.

Fui ao *site* da Ravelry, verifiquei as mensagens e depois fui direitinha à minha conta do Gmail.

Para: Chloe

De: Bunny e Jack MacKenzie

Assunto: *Brunch*⁶

Pesquisámos o Carole's Lakeside Inn no MapQuest e fica a cerca de noventa minutos de carro da nossa casa. A Jenny e o Paul vão tentar ir. A Kimberly e o Travis já confirmaram a presença. O Ronnie e a Deni vão levar os netos. O Kevin e a Tiffany vêm de carro de Rhode Island no dia anterior e passam a noite em casa do Danny e da Margo (primos). O Patrick diz que vai tentar ir, mas é o fim de semana dele com os miúdos. E a Meghan também, se conseguir separar-se do último namorado.

Para: Bunny

De: Chloe

Assunto: re: *Brunch*

Parece-me bem. Temos reserva para a uma da tarde, dezasseis pessoas. A Carole diz que, se for preciso, podemos ir até às vinte, OK?

Eu sabia que Luke provinha de uma família incrivelmente numerosa, mas ver todos aqueles nomes listados no *e-mail* de Bunny fez-me começar a suar em bica. Eu costumava lembrar-me dos nomes de toda a gente (faz parte das competências da proprietária de uma loja de artigos de tricô), mas o cérebro de grávida havia-me desarranjado os neurónios a ponto de nem sequer me lembrar do meu próprio nome.

Bunny contactara-me a partir de uma conta diferente dessa vez, uma conta que partilhava com o marido. Tornei a abrir o *e-mail*, desci a página e vi um *link* para o *site* da imobiliária de Ronnie.

Bastou-me um clique para entrar na MacKenzie Homes e sustive a respiração assim que o rosto de Luke encheu o ecrã.

Mas não era Luke. Tratava-se de uma versão mais velha, ligeiramente mais pesada e também mais polida do homem que eu amava. O cabelo de Ronnie, o irmão mais velho, estava impecavelmente arranjado. A sua pele clara escocesa-irlandesa exibia um leve bronzeado. Os pés de galinha delineavam os olhos amendoados que mais pareciam verdes do que azuis. Ele parecia exatamente o que era: um homem de sucesso feliz na casa dos quarenta e poucos.

Havia uma série de *links* na barra lateral: «Ver as Minhas Listagens», «Quanto Tenciona Gastar», «As Nossas Cidades e Porque as Amamos» e «Sobre Mim».

Já sabem em qual cliquei.

A página demorou três segundos a abrir. Já vira álbuns de família com menos fotografias. Aliás, só faltava a vedação pintada de branquinho. Até o cão da família, um bonito *golden retriever* chamado *Lucky*, tinha direito a exposição na Net.

Comecei a escrevinhar nomes e informações básicas na parte de trás de um dos questionários.

Ronnie – irmão mais velho

Denise (Deni) – mulher, c. 1978

Jessie – n. 1980

Susan – n. 1982

Kit – n. 1983

Samantha – n. 1990

Ron Jr. e Susan eram ambos casados e com filhos. Kit fazia trabalho de escritório num gabinete de advocacia em Virgínia. Sam estava em Bowdoin, lá em cima no estado do Maine, a estudar silvicultura. Os outros dois eram casados e com filhos.

Fiz um pouco de pesquisa e descobri o ícone do Facebook na página das listagens, pelo que mergulhei ainda mais na vida dos MacKenzie. Saltei da página da imobiliária de Ronnie para a sua página pessoal, onde descobri por fim o significado da expressão *DI*⁷. Eis um conselho que vos dou: nunca espreitem o Twitter de um adolescente. E não, nem sequer vale a pena saberem porquê.

A Sticks & Strings também estava representada na esfera das redes sociais pelo que eu sabia mexer naquilo. Encontramos um amigo e, em menos de nada, descobrimos todas as pessoas que conhecemos na vida. A família de Luke estava ali em peso, o que facilitou o meu trabalho. A página encheu-se rapidamente com nomes e informações básicas.

– Devias imprimir as fotografias. – O holograma de Bettina apareceu na sala sob a forma da chama azul. – É o que eu faço antes de ir a um casamento. Torna-se mais fácil ligar o nome à cara. As pessoas adoram quando a harpista sabe o nome delas.

– Excelente ideia. – Liguei a impressora. – Está tudo bem? – Bettina era uma fada Luddite com aversão à chama azul pelo que a sua aparição despertou-me a atenção.

– Tens o *voicemail* cheio. Preciso que me assines o *fax* da encomenda KFI, com urgência.

– Vou já tratar disso.

– Ah, e a Elspeth está aqui. Está a afugentar as clientes, a dizer-lhes que deviam estar em casa a cuidar das famílias em vez de comprarem lã que podiam fiar elas próprias se não fossem umas preguiçosas de...

Resmunguei alto.

– Já percebi. – A única coisa pior do que dar comigo em doida era dar com as clientes em doidas. – Ela adora trabalhar. Leva-a para o armazém e deixa-a contar romances Brown Sheep. Assim que puder vou lá ter.

– Não, não! – As faces de Bettina ficaram muito rosadas na neblina azulada. – Está tudo controlado. Só não sabia como havia de lidar com ela. Achei melhor perguntar-te primeiro.

– É chata, mas não faz mal a ninguém – tranquilizei a amável harpista. – Limita-te a dizer-lhe o que há para fazer e sê firme. – E depois reza.

Bettina olhou à sua volta como se quisesse certificar-se de que ninguém a escutava.

– Ela disse-me que odeia fadas. Achas normal que ela me tenha dito umas coisas dessas?

Infelizmente achava. Bettina era linda como todas as fadas, mas vestia-se como se fizesse parte de uma subdivisão mágica dos Amish. Vestia saias compridas. E camisolas largas. Usava o cabelo, escuro e comprido, preso num rabo-de-cavalo. A sua conduta era tranquila e despretensiosa. Não fazia nada para chamar a atenção sobre si quando se sentava a tocar harpa ou realizava as suas tarefas diárias, mas nada fazia diminuir o esplendor puro do seu rosto maravilhoso e dos olhos luminosos cor de violeta. Quer dizer, a fada mais simples seria capaz de fazer parar o trânsito em qualquer lugar do mundo humano.

O que vos estou a tentar dizer é que Bettina representava tudo o que irritava uma *troll* com mau feito.

– Ignora-a – disse eu. – É o que eu e o Luke tentamos fazer.

Sendo «tentamos» a palavra-chave.

A chama azul de Bettina tremeluziu e fiquei novamente sozinha. Ou melhor, tão sozinha quanto era possível na companhia de quatro gatos mimados. *EZ* miou para chamar a minha atenção, preparou-se para saltar para cima do meu colo, mas ficou confusa por já não o encontrar.

– Já falta pouco – disse eu, debruçando-me o melhor que conseguia para a coçar atrás da orelha. – Não vou deixar de ter colo para sempre.

O olhar que ela me lançou foi altamente cético e a verdade é que ninguém a podia censurar por isso. Eu estava naquela fase da gravidez em que os meus pés eram uma recordação distante e a ideia de dormir de barriga para baixo mais se assemelhava a um conto de fadas.

Imprimi as fotos dos irmãos e irmãs de Luke. Todos exceto Meghan, a mais nova, que, tanto quanto tinha conseguido perceber, não possuía nenhum registo na Net. Sabia que era a favorita de Luke, mas, além do facto de ser solteira e de mudar frequentemente de residência, não sabia muito sobre ela. Estava prestes a começar nas sobrinhas, nos sobrinhos e no resto da família quando Luke irrompeu pela porta das traseiras como se tivesse o cabelo a arder.

Dei um grito. Os gatos fugiram. Pelo menos, três ou quatro duendes devem ter corrido à procura dos seus colares de contas antistresse.

Ele chegou perto de mim tão depressa que era capaz de jurar que possuía magia, abraçando-me de tal forma que me deixou sem respiração. Literalmente.

– Luke! – Tentei criar um pouco de espaço entre nós para conseguir encher os pulmões de ar.

Ele beijou-me como se um de nós estivesse prestes a partir para a guerra.

– Pensava que... – Ele parou de falar e beijou-me de novo.

Faíscas brancas e prateadas voaram por todo o lado. Fizeram ricochete no micro-ondas, ressaltaram das paredes, embateram no meu portátil com um som metálico e provocaram-me

arrepios na espinha. Fazíamos fãisca desde o dia que nos conhecêramos e eu esperava que continuássemos assim para todo o sempre.

Pousei a mão no peito dele e afastei-me ligeiramente para trás.

– O que se passa?

– É a minha mãe. – Ele estava a fazer aquela coisa típica de agente da polícia, perscrutando tudo com o olhar, à procura de sinais de perigo.

Desatei a rir-me.

– A tua mãe?

– Tem estado a tentar ligar-te. Diz que deixou uma série de mensagens, mas que depois o *voicemail* ficou cheio. – A voz dele perdeu um pouco da sua tensão. – Convenceu-se de que tinhas entrado em trabalho de parto antes do tempo e que estavas deitada no chão da cozinha, sozinha e completamente dilatada.

– Ora bolas... – Fiz sinal para o telefone em cima da mesa da cozinha. – Desliguei-o depois da terceira chamada por causa do *brunch* de domingo. Nunca me ocorreu que ela ficasse preocupada comigo. – A que propósito? Ela mal me conhecia.

– A minha mãe preocupa-se com tudo e mais alguma coisa – disse Luke –, principalmente no que toca à família.

– Mas eu não sou da família.

– Pois... – replicou ele, a afagar-me o cabelo. – Quer queiras, quer não, agora és.

Nem tive oportunidade para pensar sobre aquela afirmação, porque o telemóvel de Luke emitiu três bipes longos, três bipes curtos e depois três bipes longos. O sinal de SOS de Bunny MacKenzie.

– Ela está bem, mãe – disse ele assim que atendeu. – O telefone dela ficou sem bateria, só isso.

Suprimi uma risada enquanto ele revirava os olhos em jeito de resposta.

– Ela passou a manhã a trabalhar em casa... Sim, nós temos telefone fixo... Porque não ligaste para esse? – Seguiu-se uma longa pausa. – Tens aí papel e caneta? O número é... – Ele disse o número duas vezes, para confirmar. – Ela tem muita coisa para fazer, mãe... Não, está aqui ao meu lado... Está bem. – Ele passou-me o telemóvel. – Ela quer falar contigo.

– Não! – exclamei em surdina, dando um passo atrás, mas mesmo a trezentos quilómetros de distância Bunny conseguia sempre o que queria. – Olá, Bunny... Sim, estou bem... Peço desculpa por causa da questão do telefone... Sim, assim farei... Prometo... Está bem... Até domingo. – Despedimo-nos e desliguei o telemóvel.

Devolvi-o a Luke e depois pousei a cabeça em cima do teclado do portátil.

– Este desassossego todo cansa-me.

– Eles não fazem por mal, mas são realmente muito chatos.

Fiz sinal na direção das folhas espalhadas em cima da mesa da cozinha.

– Vocês, os MacKenzie, são mais que as mães.

Ele pegou numa das folhas e começou a rir-se.

– Estás a fazer cábulas sobre a minha família?

– Ou isso ou obrigo-os a usarem um crachá de identificação ao peito.

– Não somos obrigados a fazer isto. Digo-lhes que tens muito trabalho ou algo do género.

– Tenho de ir.

– Se é por minha causa, não vale a pena.

– É por minha causa – respondi. – E pelo bebé.

– Depois de ele nascer haverá mais do que tempo para isso.

– Quero fazer as coisas como deve ser, Luke. Quero que ele tenha tudo o que eu não tive em miúda.

– Foste amada – recordou ele. – Toda a gente da vila cuidou de ti.

Abanei a cabeça.

– Mas não foi a mesma coisa. – Sorchia, a Curandeira, amara-me mais do que ninguém, preenchendo o enorme vazio deixado pela minha mãe e inundando-me com todo o seu amor, experiência e sabedoria até eu ficar a transbordar. Porém, uma minúscula parte de mim estava sempre consciente do facto de Lilith ser a sua filha legítima, enquanto eu era filha das circunstâncias.

Luke olhou novamente em torno da divisão.

– Onde está a criatura horrorosa? Não me cheira a enxofre.

Nem era preciso perguntar a quem se estava a referir.

– Está na loja, a dar cabo da cabeça da Bettina.

Esboçou um sorriso tão esperançoso que me apaixonei por ele outra vez.

– Já falta pouco – respondi, apontando para a minha barriga. – Caso não te lembres, estou extremamente grávida.

Ele beijou-me o pescoço e eu estremeci.

– Caso não te lembres, sou bastante criativo.

E, nos quarenta minutos que se seguiram, ele encarregou-se de me reavivar a memória.

[6](#) Refeição que combina o pequeno-almoço com o almoço. É normalmente realizada aos domingos, quando toda a família se reúne em torno da mesa. (*N. da T.*)

[7](#) Demasiada Informação (no original, *Too Much Information*). (*N. da T.*)



CHLOE — NO DOMINGO SEGUINTE

— Que horror, que horror — murmurou Elspeth, sentada no banco de trás. — Ninguém me dá ouvidos e agora a morte é certa.

Luke olhou-a no espelho retrovisor.

— Importa-se de fazer menos barulho aí atrás? Estou a tentar fazer com que cheguemos com vida ao *brunch*.

Não eram propriamente as palavras que eu queria ouvir, enquanto ele se desviava de um pequeno acidente na montanha que conduzia ao Carole's Lakeside Inn. Tentei não olhar para a carrinha abalroada nem para os miúdos que espreitavam pelo vidro, a chorar, quando passámos ao lado.

— Não estava previsto nevar — disse, possivelmente pela oitava vez desde que havíamos saído de Sugar Maple umas horas antes. — A previsão meteorológica era de frio e sol durante todo o percurso. — Até agora, tínhamos apanhado treze centímetros de neve radiante e vinha mais a caminho.

— Humanos... — murmurou Elspeth, resfolegando com desdém. Eu nunca ouvira ninguém resfolegar com desdém, mas acreditem no que vos digo, é um som muito fácil de identificar. — Não sabem fazer nada de jeito.

Luke balbuciou algo impercetível. Eu deixara de lhe pedir que me trocasse os seus resmungos por miúdos ainda antes de sairmos da periferia de Sugar Maple. Elspeth fazia sobressair as piores características dele.

Dele e de outra pessoa qualquer.

— Lembra-me lá porque veio ela connosco — disse-me Luke, ajustando o aquecimento.

— Porque ninguém lhe pode dizer que não — sussurrei-lhe. — Pelo menos, prometeu-me que não vai aparecer no *brunch*. — Não estava a imaginar o que iria ela fazer sozinha enquanto estivéssemos com o clã MacKenzie, mas, desde que se mantivesse calada, invisível e noutra dimensão, tínhamos uma hipótese de as coisas correrem bem.

— Estou a ouvir tudo — disse Elspeth. — Vim porque Ele assim o quis, mas acreditem que há muitos sítios entre o céu e a terra onde preferia estar.

Como se nós não soubéssemos.

— Tem de mudar essa sua atitude — retorqui, falando por cima do ombro. — Tanta conversa sobre

desgraça começa a dar-me cabo dos nervos. – Tivera um pesadelo horroroso na noite anterior, já não era a primeira vez que me deixara perturbada e cheia de vontade de chorar. Estava trancada num quarto escuro e ouvia o meu bebé a chorar, mas, por muito que fizesse, não o conseguia encontrar. Não era grande adepta desse tipo de sonhos.

– A verdade é como a chicória – respondeu Elspeth. – Deixa um sabor amargo na boca relutante.

Eu e Luke entreolhámo-nos durante uns segundos e depois desatámos a rir às gargalhadas.

– Não tem piada nenhuma – retorquiu Elspeth com o corpo roliço e flexível a vibrar de raiva. – Vocês não tinham nada que vir aqui hoje, entendem? Nada!

– Uma coisa é certa – referiu Luke –, ela é capaz de ter razão.

– Eu ouvi isso – disse Elspeth, a sua voz esganiçada a revelar um tom triunfal.

– Ele está a falar por causa da neve – disse eu ao mesmo tempo que tentava incluir mais umas malhas no gorro que estava a tricotar para o bebé. As viagens de carro, mesmo as mais curtas, haviam diminuído muito de frequência nos últimos meses e toda a gente sabe que as tricotateiras adoram fazer viagens de carro. – Estava tudo bem até ter começado a nevar.

– Devias estar em casa; esse sim, é o teu lugar. – Elspeth continuava a falar como se eu não tivesse aberto a boca. – Tudo tem uma razão, minha menina, e os feitiços de limitação enfraquecem a cada quilómetro que te afastas do centro.

– Feitiços de limitação? Só pode estar a brincar... – Nunca tinha ouvido falar em feitiços de limitação e eu era uma feiticeira de sucesso.

– Os feitiços de limitação protegem o bebé até chegar a hora do nascimento, nunca antes. – Ela lançou-me um daqueles olhares de *troll* que eu tanto detestava. – Não há nascimentos prematuros em Sugar Maple, nunca houve.

Pensei nos vários anos de *baby showers*⁸ e de cerimónias de Apresentação.

– Ela tem razão – disse eu a Luke. – Não me recordo de um único nascimento prematuro.

– E também não vai haver agora – ripostou Elspeth. – Desde que estejas onde deves estar.

O que não era o caso. Estávamos a cerca de cento e sessenta quilómetros de distância de Sugar Maple e desses tais feitiços de limitação. Não obstante o calor proveniente do aquecimento do carro, senti um arrepio estranho da cabeça aos pés. Tentei desvalorizar a situação, mas não conseguia deixar de me sentir pouco à vontade.

– Deixe-se lá dessas coisas – Luke avisou Elspeth. – Não a quero a incomodar a Chloe com os seus disparates.

– Não são disparates – repliquei, pousando a mão no braço de Luke em jeito de aviso. – Os *trolls* só dizem a verdade. É uma coisa congénita.

Sentada no banco de trás, Elspeth estava toda vaidosa.

– Ah, portanto já admites que eu possa saber um bocadinho mais que tu, é isso, minha menina?

– Tem cem anos! – *Mais século, menos século.* – Se não soubesse é que me admirava.

– Vem aí desgraça – anunciou ela – e só espero que a minha magia consiga...

– Cale-se! – A voz de Luke soou baixa, firme e algo ameaçadora.

– Luke... – A minha voz possuía um leve tom de aviso. Nunca se devia irritar um *troll*. Pensava que toda a gente sabia isso.

– Ele também já o pressentiu – disse-me Elspeth com determinação. – Até os humanos o sentem no ar.

– Eu não sinto porcaria nenhuma – respondeu Luke, com os dentes cerrados – e, com magia ou

sem magia, juro por Deus que vou largar esse seu traseiro amarelo e peludo no meio da estrada se volta a dizer mais alguma coisa sobre má sorte ou limitação ou uma palavra que seja sobre o nosso bebé.

Elspeth abriu a boca para lhe responder, mas pensou melhor e deixou-se ficar em silêncio. Contudo, não era um silêncio agradável, pois ouvia-a a resmungar em três dimensões distintas. A tensão que se fazia sentir no interior do *Jeep* causava-me dor de dentes e estava prestes a perguntar a Luke se não se importava de largar o meu traseiro amarelo e peludo no meio da estrada quando ele disse:

– É ali.

Pousei a malha e espreitei pela janela.

O Carole's Lakeside Inn era exatamente como eu esperava que fosse: uma estrutura extensa, feita de pedra e madeira, com um lago à frente e uma vista para as White Mountains visível por entre a neve que caía.

– O parque de estacionamento está a abarrotar – observou Luke assim que começámos a subir a ladeira. – Eu deixo-te à porta e vou procurar um lugar para estacionar o carro.

– Podemos ir a pé – disse Elspeth. – Não há necessidade de mimar a menina só porque está grávida.

– Mima-me – pedi a Luke. – O meu centro de gravidade está em constante mudança. – Eu era a rapariga alta e desengonçada que passava a vida a tropeçar nos próprios pés. Se acrescentássemos a isso um passeio coberto de gelo e uma enorme barriga de grávida estaríamos a chamar a desgraça.

– Faz-te bem andar – insistiu Elspeth. – É a melhor forma de te preparares para o que aí vem.

– Meta-se na sua vida! – gritei-lhe. – Quando tiver um bebé venha falar comigo.

– Tens a mania que sabes tudo, minha menina. Dei à luz onze filhos com três pares de gémeos pelo meio.

– Carregou onze filhos na barriga? – Eu estava a tentar apanhá-la em falso. Elspeth era muito esperta, capaz de todo o tipo de artimanhas verbais.

– O que acabei de dizer? Quem havia de os ter carregado?

Não era como se eu fosse começar a discutir gravidezes *in vitro*, barrigas de aluguer ou doação de óvulos. Além do mais, não era ela que criticava os MacKenzie por terem sido tão prolíficos?

– Deve ter sido há imenso tempo – murmurou Luke.

– Eu ouvi isso – disse Elspeth.

– Ainda bem.

– Para com isso, Luke. – Pousei a mão no braço dele. – Fale-me sobre os seus filhos, Elspeth. – Imaginara-a a derradeira solteirona, satisfeita por viver uma vida de servidão com um macho poderoso, mas carente: Samuel, companheiro de Aerynn.

– Oito furaram o véu; três foram além no nevoeiro viver entre as fadas.

– Mantém o contacto com eles? – perguntei.

– Para mim é como se tivessem morrido.

Fez-se luz na minha mente.

– Por isso é que foi tão desagradável com a Bettina no outro dia. – Parecia que a guerra com as fadas jamais teria um fim.

Ela esboçou uma careta particularmente feia ao ouvir o nome de Bettina.

– Essa é uma tonta, nem vale a pena perder tempo a pensar nela.

– Porque transpuseram os seus filhos o nevoeiro? Casaram com fadas?

Ela franziu os olhos na minha direção e juro que senti a irritação dela a penetrar-me no crânio.

– Eram rapazes fracos, presas fáceis para as fadas sacerdotisas esfomeadas à procura de sangue novo. Não tiveram qualquer hipótese.

O poder sexual das fadas era lendário. Quando um membro das fadas concentrava todo o seu poder numa pessoa, estava feita. Eu tivera sorte por a minha experiência com Dane só ter resultado em algumas mossas emocionais.

Parecia que tinha sido noutra vida.

Espreitei pela janela, para as filas de carros estacionados.

– Estou a ver uma série de matrículas de Massachusetts – disse eu, tentando disfarçar o tremor da minha voz. – Alguma delas te parece familiar?

– Os meus pais. O Ronnie. Uma das minhas irmãs.

– Ai ai...

– Ainda vais a tempo de mudar de ideias – disse ele.

– Não vou nada – respondi. – Está ali alguém a acenar-nos.

– Desculpa? – Luke virou a cabeça na minha direção. – Não percebi.

– Eu disse que está ali alguém a acenar-nos.

– Ohhhh... – Elspeth emitiu um som agudo e prolongado. – Já começou... Já começou e não pode ser evitado.

– Não começou nada – protestei, enquanto Luke acenava a um sorridente casal de meia-idade e depois dava mais uma volta ao pequeno parque de estacionamento. – São só umas borboletas de nervosismo no estômago.

Assim que proferi as palavras, uma série de borboletas saíram-me da boca e encheram o interior do *Jeep*.

– Mas que raio?!... – Luke ainda conseguiu evitar bater num *Saab* estacionado ao mesmo tempo que uma borboleta-monarca pousava no seu nariz.

– O feitiço de limitação está a perder força – disse Elspeth. – É mau sinal... Muito mau sinal.

– Pare lá com essa coisa do feitiço de limitação, ouviu, Elspeth? Está a dar comigo em doida!

– Estás a falar em francês – reparou Luke. – Desde quando é que sabes falar francês?

As borboletas desapareceram e foram substituídas por estrelas cadentes, minúsculas e prateadas. Infelizmente, estavam a sair-me dos ouvidos e a cair em cima de Luke e da *troll* sentada no banco de trás.

– Ai! – Luke sacudiu-as com as mãos, enquanto elas voavam à volta da sua cabeça.

– Peço desculpa!

Uma flotilha de estrelas empurrou Elspeth contra a porta.

Ou seja, nem tudo era mau.

– Faz alguma coisa! – gritou Luke quando uma estrela cadente fez uma moosa no para-brisas. – Estas coisas magoam!

– E eu que o diga – repliquei. Possivelmente em francês, mas não tinha a certeza.

Passámos por outro carro com matrícula de Bay State no preciso instante em que estacionava num lugar vago. Os pais estavam demasiado ocupados a gritarem com os miúdos sentados no banco de trás para se aperceberem do fogo-de-artifício que decorria no interior do nosso carro.

Devia ter dado ouvidos a Lilith quando ela recomendara um regime de ioga para acalmar os meus nervos em franja. Talvez agora não estivesse a falar francês e a cuspir borboletas e estrelas cadentes dos mais variados orifícios.

Uma coisa era certa: não podia encontrar-me com a família de Luke naquele estado.

Respirei fundo, centrei-me e depois mergulhei profundamente na versão do Reader's Digest do Livro de Feitiços que eu esperava durasse a distância entre Sugar Maple e o lago Winnepesaukee.

Foram necessárias três tentativas, mas o meu domínio da língua inglesa voltou e as borboletas e estrelas cadentes desapareceram. Agora a única coisa que tinha de fazer era lembrar-me da mistura de feitiços para o caso de começar a cuspir partículas de ouro durante o *brunch*.

– Ainda estás a tempo – disse Luke assim que um lugar vagou miraculosamente junto à porta da entrada.

– Isto não vai correr nada bem, minha menina – lembrou Elspeth. – Deixa o humano levar esta geringonça de volta para o sítio de onde viemos.

Devia tê-lo feito. Em retrospectiva, quem me dera ter dado ouvidos a Luke e a Elspeth e ter dito: «Vamos voltar para Sugar Maple o mais depressa possível.»

Porém, não o fiz e esse foi o meu primeiro erro.

[8](#) Comemoração do futuro nascimento de uma criança em que se oferecem presentes aos pais numa festa formal, uma prática muito comum nos Estados Unidos. (*N. da T.*)



MEGHAN

O nome dele era James Whelan e tinha uma cabana de madeira em Massachusetts. Uma cabana de madeira no meio de nada, longe dos olhares dos vizinhos e das estradas agitadas, o lugar onde eles haviam passado os últimos cinco dias na cama, a conhecerem-se mutuamente. Ela não se lembrava muito bem como tinham ido ali parar. Conduzira até lá. Ou talvez tivesse sido ele. Talvez ninguém tivesse conduzido e eles tivessem sido teletransportados por Scotty e a restante equipa da nave espacial *Enterprise*. Por ela, o mundo podia ir para o diabo. James era a única coisa que importava.

Ela sabia que ele era inconstante, divertido num minuto e deprimido no minuto seguinte. Sabia que ele tinha mau feitio, o que implicava sexo escaldante, seguido de sexo de reconciliação, lento e doce. Sabia que se sentia cheia de vida quando estava com ele. E sabia que jamais iria durar.

Nos momentos raros de lucidez, ela compreendia que toda a situação era de loucos. As mulheres equilibradas não largavam o emprego, e as suas vidas, só porque um homem cheirava a luz estelar, mas desde que ele entrara no Hot Yoga que a vida dela ficara completamente descontrolada.

Ela mentalizou-se de que tinha sido por causa dos olhos dele. Os olhos azuis-aço, enfeitados com umas pestanas escuras e grossas, haviam sido a desgraça dela. Bastara um olhar para ela ficar enfeitiçada.

— Sou louca por sexo — disse ela, aninhada com a boca encostada à barriga dele, quente e dura. — Não consigo ficar saciada. — Ela deslizou a língua por ali abaixo, e depois mais um pouco, até o corpo dele reagir.

Ele disse-lhe o que queria e ela fez-lhe a vontade. Ambos sabiam que ele lhe ensinaria coisas que nenhum mortal sequer sabia que existiam. Coisas deliciosamente pecaminosas que a faziam corar na escuridão, quando ela nunca havia corado na vida. Era muito mais do que apenas bom sexo. Era sexo pelo qual valia a pena morrer e tudo fazer, e começava a assustá-la.

Na sexta manhã, bem cedo, ela olhou-se no espelho e sentiu um arrepio a percorrer-lhe o corpo inteiro. Tinha um aspeto feroz e faminto, selvagem. Como uma mulher que havia sido criada por lobos em vez de uma família norte-americana tradicional, com ascendência irlandesa e práticas religiosas.

Tentou imaginar entrar no Carole's Lakeside Inn para felicitar Luke e a sua nova fosse lá o que

fosse, e só de pensar nisso desatou a rir-se às gargalhadas. Sabem o que é uma intervenção, não sabem? A mãe dela iria pensar que andava a consumir drogas (heroína, talvez, ou *crack*) e arrastá-la-ia para um desses centros de reabilitação que prometem fazer milagres em trinta dias, caso contrário, devolvem o dinheiro.

Ela adorava Luke, amava-o muito. Ele era o único dos seus irmãos que a compreendia. A morte de Steffie deixara toda a família em estado de choque, arrastando o irmão para uma espécie de dor que ela desejava nunca vir a conhecer. Se ele tinha realmente conhecido alguém e estava a recomendar a sua vida ela queria estar presente para o felicitar.

Olhou novamente para o seu reflexo. A expressão extasiada do seu olhar. Os lábios inchados de tantas horas aos beijos. A mãe daria cabo dela se aparecesse no *brunch* com aquele aspeto. Ainda assim, ela interrogou-se se deveria tentar. A ideia de levar James com ela era tão má que chegava a ser irresistível.

– O que me dizes a irmos de carro até ao lago Winnepesaukee tomar o *brunch* com a minha família?

James estava deitado em cima da cama, todo ele pernas e braços musculados e peito largo. Foi preciso imensa força de vontade para ela não se pôr em cima dele.

O sorriso dele era lânguido e divertido.

– Com este tempo?

Ela atravessou o quarto até à janela, deliciosamente consciente do olhar quente dele sobre o seu corpo. Ficou admirada por os seus ossos não se terem derretido.

A quantidade de neve alarmou-a. A paisagem inclinada das árvores e dos pequenos montes havia sido apagada por, pelo menos, vinte centímetros de manto branco.

– Parece-me que afinal já não vamos ao lago Winnepesaukee – disse ela, caminhando lentamente em direção à cama.

– Estás desiludida?

Ela esboçou um sorriso preguiçoso também.

– Isso agora depende de ti.

Ele agarrou-lhe o pulso e puxou-a para cima de si. Decorreu imenso tempo até que qualquer um deles proferisse uma palavra.

Horas depois, ela abriu os olhos a tempo de o ver vestir as calças de ganga.

– Não precisas de te vestir por minha causa – disse-lhe ela, enquanto ele pegava na linda camisola *Aran* que envergara na viagem de carro até à cabana de madeira.

– Vão fechar as estradas. Se não for já buscar mantimentos, amanhã por esta altura já teremos morrido de frio e à fome.

– Espera – exclamou ela, sentando-se na cama e espreguiçando-se. – Eu vou contigo.

– Gosto de ti aí onde estás. – Ele inclinou-se e forçou-a contra o colchão com o peso do seu corpo. Em seguida, beijou-a até ela se esquecer de tudo menos o quanto o desejava.

– Eu costumava ser um membro produtivo da sociedade – disse-lhe ela ao mesmo tempo que o desejo, doce e urgente, lhe invadia os sentidos como um trago de vinho.

– Davas aulas de ioga – respondeu ele, agarrando-lhe os seios com as mãos enormes.

Ela arqueou o corpo contra o dele. Ainda assim, não estava suficientemente perto.

– É uma profissão respeitável.

– Há coisas melhores onde empregarmos o nosso tempo.

– Lá isso é verdade.

Ele afastou-se.

– Há vinho em cima da bancada da cozinha. Já pus a arder os três últimos toros de madeira.

Talvez me demore, depende do estado das estradas. – Pegou nas chaves do *Toyota* velho dela.

– Vais levar o meu carro – observou ela.

Ele esboçou um sorriso.

– Pensavas que ia a pé?

– E se acontecer alguma coisa?

– Como por exemplo?

– Sei lá. Uma emergência... qualquer coisa.

– Tens o telemóvel – respondeu ele, desvalorizando a preocupação dela. – Liga para alguém.

Ele saiu porta fora antes de ela ter tempo para lhe perguntar o número do telemóvel.

Sentia-se demasiado descontraída para se preocupar, demasiado esgotada para sequer pensar em questionar o facto de que, se ele não regressasse, ela ficaria completamente isolada.

De momento, ela estava exatamente onde queria estar.



CHLOE

— Ela não vai ficar quieta — disse Luke, enquanto Elspeth se derretia num floco de neve e desaparecia. — Acredita no que te digo, ela vai aparecer junto ao bufê com cara de sócia malvada da Betty White.

— Ela não é grande fã dos humanos — lembrei-o. — Tenho a certeza de que vai manter-se afastada até serem horas de voltarmos para casa.

— Para onde achas que ela foi? — perguntou-me Luke espreitando para a neve.

— Não sei e também não me interessa. Deixa os *trolls* seguirem o seu rumo — aconselhei-o. Quando parasse de tricotar bordaria esse pensamento numa almofada para o sofá.

— Quem me dera que ela não cheirasse a *waffles* — exclamou Luke e dei uma gargalhada. — Está a dar-me cabo dos pequenos-almoços.

— Vamos lá — disse-lhe, agarrando-me ao braço dele. — Vamos embora antes que eu perca a coragem.

— Eles estão parados à porta — comentou Luke enquanto percorríamos o caminho repleto de neve. — Estás preparada?

Respirei fundo e endireitei os ombros.

— Não — repliquei e rimo-nos.

— Sejam bem aparecidos! — Bunny deu um passo em frente, com os braços estendidos, e deu-me um abraço. A pregadeira em forma de árvore de Natal luminosa que ela tinha presa no ombro esquerdo cravou-se no meu peito. — Quando vimos a neve ficámos com receio de termos de adiar.

— Eu sou uma rapariga terra-a-terra da Nova Inglaterra — repliquei, desenhando-me da pregadeira mortífera. — Não é um bocadinho de neve que nos vai demover. — O que, na verdade, era uma enorme mentira, uma vez que nem me atrevia a conduzir entre os meses de outubro e maio e tinha pavor de escorregar na neve.

Ao nosso lado, Luke e o pai fizeram aquela coisa masculina do choque de peitos que serve de cumprimento, mas eu vi emoção verdadeira no olhar deles. Tanto quanto sabia, não se viam havia pelo menos dois anos, embora nenhum deles tivesse feito referência a esse facto.

— Pai — disse Luke, pegando-me na mão —, esta é a Chloe.

Jack MacKenzie olhou-me durante o que me pareceu ser uma eternidade.

– Com que então você é a razão por que ele se mudou para a terra da neve.
– Não, o meu trabalho é a razão por que me mudei para lá – corrigiu-o Luke, algo impaciente.
– Sim – disse eu, esboçando o que esperava que fosse um sorriso malandro –, mas eu sou a razão por que ele continua lá.

Caramba. Era uma piada, malta. Deviam ter-se rido, mas em vez disso o silêncio que se instalou parecia capaz de cortar a minha chica-espertice interior à fâca.

Luke olhou-me fixamente. A mãe dele corou. O pai semicerrou os olhos e depois, quando eu pensava que não havia magia no mundo suficiente para desfazer o disparate que acabara de fazer, Jack MacKenzie atirou a cabeça para trás e desatou às gargalhadas.

– Começo a perceber porquê – disse. Em seguida puxou-me para ele e deu-me um abraço do tamanho do mundo, deixando-me com falta de ar. – O meu filho sabe escolhê-las.

Não estava muito segura quanto ao comentário «sabe escolhê-las», mas decidi deixar esse assunto para outro dia. A minha chica-espertice interior estava oficialmente de folga até regressarmos a Sugar Maple.

– Prazer em conhecê-lo, Mister MacKenzie.

– Mister MacKenzie era o meu pai. Trate-me por Jack.

Seguiu-se outro abraço de partir costelas.

– Pai – disse Luke –, tem lá calma. Ela agora está a respirar por dois.

– Ai, pois é! – Jack ficou muito corado e afastou-se como se eu estivesse em chamas. – Estava só...

– Eu estou bem – repliquei, dando uma palmadinha na testa carnuda dele. – O Luke preocupa-se demasiado.

Os MacKenzie ficaram subitamente nostálgicos e eu percebi que se tratava da recordação da neta que haviam perdido.

– A preocupação é saudável. – A voz de Bunny soava bastante animada, mas o seu olhar denunciava-a. Senti os meus nervos em franja a acalmarem-se. – Se não nos preocupássemos com a nossa família é que seria de estranhar.

– Você parece-me familiar, faz-me lembrar uma atriz qualquer – disse-me Jack enquanto dávamos meia volta e entrávamos na sala de refeições. Ele voltou-se para a mulher. – Tu sabes quem é, Bunny. Aquela alta e loura, muito magrinha...

– A Uma Thurman – disseram Luke e Bunny em uníssono.

– Explica-me lá qual é essa – pediu Jack a Bunny.

Bunny imitou a cena do *twist* do filme *Pulp Fiction*.

– Não – replicou Jack –, não é essa. Eu disse loura.

– Ela tinha uma peruca no filme, Jack. A Uma Thurman é loura.

– Acredita, pai – disse Luke. – A Chloe é a cara chapada da Uma aqui há uns dez anos.

– O quê? – exclamei. – Só se a Uma andar por aí com uma barriga de dez quilos.

Aquilo despertou a atenção de Bunny e ela veio para o meu lado em menos de nada.

– Dez quilos? – Olhou-me de cima a baixo. – Quanto mede? Metro e sessenta, talvez?

Acenei com a cabeça. Era bastante próximo.

– Faziam-lhe falta mais uns quilitos.

Respirei fundo e rezei para que dissesse a coisa certa. Logo por azar a avó da minha filha era uma enfermeira reformada.

– Até agora tenho mantido o peso ideal – respondi no tom mais descontraído possível.

Ela arqueou uma sobrancelha loura e impecavelmente arranjada.

– E o seu médico é da mesma opinião?

Esperava conseguir adiar a parte das mentiras, mas a coisa já estava a avançar a todo o vapor.

– Até ver...

Ela deu-me o braço.

– E que tal esse apetite?

– Excelente.

– É um bom garfo?

Comecei a rir.

– Cinco legumes e três peças de fruta por dia. – Sem falar nas *Chips Ahoy*, no *Ben & Jerry's* e nas porções de queijo derretido, mas também não era preciso pô-la a par de tudo.

– Somos uma família muito cusca – informou-me ela. – Deixe passar uns anos. Há de habituar-se.

Ela falava sobre o futuro como se fosse um dado adquirido, como se pudesse visualizar tudo até ao final feliz que nenhuma mulher Hobbs alguma vez conseguiu alcançar.

Porém, eu não tinha tempo para pensar sobre isso. Bunny MacKenzie era uma máquina de perguntas com pernas. Atirava-mas da mesma maneira que uma máquina lançava bolas no Driving Range and Batting Cage, em Sugar Maple.

– Com quem estava a falar junto à carrinha?

Olhei-a como se o inglês fosse a minha segunda língua.

– Como?

Ela esboçou um sorriso paciente.

– A mulher com quem estava a conversar junto à carrinha. Era uma amiga sua?

Que chatice. Ter-nos-ia realmente visto a falar com Elspeth? Era impossível eu explicar a existência de uma *troll* com noventa centímetros de altura e o cabelo da cor de um táxi amarelo.

– Uma conhecida minha, é dona da estalagem – retorqui, tropeçando nas palavras. Não era uma resposta, mas talvez Bunny não se apercebesse.

O que era pouco provável.

– Ah, é a proprietária?

– É uma das funcionárias.

– Pareceu-me familiar.

Lancei um olhar sério a Bunny.

– Já tinha vindo à estalagem?

– Nunca, mas algo na mulher me pareceu bastante familiar. Por acaso, achei-a parecida com a Betty White. – E deu uma risada. – Enfim, é o que acontece quando se chega à minha idade, querida. As pessoas todas acabam por nos parecerem familiares.

Eu e Luke fomos rodeados por uma série de pessoas assim que entrámos na sala de refeições, a maior parte delas com ligeiras parecenças com o pai do meu bebé. Altas. Bem-parecidas. Sociáveis. Será que me esqueci de mencionar barulhentas?

Eram também o grupo mais dado a abraços que eu alguma vez havia conhecido. Andei de abraço em abraço, qual boneco de peluche gigante, enquanto rostos e nomes voavam por mim à velocidade da luz.

Dez segundos depois já estava saturada da família dele. Todo o trabalho que havia tido com o

Facebook fora pelo cano abaixo. Bem podiam ser os Trapp Family Singers ou os Brady Bunch, para mim era a mesma coisa. Mais um ponto para o cérebro de grávida.

Olhei na direção de Luke, à procura de ajuda, mas ele estava igualmente rodeado de MacKenzies que variavam de tamanho e idade, a maioria dos quais a dar-lhe na cabeça por ter estado tanto tempo sem dizer nada. Ele viu-me e fez uma expressão do género «eu bem te avisei» que até podia ser engraçada se não me estivesse a afogar em perguntas.

Comecei a lançar respostas como se fossem discos voadores, na esperança de que fossem apanhadas pelo MacKenzie certo.

– Estou no nono mês de gestação... Uma menina... Não, ainda não escolhemos o nome... Não somos casados... Não, não estamos noivos... Sim, é uma relação séria... Não faço ideia... Não sei.... *Socorro!*

Não cheguei a gritar por socorro, mas estive perto de o fazer. Já havia presidido a reuniões contenciosas na Câmara Municipal bastante mais fáceis, com fantasmas, vampiros, lobisomens, seres metamórficos, bruxas e um gigante da montanha com insónias.

Já para não dizer menos barulhentas.

Uma grávida que devia ter a minha idade colocou o braço à volta dos meus ombros e inclinou-se para mim.

– Não sei se o mesmo se passa contigo, Chloe, mas se eu não comer alguma coisa nos próximos trinta segundos não me responsabilizarei pelos meus atos.

– Não sei quem tu és – respondi-lhe –, mas se me mostrares onde estão os *waffles* belgas juro que financiarei a educação do teu filho em Harvard. – Ainda que os *waffles* cheirassem imenso à Elspeth.

– Sou a Kim Davenport, a irmã mais velha do Luke e, se calhar, vou aceitar a tua oferta.

Baixei o olhar para a sua barriga de tamanho médio.

– É para abril? – perguntei.

– Tax Day⁹. – Ela revirou os olhos. – Belo *timing*, não te parece?

– Eu consigo fazer melhor – repliquei. – Um de janeiro.

Ela desatou a rir.

– Fantástico! O meu imãozinho já não vai poder usufruir da redução de impostos deste ano.

– És a analista financeira, certo?

– Nota-se muito?

Ela conduziu-me até uma mesa repleta de *waffles*, panquecas, ovos mexidos, *bacon*, salsichas e todo o tipo de bolos possível e imaginário. Um bufê de omeletas ocupava um dos cantos da sala, imediatamente ao lado de um bar aberto que servia *cocktails* com um aspeto delicioso.

– Dava tudo para poder beber uma coisa daquelas – exclamou Kim.

– Eu sou mais do género do vinho em pacote, mas bebia à vontade uma ou três coisas daquelas.

– Podes crer.

Olhei-a fixamente, com a sobrancelha arqueada.

– Tu, pelo menos, não precisas de etiquetas identificativas para manteres a coisa em ordem na tua cabeça.

– Quanto queres apostar? – retorquiu ela. – Aqui só está metade do clã. Espera até passares pela experiência que é o Dia de Ação de Graças MacKenzie.

– Já me dou por satisfeita se conseguir sobreviver ao *brunch* MacKenzie.

– Somos barulhentos, chatos e obstinados, mas estamos cheios de boas intenções.
– Se estás a tentar tranquilizar-me, aviso-te que não está a resultar.
– Estou a falar a sério – disse Kim. – Todos sabemos que és o motivo por que o Luke está aqui hoje.

Território perigoso. E eu não estava para arriscar pisar uma mina familiar.

– Estou contente por termos vindo – respondi-lhe à cautela.

Ela sorriu-me e trocámos um olhar sabedor. Senti que talvez tivesse feito uma amiga. Por outro lado, não podia ter a certeza. Eu era a forasteira ali, de uma forma que ela nem sequer imaginava. Ainda assim, estávamos a delinear fronteiras, a escrever o nosso próprio manual. A minha lealdade era, antes de mais nada, para com Luke e o nosso bebé, mas era bom saber que talvez tivesse uma aliada na família.

Não que estivesse a pensar em termos de alianças, mas, tal como já vos disse antes, vejo imensa televisão e, do que tenho observado, as famílias tinham tanto de conflituosas como também de apaziguadoras. E, no caso das famílias numerosas, isso era ainda mais evidente.

Eu e Luke jamais encaixaríamos no padrão MacKenzie da mesma maneira que os seus irmãos e irmãs, e respetivas famílias, encaixavam. Mais cedo ou mais tarde, iríamos desiludir Bunny e Jack. Quando isso acontecesse, necessitaríamos de alguém do lado de dentro para nos defender e eu tinha praticamente a certeza de que Kim seria essa pessoa.

Na verdade, esperava que a mais nova da família, Meghan, fosse a nossa defensora. Sabia que era a favorita de Luke, mas ela ligara a Bunny para a avisar que tinham ficado retidos por causa da neve e que iriam tentar comparecer.

E toda a gente sabia o que isso significava.

– Deve ser por causa do namorado novo – comentou Bunny, com um ar reprovador. – Quem me dera que ela conhecesse um rapaz simpático e assentasse de uma vez. Será assim tão complicado?

– Deixa-a estar, mãe – replicou Luke. – Se continua a insistir ela ainda vai acabar a viver com uma estrela *rock* algures em Las Vegas.

– Talvez conheça alguém com quem ela pudesse namorar – disse Bunny, dirigindo-se a mim. – Um rapaz solteiro e bem-parecido lá da sua vila encantadora.

Engasguei-me com um pedaço de *waffle* e tive de o empurrar para baixo com um trago de sumo. A ideia de ver a irmã de Luke atracada a qualquer dos solteirões de Sugar Maple provocava-me uma reação alérgica. Os nossos segredos estariam espalhados pela Internet num abrir e fechar de olhos.

– Onde fica essa sua vilazinha? – perguntou-me Ronnie, o irmão mais velho, quando nos sentámos a uma mesa enorme.

– Tu sabes onde fica – interveio Luke. – Não me largas a braguilha desde que aceitei aquele emprego.

– Estou só a fazer conversa – replicou Ronnie, piscando-me o olho. – Dizem que tenho imenso jeito para isso.

Era por de mais evidente que Luke não estava com disposição para conversas fraternais.

– Deixa-a comer primeiro – disse-lhe ele com maus modos. – Viemos a conduzir desde as oito da manhã.

– Podes falar com a boca cheia – autorizou Ronnie, com um sorriso perverso muito idêntico ao de Luke. – Eu não me importo.

– No Norte de Vermont – respondi, espetando o garfo num pedaço de fiambre e num bocado de *waffle* dourado a pingar melaço. – Uma vila minúscula chamada Sugar Maple.

– Devias ter visto – respondeu Bunny com entusiasmo. – É um pequeno vilarejo levado à quinta-essência típico da Nova Inglaterra.

– Levado à quinta-essência! Vejam só... – Tiffany, a cunhada de Luke, deu uma cotovelada no homem sentado ao seu lado. Parti do princípio que se tratava do marido, Kevin. – A empregar palavras caras só porque o Luke trouxe a... – Ela calou-se de repente, claramente sem saber o que me chamar.

– Amante – respondeu Jen, erguendo o *cocktail* para fazer um brinde. – Parece-me que isso é mais do que óbvio.

Um silêncio constrangedor instalou-se à mesa. Senti o calor a subir-me pela garganta e a invadir-me as faces. Olhei para Luke e reparei que um dos músculos do seu maxilar começara a tremer. Sim, éramos amantes, mas havia mais qualquer coisa na afirmação dela que não agradara a nenhum de nós.

– Eu prefiro companhia – disse Kim, pegando no copo de sumo de laranja sem champanhe.

– Eu não vou nessa coisa de companheiros – exclamou o patriarca Jack, lançando-nos um olhar reprovador. – Há maridos e há mulheres. E é assim que as coisas devem ser.

– E também há dois maridos ou duas mulheres – exclamou Kim, piscando o olho.

– Mas que ideia é a tua, Kimberly Marie? Sabes bem que é melhor não falar dessas coisas com o teu pai – disse Bunny à filha mais velha para gáudio do resto da família. – Vamos todos concordar em discordar com o teu pai e acabar com o assunto de uma vez.

Pessoalmente, adorava discussões acesas sobre o casamento e as uniões de facto entre homossexuais. Tudo o que desviasse a atenção de Sugar Maple, mas os MacKenzie não largavam o assunto em questão.

Eu.

– Quer dizer que nasceu em Sugar Maple – insistiu Bunny ao mesmo tempo que eu insistia em espicaçar o *waffle* com os dentes do garfo.

Esbocei o meu melhor sorriso.

– Há quase trinta anos.

– De onde é a sua gente?

A minha *gente*? As coisas estavam prestes a complicar-se. Eu não tinha gente.

– A minha mãe também nasceu em Sugar Maple.

– E o seu pai?

– Então, mãe? – interpôs Luke. – Pareces um advogado de acusação que eu costumava conhecer.

– Não me digas que é o horroroso do David Devaney! – exclamou Jen, a abanar a cabeça. – Namorei com ele antes de conhecer o Paul. O homem penteava o cabelo por cima da careca de tal maneira que punha o penteado do Donald Trump a um canto. – Ela estremeceu e toda a gente se riu.

– Estás a ser mal-educada – ralhou Bunny. – Aliás, todos vocês. Estamos a tentar conhecer melhor a Chloe, não a conversar sobre antigos namorados. – Lançou um olhar eloquente à filha, do género de deixar uma mulher adulta completamente de rastos.

Não sei o efeito que teve em Jen, mas comigo resultou. Estava a caminhar rapidamente para um elevado estado de ansiedade e sabia o que isso implicava. As pontas dos meus dedos começaram a ficar dormentes e esperava não estar prestes a esturricar espontaneamente a omeleta de Jack.

Conseguiu justificar o incidente dos dedos lança-chamas durante os saldos da Sexta-Feira Negra na Sticks & Strings, mas de modo algum Bunny iria deixar-se convencer uma segunda vez.

– E o seu pai? – insistiu Bunny. – De onde é Mister Hobbs?

Mister Hobbs? Não existia Hobbs nenhum. Porque não pensara nisso como devia ser? Estivera tão entretida a tentar memorizar as fotografias e as minibiografias dos MacKenzie que me esquecera de organizar a minha própria biografia repleta de falhas.

– Ele... Hum... O meu pai não se chamava Hobbs. – Disse a mim mesma que não havia motivo para me sentir envergonhada, mas sentia-me exatamente como me sentira durante a minha breve passagem pela universidade. Uma mulher meia humana e meia feiticeira com os pés, tamanho 42, pousados firmemente em ambos os mundos e incapaz de explicar a minha posição em qualquer um deles.

– A sua mãe casou duas vezes? – Bunny não dava tréguas.

– Não, só uma – repliquei. – A Guinevere manteve o nome de solteira quando casaram.

– Guinevere – exclamou Kim com um suspiro exagerado. – Que nome maravilhoso.

Lancei-lhe um sorriso em jeito de agradecimento.

– Então como se chama o seu pai? – perguntou-me Jen, enfiando uma colherada de flocos de aveia na boca de uma criança muito pequena que subitamente aparecera no seu colo. – Deve ser Artur.

– Ted Aubry – respondi-lhe, talvez um pouco mais abruptamente do que o pretendido, mas o stresse começava a afetar-me. Já não tinha a certeza se o tom de escárnio subjacente às palavras delas seria imaginação minha.

– De onde era ele? – indagou Bunny, inclinando-se para a frente.

– Do Maine.

– E a gente dele continua lá?

Senti o ar a esvaír-se dos meus pulmões, completamente apanhada de surpresa.

– Desculpe?

– A gente dele – repetiu ela. – Irmãos, irmãs, primos... Deve ter familiares lá em cima, não?

Subitamente, o inglês deixou de ser a minha língua materna e vi-me aflita para compreender a pergunta dela. Tanto planeamento, tantos anos a repetir a mesma história, vezes sem conta, e aqui estava a única pergunta que nunca ninguém me tinha colocado.

Senti-me a desmanchar como uma camisola mal tricotada, com pontas soltas a voarem por todo o lado. Era uma mulher Hobbs dos pés à cabeça. As recordações do meu pai eram sombras docemente desvanecidas quando comparadas à luz vibrante projetada pela minha herança mágica. Nunca aparecera nenhum Aubry em Sugar Maple à procura de Ted ou da menina que ele deixara para trás.

Anos de saudade ergueram-se em mim como uma onda gigante, trazendo com eles recordações que pensava ter conseguido substituir por outras mais recentes e melhores. Eu é que era diferente. A rapariga que nunca se encaixava muito bem em lado nenhum. A adolescente revoltada com uma bagagem emocional por de mais humana. Estava tudo ali, reunido no interior do meu coração e da minha mente e o mais certo seria continuar.

– A minha mãe era fiandeira. O meu pai era um carpinteiro do Maine. Conheceram-se, apaixonaram-se, casaram-se e, quando eu tinha seis anos, morreram num acidente de viação. Não tenho mais ninguém. – Respirei fundo e tentei acalmar o formigueiro que sentia na ponta dos dedos.

– Mais alguma pergunta?

Jen, a irmã, virou os olhos de um tom azul-elétrico na minha direção:

– És católica?

Atingi o meu limite.

[2](#) Regra geral, dia 15 de abril, data oficial para a entrega de declarações de impostos nos Estados Unidos. (*N. da T.*)



LUKE

— Mas qual é o teu problema?! — explodi assim que Chloe saiu porta fora. — Não percebeste que ela estava perturbada? — Estava admirado por eles não terem reparado no fumo que começara a brotar das pontas dos dedos dela. Felizmente, não ativara o alarme de incêndio.

— Só lhe perguntámos sobre a família — replicou a minha mãe, estendendo as mãos. — Pergunto a toda a gente pela família. Qual é o mal?

Se ela soubesse...

— Podias ao menos ter-nos avisado — disse o meu irmão Ronnie, dando uma dentada num bagel com queijo creme. — Como íamos adivinhar que os pais dela tinham morrido num acidente de carro?

— O Ronnie tem razão. — Agora era a vez de o meu irmão Kevin meter a colher. — Se não te tivesses enfiado nessa terra com nome à gelado *Ben & Jerry's* estes meses todos, talvez soubéssemos o que se passava contigo.

Teria ele razão? Sim, de certa forma até tinha.

E eu ia admiti-lo? Nem pensar!

— Deixa-o em paz, Kev. — A mulher dele, Tiffany, pousou-lhe a mão no braço, mas ele sacudiu-a. — A vida é dele.

— Ele é um palhaço egoísta, é o que é — replicou Kevin em tom de desafio.

— Ei, irmãozinho, tu é que fugiste para Roma durante três anos — retorqui.

— Isso foi em trabalho.

— Também eu.

Kevin murmurou algo entredentes e eu tive vontade de lhe dar um pontapé no traseiro.

— Se tens alguma coisa para me dizer, diz. — Eu parecia saído de um filme de Clint Eastwood.

Ele lançou-me o mesmo olhar que costumava dirigir-me quando andávamos na escola secundária e competíamos por um lugar na equipa de futebol. Atualmente, irritava-me ainda mais do que nesses tempos.

— Continuas a ser um palhaço — disse-lhe, abanando a cabeça. — É bom saber que há coisas que nunca mudam.

— Parem lá com isso — disse o meu pai, sem deixar de comer, —, se não ficam sem assunto para

brigarem no Natal.

Toda a gente se riu, exceto eu.

– Isto era suposto ser uma reunião familiar amigável – respondi, ainda em brasa –, não uma inquisição. Quando a Chloe voltar, deixem-se de perguntas, está bem? Se querem saber alguma coisa perguntem-me a mim.

– In-qui-si-ção – repetiu Ronnie, secamente. – Quatro sílabas. O rapaz deve estar danado.

– Danado? Estou danado, sim. Ela está grávida de nove meses e nós fizemos uma viagem de carro, a meio de uma tempestade de neve, para vocês a interrogarem como se não houvesse amanhã? Eu avisei-a de que isto não era boa ideia. Obrigado por provarem que eu tinha razão.

– Ela não me pareceu assim tão perturbada – replicou o meu pai enquanto enfardava panquecas de mirtilo ensopadas em xarope de ácer.

– Mas estava – respondi. – Acredita que eu sei.

– Ela levantou-se e foi à casa de banho. Qual é o problema?

– Nem todas as mulheres desatam aos gritos, pai – interveio Denise, a mulher de Ronnie. – Ela pareceu-me tal e qual como eu me senti da primeira vez que enfrentei a família MacKenzie.

– Podes crer – exclamou Tiffany, revirando os olhos. – Ainda tenho pesadelos por causa disso.

– Dois passeiozinhos com a família MacKenzie e ela habitua-se num instante. – O comentário proviera de Paul, o marido de Jenny, que ainda exibia as suas próprias cicatrizes.

Eles não só não compreendiam como também não estavam minimamente perto de compreenderem. Eu tinha-a visto lidar com as suas clientes humanas cheias de perguntas indiscretas e ela nunca tropeçara na linha ténue entre a história do conhecimento público e a verdade.

Porém, nessas alturas as emoções dela não estavam metidas ao barulho.

A gravidez e a magia eram uma combinação perigosa. Se vivessem com uma feiticeira grávida durante nove meses saberiam do que estou a falar. Eu tinha visto os sinais dos dedos lança-chamas iminentes e calculava que ela estivesse a mergulhá-los num lavatório cheio de água para manter a situação sob controlo. Ou isso ou estava a incendiar os anexos das traseiras.

Arrastei a cadeira e pus-me de pé.

– Vou ver como ela está.

– Ai não vais não. – A minha mãe fitou-me com um olhar frio. – Metem-se no *Jeep* e só vos vimos daqui a mais dois anos.

– Não estou a tentar pirar-me – menti-lhe.

As gargalhadas que se seguiram não foram agradáveis.

– Não vês a tua família há imenso tempo – disse-me ela por cima do barulho. – Fica aqui. Eu vou ver da Chloe.

– Não, tu ficas aqui também, mãe – ordenou-lhe Kim. – Interroga lá o Luke por eles ainda não serem casados enquanto eu faço o reconhecimento do território inimigo.

Lancei um olhar irritado a Kim, o que não a demoveu minimamente.

– Tencionas impedir uma mulher grávida de ir à casa de banho, é?

Havia mil motivos para ela não o fazer, mas não a podia impedir, a não ser que placasse a minha irmã grávida.

O dia estava a ficar cada vez melhor.

Quando entrei na casa de banho das mulheres mais parecia um foguete gigante em pleno 4 de julho e tive de mergulhar as mãos em água para tentar controlar os danos colaterais. A verdade é que a zona em torno da maçaneta da porta estava bastante esturricada e eu não tinha a certeza se a alcatifa do corredor havia escapado ilesa.

A primeira coisa que fiz foi abrir uma das torneiras no máximo e mergulhar as mãos em brasa na água fria. O vapor envolveu-me e dei graças por o meu rímel ser à prova de água.

– Eu avisei-te.

Deixei escapar um grito meio estrangulado quando Elspeth atravessou o lavatório nadando à cão.

– Vá-se embora daqui!

– Estás metida em sarilhos, minha menina, e as coisas só vão piorar. Os sinais de alerta chegaram-me através da barreira dimensional. Está na altura de regressares a casa antes que seja tarde de mais.

– Está na altura de você se pirar daqui para fora. Prometeu-me, Elspeth. Sabe que não pode estar aqui.

Tratava-se de uma casa de banho pública. Apostava todo o meu *stock* em como Bunny, ou uma das irmãs, iria entrar pela porta nos próximos noventa segundos. Se Elspeth se calasse durante dois segundos que fosse, eu poderia fingir que ela era um gnomo de jardim, caso contrário, estava tramada pois de modo algum conseguiria justificar a existência de um *troll* à família MacKenzie.

Ela começou a nadar espalhafatosamente de costas à volta das minhas mãos.

– A minha única promessa foi feita a Ele. Prometi-lhe que ficaria contigo até ao fim e é isso que tenciono fazer. – A lealdade dela para com Samuel começava a dar-me cabo da cabeça.

Eu perdera a batalha da parteira assistente há muitos meses, quando ela recrutara Brianne e Lilith para assistirem ao parto. Ela alegara que era para garantir a continuidade da linhagem de Aerynn e Samuel, mas eu achava que era tudo treta.

– Volte mas é para a dimensão onde estava. Encontramo-nos no *Jeep*, mais tarde.

– As coisas que te protegem do Mal não conseguem proteger-te aqui – disse ela, ignorando os meus protestos. – A pequenita correrá perigo enquanto não regressares a casa.

– O parto só está previsto para daqui a três semanas – respondi, segurando a minha barriga da maneira típica que todas as grávidas costumam segurá-la. – Quando der por isso já estaremos em casa.

Ela lançou um olhar maligno na minha direção e depois, segurando o nariz entre dois dedos nodosos, circundou o ralo e desapareceu.

Era bom era.

Luke tinha razão. Aquela conversa constante sobre desgraça e perigo já cansava. Nove meses é muito tempo. Eu passara a maior parte da minha gravidez preocupada com as coisas terríveis que poderiam acontecer durante esse período de tempo. Nenhuma delas havia acontecido, graças aos deuses, mas eu ainda não tinha chegado à meta.

«Não existe meta nenhuma», dissera-me Janice ao almoço, na semana anterior. «Pensas que a preocupação acaba assim que tiveres o teu lindo bebé nos braços, mas, minha querida, isso é só o princípio.»

Lynette dizia que ter um filho era o mesmo que termos o coração do lado de fora do corpo para o resto das nossas vidas. No próximo mês, por esta altura, eu iria descobrir o quão verdadeira era a sua afirmação. Por agora, o meu coração estava a fazer uma excelente imitação. A tagarelice de

Elspeth levava a minha imaginação a enveredar por caminhos perigosos para a paz de espírito de uma futura mãe.

Neve. Estradas cobertas de gelo. Uma *troll* de trezentos anos problemática completamente à solta na dimensão mortal. Para não falar nos cerca de mil MacKenzie que falavam sobre mim durante o *brunch*, enquanto me escondia na casa de banho à espera de que as pontas dos meus dedos parassem de fritar.

Um domingo como outro qualquer, portanto.

Aproximei-me do dispensador de papel da parede oposta. Tratava-se de um desses aparelhos com sensores de movimento em que tínhamos de agitar os dedos à frente da luz vermelha para que dispensasse uma porção de papel.

Agitei os dedos e instalou-se a confusão. A máquina desatou a cuspir papel e parecia o Vesúvio a cuspir lava. Tentei cobrir a luz vermelha com as costas da mão, mas isso só piorou a situação. Ninguém diria que um recetáculo tão pequeno continha aquela quantidade de papel. Havia-o por todo o lado, enrolado à volta dos meus tornozelos, espalhado pelo chão de mosaico e pendurado nos lavatórios e nas luzes.

Como se isso não bastasse, os autoclismos ativaram-se em sincronia. Eu nem queria pensar no que viria a seguir. Precisava de ajuda e rápido. Não era louca a ponto de trazer Elspeth de volta e também não podia chamar um canalizador.

Só restava Janice.

Juntei as mãos em forma de concha e rezei para que as minhas capacidades de operar a chama azul continuassem em funcionamento. A última coisa de que precisava era pegar fogo ao Carole's Lakeside Inn.

– Diz lá o que queres, rápido – disse-me Janice assim que o seu holograma apareceu por cima da fila de lavatórios. – Estou a fazer a depilação à família Grigg inteira e a coisa está complicada.

– Complicada?! – exclamei, fazendo sinal para o caos à minha volta.

– Ena! – Ela pareceu ficar impressionada. – Presumo que te tenhas passado da cabeça.

– Nem imaginas o quanto – repliquei, relatando-lhe a versão resumida do que acontecera até então, incluindo a banhoca de fim de tarde de Elspeth.

Janice deixou escapar um suspiro, o que fez com que o seu holograma oscilasse como a superfície de um lago num dia ventoso.

– Detesto ter sempre razão.

– O Luke avisou-me. Tu avisaste-me. A Velha Cabeça de Manteiga avisou-me. E eu dei-vos ouvidos? É claro que não. Fazia questão de conhecer os Compadres do Pior.

Janice resfolegou.

– Os Compadres do Pior?!

– Piores do que os do filme, acredita! Não imaginas a quantidade de perguntas que me fizeram. Até me admira a mãe dele não me ter pedido o tamanho do sutiã.

– São humanos. A coscuvilhice está-lhes no ADN. Tu, melhor do que ninguém, devias saber isso.

Pronto, está bem, eu talvez tivesse feito a minha quota-parte de coscuvilhice na vila, à procura de intrigas, mas antes de ter adquirido os meus poderes essa era a única forma de descobrir o que se passava. Gostava de estar a par de tudo e, enquanto presidente *de facto*, tinha de saber tudo. Ser meia humana era uma grande desvantagem. Toda a gente tinha uma espécie de conta Twitter interdimensional enquanto eu estava reduzida a escutar as conversas alheias e a vasculhar armários

de casa de banho.

Em termos metafóricos, claro.

Desatei a chorar e as portas dos cubículos começaram a abrir e a fechar em uníssono.

– Eles... Eles queriam saber coisas sobre a família do meu pai e... Oh, não sei o que aconteceu, Janice. Saltou-me a tampa. – Fiz um esforço para conter a enxurrada de lágrimas, mas estava tão fora do meu controlo como tudo o resto. – Quando dei por mim, tinha chamas a queimarem-me as pontas dos dedos e corri de lá para fora.

– Se fosse comigo tê-los-ia transformado em percevejos.

Tenho de admitir que me senti tentada, mas, pela primeira vez, a razão sobrepôs-se à emoção.

– Não te preocupes – tranquilizou-me Janice. – Depois de teres dado à luz perderás todos os poderes mágicos. As doidas das hormonas pós-parto demoram cerca de duas semanas a reagruparem-se com os teus poderes.

– Nunca pensei dizer isto, mas dava-me imenso jeito fazer uma pausa na magia.

Janice riu-se.

– Uma coisa é certa, és a primeira grávida lança-chamas de Sugar Maple.

– Tens de me ajudar antes que a mãe dele, ou as irmãs, entrem por aqui adentro!

A magia não funcionava muito bem à distância e a tentativa de lançar um feitiço através da chama azul estava praticamente destinada ao fracasso, mas eu estava desesperada.

Melhor ainda, Janice estava disposta a fazê-lo.

– Acho que a sétima variação da Tríade talvez resulte se conseguirmos sincronizá-la, mas só se a suplementarmos com o terceiro ritual da cerimónia do segundo estágio.

– Essa é a tua área – lembrei-a. – Essa cerimónia é limitada aos membros da tua linhagem.

– Bolas – exclamou Janice. – Então vamos ter de...

– Chloe? – A irmã de Luke, Kim, estava parada na ombreira da porta, a olhar para a cena que se desenrolava à sua frente. A expressão do seu rosto era semelhante à de uma mulher que havia acabado de apanhar o marido a experimentar o sutiã vermelho e rendado favorito dela.

Parecia que alguém me havia dado um soco no plexo solar. Não estávamos em Sugar Maple. Não havia nenhum feitiço de proteção a resguardar a verdade da nossa magia dos olhares humanos.

Fiquei à espera que Kim desatasse a correr dali para fora, aos gritos, ou se aproximasse do holograma de Janice para ver melhor, mas ela não fez uma coisa nem outra. Limitou-se a ficar parada, a olhar para mim.

Seria possível ter sorte duas vezes seguidas no espaço de uma hora?

– Qual delas é esta? – indagou Janice do interior do seu holograma. – Ou estás grávida ou anda a enfiar queques de chocolate como gente grande.

– Está calada! – exclamei mais alto do que pretendia.

As faces de Kim ficaram muito ruborizadas.

– Estás a mandar-me calar?!

Janice riu-se e eu lancei-lhe um olhar furioso, o que, graças a uma questão de posicionamento infeliz, pareceu ser dirigido a Kim, cujas faces ficaram ainda mais coradas.

– Escuta, lamento imenso que as coisas ali fora tenham dado para o torto – disse Kim, completamente alheia ao escrutínio intenso de Janice –, mas quer acredites quer não, estou do teu lado.

– Eu não te mandei calar – retorqui, fazendo um esforço para ignorar Janice que revirava os olhos

qual personagem exagerada de desenhos animados. – Estava a falar com o bebé.

Dito isso, Janice deixou escapar uma enorme gargalhada que fez vibrar os contornos do seu holograma como um diapasão tresloucado.

– Mandaste calar o bebé? – A desgraçada da Kim começava a parecer assustada.

– Se te safares desta, Hobbs, juro que faço *babysitting* à borla durante o primeiro ano. – Janice estava a divertir-se demasiado para o meu gosto.

– Não – repliquei, fazendo o possível para fingir que nada daquilo estava a acontecer –, é claro que não! *Está quieta*. Foi isso que eu lhe disse. Está quieta! Ela tem-se mexido tanto hoje que estou a ficar enjoada.

Kim franziu o sobrolho.

– Era capaz de jurar que tinhas dito «Está calada».

– A acústica aqui engana muito – disse eu. – Sabias que há um sítio no Capitólio em que se consegue ouvir um sussurro do outro lado da Rotunda?

– Essa foi boa – respondeu Janice –, mas não me parece que ela vá na conversa.

Se a casa de banho tivesse janela, penso que Kim teria tentado safar-se por aí. Ainda bem que as portas de vaivém e as montanhas de toalhas de papel desviaram a sua atenção da minha falácia lógica enquanto ela entrava à cautela na divisão e olhava à sua volta.

– Mas que raio aconteceu aqui?

Esforcei-me por aparentar um ar inocente.

– Limitei-me a abrir a torneira e instalou-se o caos.

Janice continuava a rir ao mesmo tempo que os seus *pixels* se dissolviam e a ligação da chama azul desaparecia. Kim, contudo, continuava a observar-me como se eu fosse uma condenada em fuga prestes a torná-la refém. Baixou-se para se libertar da pilha de papel que se havia enrolado aos seus tornozelos e atirou os restos amassados para o caixote do lixo junto à porta.

– Ainda tentei mexer nos puxadores – disse na tentativa de me explicar –, mas as casas de banho novas não têm puxadores. – Fiz sinal em direção ao dispensador de papel meio de lado. – Não sei bem o que fiz àquilo.

– Devias informar a dona do estabelecimento – replicou Kim no tom de voz característico de quem fala para uma criança problemática. – Ela deve ter uma lista de canalizadores ou um faz-tudo a quem possa ligar.

– Não queria nada incomodá-la... – Mais do que Kim poderia compreender.

– Oh, espera! – Mais um bocadinho e via-se a luzinha a acender-se na cabeça dela. – Tu és amiga da proprietária, não és?

– Sim – respondi-lhe –, somos conhecidas de trabalho e eu sinto-me bastante constrangida.

– Os acidentes acontecem – disse Kim, ficando visivelmente mais descontraída, como se tudo comesse a fazer sentido. – Ela não te vai levar a mal. Falamos as duas com ela. – Um sorriso afastou a tensão do seu rosto. – Posso servir de tua testemunha.

Fiz uma nota mental para solicitar a um grupo de fadas trabalhadoras viajantes que acrescentasse Carole's Lakeside Inn à sua lista de paragens secretas. Uma espécie de *mea culpa* anónimo por ter sido a causadora daquele desastre.

– E então – perguntou-me Kim com as mãos pousadas na barriga em crescimento, num gesto deveras familiar –, esquecendo a água e as toalhas de papel, como te sentes?

Cerrei os punhos e forcei-me a entrar num estado de espírito livre de chamuscas.

– Melhor, obrigada.

– Peço desculpa pelo que se passou lá dentro. Entusiasmaram-se. Desde que a mãe te conheceu na tua loja de artigos para tricô que não falam noutra coisa.

– Nós também temos falado imenso neles.

– Exageraram um pouco, mas acho que pensavam que esta talvez fosse a única oportunidade para obterem algumas respostas, por isso atacaram em força.

Escolhi as minhas palavras com cuidado.

– Eu sei que o Luke tem andado um pouco... distante.

– Estávamos a começar a achar que ele tinha entrado para algum programa de proteção de testemunhas.

Kim riu-se e eu sorri-lhe. A dormência das pontas dos meus dedos tinha desaparecido e dei por mim a descontrair pela primeira vez desde que abrisse os olhos nessa manhã.

– Não vim aqui só para te espiar – disse-me Kim. – Também queria fazer chichi. – Os autoclismos haviam finalmente parado de descarregar e ela escolheu o segundo cubículo. – Se te faz sentir melhor – disse ela, a falar do outro lado da porta fechada –, estão a interrogar o Luke como se fosse procurado por homicídio.

– Por acaso até me faz sentir culpada.

– Culpada! – A gargalhada dela ecoou no espaço minúsculo. – É mais do que merecido. Não se pode desaparecer assim sem mais nem menos, como ele fez. As famílias não funcionam dessa maneira.

– Isso é um pouco generalizado, não achas?

Ouvi o som do autoclismo a descarregar normalmente e depois Kim veio ter comigo ao lavatório.

– Nós sabemos que ele atravessou uma fase muito difícil depois de... – Ela parou abruptamente e baixou o olhar para as mãos ensaboadas, para se recompor. – Após a morte de Steffie ele deixou de ser a mesma pessoa. Depois, ele e a Karen divorciaram-se e houve imensa pressão por parte dos meus pais para eles se tornarem a juntar. Ele deve ter chegado ao limite. Meu Deus, eu não teria aguentado tanto tempo. Quando ele estava na polícia em Boston pelo menos sabíamos onde encontrá-lo. Quando se foi embora pareceu cortar todos os laços.

Observei-a a pegar num bocado de papel que havia em cima do lavatório.

– Tal como disseste, ele tinha os seus motivos.

– Se a Fran Kelly não vos tivesse encontrado em Salem na primavera passada, provavelmente continuaríamos a não saber nada sobre o bebé.

Kim era irmã dele, mas não o compreendia minimamente. Mais um dos meus conceitos sobre a família deitado por terra. O sangue era importante, mas não era tudo. Parecia que os seus amigos de Sugar Maple o compreendiam melhor do que a própria irmã.

– Tens razão – respondi. – Ele só tencionava contar-vos depois de a nossa filha nascer. Podem não concordar com a decisão dele, mas devem respeitá-la.

Ela pestanejou como se as minhas palavras a tivessem assustado. A mim assustaram de certeza. Contudo, eram as palavras certas e eu estava contente por as ter proferido. Luke e o nosso bebé estavam em primeiro lugar. Tudo o resto teria de vir depois.

O bebé deu um pontapé com força, claramente mais forte do que o habitual, e estremeci.

– Estás bem? – A imagem de Kim tremeu à minha frente e eu fechei os olhos para combater a tontura.

– Estou bem. – Pelo menos pensava que sim. – Acho que ela está farta de esperar pelo pequeno-almoço.

Porém, como viria a descobrir, o pequeno-almoço não era propriamente o que a minha filha tinha em mente.



LUKE

Eu estava prestes a entrar de rompante na casa de banho das senhoras, para ver o que se passava, quando Chloe e Kim regressaram à sala de refeições.

– Põe-te a pau, Luke – exclamou a minha irmã Jen. – Agora a Chloe está a par de todos os teus segredos.

Kim piscou o olho de uma forma exagerada e parte da tensão presente na sala desapareceu.

– Estás tramado – disse ela. – Dei-lhe toda a munição de que ela alguma vez necessitará.

Chloe riu-se connosco, mas a sua boca estava tensa e o brilho do seu olhar desaparecera. Não era preciso ser agente da polícia para saber que algo estava errado.

– Sentes-te bem? – Roci os lábios na sua orelha esquerda.

– Acho que estou só com fome. – Ela pegou na minha mão e pousou-a em cima da barriga. – Ela está a dar imensos pontapés. Até parece que tem umas chuteiras calçadas.

Examinei o rosto dela.

– O que se passa?

– Não sei – replicou em voz baixa, encostando-se a mim por uns instantes. – Mas não me sinto muito bem.

– É melhor comer umas panquecas, Cleo – disse o meu pai –, antes que eu as coma todas.

– O nome dela é Chloe – corrigiu-o a minha mãe – e não «Cleo».

Chloe lançou-lhe um olhar cansado.

– Por acaso até gosto de Cleo.

– Sabe que mais? – Ele afastou a cadeira para trás. – Vou preparar-lhe um prato.

– A última vez que ele preparou um prato a alguém o Nixon ainda estava na Casa Branca – comentou Ronnie, perante uma gargalhada geral, mas o meu pai já estava de pé, pronto para caçar e reunir alimentos.

– A minha mãe é enfermeira – lembrei a Chloe. – Queres que ela veja o que se passa?

– Não há nada para ver. Houve uma certa comoção na casa de banho das senhoras, mas agora está tudo bem. Acho que afinal me canso com mais facilidade do que pensava.

Já vivia com ela há tempo suficiente para saber que «uma certa comoção» era um eufemismo para «uma perturbação no campo de forças da magia». E também sabia que a magia tinha tendência para

nos deixar de rastos. Não era de admirar que ela estivesse naquele estado.

O meu pai presenteou-a com um prato a abarrotar de panquecas, *bacon* e ovos mexidos, com um acompanhamento de *hash browns*¹⁰ que mais parecia que todo o estado de Idaho havia contribuído para a sua confeção. Chloe engoliu em seco, mas agradeceu-lhe e fez questão de se atirar à comida apesar de o seu apetite ser claramente inexistente.

Pronto, agora eu estava preocupado. A mulher que amava era magra, mas era capaz de comer mais do que um lenhador. E estava a debicar as panquecas como se o conceito de alimentação lhe fosse totalmente alheio.

A conversa desenvolveu-se e fluiu à nossa volta. Fiz os possíveis para a acompanhar, mas estava essencialmente concentrado em Chloe, que murchava a olhos vistos.

Por fim, olhei para as horas de uma forma bastante conspícua.

– É melhor irmos andando – anunciei. – Temos uma longa viagem pela frente e queria chegar a casa antes que as estradas fiquem geladas.

A expressão de gratidão pura no rosto de Chloe deu-me a entender que eu havia compreendido a situação. Seguiram-se os protestos habituais, mas bastou-lhes olhar para o rosto de Chloe e os protestos acalmaram.

A minha mãe chamou-me à parte enquanto Chloe se despedia do meu pai e dos outros.

– Porque não tentas arranjar aqui um quarto para passarem cá a noite? – sugeriu ela. – Ela não está nada com boa cara.

– Ela diz que está bem, mãe, apenas cansada. Pode dormir na viagem de regresso.

– Ela está no nono mês de gravidez, Luke. Achas mesmo que estará confortável a dormir no *Jeep*?

De facto não, mas era aí que entrava a magia. Elspeth e Chloe arranjariam uma solução.

– Estou preocupada – insistiu a minha mãe. – Há qualquer coisa nela que não consigo perceber.

– Esta é a segunda vez que se encontram – lembrei-a. – Não é como se tivesses um termo de comparação.

– Fala com a Chloe – continuou ela. – A estalagem é um espaço muito bonito. Diz-lhe que gostarias de passar aqui um dia com ela, sossegados.

Na verdade a ideia até era boa. Conduzir na neve era bastante cansativo. Conduzir na neve com uma *troll* sentada no banco de trás era ainda mais cansativo. Mas eu sabia que Chloe não descansaria enquanto não estivéssemos na nossa casa em Sugar Maple e, para minha surpresa, eu também não.

Habituo-nos a ter coisas como amuletos de proteção e magia sempre à nossa disposição. Eu queria Chloe e o bebé rodeados de toda a segurança e conforto possíveis e sabia que Sugar Maple era o lugar indicado.

Chloe estava rodeada de MacKenzies, a darem-lhe palmadinhas na barriga e a tentarem dar também palpites. Dava para perceber que ela estava nas últimas.

– Está na hora – anunciei, atravessando o mar de familiares. Depois pousei ligeiramente o braço nos ombros dela. – Quero chegar a casa antes de anoitecer.

Ronnie deu-me uma palmada nas costas.

– A próxima vez que nos virmos, o bebé já estará entre nós.

– Que Deus te ouça. – A minha mãe benzeu-se rapidamente. – As últimas semanas são as mais compridas.

– Especialmente quando é o primeiro – interveio Jen.

– Deves ultrapassar a data prevista para o parto em cerca de uma semana – disse a minha cunhada Tiffany –, por isso não te admires.

– Nem acredito que a Meghan tenha perdido esta ocasião – lamuriou-se a minha mãe. – Ela podia ter feito um esforço.

O telefonema de Meghan por causa do «problema com o carro» fora seguido de um SMS apoloético, vinte minutos depois, que não enganava ninguém.

Chloe sorriu e acenou com a cabeça, agarrada a mim como se estivéssemos a bordo do *Titanic*.

Mais uma ronda de despedidas e conseguimos finalmente sair dali para fora.

– Continua a nevar bastante – exclamou Chloe enquanto pegávamos nos casacos e os vestíamos à porta da estalagem. – Tinha esperança de que parasse antes de partirmos.

– Vai correr tudo bem – tranquilizei-a. – Tração às quatro rodas, pneus próprios para a neve, correntes e areia no porta-bagagens e a Elspeth para equilibrar as coisas. O que pode correr mal?

Ela estremeceu ligeiramente e fechou mais o casaco.

– Nunca faças essa pergunta quando há uma grávida presente.

– Fica aqui – disse. – Vou trazer o carro até ao passeio.

– Não estou doente, Luke – repreendeu-me ela. – Apenas estou do tamanho de uma baleia. Posso caminhar até ao carro.

Desde quando? Já a tinha visto a empurrar um monte de neve só para evitar escorregar num passeio limpo mas ainda coberto de gelo.

– O chão está muito escorregadio.

– Eu cresci no Norte de Vermont. Acho que sei caminhar sobre a neve.

E não era ela a mulher que passava mais tempo no chão durante os meses de inverno do que uma criança quando aprendia a andar?

Ela era inteligente, divertida, linda, talentosa, mágica e teimosa como o raio. Só um feiticeiro ou uma explosão nuclear de dimensões médias a fariam mudar de ideias.

– *Okay* – respondi-lhe. – Está a ficar tarde. Vamos embora.

Estávamos quase a chegar ao *Jeep* quando ela parou abruptamente.

– Eu disse-te que estava escorregadio – disse eu, segurando-a. – Fica aqui. Eu vou buscar o carro.

– Não é a neve. Sou eu. – Ela estremeceu e depois inspirou profundamente. – Quem me dera que ela parasse de me dar pontapés.

– Estás com dores.

– Não são propriamente dores...

– Um enorme desconforto?

Ela esboçou um sorriso que logo desapareceu.

– Não é bem isso.

– Não me digas que...?

– Claro que não! É impossível estar em trabalho de parto.

– Tens estado a cronometrar as contrações?

– Acredita no que te digo, Luke, não são contrações.

– Como sabes se nunca passaste por isso?

– Sou mulher. Sei. Isto não são contrações. Não surgem com intervalos regulares. – Ela pensou durante um bocado. – É como se tivesse esforçado de mais os músculos e agora eles estivessem a

reagir.

Aquilo não me soava parecido com nada que tivesse acontecido a Karen, mas eu sabia lá.

– Tenho uma excelente ideia – comecei por lhe dizer. – E se reservássemos um quarto e passássemos cá a noite? Aproveitávamos para descansar, víamos televisão, encomendávamos o serviço de quarto e partíamos amanhã de manhã, depois de as estradas estarem limpas e cobertas de areia.

– Quero ir para casa agora.

– Pensa bem – insisti. – Podíamos arranjar um quarto com lareira e vista para o lago.

Ela não ia na minha conversa. Tinha o maxilar muito tenso e a pequena veia azul da têmpora direita pulsava em sinal de aviso.

– Quero ir para casa – disse num tom de voz cada vez mais estridente. – Podes ficar aqui se quiseres, mas eu vou voltar para Sugar Maple.

Demos mais quatro passos até ela tornar a parar.

– O bebé mudou de sítio. Deixa-me retomar o fôlego.

– Mudou de sítio? Encaixou, queres tu dizer? – Encaixar era coisa séria.

– Sei lá o que quero dizer – replicou ela, fugindo à questão. – Só sei que me sinto mal como tudo.

Eu já havia passado por aquela situação. No que dizia respeito a bebés, tudo podia acontecer. Comecei a imaginar-me a parar na berma da estrada, escorregadia e cheia de neve, e ver uma *troll* de cabelo amarelo a trazer ao mundo o nosso bebé no banco de trás do meu *Jeep* em segunda mão.

E não pensem que era impossível de acontecer. Fiz trabalho de patrulha antes de me tornar detetive no departamento de homicídios e acreditem no que vos digo, no que diz respeito a nascimentos, os bebés conseguem frequentemente arranjar os piores lugares e as alturas menos convenientes.

E não ia permitir que isso acontecesse durante o meu turno.

CHLOE

Quando chegámos ao carro de Luke, eu já estava a transpirar debaixo do casaco próprio para a neve, mas preferia morrer sufocada a admitir que ele tinha razão e que devia tê-lo deixado ir buscar o *Jeep*.

– Eu não me parto – repreendi-o, enquanto ele me ajudava a entrar para o lugar da frente. – Não sou feita de louça!

– Essa atitude já cansa – respondeu-me, esboçando um sorriso bem-disposto. – Agora pouco barulho e toca a pôr o cinto de segurança. Ralhas comigo mais tarde.

– Não nos podemos ir embora sem a Elspeth.

Ele inclinou-se e deu-me um beijo quente e rápido nos lábios.

– Eu acho que sim.

Mas o que se passava com ele? Sabia que não podíamos fazer uma coisa dessas. Mesmo ali, longe de Sugar Maple, ela continuava sob a proteção de Samuel e podia aparecer e desaparecer à vontade dela.

– Enviei-lhe uma chama azul. Deve estar a chegar não tarda nada.

– Pensava que ela se recusava a utilizar a chama azul.

– Ela pertence à velha guarda – admiti –, mas convenci-a a abrir uma exceção só por hoje. – Na

verdade, não fora preciso muito para a convencer. Regra geral, Elspeth era muito casmurra e tão inflexível como o aço, mas nem sequer oferecera resistência.

– Quanto tempo é que a velha vai...

Ambos demos um salto após o que nos pareceu ser um tiro vindo do banco de trás.

– Caramba, Elspeth! – O meu coração quase saltara do peito. – Seria simpático da sua parte avisar-nos primeiro.

Ela resmungou qualquer coisa que se perdeu no ar enquanto as suas moléculas se reorganizavam para assumirem uma forma reconhecível.

Luke espreitou pelo espelho retrovisor, estremeceu e depois desviou o olhar.

– É só a Elspeth do costume – respondeu ela com sarcasmo –, tal e qual. É melhor irmos andando antes que seja tarde de mais.

Eu devia estar ligeiramente enervada porque lhe saltei logo em cima.

– Tarde de mais para quê?

– Em casa é sempre melhor – disse ela, sem responder à minha pergunta.

Ela encolheu-se até ficar do tamanho de um gnomo de jardim e mergulhou num buraco escuro de silêncio.

– Ela hoje não está muito conversadora, pois não? – perguntou Luke.

– Estás a queixar-te?

– Eu não.

Luke perguntou-me se eu queria o rádio ligado, mas abanei a cabeça.

– Gosto do sossego.

– Aproveita enquanto podes – comentou ele, dando uma risada – porque, depois de o bebé nascer, acabou-se o sossego.

Mais uma vez fui recordada de que ele já havia passado por aquela situação, mas com outra pessoa.

– Custa a acreditar que uma criança pequena faça muito barulho.

– O problema não é o volume – retorquiu ele ao mesmo tempo que saíamos calmamente do parque de estacionamento –, é a frequência e a duração. – Um sorriso triste e rápido assolou-lhe ao rosto. – Regra geral, não acordo nem com um tremor de terra, mas bastava a Steffie chorar um bocadinho que fosse e eu... – Parou de falar e abanou a cabeça. – Tu sabes.

Acenei afirmativamente.

– Sim, sei.

O mundo podia ser um lugar perigoso. Numa linda manhã de sol uma menina andava de triciclo e trinta segundos depois estava morta, e o mundo dos pais desabava por completo.

Os avisos de fatalidade de Elspeth haviam dado cabo de mim. Se acrescentássemos isso à minha propensão natural para a preocupação e incluíssemos também os sonhos recorrentes assustadores sobre bebés que desapareciam e crianças doentes, o resultado era uma feiticeira muito grávida à beira de uma autêntica crise de lágrimas.

Eu queria estar em casa. Queria estar a salvo, aninhada nos braços protetores de Sugar Maple. Queria ter a certeza de que o nosso bebé nasceria saudável e que cresceria feliz, rodeado de familiares e amigos que o amavam e que tudo fariam por ele.

Desejava o mesmo que todas as mães, mas, à medida que os quilómetros passavam lentamente nessa tarde, mais do que tudo eu queria que as dores parassem.

[10](#) Acompanhamento composto por batatas finamente raladas e temperadas que depois são fritas em manteiga. (*N. da T.*)



LUKE

Para além do nosso *Jeep*, a única coisa que se via na estrada era um carro azul, pequeno e velho, que ia à nossa frente há cerca de trinta quilómetros. Tentei guiar-me pelos faróis dele, mas a combinação da neve com o lusco-fusco dificultava a tarefa. De vez em quando, o condutor desacelerava a ponto de me fazer tirar o pé do acelerador para conseguir manter a distância de segurança.

Para dizer a verdade, não era propriamente o meu passeio domingueiro favorito.

A neve que caía era moderadamente intensa e constante, rodopiando de tempos a tempos soprada por ventos estranhos que tornavam praticamente impossível ver fosse o que fosse.

– Encosta. – A voz de Chloe quebrou o silêncio.

– A berma aqui não é muito larga – respondi, perscrutando a estrada por entre a neve que caía. Estávamos a meio caminho entre o lago Winnepesaukee e Sugar Maple. – Talvez eu possa...

– Encosta!

Desviei o olhar da estrada uns segundos, só para ver o que se passava, mas foi mais do que suficiente. O *Toyota* azul-escuro derrapou de lado, atravessando as várias faixas da estrada, e nós íamos em direção a ele.

– Segurem-se. – Tirei o pé do acelerador, virei o carro para a berma coberta de neve e rezei.

O mundo passou para câmara lenta. Demorámos uma eternidade a percorrer os cerca de cinquenta metros até à berma da estrada. Derrapámos ligeiramente, mas a tração às quatro rodas do *Jeep* aguentou-se e conseguimos parar com facilidade, amortecidos pela neve que continuava a cair.

– Já começou! – lamentou-se Elspeth do banco de trás. – Tudo o que previ está a começar!

Tive vontade de me atirar ao pescoço gorducho de Elspeth, mas em vez disso abri a porta do meu lado e corri para o lugar do passageiro. A porta de Chloe já estava aberta. O cinto de segurança estava desapertado. E ela estava a deitar fora o *brunch*.

Elspeth não ajudou à festa. Desapertou o cinto de segurança e começou a tecer uma série de comentários sobre a situação, fazendo lembrar Nostradamus a prever o fim do mundo. Tentei bloquear as palavras dela da minha mente, mas a verdade é que estavam a entrar-me a um nível celular qualquer completamente fora do meu controlo.

Olhei de relance para a autoestrada, à espera de ver o condutor do *Toyota* azul-escuro a correr na

nossa direção, mas só se via neve. Imensa neve. O carro desaparecera.

Sacana. Mas que tipo de pessoa se ia embora sem primeiro confirmar se estavam todos bem?

Algo não estava certo. Não sabia o que era, mas havia obviamente uma perturbação no campo de forças e desta vez a culpa não era da *troll* sentada no banco de trás do *Jeep*.

Chloe estava com péssimo aspeto. As suas faces estavam rosadas, mas o rosto estava pálido e os olhos pareciam vidrados. Os enjoos matinais haviam cessado há vários meses, o que não evitou que ela tivesse despejado o conteúdo do estômago na borda da estrada.

– Será gripe? – perguntei-lhe, depois de a ter ajudado a limpar-se e a sentar-se novamente no carro.

– Não sei. – A voz dela soava fraca e vencida. – Talvez tenham sido as panquecas.

– Disseste que ontem metade da aula sobre meias estava doente. Aposto que...

– Não faço ideia, Luke. Senti-me maldisposta e vomitei. Para lá com isso, está bem?

– Não é doença nenhuma – disse Elspeth. – É o começo.

Eu não ia deixá-la arrastar-nos até à rua da amargura.

– Ninguém lhe perguntou nada, por isso cale-se.

– Isso não me está a ajudar nada – exclamou Chloe e depois irrompeu num pranto.

Não faço ideia como a *troll* se sentiu, mas eu senti-me mal como a merda. A ideia era evitar que Elspeth fizesse Chloe sentir-se ainda pior. Pelos vistos, eu era capaz de o fazer muito melhor do que ela.

Tornei a sentar-me ao volante do *Jeep* e levei-o para a estrada vazia. Percorremos uns quilómetros imersos num silêncio sepulcral até ouvirmos um estalido enorme e o carro começou a virar furiosamente para a esquerda.

Agarrei o volante com força e controlei o carro.

Começava a apanhar-lhe o jeito.

– Pneu furado – anunciei enquanto voltava a encostar na berma da estrada. Acrescentei umas palavras redundantes só porque me apeteceu. – Alguma de vocês tem uma magia para mudar o pneu? – Mas como é que tínhamos furado um pneu no meio de uma tempestade de neve, raios? Devia haver um prego, ou um pedaço de vidro partido, na berma da estrada coberta de neve quando paráramos uns quilómetros antes.

Elsbeth ignorou-me. Chloe, que continuava a chorar, ainda tentou ajudar-me, mas o máximo que conseguiu foi abrir e fechar o vidro de trás uma dúzia de vezes.

– Fiquem aqui – disse às duas. – Não saiam do carro seja por que motivo for. Não há visibilidade nenhuma. Estão mais seguras aí dentro.

Eu havia mudado milhares de pneus a motoristas em apuros antes de me tornar detetive. Sabia o que estava a fazer. Acenderia os foguetes luminosos, ligaria os faróis de emergência, tudo e mais alguma coisa, e despacharia o assunto em tempo recorde.

Mas uma parte de mim não parava de se questionar: «O que mais nos irá acontecer?»

CHLOE

As minhas águas rebentaram enquanto Luke mudava o pneu.

Num minuto estava sentada com os olhos fechados e no minuto seguinte... Bem, vocês imaginam.

– O bebé vem aí – disse Elspeth quando lhe contei. – Estás a seguir as pegadas das tuas

ancestrais Hobbs. Vai ser um parto fácil e rápido. Os sinais estão todos presentes.

Fácil soava-me bem, mas rápido? Eu não queria que fosse rápido. Encontrávamo-nos sentados num *Jeep* na berma da estrada, durante uma tempestade de neve, e ainda estávamos a uma hora de casa.

– Ainda temos tempo para regressar a Sugar Maple, certo? – perguntei a Elspeth com o pânico a apoderar-se da minha voz. – Quer dizer, rápido significa cinco ou seis horas até o nascimento acontecer.

– Em termos de horas terrestres – retorquiu ela. – Tu agora funcionas de acordo com as horas mágicas, não com as horas humanas.

Assim que ela proferiu aquelas palavras fui acometida pela primeira vaga de contrações. O desconforto que sentira na estalagem fora obviamente o primeiro sinal de parto. Imaginem que uma gota de chuva é o primeiro sintoma de um tornado de categoria F5 e compreenderão o que quero dizer. Aquilo era sem dúvida uma categoria F5.

Estávamos demasiado longe de Sugar Maple para transportarmos Lilith para fazer o parto. Transportar Brianne da cidade do Quebeque estava completamente fora de questão. Se a previsão de Elspeth estivesse correta, mesmo que nos puséssemos já a caminho, o bebé nasceria antes de chegarmos à periferia de Sugar Maple.

É engraçado como o medo apaga tudo o que não é importante. Subitamente, esqueci-me da família de Luke, da neve, do pneu furado e de estarmos muito longe de casa para me concentrar no facto de que iria ter a nossa filha nos braços dali a uma hora, pelo que necessitávamos de elaborar um plano.

O que, afinal de contas, era mais simples em teoria do que na prática. Baixei o vidro do carro.

– Luke! Rebentaram-me as águas. Estou em trabalho de parto.

– Estou quase despachado – replicou ele, aparentemente calmo e em controlo da situação. – Envia uma chama azul à Lilith e diz-lhe que estaremos lá daqui a noventa minutos.

– Não estás a perceber. O bebé vem aí.

– Eu ouvi – respondeu-me ele, continuando a mexer no pneu. – É o teu primeiro filho. Pergunta à Elspeth. Ainda falta muito tempo.

– Temos menos de uma... – parei de falar enquanto uma contração me rasgava as entranhas. Se aquilo era fácil, nem queria pensar no que seria a alternativa. Sentia-me grata por cada pinga de sangue Hobbs mágico que possuía. – Menos de uma hora até ela nascer.

Ele ficou mais pálido do que a neve que caía à sua volta e depois assumiu a expressão típica de agente da polícia.

– Vai correr tudo bem – tranquilizou-me. – Por isso é que a Elspeth está aqui, não é? Ela possui todo o conhecimento sobre partos de que necessitamos.

Porém, para minha surpresa, não era o caso.

– Isso não é comigo – respondeu Elspeth, quando me virei para ela.

– Mas disse-me que teve onze filhos. Alguma coisa há de saber sobre o assunto.

– Reuni os ovos, mas não criei as galinhas.

– O que quer isso dizer?! – Eu parecia que tinha sido espetada com um agulhão para gado. – É por isso que aqui está, ou não é?! – A minha voz aumentava de volume a cada palavra. – Você é o meu plano B. Está aqui para agir numa emergência. – E aquilo era, sem dúvida, uma emergência. Ela era do tempo do *Mayflower*¹¹. Antes das epidurais, do método de Lamaze e da La Leche. Devia

ter ajudado a dar à luz dezenas de bebês ao longo dos séculos. – Por favor, não me dificulte a vida, Elspeth. Preciso muito da sua ajuda. – Custava-me imenso proferir aquelas palavras, mas até era capaz de a pedir em casamento desde que ela me ajudasse a trazer a minha filha ao mundo.

– Ele escolheu-me para protetora, não para parteira.

E Samuel estivera certo. Ela não era parteira. Não sabia nada sobre partos. A única coisa que sabia fazer era urdir feitiços e dar cabo da cabeça a toda a gente

Foi mais forte do que eu. A situação era tão disparatada e absurda que comecei a rir-me e depois desatei às gargalhadas, até que, por fim, só consegui parar quando fiquei com falta de ar. Estávamos presos na neve, numa estrada praticamente deserta, a duas semanas do Natal, e eu estava em pleno trabalho de parto. Se os deuses tinham mais alguma coisa reservada para mim, só desejava que esperassem até depois do Ano Novo, pois era impossível aguentar mais do que aquilo.

Luke regressou ao carro quando eu estava a meio de uma contração dolorosa.

– Quantos minutos de intervalo? – A voz dele soava calma e controlada, mas o ténue brilho da transpiração por cima do lábio denunciava-o.

– Cinco.

No banco de trás, Elspeth começou a falar entredentes. Nem nos atrevemos a perguntar-lhe o que estava a dizer.

– Arranjei o furo. Podemos procurar o hospital mais próximo no GPS.

– É demasiado tarde, demasiado tarde – anunciou Elspeth. – O bebé está a chegar.

– Não quero ir para o hospital – respondi com teimosia. – Pensava que tínhamos decidido contra.

– Não estamos em Sugar Maple – salientou ele. – A Lilith não está aqui para te ajudar. A tua parteira também não. Quero que tu e o bebé estejam em segurança.

Não estaríamos em segurança num hospital de humanos. A minha magia andava descontrolada. Ele sabia isso. Tanto aparecia como desaparecia.

Mais uma contração, desta vez mais comprida e intensa do que as anteriores e percebi, alarmada, que a minha magia não andava descontrolada. Pura e simplesmente não existia.

Fora avisada de que tal poderia acontecer, de que a minha mistura singular de magia e mortalidade podia desaparecer temporariamente durante o trabalho de parto, mas nada me havia preparado para a sensação de perda que se apoderou de mim, a solidão imensa, pelo que agarrei a mão de Luke e apertei-a com força até o ouvir sustar a respiração.

– Não há tempo para hospitais – disse assim que recuperei a fala. – É demasiado tarde para isso.

Ele sorriu-me e a expressão do seu olhar disse-me que, acontecesse o que acontecesse, eu não estava sozinha.

[11](#) Nome do navio que transportou os chamados Peregrinos de Inglaterra até ao Novo Mundo. (*N. da T.*)



LUKE

Até eu percebia que estávamos a chegar ao momento fulcral.

A nossa filha estava prestes a nascer na traseira do meu *Jeep* usado e não me lembrava do meu próprio nome, quanto mais de todo o processo do parto.

A magia de Chloe estava adormecida. Elspeth tentou enviar uma chama azul a Lilith para um pouco de ajuda à distância, mas a ligação crepitou e depois foi-se abaixo.

Estávamos por nossa conta e eu precisava de ajuda o mais depressa possível, pelo que fiz o que qualquer homem do século XXI prestes a ser pai faria.

– O YouTube? – perguntou-me Chloe entre contrações. – Estás a pesquisar no YouTube enquanto estou a parir a tua filha?

Na verdade, eu havia pesquisado uns dias antes, à procura de vídeos sobre procedimentos para partos de emergência. Não que seja vidente ou algo do género, mas não tinha sido escuteiro durante toda a minha vida para nada. Acreditava na importância de estarmos preparados. Tínhamos cobertores no porta-bagagens, tanto os tradicionais como também os prateados de alta tecnologia. Água. Compressas quentes para as mãos e os pés. Comida não perecível. Tudo o que qualquer habitante da Nova Inglaterra que se preze sabia que fazia falta num carro bem equipado entre os meses de outubro e abril. Tinha duas lanternas, um *kit* de primeiros socorros, foguetes luminosos e um rádio.

Agora só tinha de expulsar Elspeth do banco de trás para podermos começar.

– E onde tencionas pôr-me? – reclamou ela. – Amarrar-me ao tejadilho como um animal acabado de ser caçado?

– Porque não tenta fazer alguma coisa útil? – ripostei. – Segure nos cobertores enquanto eu baixo o banco de trás.

Essa era a vantagem do *Jeep*. Em vez de ter de manobrar um banco pequeno e estreito, com um pouco de força e meia dúzia de movimentos Chloe ficaria com uma superfície lisa e espaçosa onde se deitar, com um cobertor grosso debaixo dela para se sentir mais confortável.

A única coisa que não lhe podia dar era privacidade.

– O bebé vai acabar por sufocar – disse Elspeth – se ela não despir as calças já.

Eu vira Chloenua centenas de vezes, então porque raio tinha a cara a ferver só de pensar em

despir-lhe as calças e as cuecas enquanto Elspeth esbracejava e entoava algo numa língua que devia ser *troll*?

A julgar pela expressão dos olhos de Chloe, não havia tempo a perder.

– Desculpa – disse-lhe e atirei a roupa molhada para o banco da frente.

Intervalos de dois minutos.

Andei para a frente com o pequeno vídeo, rezando para que tivesse conseguido absorver os pontos mais importantes e conseguisse recordar o resto que aprendera no curso da polícia.

O carro começou a vibrar ligeiramente, o suficiente para eu reparar. Uma vez que tinha desligado o motor para preservar combustível, o fenómeno captou a minha atenção.

– Deixe-se disso – disse eu a Elspeth. – Não precisamos de efeitos especiais.

Ela fitou-me com os olhos do tamanho de pires.

– Se fosses tão esperto como és tagarela, saberias que não fui eu.

E também não era o vento ou um camião a passar por nós na estrada, a cento e trinta à hora. Estávamos completamente sozinhos.

Chloe voltou ao normal assim que a última contração terminou.

– Porque está a carrinha a abanar? Não estamos a andar, pois não?

– Não, não estamos a andar – sosseguei-a.

Seria da minha cabeça ou Elspeth estava com um ar assustado? Tentei não pensar muito sobre o assunto enquanto me certificava de que tinha toalhas e cobertores à mão, a postos para embrulhar o bebé. O primeiro mês da breve vida de Steffie era uma recordação indistinta. Steffie era uma chorona e penso que nem eu nem a mãe dela dormíamos mais que uma hora por noite. Por volta da segunda semana, parecíamos dois *zombies*. Na quarta semana, referíamos-nos à segunda semana como os bons velhos tempos. A única coisa que a acalmava era embrulhá-la como se fosse um *burrito* de bebé.

Steffie.

A dor dilacerava-me o coração, tão intensa e devastadora como no primeiro dia. Apesar de ter sido educado como católico, não sou religioso, mas sentia que a minha filha primogénita iria cuidar da sua irmãzinha. Ou talvez fosse o género de coisa em que um homem gostava de acreditar quando confrontado com o facto de ter de ajudar ao nascimento da sua própria filha, numa autoestrada deserta e a meio de uma tempestade de neve.

CHLOE

Sentia-me aterrorizada por não ter magia. Embora fosse parte integrante da minha vida há apenas um ano, a magia havia-se transformado na minha rede de segurança, o meu destino de eleição quando as coisas ficavam complicadas. Já fora avisada em relação à fase de transição, que afetava as pessoas dotadas de magia mais do que os humanos, e de formas que ninguém conseguia explicar, mas recusava-me a acreditar que iria despojar-me dos meus poderes conquistados com tanto esforço, deixando-me completamente indefesa.

– Não consigo fazer isto! – ouvi-me a mim própria dizer. – Quero que pare já!

Elspeth resmungou em sinal de reprovação no banco de trás:

– Os humanos são fracos e frágeis como o vidro.

Luke deixou escapar um chorrilho de impropérios que terminou com uma ameaça que me teria

feito pensar duas vezes antes de tornar a abrir a boca, mas era preciso muito mais do que a ira mortal para deter uma *troll*.

– Cuidadinho com a língua, humano! – gritou ela a Luke. – Avizinham-se grandes perigos, não penses que não, e eu sou a única que a pode proteger da desgraça.

Sendo eu a dita cuja, não fiquei nada animada com a palavra «desgraça», mas a explosão de Luke desviou a minha atenção do assunto.

– O único perigo que se avizinha é o valente pontapé que lhe vou dar no...

Nada como um bom grito à filme de terror, alto e em bom som, para interromper uma discussão. Até eu me assustei com o volume.

Nunca pensara muito sobre a dor física, provavelmente porque até então nunca sentira grande dor. A dor de dentes e as dores menstruais habituais claro que sim, mas Sorchia, a minha mãe adotiva, havia-me ensinado métodos de cura que me tinham ajudado imenso.

Pelo menos até a transição me ter atingido com a subtileza de um lança-foguetes. Se aquilo era uma transição ligeira, então a minha admiração pelas mulheres estritamente humanas não tinha limites.

O pensamento racional desapareceu por completo, sendo substituído pelo terror e pela perceção de que daquele momento em diante tudo estaria fora do meu controlo. Fora do controlo de toda a gente. Luke não a conseguia fazer desaparecer. Elspeth não era capaz de lançar um feitiço para aliviar a dor que eu sentia. Encontrava-me encurralada em forças tão antigas como o próprio tempo e agora não havia nada que pudesse fazer para escapar.

A dor obscura, pulsante e ritmada, pareceu durar até já não ter recordação da minha vida antes de entrar naquele novo inferno. Tudo o que aprendera em relação a partos varrera-se da minha memória. As intermináveis lições Lamaze que Lilith organizara eram perfeitamente ridículas. A respiração estilo cão que ela tentara ensinar-me fora substituída por gritos terríveis de agonia, seguidos, a intervalos irregulares, de gemidos embaraçantes daquela que só podia ser a maior cobarde do mundo.

Nem sequer me recordo do que Luke e Elspeth estavam a fazer enquanto eu amaldiçoava a natureza, os deuses e os machos de todas as espécies. Agora que penso nisso, nem sequer me recordo de os ver. Foi como se uma cortina carmesim impenetrável me tivesse coberto os olhos, impedindo-me de ver tudo à exceção do que estava a acontecer dentro do meu corpo.

A única coisa que sabia era que eu e a minha filha estávamos de acordo em relação a uma coisa: ambas queríamos que ela nascesse o mais rápido possível.

E depois a dor cessou.

Num segundo estava a ser dilacerada ao meio, como uma pera abacate, e no segundo seguinte estava num estado de felicidade total. Não era propriamente orgásmico, mas quase. Na verdade, a felicidade era tão suprema que demorei algum tempo até me aperceber de que já não me encontrava no banco de trás do *Jeep* de Luke, algo que devia provavelmente ter-me deixado preocupada, mas estava tão contente por já não sentir dores que o facto de estar a pairar a cerca de três ou quatro metros de altura e a olhar diretamente através do tejadilho do carro, vendo-me a dar à luz, pareceu-me ser algo perfeitamente natural.

Ou seria se alguma coisa estivesse a acontecer.

Eu estava deitada no banco de trás do *Jeep* de Luke, com os joelhos para cima, aparentemente em pleno trabalho de parto, e parecia que estava a dormir numa praia cheia de sol.

Um fio de suor gelado enrolou-se ao meu coração. Oh, deuses, seria possível? Eu não podia estar morta. Não tinha visto a luz branca de que os humanos falavam e também não tinha tido a sensação de furar o véu que ouvia os mágicos discutirem.

Talvez não tivesse olhado como devia ser. Semicerrei os olhos e espreitei a cena que se desenrolava lá em baixo. Não restavam dúvidas, estava tão imóvel como o manequim de uma loja de roupa. Os meus sapatos estavam no banco da frente e as minhas calças de grávida pretas, e as cuecas de gola alta, estavam no chão, numa pilha molhada.

Teria ficado convencida de que estava morta se não fosse o facto de Luke e Elspeth também não se mexerem. Não tinha a certeza se isso era um bom sinal ou um mau sinal. A cena fazia lembrar a imagem da televisão quando premia a tecla da pausa no leitor de DVD para ir à cozinha buscar mais biscoitos *Chips Ahoy*.

O único problema era que, pelo menos tanto quanto me era dado entender, a vida não possuía nenhuma tecla de pausa.

Nem tão pouco um DVD.

Decorreu um minuto e depois outro. Depois de ter cantado o genérico de *Gilligan's Island* duas vezes na minha cabeça comecei a ficar preocupada. A transição não implicava que algo acontecesse? Não deveríamos estar a passar de uma fase do parto para a fase seguinte? Não deveria estar a acontecer imensa coisa como, por exemplo, Luke a gritar: «Faz força! Faz força!» como se via nos filmes?

O meu coração deu um desses saltos em que parecia que ia sair disparado pela garganta. Aquilo não era, de modo algum, a experiência que os humanos costumavam relatar. Vira suficientes *reality shows* na Lifetime e na TLC para saber o que acontecia quando uma mulher mortal dava à luz e nunca ninguém fizera referência a 1) suspensão temporária das funções vitais ou 2) levitação maternal. Estou certa de que me recordaria.

Por outro lado, nenhum dos meus amigos mágicos mencionara esses dois pontos também pelo que talvez acontecesse apenas a mim.

Eu não era grande fã da opção «apenas a mim». Comecei a sentir a transpiração na parte de trás do pescoço assim que me apercebi de que a dor não ia voltar. Estaria ainda em trabalho de parto? Não sentia nada de nada.

Talvez tivesse de proferir uma palavra-passe secreta antes de podermos prosseguir. Teria eu perdido o memorando que explicava exatamente o que precisava de fazer para dar à luz a geração seguinte de feiticeiras Hobbs?

«É como tem de ser.»

Virei-me em pleno ar, à procura da origem da voz musical que me sussurrara ao ouvido, mas eu era o único ser naquela nuvem em particular.

«Porreiro», pensei. Agora estava a alucinar mensagens do grande Bolinho da Sorte que havia no céu.

Sustive a respiração quando uma mulher ficou suspensa à minha frente, qual aranha dourada pendurada por um fio de seda cintilante. Tinha o rosto encoberto pela sombra, mas soube de imediato que se tratava de Aerynn, a feiticeira que liderara o êxodo de Salem, há muitos anos, e que criara o porto seguro que era Sugar Maple.

A Mãe de todos nós.

«Não tenhas medo.»

Era fácil falar. Não era ela que estava a olhar para si própria a ver-se dar à luz no banco de trás de um *Jeep*. Tentei falar, mas não tinha voz nessa dimensão. Para ser sincera, não sabia se ouvira as palavras dela ou se as imaginara.

Estaria aquilo a acontecer realmente? No que dizia respeito ao mundo da magia, era difícil ter certezas. Durante a maior parte do tempo, a realidade era uma incógnita.

Mas, oh, como eu queria que fosse real. Tratava-se da feiticeira cuja vida havia tornado a minha possível, a jovem mulher que conduziu os ameaçados de Salem até à aldeia índia de Sinzibukwud que, com o passar do tempo, se tornara conhecida como Sugar Maple.

Ela flutuou até mim e depois aproximou-se ainda mais. O seu odor fez-me lembrar as noites estreladas junto ao mar e estendi o braço para lhe tocar na mão. Tinha de lhe tocar. Tinha de me certificar de que a minha filha estabelecia uma ligação com tudo o que acontecera anteriormente, mas, por muito que tentasse, Aerynn permanecia fora do meu alcance.

Apercebi-me de um movimento algures na minha visão periférica, porém, quando me virei para olhar, não vi nada à exceção de uma neblina tremeluzente. Por uns instantes, não mais que um nanossegundo, um mau presságio cresceu no meu peito, uma sensação tão intensa que o mundo ameaçou mergulhar na escuridão. Senti-me exposta de uma maneira que não tinha nada a ver com nudez, mas com receio. Voltei-me rapidamente para olhar para Aerynn, mas ela havia desaparecido e eu estava de volta ao banco de trás do *Jeep* de Luke, com os joelhos junto ao peito e a agarrar o banco com as mãos, enquanto a nossa filha tentava vir ao mundo.



LUKE

— Faz força só mais uma vez! — O bebê já tinha a cabeça de fora. — Só mais uma vez, Chloe! Elspeth rodopiava desvairadamente em círculos, a todo o comprimento do painel de instrumentos do *Jeep*, murmurando mais encantamentos *troll*. Eu queria lá saber. Se era para nos proteger a todos, força.

Chloe agarrou a minha mão com uma força letal. O seu olhar cruzou-se com o meu e em seguida ela deu um grito que deve ter-se ouvido no lago Winnepesaukee.

— Ela vai nascer! — gritou Chloe. — Oh, deuses, ela... — O resto da frase perdeu-se num gemido, longo e baixo, e a nossa filha emergiu numa explosão escorregadia de sangue, fluidos e cordão umbilical.

Não há nada que nos prepare para a imagem de vermos nascer um filho. Era a minha segunda vez e mesmo assim sentia-me avassalado pelo milagre de ver a mulher que eu amava dar à luz o bebê que havíamos concebido.

Ela era comprida e magra como a mãe e tinha o cabelo louro e sedoso, também como o da mãe, e, nesse instante, eu soube que daria a minha vida para a manter feliz e em segurança. Tal como faria pela mãe dela.

— Dez dedinhos nas mãos — disse eu, rindo-me por entre as lágrimas enquanto a nossa filha deixava escapar um choro que muito orgulharia qualquer bebê. — Dez dedinhos nos pés.

Dei um grito quando o cordão umbilical se cortou sozinho e depois desapareceu, juntamente com a placenta e todos os vestígios do parto.

— Eu avisei-te que isto podia acontecer — disse Chloe.

— É a nossa maneira — acrescentou Elspeth.

Chloe tinha razão. Explicara-me que aquilo acontecia para evitar que a magia fosse parar às mãos erradas e eu compreendia perfeitamente, mas, acreditem em mim, era algo perturbador de se ver. Porém, naquele momento sentia-me demasiado apavorado para fazer perguntas. Tinha uma recém-nascida para cuidar. Limpei-a rapidamente e depois embrulhei-a, como se fosse um *burrito* de bebê, na manta mais macia que encontrei.

Ela era tão pequenina, tão indefesa. E, embora eu tivesse alguma experiência no que dizia respeito a manusear bebês, estava apavorado. As minhas mãos pareciam luvas de pugilismo,

grandes e desajeitadas, quando a entreguei à mãe.

Chloe abriu a camisola e eu pousei o bebé, esfomeado e a chorar, junto ao peito dela. E, sim, não tenho vergonha nenhuma de admitir que verti umas lágrimas.

– Oh, olhem só para ti... – sussurrou Chloe num tom de voz que eu nunca a ouvira empregar. – Já aqui estás... Nem acredito que já aqui estás...

Chloe mudou de posição, desapertou o fecho da frente do sutiã e depois guiou a nossa filha até ao seu peito. O bebé fez uns sons de sucção, começou subitamente a mamar, e Chloe deu uma gargalhada.

– Ela é muito inteligente – disse Chloe, erguendo o olhar para mim com tamanha expressão de lealdade e amor puro que só fui capaz de acenar com a cabeça em jeito de resposta.

O nó que sentia na garganta era do tamanho de uma jante de automóvel. O amor que sentia por Chloe e pela nossa filha era tão intenso que me faltava a força nas pernas. Se me tivessem dito um ano antes que dali a escassos doze meses conheceria a mulher dos meus sonhos e juntos traríamos ao mundo uma linda menina, ter-vos-ia perguntado se tinham estado a fumar coisas ilícitas. Se me tivessem dito que a felicidade estava ao virar da esquina, ter-vos-ia respondido que estavam muito enganados.

E, se tivessem metido as palavras «magia» ou «feiticeira» ao barulho, o mais certo seria deter-vos para interrogatório.

Agora sabia que tudo era possível. Inclusivamente construir uma vida nova a partir do desastre que fora a minha vida anterior.

Elsbeth continuava a rodopiar em círculos por cima do apoio para a cabeça. Caramba, até a mim me apetecia fazer o mesmo.

– Acho que ela é parecida contigo – consegui dizer, não obstante o nó de que vos falei anteriormente.

– Mas tem a tua boca – respondeu Chloe. – E parece-me que o nariz também.

Apetecia-me dizer-lhe tanta coisa, e à nossa filha, mas teria de ficar para quando estivéssemos em casa, secos e quentinhos.

O curioso era que estávamos secos e quentinhos, ainda que a porta de trás do *Jeep* estivesse aberta, deixando-nos completamente expostos à neve e ao vento gelado de nove graus negativos. A magia de Chloe desaparecera de repente, o bebé ainda tentava dominar a arte de mamar e o melhor que eu podia fazer era esfregar dois paus para tentar fazer fogo.

Elsbeth era decerto a responsável pelo fenómeno.

Ocorreram-me duas coisas enquanto colocava Chloe e o bebé numa posição menos confortável mas mais segura para a viagem de regresso a casa.

A primeira coisa era que a *troll* com mau feitio talvez não fosse tão má como eu pensava.

E a segunda era que agora ela talvez voltasse para o lugar de onde tinha vindo.

Estava a sorrir quando me sentei ao volante para conduzir até casa. Afinal de contas, o dia acabara por se tornar absolutamente fantástico.

CHLOE

O bebé dormiu todo o caminho até casa. O seu rosto minúsculo estava encostado ao meu peito e tinha os dedos incrivelmente pequenos agarrados à borda da minha camisola, com força. Tinha um

cheiro docemente familiar e deixei-me embriagar no seu odor enquanto avançávamos pela noite que se adensava.

Sentia-me como se tivesse vivido uma vida inteira no espaço de uma tarde.

Agora era mãe. O bebé que dormia encostado ao meu peito era minha filha. Eu jamais tornaria a dar um passo que fosse sem pensar de que modo isso a afetaria, sem me questionar sobre a sua segurança, sem rezar para que a vida dela fosse abençoada com tudo de maravilhoso.

Luke conduzia devagar, espreitando-nos de vez em quando pelo espelho retrovisor. Tinha um ar exausto e feliz e eu mal podia esperar para chegarmos à nossa casinha e começarmos a ser uma família.

Elspeth estava sentada em cima do pneu sobressalente, com os olhos escuros e pequenos concentrados na estrada que ia ficando para trás. Não fazia ideia nenhuma do que lhe iria na cabeça ou, para ser sincera, porque continuava ali. A promessa que fizera a Samuel fora cumprida. Ela vira a geração seguinte vir ao mundo. Inclusivamente, lançara um feitiço para proteger o bebé durante a viagem sem assentos até casa. A mais recente descendente de Aerynn acabara de dar entrada no mundo e, tanto quanto eu sabia, o trabalho de Elspeth estava feito.

Quer dizer, não era como se ela tivesse de confirmar os horários do comboio ou ter o trabalho de alugar um carro. Bastava um pouco de concentração profunda, um encantamento sussurrado e estaria de volta em Salem num abrir e fechar de olhos.

Mas depois a minha filha mudou de posição e Elspeth, assim como tudo o resto, desapareceu da minha mente. A única coisa real, a única coisa que importava de facto, era a linda menina aninhada no meu peito.

Devo ter adormecido porque, quando dei por isso, estávamos a estacionar à porta de casa. Nevara ali também e o manto branco e espesso cintilava ao luar. O nosso lar nunca me parecera tão belo como nesse instante.

– Alguém nos fez o favor de limpar a neve do acesso – disse Luke enquanto desligava o motor do carro. Parecia surpreendido e satisfeito.

– Aposto que foi o Paul Griggs que mandou um dos filhos – respondi-lhe, profundamente sensibilizada com o simpático gesto.

– *Pff!* – exclamou Elspeth, saindo de cima do pneu. – Duas palavrinhas é quanto basta, um simples pestanejar, e a neve desaparece. Isso para eles não é nada.

Os *trolls* não são conhecidos por serem sentimentalistas.

Eu e Luke fizemos um esforço para não desatarmos a rir às gargalhadas enquanto ele me ajudava a sair do *Jeep*, com a mão direita, o bebé aninhada no seu braço esquerdo.

– Ai! – estremeci de dor, ao endireitar-me. – Tão depressa não posso andar de bicicleta. – Embora tivesse o poder da magia do meu lado, sentia-me muito dorida e perra e com uma admiração profunda pelas mulheres que davam à luz gémeos e trigémeos sem pestanejarem.

– Vamos devagarinho – disse Luke e encostei-me a ele enquanto caminhávamos em direção a Brianne e Lilith, que nos esperavam.

As duas mulheres estavam no alpendre da entrada, com sorrisos de orelha a orelha que me aqueceram não obstante o frio que se fazia sentir.

– Como souberam? – perguntei-lhes assim que entrámos em casa.

– Foi a Elspeth – replicou Lilith.

Baixei o olhar para a *troll* carrancuda de cabelo amarelo.

– Pensava que a sua magia estava a funcionar tão mal como a minha.

Ela ignorou-me e desapareceu até à cozinha.

Lilith pôs-me o braço à volta dos ombros e Brianne, a parteira, estendeu os braços para o bebé. Luke deu um passo atrás.

Olhou-me nos olhos e eu acenei com a cabeça.

– Está tudo bem – tranquilizei-o. – Elas vão certificar-se de que está tudo bem e instalar-nos como deve ser.

Ele hesitou durante um longo momento e depois entregou relutantemente o nosso bebé aos cuidados de Brianne.

– Não te preocupes, papá – disse a parteira de voz doce, dando uma risada. – A tua família está em boas mãos.

Ele não aparentava estar muito convencido. Parecia querer passar o resto da vida a proteger a filha, a proteger-nos a nós, de tudo o que o mundo nos pusesse à frente.

Pensava que já o amava o máximo que era possível amar um homem, mas estava enganada. O que sentia por ele naquele momento era imensurável.

– Elas vão-se embora não tarda nada – sussurrei-lhe enquanto Lilith e Brianne desciam o corredor em direção ao nosso quarto. – Só precisam de se certificar de que estamos bem. É apenas por precaução.

Ele puxou-me para si, num abraço que tinha tanto de meigo como também de altamente protetor.

– Vou ver se me livro da *troll*. Esta noite devia ser só para a família.

Família!

A palavra aqueceu-me o coração como chocolate quente numa noite fria de inverno. Tudo havia mudado. Ao sairmos de casa, naquela manhã, éramos apenas Luke e Chloe, mas agora éramos uma família.

– Ela precisa de um nome – disse ele quando encostei o corpo exausto ao seu, absorvendo o calor nas profundezas da minha alma. – Não podemos continuar a chamar-lhe bebé.

Acenei com a cabeça, mas subitamente já não tinha energia para proferir uma única palavra. Devo ter cambaleado um pouco, pois quando dei por isso Luke pegara-me ao colo e percorria o pequeno corredor que conduzia ao nosso quarto, onde Lilith e Brianne nos esperavam.

As duas mulheres entreolharam-se, divertidas, quando Luke me deitou na cama, ao lado da nossa filha despida e a esbracejar.

– Agora toca a sair, Luke! – Lilith enxotou-o com as mãos delicadas. – Temos de tratar de coisas de mulheres.

Elas expulsaram-no do quarto e depois fecharam a porta atrás dele.

Brianne examinou-me minuciosamente e declarou-me apta tanto no plano humano como no plano mágico.

– E a minha magia? – perguntei.

– Não te preocupes – respondeu com um sorriso. – Descansa. Dorme. Daqui a umas semanas voltará melhor do que antes.

Lilith, que estivera a fazer um exame igualmente minucioso ao bebé, ergueu o olhar para nós e sorriu.

– E eu tenho o prazer de confirmar que o bebé MacKenzie-Hobbs obteve uma pontuação de dez no teste Apgar humano. É perfeita e é linda.

Fiquei tão orgulhosa que mais parecia que a minha recém-nascida havia sido aceite na Mensa.

– É mesmo bonita, não é? – perguntei, numa voz meiga, ao mesmo tempo que tomava o bebé acabado de embrulhar nos braços. – É tal e qual o papá dela.

– É parecida contigo – disse Bri com uma risada.

– Em tamanho reduzido, como é óbvio, mas é a cara da mãe – concordou Lilith.

Elas sabiam lá. Eram ambas cegas como morcegos.

A linhagem MacKenzie estava bem representada no nosso bebé com dois quilos e setecentos gramas.

– E sinais de magia? – indaguei, embora já soubesse a resposta.

– Oh, querida, ainda é muito cedo para isso – replicou Lilith. – Ela é três quartos mortal. Vai demorar algum tempo para a magia se sobrepor à sua linhagem humana. – Fez uma pausa. – Além disso, lembrás-te como foi contigo. A tua magia só se manifestou depois de te apaixonares.

– Ela vai ser bastante vulnerável – disse Brianne. – Não te quero alarmar, mas, se fosse comigo, certificava-me de que seria protegida pela magia mais poderosa que conseguisse urdir à volta dela.

Não era o que eu queria ouvir. Umas semanas antes passara uma tarde inteira a estudar o Livro dos Feitiços em busca do que existia em termos de tradições e rituais em torno do nascimento de uma descendente de Aerynn.

Acabara por descobrir que não existia muita coisa. Tratava-se basicamente do tipo de coisa que fazíamos sempre que um dos nossos cidadãos recebia um novo membro da família. No sétimo dia após o nascimento, o recém-nascido era apresentado à comunidade no relvado junto ao monumento do farol. Seguia-se a bênção por parte dos antepassados, realizada pelo coro do Lar de Sugar Maple, e depois havia uma grande festa. Findas essas três etapas, toda a gente ficava satisfeita.

Mas aquilo era diferente. O nosso bebé era mais humano que mágico. A magia existente na sua alma seria suficientemente poderosa para a proteger dos que lhe quisessem fazer mal até chegar a altura de ela aprender as várias formas de se proteger? Só saberíamos a resposta a essa pergunta dali a muito tempo, o que significava que caberia a mim, a Luke e à população inteira de Sugar Maple mantê-la em segurança.

E eu a pensar que dar à luz era o mais difícil.

A confiança, a parte realmente mais complicada, ainda agora estava a começar.



LUKE

Elspeth estava sentada em cima da mesa da cozinha, a comer um pedaço de manteiga, quando entrei. Ergueu o olhar para mim, com o rosto manchado do colesterol, e depois deu mais umas dentadas enquanto eu tentava não vomitar.

– Que eu saiba, existem cadeiras – resmunguei, dirigindo-me a passos largos para o frigorífico para ver o que havia para comer. – Só os gatos é que se sentam em cima das mesas.

E, sendo eu um amante de cães, continuava a ter alguma dificuldade em aceitar esse hábito.

A *troll* ignorou-me. Tinha queda para isso. Podia cair redondo no chão à sua frente, fulminado por um ataque de coração, que ela continuaria a lamber manteiga e a fitar o vazio.

Tirei uns ovos, leite e uma tigela com batatas cozidas frias e depois fui à procura de cebolas e de um bocado de manteiga em que Elspeth não tivesse tocado. Tinha a certeza quase absoluta de que Chloe trataria do jantar da nossa filha.

Procurei uma frigideira, a andar de um lado para o outro mesmo à frente de Elspeth. Era como se eu fosse invisível. Quem diria que a manteiga era um narcótico? A *troll* parecia estar ganzada com manteiga.

E também não parecia ter pressa nenhuma em regressar a Salem.

– Grande dia – exclamei.

Nada. Nem sequer uma resmungadela.

– É melhor despachar-me a montar o berço.

Mais parecia que estava a recitar os resultados da jornada de futebol, tal era a maneira como ela me ignorava.

A subtileza era fortemente sobrevalorizada. Como tal, disse-lhe o que tinha para dizer:

– Agora que o bebé já nasceu pode voltar para a sua casa.

Elspeth não se mexeu. Nem sequer pestanejou. E não tenho a certeza se estaria a respirar.

Um zumbido soou junto ao meu ouvido esquerdo e dei um salto.

– Mas que raio?!

Ela deu outra dentada na manteiga.

– Raios! – Senti uma picada intensa no lóbulo e comecei a sacudir o ar, embora não visse nada. – Pare lá com isso, está a ouvir?

Ela lambeu um pouco de manteiga dos lábios ressequidos e fitou-me diretamente.

– Não sou eu que estou a fazer isso.

– Não é o quê?!

– Se fosse a ti tinha cuidadinho com a língua. O mundo é um lugar perigoso, humano, para todos os da tua espécie.

Sou agente da polícia. Estás a ensinar a missa ao padre, ó Cara de Manteiga.

Ela dissera o que tinha para dizer e o zumbido cessara. Que grande coincidência, não vos parece? Fiquei seriamente irritado.

– O Samuel mandou-a para cá para cuidar da Chloe durante a gravidez. Pois bem, o bebé já nasceu. A Chloe e a nossa filha estão ambas bem. Nós tratamos de tudo a partir daqui. Não há nada que a prenda em Sugar Maple. O melhor será...

Ela estava ali e depois deixou de estar. Sem fogo-de-artifício. Sem um fio de fumo no ar. Nem sequer um «adeusinho, até à próxima». Estava ali e depois já não estava, deixando unicamente para trás o invólucro da manteiga amachucado. Nem sequer se despediu. Não que eu me queixasse, como devem calcular. Adeusinho ou vai-te embora.

– MacKenzie, o Caçador de *Trolls* – disse eu a *Dinah* e a *Blot*, que entraram para ver se havia uma lata de *Fancy Feast* aberta algures. – Ao vosso dispor.

Eles não perceberam a piada. Só conhecia uma pessoa que a entenderia e essa pessoa era a minha irmã mais nova, Meghan. A verdade era que tinha de começar a informar a minha família e porque não começar por aquela que faltara ao *brunch*?

Coloquei as cebolas na frigideira e depois peguei no telefone que estava em cima da bancada da cozinha.

Ela atendeu ao primeiro toque com uma voz algo desvairada:

– A cama está a arrefecer, James, e eu...

Era melhor interromper a conversa o quanto antes:

– Não sou o James.

– Merda! És tu, Luke?

– Onde te enfiaste hoje, caramba? – quis saber, mexendo as cebolas na frigideira cheia de manteiga com uma espátula de plástico. – Até o Kevin apareceu.

– A mãe não te disse? Fiquei encurralada por causa da neve.

– Eu fui ver o boletim meteorológico, Meghan. O tempo está seco e soalheiro em Nova Jérсия.

Seguiu-se uma pequena pausa.

– Não estou em Nova Jérсия. – Uma pausa ainda maior. – Estou em Massachusetts, com um amigo.

Foi a minha vez de fazer uma pausa. Ela tinha demasiados amigos e a maior parte deles acabava por lhe partir o coração. Infelizmente não era da minha conta.

– O James?

– Viemos passar o fim de semana prolongado e ficámos encurralados.

– Se estão encurralados, então porque não está ele aí contigo?

– Deixe-se disso, detetive MacKenzie – disse ela num tom que revelava alguma tensão. – Não tenho de lhe dar satisfações.

– Mas onde está ele? – insisti eu. – A cortar lenha nas traseiras?

– Saiu para ir buscar mantimentos antes que fechassem as estradas.

– E há quanto tempo conheces esse autêntico escuteiro?
– Desde a semana passada.
– Conheceram-se a semana passada e já estão enfiados numa acolhedora cabana de madeira no meio de nenhures? – Era por essas e por outras que muitas mulheres ingênuas acabavam na morgue com uma etiqueta pendurada no dedo grande do pé a lixar-lhes a pedicure. – O que sabes tu sobre esse tipo? Diz-me que, pelo menos, é amigo de um amigo teu.

Ouvi-a a encher o peito de ar, lentamente, para se acalmar. E depois outra vez. E outra.

– *Okay* – disse-lhe, partindo uns ovos para dentro de uma das tigelas à prova de salpicos de Chloe e mexendo-os com um garfo. – Já percebi. Tens trinta anos. Já não és a minha irmãzinha pequenina. Não precisas que aprove os teus namorados.

Silêncio.

– Então, Meghan? – exclamei, numa voz apaziguadora. – Ao menos não queres saber porque te estou a ligar?

– Já sei porquê. Para me dares na cabeça por não ter ido à reunião de família. A mãe deve ter-te dito para me ligares.

– Enganas-te – repliquei a desfrutar o momento. – Estou a ligar para te dizer que és tia outra vez.

... *Quatro... Três... Dois...*

Tinha quase a certeza de que seria possível ouvir o grito dela nas províncias marítimas.

– Oh, meu Deus, Luke, sempre é verdade! A mãe disse-me que te viu com uma campónia grávida, ou coisa assim do género, mas pensava que ela estava a gozar comigo para ver se eu aparecia numa dessas reuniões familiares onde eles... Oh, meu Deus... Um bebé...

Era evidente que estava a chorar. Caramba, eu próprio estava com os olhos mareados ao partilhar com ela as estatísticas vitais do bebé.

– Meggie – disse-lhe eu, sorrindo como um idiota enquanto barrava uma torrada com manteiga –, deixa-te de choradeiras. Isto é uma boa notícia.

– Mas quando é que... Como é que... Ou seja, ela...

– A Chloe.

– A Chloe deu à luz durante o *brunch*?

– Quase. – Contei-lhe a versão condensada da história.

– E não foram logo para o hospital?

– Para quê? – retorqui ciente de que estava a enveredar por um caminho arriscado. – A Chloe está bem e o bebé é saudável. Estávamos no meio de uma tempestade de neve, Meggie. A decisão mais segura era irmos direitinhos a casa.

– E já foram vistas por um médico, certo?

– Tínhamos duas parteiras à nossa espera no alpendre da frente.

– Mas têm de ser vistas por um médico – insistiu ela. – Os bebés precisam de uma série de vacinas e coisas do género, não é?

– E nós vamos tratar disso – respondi-lhe, evitando as perguntas dela com o que me pareceu ser uma bela manobra à Fred Astaire.

– Deve ser linda, não é? – A minha irmã soava algo melancólica. Acho que nunca a tinha ouvido soar tão melancólica.

– Cabelo louro e sedoso. Ainda não se percebe muito bem a cor dos olhos. Pernas e braços compridos. A Chloe diz que a boca é igual à minha, mas não me parece... – As palavras ficaram

presas no nó que se formara subitamente na minha garganta.

– Faz lembrar a Steffie – sussurrou Meghan.

– Então quando vens conhecer a tua sobrinha? – perguntei, assim que recuperei a voz.

– Em breve – prometeu ela. – Manda-me uma fotografia do bebé logo à noite, está bem?



MEGHAN

Um bebé. Ela ainda não conseguira interiorizar a novidade.

Luke era novamente pai. Aquela coisa sobre o ciclo da vida que a fizera chorar durante *O Rei Leão* tinha agora um novo sentido.

Um bebé.

Ela serviu-se de mais um copo de *Syrah* e tornou a enfiar-se debaixo do edredão, vendo as labaredas a dançarem na lareira. Steffie tinha sido uma miúda fantástica. Porque não passara ela mais tempo com a sobrinha? Porque não compreendera que a vida podia mudar num instante?

Deu uma risada para dentro do copo de vinho. Porque se esquecera de perguntar o nome do bebé recém-nascido a Luke?

As tias deviam saber coisas como nomes, aniversários e listas de presentes de Natal. Ela faltara ao último aniversário de Steffie. Greg, ou teria sido Mark?... Bem, fosse quem fosse, um dia aparecera no trabalho com dois bilhetes para a Jamaica e Meghan correria a fazer as malas, esquecendo-se por completo da festa de aniversário nesse mesmo fim de semana em casa de Luke.

«Para o ano compenso-a», dissera ao irmão zangado. «Encho-lhe o quarto de *Barbies*.»

Porém, não houvera aniversário seguinte.

Ela terminou o copo de *Syrah*, ciente do agradável torpor que lhe percorria o corpo.

Quando tornou a abrir os olhos, mais tarde, ele estava curvado ao seu lado, o hálito quente contra a parte de trás do seu pescoço, o corpo firme e pronto.

— Demoraste tanto tempo — sussurrou-lhe assim que ele se encostou a ela. — Já estava a ficar preocupada.

— Estavas a dormir. — Ela não tinha a certeza se ele estava zangado ou divertido. Mudava de humor como por magia.

Ficara preocupada sim, embora talvez não com ele. Recordou o desconforto sombrio que a invadira enquanto adormecia. Culpa, era o que era. Por ser uma tia desnaturada, por não ter ido à reunião de família e por ter optado por passar mais um dia enfiada na cama com um homem que mal conhecia. Por ser quem era.

Ele sussurrou-lhe algo ao ouvido e ela ficou imediatamente em brasa.

— Não — replicou. — Isso não.

Ele repetiu as palavras, desta vez sem as sussurrar, e um arrepio de medo invadiu-a como um vírus.

Tentou libertar-se, mas os braços dele pareciam barras de ferro à volta da sua cintura.

– Não posso – disse-lhe ela.

– Podes, sim.

Ele virou-a e prendeu-a à cama.

– O jogo é meu – exclamou ele. – Portanto, quem dita as regras sou eu.

Ela não gostava de regras, fossem de quem fossem. Tentou novamente libertar-se, mas ele dominou-a.

– Vês? – sussurrou-lhe ele junto à curva da orelha. – Ganho sempre.

Aquilo agradava-lhe num homem.



LUKE

— Já se foi embora — disse, pousando o tabuleiro no colo de Chloe.

Ela arregalou os olhos ensonados.

— A Elspeth?

Estalei os dedos e depois estremeci quando o bebé deixou escapar um queixume.

— Assim, sem mais nem menos — disse eu, a sussurrar. — Espero que tenha sido por minha causa.

— Pode não se ter ido mesmo embora — lembrou Chloe. — Sabes que ela gosta muito de se esconder.

— Parece-me que se foi embora de vez. Acabou-se o fedor a *waffles*.

Chloe deu um suspiro, longo e exuberante:

— Há tanto tempo que não temos a casa só para nós. Quero dizer, mesmo só para nós.

Fiz um gesto em direção à nossa filha adormecida.

— Já não estamos propriamente sozinhos.

— Ela faz parte da família — respondeu Chloe, com um sorriso que iluminou a divisão. — É diferente. — Deu um trago no sumo de laranja. — Por falar em família, já disseste à tua que o bebé nasceu?

Sorri e peguei na minha caneca de café.

— Os gritos rebentaram-me o tímpano direito.

— Ficaram entusiasmados.

— Entusiasmados é pouco. A Bunny desatou a fazer-me perguntas. O meu velhote ficou com a voz embargada. Pedi-lhes para avisarem os outros. — Bebi outro gole de café. — Tive de convencer a minha mãe de que não queríamos visitas esta noite.

— Nem amanhã — disse Chloe com os olhos muito abertos. — Disseste-lhe isso, não disseste?

— Disse-lhe que íamos precisar de uma semana.

— Uma semana é bom — respondeu Chloe. — Duas semanas seriam melhor.

— Nem penses que eles vão esperar duas semanas para verem a neta mais recente.

— Para a semana é a cerimónia de Apresentação.

Fiquei às moscas. E notou-se.

— Levamos o bebé para o relvado coletivo onde será acolhido na comunidade mágica.

– É só isso?

– Bem, também se canta e há quem faça uns discursos, mas, sim, é essencialmente isso.

– Nada muito esquisito?

– Talvez um pouco esquisito – admitiu ela. – A Midge deverá ler «Desiderata»¹², com o George a acompanhá-la com o gravador. É nesse momento que se escolhe o nosso equivalente à madrinha.

– Isso soa-me um bocado estilo *A Semente do Diabo*.

Ela esboçou um sorriso e comeu mais um bocado de torrada.

– Haverá *cupcakes*.

– E não há presentes?

– *Hello!* – exclamou ela. – Não te lembras do *baby shower* no Dia das Bruxas?

– E quando é essa festa em que se canta e come *cupcakes*?

– No domingo. – Ela fez uma pausa. – Oh, não! Não pode ser. Não me digas que é quando vem a tua família?

– Nem mais.

– A que horas?

– Por volta do meio-dia.

Quase via o cérebro dela a funcionar dentro da cabeça.

– Não deve haver problema. A Apresentação costuma ser sempre ao nascer do Sol. Por essa altura já teremos terminado.

– O Sol nasce por volta das sete da manhã – disse eu. – Quanto tempo dura a Apresentação?

– Não queiras saber – replicou ela, esboçando um leve sorriso. – Vamos certificar-nos de que os nossos mundos não entram em colisão.

Contudo, penso que ambos sabíamos que essa colisão estava para muito breve.

Contei-lhe a minha conversa com Meghan.

– Não sejas muito duro com ela – disse Chloe, beberricando o chá quente e adocicado. – A tua família é um tanto intimidante.

– Para quem é de fora – respondi. – A Meghan já devia estar mais do que habituada.

– Não stresses com ela – insistiu Chloe. – A julgar pelo que me contaste, não me parece que seja muito feliz.

– Não é feliz? – Dei uma gargalhada. – Eu adoro-a, mas a Meghan faz o que lhe apetece, quando lhe apetece, e depois espera que os outros larguem tudo para lhe darem colo quando as coisas correm mal.

– Pronto, está bem –, Chloe encolheu os ombros –, já cá não está quem falou, mas continuo a achar que devias dar-lhe um desconto. Ela é adulta.

– Mas quem disse que lhe dei na cabeça?

– Adivinhei.

Comemos em silêncio durante algum tempo. Eu já tinha comido meia dúzia de torradas enquanto preparava a refeição para ambos, pelo que comi nas calmas, vendo Chloe a devorar um prato repleto de ovos mexidos com *hash browns* e torradas.

– A família quer saber como vai ela chamar-se.

Chloe acabou de comer o pedaço de torrada com manteiga e doce de mirtilo e olhou-me com um ar admirado.

– É Laria. Como te foste esquecer?

- Pensava que tínhamos combinado que seria Sarah.
 - É demasiado vulgar – respondeu, franzindo o nariz. – Assim que a vi, soube logo que era Laria. Ela pronunciava-o «Mariah», mas com um «L».
 - E isso tem algum... significado mágico?
 - Não. – Ela deu outra dentada na torrada. – Gosto do nome, é só.
 - E eu tenho algum voto na matéria?
- Ela abanou a cabeça.
- Não me parece.
 - Laria... – Deixei o nome pairar no ar e depois repeti-o. – Laria.
 - É um nome invulgar – disse ela.
 - Se é.

Ela espetou-me com o cabo do garfo, de lado.

- No bom sentido!

Baixei o olhar para o montinho de controvérsia que pesava dois quilos e setecentos e meia quarenta e oito centímetros, e que dormia tranquilamente no meio da nossa cama, e senti-me a derreter. Um nome tão invulgar como a nossa filha feiticeira/mortal. Talvez tivesse algo de mágico, sim.

- Laria – tornei a dizer com um sorriso estampado no rosto. – Acho que me vou habituar.

Chloe bocejou encostada ao meu ombro e eu aconcheguei-a nas almofadas.

- É melhor dormires enquanto podes – aconselhei-a. – Os bebés têm uns horários muito particulares que, regra geral, não são agradáveis.

Ainda recordava o que as semanas sem dormir faziam aos novos pais. Não era bonito de se ver.

Ela acenou com a cabeça e adormeceu nos meus braços antes mesmo de eu terminar de falar. Já havíamos decidido que o berço podia esperar umas semanas pelo que fui buscar a alcofã que Janice deixara no quarto e pousei-a ao lado de Chloe. Laria nem sequer abriu os olhos quando a deitei dentro da alcofã. A sua boca minúscula mexeu-se para formar o que me pareceu ser um sorriso e depois ela entrou num sono profundo, qual mergulhador à procura do fundo do mar.

- És tal e qual a tua mãe – sussurrei, inclinando-me para a frente para a beijar na testa. Chloe dormia como se estivesse a participar nas Olimpíadas, a lutar pela medalha de ouro, e a filha parecia sair a ela.

Senti um amor tão imenso e poderoso que me deixou sem respiração. Deixei-me ficar parado a observá-las e, pela segunda vez nesse dia, percebi que tudo faria para as proteger.

Sentira o mesmo quando Steffie nascera, mas nessa altura era mais novo. Não compreendia o quão frágil era a vida. Apesar de já ser polícia, ainda não aprendera que a vida nem sempre era justa, que às vezes aconteciam coisas terríveis quando menos esperávamos e que não tínhamos como as travar por muito que tentássemos.

Nem sempre o amor bastava. Essa era a triste e dura realidade.

Às vezes, o amor não bastava.

* * *

Laria tinha um grande apetite para alguém que ainda não completara vinte e quatro horas de vida.

Eu estava sintonizado na mesma onda que Laria, levantando-me assim que ela chorava para

verificar a fralda e depois entregá-la a Chloe para mais uma refeição. Funcionava em piloto automático, enquanto Chloe se esforçava para ficar acordada o tempo suficiente para o bebé mamar. Mantinha-me ao corrente do jogo dos Pats através do meu telemóvel, enquanto Laria mamava, e depois fazia-a arrotar e tornava a deitá-la na alcofa.

Nenhum de nós fazia ideia da quantidade de colostro que Laria estava a receber por essa altura, mas Lilith e Janice (e provavelmente todas as mulheres de Sugar Maple) apareceriam na manhã seguinte para ajudarem Chloe a dominar a arte da amamentação. Eu não tinha a certeza se a magia fazia alguma diferença ou não, mas sinceramente desconhecia imensa coisa em relação ao assunto.

A verdade é que passei o tempo todo a fitar o teto, ultra atento a todos os sons num raio de três quilómetros. Estávamos em Sugar Maple. As paredes, as janelas e os sistemas de alarme não tinham grande efeito por aquelas bandas. O feitiço de proteção afastava os perigos humanos, mas e o Mal que se escondia entre nós? Eu sentira na pele a maldade supernatural e, deixem que vos diga, não era nada como o que se via na televisão. Lutavam de uma forma desonesta, e lutavam para ganhar, e a verdade era que a sorte de uma pessoa tinha limites.

Estava contente por Elspeth se ter ido embora, mas havia algo em relação à sua partida abrupta que não me deixava tranquilo. Verdade fosse dita, *longe e invisível* não era propriamente a mesma coisa.

A *troll* era capaz de se esconder melhor do que os Klingons no filme *A Procura de Spock*. Podia estar sentada aos pés da cama naquele preciso instante, vestida com a sua camisa de noite às riscas amarelas e brancas, sem que eu soubesse.

Era difícil adormecer com essa imagem na cabeça.

E depois havia o ressonar de Chloe. Ninguém aguentava dormir com aquela barulheira.

O facto era que não iria conseguir dormir grande coisa. Mas eu aguentava-me. Fosse como fosse, o sono era altamente sobrevalorizado. Aproveitaria para descansar quando Laria fosse para a faculdade. Reformava os dragões, drenava o fosso e investia nuns tampões industriais para os ouvidos.

Chloe parou de fazer tremer as janelas pouco antes do amanhecer. O bebé estava cheio, seco e a dormir profundamente. O quarto estava confortavelmente quente e silencioso. Baixei a guarda e deixei-me mergulhar em algo que era um misto de sono com coma quando um grito agudo perfurou o silêncio.

Acordei de imediato, mas não me consegui mexer. Pelo menos, pensava que estava acordado, mas talvez estivesse preso num desses sonhos que nos fazem pensar que estamos acordados quando na realidade não estamos. Fosse o que fosse, sentia-me como um *panini* humano, esmagado por uma prensa invisível. Não sentia dor, nem desconforto, nada exceto a porcaria do facto de não me conseguir mexer.

Longe do meu alcance, o choro de Laria tornou-se mais desesperado e Chloe continuava a dormir. Mas o que raio se passava? Teria eu tido uma trombose durante o sono?

A pressão no meu peito e costas aumentou. Conseguia mexer os dedos das mãos e dos pés. Conseguia respirar. Via tudo com clareza, embora não conseguisse virar a cabeça. Mas continuava preso.

O meu coração começou a bater mais depressa e tentei inspirar calma e profundamente. *Waffles?* Inspirei novamente.

Elsbeth estava algures no quarto.

O que raio estaria ela a fazer ali? Pensava que tinha regressado a Salem de vez. Seria a sua maneira de se vingar de mim por a ter posto na rua?

A minha adrenalina disparou e quando dei por isso estava fora da cama e junto a Laria.

O corpo minúsculo dela estava muito rígido. Tinha o rosto vermelho e enrugado numa careta infantil. Continuava embrulhada na sua manta, estilo *burrito*, mas o gorro macio e cor de pêssego que Chloe havia tricotado estava ao seu lado, expondo-lhe a cabeça ao frio da noite. Toquei-lhe com cuidado, passando ligeiramente as mãos sobre ela para me certificar de que estava tudo bem. Peguei no gorro para lho colocar na pequena cabeça e reparei em algo estranho. A zona macia e vulnerável visível por baixo do cabelo dourado e sedoso parecia cintilar no escuro da noite e no seu centro vi uma pequena marca vermelha.

Teria estado sempre ali? Não me lembrava de a ter visto, mas estivera preocupado com outras coisas como o sangue, a respiração e a contagem dos dedos das mãos e dos pés pelo que não prestara muita atenção ao topo da cabeça.

Lembrava-me de pensar que ela era perfeita quando a colocara nos braços de Chloe. Tão perfeita que mais parecia um anjo e não uma criança (quase) humana. Mas não era verdade que todos os pais pensavam que os filhos eram perfeitos? A criança podia ter uma juba de leão e mesmo assim os pais gabar-se-iam da espessura do pelo.

Tinha a certeza de que a marca vermelha não estava lá antes, mas estava agora e não me agradava nada.

– O que se passa? – perguntou a minha mãe assim que atendeu o telefone, uns minutos depois.

Contei-lhe com o mínimo de palavras possível. Estava sentado na cozinha com Laria a dormir encostada ao meu ombro, enquanto falava.

– Deve ser um arranhão – disse Bunny enquanto bocejava.

– Não é um arranhão.

Silêncio, seguido de outro bocejo meio abafado:

– Pode ser um angioma. Às vezes aparecem nos recém-nascidos. Não é nada de preocupante.

– Quando a deitei, por volta das nove da noite, não tinha nada.

– Ou então não te apercebeste.

– Não tinha nada.

A transição de mãe para enfermeira foi quase perceptível.

– Quando viste a marca pela primeira vez?

– Há cerca de dez minutos. Ela começou a chorar e eu levantei-me de um salto para ver o que se passava. Já não tinha o gorro na cabeça e...

– Bem, então foi isso. Não tinha o gorro. Deve ter-se arranhado. – Ela tornou a bocejar. – Já alguém cortou as unhas ao bebé?

– Não faço ideia.

– Deve ter-se arranhado depois de lhe ter caído o gorro. As unhazinhas dos bebés são muito afiadas.

– Não se parece nada com uma arranhadela. É uma marca vermelha.

Ouvi o meu pai a resmungar algo e a mexer-se na cama. Estaria eu a comportar-me como um palerma paranoico ou como um pai recente em pânico? Era difícil de dizer.

– Estou certa de que não é nada de mais, querido – disse a minha mãe. – Vai descansar e depois torna a examiná-la à luz do dia.

– Alguma coisa é.
– Porque não me envias uma foto por *mail*, para eu ver?
– Vou fazê-lo agora mesmo.
– Não quero parecer chata, querido, mas não me vou levantar às... – pausa enquanto ela olhava para o despertador – ... cinco e cinquenta e três da manhã para ver a fotografia de uma marca vermelha que estou certa de que não é nada de preocupante. Vai deitar o bebé e descansa também.
– Mas...
– Criei sete filhos, isso sem contar com o teu pai. Acho que sei quando nos devemos preocupar. Neste caso, não há motivo para preocupações. Dá um beijinho ao bebé e outro à Chloe por nós e manda-me a fotografia mais logo.
Ela desligou sem sequer se despedir.

[12](#) Poema filosófico da autoria de Max Ehrmann, que fala sobre como alcançar a felicidade. (*N. da T.*)



MEGHAN

O atordoamento provocado pelo sexo começara a dissipar-se na noite em que nascera a sobrinha dela, embora ninguém o dissesse a julgar pelas nódoas negras no seu corpo, provocadas pela maneira como ele fazia sexo. Era grande e poderoso. Ela convencera-se de que ele não tinha noção da própria força, que se tratava de marcas de amor que teriam desaparecido quando o caso amoroso chegasse ao fim e, às vezes, chegava a acreditar nisso.

Também metera na cabeça que não sabia dizer não e ser firme.

Primeiro, James saíra à procura de mantimentos e depois o irmão telefonara-lhe por causa do bebé. Quando ela dera por isso, o mundo real estava a bater-lhe à porta, exigindo entrar novamente na sua vida.

Estavam na cabana de madeira há já quase duas semanas. Ela ligara para o Hot Yoga a avisar que estava doente e, embora o patrão tivesse dito as coisas certas, Meghan sabia que o fim estava próximo. Quando regressasse a Nova Jérсия já haveria outro instrutor de ioga a substituí-la e um cheque com a indemnização por despedimento preso na porta do seu cacifo.

O que até não era mau. Estava na altura de seguir em frente. Ela nunca fizera tenção de ficar em Nova Jérсия tanto tempo. Contudo, a questão do destino seguinte estendia-se à sua frente como os quilómetros de uma autoestrada vazia em direção a lado nenhum.

Meghan não era grande fã da realidade. Se a vida decorria independentemente do que disséssemos, fizéssemos ou pensássemos, então porque não deixarmo-nos levar por ela num simpático e indistinto estado de negação? E se ela tinha queda para isso. O seu conhecimento de ioga ensinara-a a esvaziar a mente de tudo à exceção do momento presente.

– Larga o telemóvel e volta para a cama – disse James. – Quanto tempo mais vais ficar a olhar para essas fotografias?

Todo o tempo do mundo.

Ela enfiou-se debaixo do edredão e mostrou-lhe o visor do telemóvel.

– A minha sobrinha é linda – disse sorrindo para ele. – Diz-me lá se não é o bebé com seis dias mais lindo que alguma vez viste?

Por uns instantes, pareceu-lhe detetar um sinal de interesse.

– É engraçada – respondeu ele, encolhendo os ombros –, mas não é como se eu tivesse algum

termo de comparação.

– A sério, é um bebé lindo. É a Miss Universo dos bebés.

Ele pegou no telemóvel e atirou-o para cima da pilha de roupa no chão.

– Ei! – Ela estendeu o braço para o ir buscar, mas ele foi mais rápido e puxou-a para debaixo de si.

– Está a acabar-se o tempo – disse ele. – As estradas foram limpas. Podemos regressar a Nova Jérsia amanhã de manhã.

Não restavam dúvidas. Uma parte do atordoamento sexual estava finalmente a desvanecer.

– Queres mesmo regressar a Nova Jérsia? – perguntou ela ao mesmo tempo que o sentia rígido junto à sua barriga.

– Pensava que tinhas mesmo de regressar – respondeu ele, erguendo a cabeça para a fitar nos olhos. – Disseste que estavas preocupada com o teu emprego.

Ela esboçou uma careta.

– Não me parece que ainda tenha emprego.

– Lamento, miúda. O que tencionas fazer?

Apetecia-lhe responder «mudar-me para tua casa durante uns tempos», mas não o fez. Cometia sempre esse erro com os homens, mudando-se para casa deles cedo de mais, expondo-se em demasia, dependendo demasiado deles.

– Estava a pensar ir até Vermont amanhã para ver a Laria.

– Laria? Mas que raio de nome é esse?

– É um nome bonito – retorquiu ela. – Estava a pensar que podíamos ir até lá de carro, juntos. Não teríamos de ficar muito tempo com a minha família, apenas o suficiente para eu ver o bebé. Procurei Sugar Maple no mapa e dali podíamos dar um salto até ao Canadá, se quiséssemos. Ou então não, afinal de contas estaremos em Vermont! Há duas estâncias no raio de cinco quilómetros de Sugar Maple. Podíamos ir esquiar antes de regressarmos a Nova Jérsia. Disseste que gostavas de esquiar, não disseste? Eu sou mais adepta dos passeios a pé, mas...

Ela estava a exagerar e tinha plena consciência disso. A disparar balas de romantismo, qual caçador tresloucado, na esperança de acertar em algo.

– Escuta – disse ela. – Só estou a pensar em voz alta. Por que razão havias de querer ir de carro tão longe só para ver um bebé? Foi uma ideia disparatada. Esquece.

Diz que sim, James. Preciso que digas que sim. Não me faças aparecer lá sozinha, como a fracassada que sou. Sei que não és meu namorado e sei que isto não vai a lado nenhum. Mas não podias fingir apenas por um dia?

– Está bem – replicou ele. – Fazemos isso.

Ela ficou entusiasmada.

– Estás a falar a sério? Vens comigo conhecer a minha nova sobrinha?

– Sim – respondeu ele com o tipo de sorriso capaz de derreter ouro. – Porque não?

Ela sabia de mil motivos para não o fazerem, mas nada disso interessava.

– A minha família é muito extensa – avisou.

– Quão extensa? – perguntou ele.

– Estilo a família Osmond.

– Usam etiquetas com os nomes?

Ela começou a rir.

– Não, mas devíamos. Facilitava a vida às pessoas novas.

Ela explicou-lhe o essencial enquanto ele fingia ouvi-la.

– Não é assim tão mau – disse ela. – Além disso, prometo que não ficamos muito tempo.

– E eles sabem que tu gostas disto? – Ele deslizou o dedo indicador ao longo das costelas dela, com gestos demorados e sensuais que lhe provocaram arrepios no corpo inteiro.

– Não.

– E disto? – As carícias tornaram-se mais demoradas e mais íntimas.

– Também não.

Ele agarrou-a pela cintura, com as mãos fortes, e virou-a de modo a ficar em cima de si.

– Não te preocupes – disse ele, guiando os movimentos dela. – Já não deixo mais marcas.

Mas ela não estava preocupada. Já nem sequer estava a pensar na família.

Não estava a pensar de todo.



CHLOE

Parecia que pestanejara e Laria já tinha uma semana de vida. Os dias e as noites eram uma amálgama de fraldas, de porta-bebês, de sutiãs de amamentação e de minicomas que se faziam passar por sestras. Oito dias antes jamais imaginara que me sentiria tão exausta.

E feliz. O facto de ser mãe, de esta pequena criatura ser do meu sangue, deixava-me cheia de alegria. Quando pensava na série de acontecimentos aleatórios que havia trazido Luke até mim e na forma como esses mesmos acontecimentos haviam resultado na concepção daquele bebé lindo... Bem, se não me sentisse tão cansada, teria provavelmente chorado, mas a verdade é que chorar despendia mais energia do que possuía de momento.

Felizmente para todos nós, Luke tinha imenso jeito para a paternidade. Não só tomava conta do bebé como também fazia tudo menos amamentar Laria.

Na manhã da cerimónia de Apresentação, mandei Luke ir comprar *bagels* e outras coisas boas para a família dele e Janice veio tentar fazer qualquer coisa do meu cabelo, que não via champô nem escova há algum tempo.

– Vais usar isso? – perguntou ela, apontando para as calças cinzento-escuras e a camisola bege feita à mão que eu estendera em cima da cama.

– Que mal tem? – indaguei imediatamente alerta. – Seja como for, não se vai ver nada por baixo do casaco.

– Não sei – respondeu ela, encolhendo os ombros. – Acho que devias usar algo especial.

Dito isso, fez um movimento rápido com a mão direita e subitamente um agasalho magnífico flutuou até junto de mim.

– Oh, Janice! – sussurrei. – É fantástico.

No que dizia respeito a competências de tricô, considerava-me altamente qualificada, mas aquela peça suplantava tudo o que eu já havia feito.

– Tenho estado a trabalhar nele desde que me disseste que estavas grávida. – O agasalho era um enorme retângulo feito a partir de fio de seda, muito leve, cor de marfim, e decorado com pequenos cristais que o faziam parecer iluminado por dentro.

– Nem sei o que dizer – exclamei, irrompendo em lágrimas.

O que, como seria de esperar, fez Janice desatar a chorar também.

– Deixa-te lá disso – ordenou ela, a fungar. – Ainda não acabei.

Um cobertor de bebê, macio como um sussurro e feito da mesma linha (mas sem os cristais), apareceu de repente e fui-me completamente abaixo.

– É para ter a certeza de que os inspetores da moda não multam a minha filha do coração – disse ela, sorrindo por entre as lágrimas de alegria.

«Filha do coração» era o nosso termo para afilhada.

– Se isso acontecer – repliquei –, terão de se haver comigo.

– Ah, a propósito – disse Janice –, é à prova de vomitado de bebê.

Só mesmo Janice para pensar em tudo.

– Sabes quem devia estar aqui, não sabes? – disse-lhe eu, encostando os preciosos artigos tricotados à mão ao meu peito.

Ela fitou-me nos olhos.

– O Gunnar.

Assenti com a cabeça.

– Sem ele não é a mesma coisa, pois não?

– Podes crer – replicou ela. – Ele ficaria tão feliz por ti e pelo Luke.

– Ultimamente, tenho sonhado com ele – admiti. – Estou sempre a tentar contar-lhe sobre a Laria, mas nunca consigo que as palavras me saiam da boca.

Janice suspirou:

– Sonhei imenso com ele depois do que aconteceu, mas agora nem tanto. Sinto falta disso. Sempre era uma forma de o ter por perto.

– Espero que ele saiba da existência dela – disse eu ao mesmo tempo que abria a blusa e desapertava a copa do sutiã de amamentação. – Gosto de pensar que sim.

– Ninguém sabe o que se passa nas outras dimensões – respondeu Janice. – Acho que tudo é possível.

No ano anterior, ele comunicara comigo através de *Penelope*, a companheira felina que acompanhava as mulheres Hobbs desde Aerynn. De alguma maneira, ele conseguira ir além da sua dimensão para ajudar a ex-mulher e a filha de Luke a encontrarem a felicidade longe dos constrangimentos do mundo mortal. Nem que vivesse mil anos eu seria capaz de pagar a dívida que tinha para com ele. Se não fosse o sacrifício original de Gunnar, eu e Luke jamais teríamos concebido o bebê que agora tinha nos braços.

Enquanto Janice arranjava o meu cabelo, amamentei Laria e fiz um esforço para não olhar fixamente para a pequena marca vermelha no alto da sua cabeça pequena e perfeita.

– Para lá com isso! – ralhou Janice, enrolando uma mecha de cabelo à volta do ferro de fazer caracóis. – É apenas um pequeno angioma, tal como a Brianne e a Lilith te explicaram, e é perfeitamente normal nos bebês humanos. Assim que o cabelo dela começar a crescer nunca mais pensarás nisso.

– É o que tenho dito ao Luke, mas acho que ele não vai na minha conversa.

– Ele preocupa-se demasiado, tal como tu. As pessoas que se preocupam demasiado precisam de ter algo com que se preocuparem, caso contrário, passam-se da cabeça.

– Ele enviou uma fotografia por *e-mail* à mãe e tudo.

– Não me faças rir – disse ela dando uma gargalhada. – Tenho uma arma perigosa na mão.

– E digo-te mais – continuei, mudando Laria do peito direito para o peito esquerdo –, está

convencido de que foi a Elspeth.

Janice irrompeu numa gargalhada histérica.

– Pensava que ela se tinha ido embora.

– E foi – repliquei –, pelo menos tanto quanto sabemos. Ninguém a vê desde que o Luke a pôs na rua no domingo.

– E ele pensa que ela voltou para colocar um angioma de morango na cabeça da filha?

– Basicamente é isso que ele pensa.

Janice enrolou outra mecha de cabelo em torno do ferro de encaracolar.

– Eu sei que a Elspeth é uma chata do caraças, mas por que motivo faria uma coisa dessas?

– Porque ele a pôs na rua.

– Ninguém põe um *troll* na rua – lembrou Janice. – Ela foi-se embora porque estava na hora de partir.

– Quem me dera que explicasses isso ao Luke porque está convencido de que ela anda a espreitar-nos, escondida nas sombras. – Comecei a rir. – Diz que está sempre a sentir o cheiro a *waffles* ressequidas.

Janice simulou o som de alguém a vomitar.

– Mas porque será que os *trolls* cheiram a bolos?

– A Lilith tem um odor agradável a biscoito de gengibre.

Agora era a vez de Janice se rir.

– Mas o Archie cheira a massa de piza crua.

As pálpebras de Laria estavam semicerradas e quase a fecharem-se pelo que fizemos um esforço para contermos o riso. Baixei a cabeça e inalei o seu fantástico odor a bebé.

– Nunca liguei muito a essa conversa sobre os recém-nascidos, mas a verdade é que têm um cheiro maravilhoso.

– Isso é uma coisa unicamente humana – respondeu Janice, encolhendo os ombros. – Os meus bebés cheiravam apenas a leite.

– Então não fazes ideia do que estás a perder.

– A propósito, tu também tens uma marca vermelha na cabeça. – Entreolhámo-nos no espelho do quarto. – Quase no mesmo sítio.

– Não tenho nada.

– Por acaso até tens. Tem-la desde que comecei a arranjar-te o cabelo, ou seja, desde sempre.

– Porque não me disseste?

– A cabeça é tua. Pensava que já sabias.

– Como podia saber? Por acaso, os meus olhos têm perninhas para andar?

– Agora é como se tivessem – disse ela, claramente divertida com a minha reação. – Seja o que for, tu e a Laria têm-na, portanto, não te preocupes com isso.

Tentei rir-me, mas um arrepio de frio, súbito e inesperado, percorreu-me o corpo.

– O que foi? – quis saber Janice com outro molho de cabelos à volta do ferro de encaracolar. – Disse alguma coisa que não devia?

– Não foste tu, é que... – Tive alguma dificuldade para encontrar as palavras certas. – Não sei. Isto é tudo tão perfeito que estou sempre à espera que aconteça algo terrível.

– São as hormonas – replicou Janice por cima dos sons amorosos do bebé. – Isso passa-te, daqui a quinze ou vinte anos. Garanto.

Quem melhor do que a nossa amiga favorita para nos fazer rir quando as nossas hormonas maternas estavam ao rubro?

– Estava mesmo a precisar disso – retorqui enquanto ela dava os toques finais no meu cabelo agora bastante mais apresentável. – Começava a sentir-me como aquela personagem do *Peanuts*, que anda de um lado para o outro com uma nuvem negra por cima da cabeça.

– Queres mesmo algo com que te preocupares?

Lancei-lhe um olhar sério.

– Há quanto tempo me conheces?

– A Elspeth voltou.

– Estás a brincar, não estás? – Só podia. – Isso é só para me fazeres parar de falar sobre marcas vermelhas e sobre a família de Luke.

– Apareceu ontem à noite, quando eu estava lá fora a treinar a dança da adoração à Lua que ela me ensinou.

– Ela ensinou-te a dançar? – A ideia da *troll* roliça a ensinar fosse quem fosse a dançar deu-me vontade de rir.

– Vou fingir que não ouvi isso. – Ela não conseguiu, contudo, suprimir o sorriso embaraçado. – Seja como for, ela voltou, por isso não te admires se aparecer na Apresentação.

– Faz todo o sentido. A Apresentação é o acolhimento do bebé na comunidade. O Samuel iria querer que ela assistisse a isso.

Janice deu os últimos retoques no meu cabelo.

– Agora quem está admirada sou eu. Pensava que te ias passar com a notícia.

– Tornamos a falar depois da cerimónia – respondi. – Se ela não se tiver ido embora antes do clã MacKenzie chegar, então, sim, ver-me-ás passada da cabeça.

* * *

LUKE

Seguindo as instruções que nos haviam sido dadas, fomos os últimos a chegar ao relvado para a cerimónia de Apresentação. Era provavelmente a primeira e a última vez que uma multidão se afastava para me deixar passar, mas nesse dia aconteceu.

Chloe, com Laria encostada ao peito, sorria de nervosismo, enquanto Lilith, Janice e as outras mulheres da vila vinham direitas a nós com os braços estendidos.

Nada me preparara para o que senti quando Chloe e Laria entraram no círculo e me apercebi do amor da vila inteira a fluir para elas. Chloe era a ligação deles a Aerynn, a Samuel e ao passado que havia formado Sugar Maple. Laria era a promessa de que a ligação Hobbs permaneceria forte durante mais uma geração e que Sugar Maple floresceria.

Chloe era o presente deles, mas Laria simbolizava o seu futuro.

Parecia que todos os habitantes da vila haviam aparecido para a Apresentação. O relvado estava repleto de rostos familiares, famílias inteiras juntas no frio de inverno para marcarem a ocasião. Dispostas num círculo em frente ao farol estavam as mulheres mais importantes da vida de Chloe: Janice, Lynette, Renate, Midge Stallworth, Verna Griggs e Bettina. Estavam todas vestidas de igual

com mantos de veludo bordô esvoaçantes e capuzes adornados com pelo escuro. Se não soubesse o que se passava, poderia pensar que retrocedera no tempo cerca de um século.

Janice deu um passo em frente e fez sinal para Chloe e Laria se juntarem a ela no centro do círculo.

A expressão do rosto de Chloe era simultaneamente solene e jovial quando ela e Laria se juntaram à amiga e Janice disse qualquer coisa que não consegui perceber. Chloe acenou com a cabeça e em seguida pousou Laria nos braços de Janice.

Janice sorriu, beijou o bebé na testa e depois assumiu a sua posição no círculo, entre Lilith e Lynette, enquanto Chloe as observava do centro.

Um coro começou a cantar algures atrás do coreto. A canção era uma espécie de lamento, as vozes doces e esperançosas, e emocionei-me apesar dos meus esforços para o evitar. Era complicado armarmo-nos em fortes quando a mulher que amávamos estava a ser homenageada e a nossa filha bebé estava a ser acolhida numa comunidade com tanta simpatia e carinho genuínos.

– Que perda de tempo – exclamou uma voz masculina e desagradável, umas filas atrás de mim. – A miúda é mais humana do que mágica. Jamais cumprirá o seu destino.

– Podes crer – concordou uma voz feminina. – Sugar Maple está bem tramada outra vez.

Há sempre um palhaço (ou dois) em todas as multidões. Virei-me para trás, para olhar para os fala-baratos, mas as vozes não me eram familiares pelo que não sabia a quem direccionar a minha ira.

Respirei fundo, contei até cinquenta e depois voltei a minha atenção para a cerimónia de Apresentação. A canção terminou e Janice virou-se para Lynette, que abriu os braços para acolher Laria. Sussurrou qualquer coisa que fez Chloe enxugar os olhos e depois beijou o bebé na testa, tal como Janice fizera.

Uma a uma, as mulheres importantes da vida de Chloe tomaram o nosso bebé nos braços, com palavras sussurradas e um beijo delicado. Nada mau para um começo de vida. Eu pensara que Laria fosse dormir durante toda a cerimónia, mas a verdade é que estava acordada e muito tranquila, observando os procedimentos com muita atenção. O facto de estar a ser passada de mão em mão não a parecia incomodar minimamente. A maioria das crianças estaria a chorar baba e ranho, mas não a minha filha. Era fantástica.

Por fim, Lilith estendeu os braços para receber o bebé. Sussurrou algo a Laria, tal como as outras mulheres antes dela, mas desta vez a bebé pareceu retrair-se. Lilith não reagiu. Sorriu docemente e beijou a testa de Laria e depois devolveu-a aos braços de Janice, proferindo as palavras «Uma mulher sábia vê o futuro nos olhos de uma criança».

Janice acenou com a cabeça e segurou a sua filha do coração junto ao peito. Ou muito me enganava ou a cabeleireira espirituosa estava a chorar.

Caramba, eu próprio estava praticamente em lágrimas.

A música recomeçou vinda de trás do coreto e o som de vozes de crianças juntou-se a ela. Não compreendia uma única palavra, mas isso já não era novidade. Existia uma linguagem comum entre os mágicos e não era o inglês.

Olhei para o relógio de pulso. Não porque estivesse enfadado, mas porque estava previsto os meus pais chegarem por volta do meio-dia. Passava pouco das dez da manhã. Ainda tínhamos tempo, mas convinha elas avançarem depressa com a coisa para eu não ter de dar explicações à minha família resolutamente católico irlandesa.

A música parou outra vez. As vozes das crianças esmoreceram.

Estava à espera de assistir a um momento estilo *Rei Leão*, mas Janice continuou a segurar Laria junto ao peito enquanto se dirigia para a multidão reunida no relvado.

– Uma nova alma é uma bênção para todos nós e, em troca, concedemos as nossas bênçãos a Laria, filha de Aerynn por intermédio de Chloe. Que ela conheça somente alegrias. Que viva à luz do amor e da paz.

Janice voltou-se para Chloe, cujo rosto belo brilhava de orgulho.

– Aproxima-te, Chloe, e sê mãe para a criança Laria.

Chloe olhou na minha direção e, raios me partam, foi difícil ver por entre as lágrimas repentinas que me encheram os olhos. Qualquer saudade que eu ainda sentisse do mundo exterior a Sugar Maple desapareceu por completo. Eu estava onde devia estar.

Acenei com a cabeça. Chloe sorriu-me e deu um passo em direção a Laria e Janice. Antes de eu ter tempo para me aperceber do que estava a passar-se, ela deu um grito de surpresa e retrocedeu, embatendo na pobre Midge Stallworth. Ambas caíram no chão numa confusão de braços e pernas.

Eu estava quase a alcançar Chloe quando ela se pôs subitamente de pé, sacudiu a neve do casaco preto e depois ajudou Midge a levantar-se do monte de neve onde ambas tinham aterrado.

– Ora bem – disse ela, dando uma risada autodepreciativa –, não é novidade que sou uma grande desastrada.

A multidão ali reunida riu-se com ela, por compaixão, mas o burburinho dos comentários sussurrados começou a espalhar-se como um vírus. Cerrei os punhos, com os braços pendurados de lado, e preparei-me para ouvir comentários desagradáveis em relação a Chloe, mas o que as pessoas diziam deixou-me completamente chocado:

... O bebé possui magia... Uma semana de vida... É um milagre, é o que é... Nunca nenhuma criança revelou ter tanto poder assim tão cedo... E é só três quartos humana... Imaginas a força que teria se a Chloe tivesse acasalado com um de nós?...

Seria possível que não se lembrassem da sua própria História? Laria não tinha magia nenhuma. A magia a sério só aparecia numa mulher Hobbs quando ela se apaixonava e ainda faltava imenso tempo para isso acontecer.

Virei-me para trás e lancei o meu melhor olhar à agente da polícia em direção à multidão em geral. Aquele era o meu lar também. Quer eles gostassem quer não, os mortais estavam presentes e não tencionavam ir a lado nenhum. Chloe era meia humana. Eu era cem por cento humano. A nossa filha era mais humana do que mágica. Esses eram os factos e começava a ficar saturado dos ataques constantes à nossa linhagem partilhada.

O burburinho cessou e tornei a concentrar-me no que estava a acontecer no interior do círculo.

Calculava que estivéssemos praticamente no fim da cerimónia e fiquei surpreendido quando apareceram os nossos residentes mais recentes, o contingente de fadas de Salem. Pelo menos, foi o que me disse Paul Griggs, uma vez que, enquanto mortal, nem sequer os conseguia ver. Reuniram-se lá no alto, como uma enorme nuvem de brilhantes com todas as cores do arco-íris, e depois desceram em velocidade em direção a Chloe e Laria, tecendo um padrão rendilhado de correntes brilhantes rosa, amarelo, azul e violeta à volta delas. Os olhos de Chloe estavam cheios de lágrimas e parecia profundamente comovida com o gesto. Era difícil acreditar que há menos de um ano havíamos combatido uma guerra até à morte com aquelas mesmas criaturas.

– E agora chegámos ao fim das nossas festividades – anunciou Lilith, o seu rosto bonito a irradiar

felicidade por nós. – Vamos todos dar as mãos e erguer as nossas vozes no hino de Sugar Maple.

Eu não canto. E já ouvira Chloe a cantar no duche, portanto, sabia que ela também não cantava. Mas, ainda assim, lançámo-nos numa comovente versão do hino seguida da canção «The Star-Spangled Banner», que por sua vez foi recebida com vivas, aplausos e mais lágrimas de alegria por parte daquela reunião absurda de fadas, espíritos, bruxas, lobisomens, vampiros, seres metamórficos, *trolls* e uma feiticeira incrivelmente feliz.

E a melhor parte? Ainda não havia um único MacKenzie à vista.



MEGHAN

James estacionou na berma da estrada uns metros à frente do letreiro que dizia «Bem-Vindo a Sugar Maple».

– Não vou mais longe do que isto.

Meghan escutou as palavras dele algures no pesado nevoeiro de sono. A bocejar, endireitou-se no banco e abriu os olhos.

– Estou a dormir há muito tempo? – perguntou ela, passando com o dedo no canto da boca para limpar algo húmido. Saliva. Muito *sexy*. Esperava que ele não tivesse reparado.

– Bastante – replicou ele. – Falhaste o pequeno-almoço.

Ela despertou por completo.

– Tomaste o pequeno-almoço sem me chamar?

– Eu tentei, querida, mas parecias uma pedra.

Ela olhou de relance para o letreiro de boas-vindas.

– Porque parámos aqui?

– Já te disse. Não vou mais longe do que isto.

Ela ficou à espera da conclusão, mas não houve nenhuma. Ele não abriu a boca.

Até sob a implacável luz do dia ele era perfeito. Rosto bem delineado, feições simétricas, cabelo grosso e brilhante, olhos azuis sedutores e um corpo de morrer. A maioria dos homens bonitos que ela conhecia passava imenso tempo ao espelho e James não era a exceção.

– *Okay* – respondeu ela, cautelosa. – Já percebi. Precisas de te mentalizar antes de conheceres a minha família. Podemos esperar uns minutos antes de aparecemos. Não sei como é contigo, mas eu não me importava nada de beber uma ou dez bebidas antes de ir ter com eles e olha que sou da família.

Ainda nada.

Ela tentou outra vez.

– Deve haver um bar algures na vila. Podíamos parar lá para atestarmos.

Era como se ela estivesse a falar para o letreiro de boas-vindas. Era curioso como as feições bem delineadas conseguiam transformar-se em pedra sem darmos por nada.

Ela fez um esforço para não revelar nervosismo na voz.

– Não queria nada ser a última a chegar.

Ele voltou-se para ela com os olhos, azuis e penetrantes, velados e irreconhecíveis.

– Acho que não me ouviste. Não vou mais longe do que isto.

– Não viemos tão longe para ficarmos aqui.

– Ninguém te impede de estares com a tua família.

– Espera aí... – Ela tentou reunir os pensamentos, mas haviam-se dispersado como um bando de ratos assustados. – Não estás a brincar?

– Não, não estou a brincar.

– Vais deixar-me aqui.

– Infelizmente, sim.

– Nem sequer me levas de carro até à casa do Luke? – Ela não tinha qualquer sentido de orientação. Iria passar horas a deambular por aquela malvada vila.

– É a quarta vez que te digo: não vou mais longe do que isto.

– E decidiste esperar até agora para mo dizeres.

– Só agora me apercebi.

– *Okay* – replicou ela, descontraindo-se –, agora tenho a certeza de que estás a brincar. – Ninguém no seu perfeito juízo atravessaria dois estados de carro numa manhã de domingo, e em pleno mês de dezembro, para depois fazer uma coisa daquelas.

– Escuta – disse ele, a tamborilar os dedos grossos no volante –, ou saís do carro ou vens comigo. A escolha é tua.

Não havia escolha. Deixara de existir. Ela reuniu as suas coisas, saiu do carro e depois bateu com a porta atrás de si.

– Queres que te venha buscar daqui a duas horas? – Ele parecia incrivelmente descontraído, como se tivesse passado o dia sentado no sofá a ver futebol. – Podíamos ir até uma daquelas estâncias de esqui de que falaste.

– O que quero é que vás à merda.

– Volto mais logo – disse ele a rir – e, quando voltar, tu estarás aqui à minha espera.

Atirar-lhe a mochila para cima quando ele se foi embora foi uma coisa incrivelmente estúpida de se fazer, mas soube-lhe bem, ainda que tenha falhado o carro por muito. Era por essas e por outras que ela não acreditava no porte de armas. Se tivesse uma arma de fogo na sua posse, naquele momento ele estaria deitado numa poça do seu próprio sangue e ela estaria a dançar à volta do cadáver.

Talvez não propriamente a dançar, mas demoraria algum tempo até sentir algum remorso.

O filho da mãe tinha o carro dela.



CHLOE

Estava tão entretida a felicitar-me a mim própria por ter garantido que a cerimónia de Apresentação terminasse antes do clã MacKenzie ter aparecido à nossa frente que me esqueci por completo do bufê que Janice e Lynette haviam preparado na Câmara para dali a menos de uma hora. Toda a vila fora convidada e, acreditem em mim, a vila inteira iria aparecer.

Os residentes de Sugar Maple jamais faltavam a uma refeição à borla e se houvesse a mínima alusão a umas boas coscuvilhices... Bem, era impossível mantê-los afastados.

– Estamos tramados – disse a Luke enquanto corríamos pela casa a apanhar roupa suja do chão, a limpar algodão e a certificarmo-nos de que os caixotes dos gatos estavam limpos. Isso sem contar com a muda da fralda de Laria, alimentá-la, fazê-la arrotar e vesti-la com as suas peças tricotadas à mão mais bonitas. – Os nossos mundos estão prestes a colidir!

– Pensava que já tinham colidido na loja, a seguir ao Dia de Ação de Graças.

– Não desta maneira. Os habitantes de Sugar Maple vão aparecer em peso para verem a tua família e não há nada que eu possa fazer para o evitar.

Ele parecia estar a divertir-se, o que só me transtornou ainda mais.

– Outro nevão? – sugeriu ele. – Ou podias deitar abaixo a ponte. Isso costuma funcionar.

– Engraçadinho.

– Estava só a tentar ajudar.

– Se queres realmente ajudar, vê se encontras o BSJ¹³ que a Janice fez para o bebé.

Ele fitou-me como se estivesse a falar numa língua estrangeira e de certa forma até estava. O tricô tem a sua própria terminologia.

– O casaco às riscas, cor de rosa e roxas, com os botões bonitos. – Poupei-o à história sobre Elizabeth Zimmermann e o fabuloso casaco em ponto de liga feito numa peça única, sem costuras, que há décadas deliciava os aficionados do tricô.

Peças maravilhosas tricotadas à mão chegavam-nos vindas praticamente de todo o lado. Clientes antigas, clientes novas, amigas antigas e até pessoas que não pensava que gostassem particularmente de mim, haviam pegado nas agulhas assim que ouviram dizer que eu estava grávida e tinham criado peças que me deixavam literalmente sem respiração.

Laria seria o bebé mais bem vestido da Nova Inglaterra e quiçá do Meio Atlântico e do Canadá

também. Recebera camisolas, botinhas, gorros, mantas que eram autênticas relíquias de família, brinquedos macios, cuecas tapa-fraldas e luvas tão minúsculas que me faziam rir sempre que olhava para elas. E nada de pastéis deslavados para a minha filha! Se dependesse das minhas amigas, ela vestiria todas as cores do arco-íris.

Luke regressou com o BSJ, um par de botinhas roxas feito de angorá e um gorro macio que, de alguma forma, captava todas as cores em pequena escala. Vimo-nos aflitos para enfiar os bracitos dela nas mangas igualmente minúsculas do casaco. Os nossos olhares cruzaram-se por cima do corpo contorcionista da nossa filha e, por uns instantes, era capaz de jurar que o tempo parou. Não no sentido mágico, mas no meu coração.

– Eu sei – disse ele enquanto os meus olhos se enchiam de lágrimas. – Sinto o mesmo.

– Não consigo parar de pensar que vou acordar e descobrir que tudo isto não passa de um sonho.

– O ano passado por esta altura ainda nos estávamos a conhecer.

– E a apaixonar-nos.

– Tu foste difícil de convencer – disse ele. – Eu apaixonei-me assim que te vi.

– Disseste que estava a dormir no sofá, com a boca aberta e a ressonar como uma doida.

– É sinal de que gosto de mulheres que ressonam.

Senti o meu coração aumentar para o dobro do tamanho dentro do peito, como o coração do Grinch na manhã de Natal.

Era uma sensação agradável, mas não havia tempo para passeios sentimentistas pela rua das recordações. Tínhamos um bebé feiticeiro para acabar de vestir e uma família humana prestes a cair-nos em cima a qualquer instante.

– Vou enviar-lhes uma chama azul de grupo – disse a Luke – para os avisar de que a tua família também vai à festa. Não quero ninguém a passar-se e a fazer algo que eu só possa explicar com um tratamento de choque.

Senti uma tontura só de pensar na quantidade de coisas que podiam correr mal. A chama azul de grupo era o meu último recurso para evitar a desgraça e impedir que alguns dos nossos residentes mais excêntricos fizessem algo impróprio para consumo humano.

Mal acendera a chama quando a filha mais nova de Renate surgiu na sala numa explosão de brilhantes cor de rosa pastilha elástica. Não era propriamente o que se esperava de uma rainha gótica adolescente, mas as fadas não tinham controlo sobre as cores que as identificavam. A natureza encarregava-se de fazer essa escolha por elas e pertencia-lhes até furarem o véu.

– A mãe diz que é uma emergência – disse ela, empoleirada em cima do saco das fraldas. No que dizia respeito a manifestarem enfado e desdém, as fadas adolescentes eram exatamente como as suas homólogas humanas. – Uma rapariga apareceu-nos aqui à porta, à vossa procura.

– Uma rapariga? – Luke assomou à ombreira da porta. – Que rapariga? Tens de ser mais específica, Calli.

Ela encolheu os ombros, pequeninos e estreitos, e começou aos saltos em cima do tecido almofadado.

– Só sei o que a minha mãe disse. Está aqui uma rapariga à porta, à vossa procura. – Ela lançou um olhar rápido e tímido a Luke. – A mãe diz que ela é humana também.

E depois desapareceu numa explosão gigante de brilhantes e angústia existencial.

– Só pode ser a Meghan – disse Luke pouco depois, enquanto instalava Laria na cadeirinha do carro. – É a única MacKenzie que não viaja em rebanho.

– Não me vou já passar da cabeça – anunciei, dirigindo-me ao mundo em geral. – Foi uma sorte ela ter ido pedir indicações à Estalagem de Sugar Maple em vez da funerária Stallworth. – A ideia de Midge, uma vampira alegre mas maliciosa, ser o primeiro contacto de Meghan com Sugar Maple provocava-me tonturas. – Nem quero pensar nisso.

Os Weaver sabiam como lidar com humanos. A Estalagem de Sugar Maple tinha um negócio de restauração bem sucedido, mas quando apareciam estranhos estavam quase sempre misteriosamente «cheios». Uma vez que a irmã de Luke tinha mesmo de aparecer inesperadamente em algum sítio, pelo menos escolhera o lugar certo.

O meu telemóvel vibrou e li a mensagem no visor.

– A Renate diz que é melhor irmos diretamente para a festa. Ela vai lá ter com a tua irmã.

Ele ligou o motor do carro e olhou para mim.

– Pelo menos, a Elspeth não está lá. Já é qualquer coisa.

– Detesto ter de to dizer, mas ela esteve na cerimónia de Apresentação. Admira-me que não a tenhas visto em cima do farol. – Por outro lado, no que dizia respeito à arte da dissimulação, Elspeth era uma verdadeira medalha de ouro olímpica.

– Merda. – Ele deu uma pancada no volante.

– Luke! – Voltei a cabeça na direção do bebé recém-nascido que dormia na sua cadeirinha.

– Ela não percebe.

– Nunca é cedo de mais.

Ele olhou-me com uma expressão algures entre o divertido e o exasperado.

– Quer dizer que, afinal de contas, a Elspeth não se foi embora?

– É o que parece.

– O que raio continua ela aqui a fazer? Será que vai ficar para sempre?

– Ela odeia estar cá – lembrei-lhe. – Deve ter sido obrigada a ficar por causa da Apresentação e da aceitação oficial da Laria na comunidade. Aposto que já deve estar de volta a Salem, a chatear outra pessoa qualquer.

Luke resmungou algo, mas não dei seguimento à conversa. Tínhamos mais coisas com que nos preocuparmos do que uma *troll* fácil de irritar.

Para minha surpresa, parecia que toda a gente da vila decidira caminhar até ao edifício da Câmara em vez de utilizar os meios de transporte mortais menos tradicionais. Os passeios estavam cheios de lobisomens, *trolls*, espíritos, bruxas, um número infinito de fadas e seres metamórficos, todos na sua forma humana.

Os meus olhos encheram-se de lágrimas de agradecimento.

– Ena – exclamei, acenando a Lynette quando passámos lentamente pelo clã Pendragon. – Estão a fazer tudo por tudo para que isto resulte.

– Parece o raio da procissão da Páscoa – respondeu Luke, buzinando em jeito de cumprimento para metade dos residentes do Lar de Sugar Maple, que subiam a rua nas suas cadeiras de rodas elétricas.

– Oh! – Avistei os Weaver junto ao parque de estacionamento. – Acho que estou a ver a tua irmã. Tem o cabelo castanho-claro encaracolado e estatura média?

Ele olhou na direção que eu estava a apontar.

– Sim, é ela.

– Não vais parar para lhe dar boleia?

- Está a cinquenta metros da Câmara. Encontramo-nos lá.
- Parece que esteve a chorar.
- Deve ter acabado tudo com o último namorado.
- Não pareces muito preocupado.
- Ela salta de filho da mãe em filho da mãe. É como se tivesse uma espécie de radar que só capta tipos indecentes.

Eu não sabia o que lhe responder. O meu próprio historial romântico era tão limitado que sempre que se falava em assuntos do coração sentia-me como se fosse uma criança a escutar a conversa dos pais à mesa de refeições.

Do coração ou do corpo. Nesse aspeto também não tinha um grande historial.

O parque de estacionamento estava cheio de carros com matrículas de Massachusetts, uma de Connecticut, duas de Nova Iorque e uma de Rhode Island. Não era tanto o facto de serem familiares de Luke que me dava a volta ao estômago, mas o facto de serem humanos.

– Ora bem – disse eu enquanto tirávamos a cadeirinha de Laria do carro e reuníamos a pilha de coisas de que os bebés necessitam normalmente –, está na altura de os nossos mundos colidirem.

O edifício da Câmara era uma igreja antiga que havíamos convertido no nosso principal ponto de encontro. Assembleias municipais mensais, festas de casamento, festas de aniversário e até o ocasional baile de finalistas ou festa de aposentação. Era o nosso local de reunião favorito.

Hoje era o local da festa de boas-vindas da minha Laria.

Coloquei o bebé no porta-bebés. Luke tinha os braços cheios de mantas, o saco das fraldas e os bolos que havíamos confeccionado para a família. Mal tínhamos acabado de entrar quando fomos recebidos por uma ovação geral e rodeados por elementos do clã MacKenzie que choravam e riam ao mesmo tempo, todos querendo beijar, abraçar e deliciar-se com o bebé Laria.

– Já não querem saber de nós – disse a Luke, enquanto Bunny e Jack se babavam com a neta mais recente. – Mais valia sermos invisíveis.

Ele lançou-me um olhar sério.

– Estou a brincar – repliquei, espetando-o delicadamente com o dedo. – Hoje é um dia livre de magia.

– Folgo em sabê-lo.

– Ora bolas – murmurei, fazendo sinal na direção da outra ponta da sala. – A Elspeth está de volta do ponche.

Luke ainda deu um passo em frente, mas eu puxei-o para trás.

– Vamos mantê-la debaixo de olho – disse-lhe.

Observámo-la enquanto conversava com um dos tios de Luke.

– Está a namoriscar com o tio Matty. – Luke parecia verdadeiramente indignado.

– O pior não é isso – retorqui. – O pior é que ele está a dar-lhe conversa.

– Pronto, perdi completamente o apetite.

O pai de Luke veio ter connosco. O seu rosto redondo e atraente brilhava de alegria pura. Começou a dizer qualquer coisa sobre o bebé Laria, mas os seus olhos cor de avelã encheram-se de lágrimas e o rosto ficou enrugado como um lenço de papel. Quando dei por isso, eu e Luke estávamos a ser abraçados com tanta força que mais parecia um encarceramento.

– Caramba, pai! – exclamou Luke quando conseguiu respirar. – Não abuses tanto do *Old Spice*, okay?

– Olha que estás a falar com o teu pai – repreendi-o. – Respeitinho.

– Adoro esta rapariga – disse Jack, abraçando-me novamente. – Vocês deviam começar já a tratar do casamento.

– Pai – avisou Luke. – Deixa-te disso.

– São novos. Estão apaixonados. A Chloe parece uma estrela de cinema... – Ele parou de falar a meio da frase. – Por falar nisso, o que põem vocês na água por estas bandas? Tu és lindíssima, Chloe, não me interpretes mal, mas és a mulher mais simples aqui presente! Até os velhotes das cadeiras de rodas elétricas parecem ídolos de cinema. – A gargalhada dele soou profunda e grave.

– Com a breca, acho que vi o Clark Gable ao pé da loja de ferragens e tudo!

Luke quase atacou o pai para o tentar calar, mas eu desatei a rir às gargalhadas. Tinha as faces coradas do embaraço, era um facto, mas sabia que ele tencionara fazer-me um elogio. Bem, uma espécie de elogio.

– Acho que o meu velhote já bebeu demasiados ponches de rum – disse Luke. – Vou tirar umas fotografias enquanto ele ainda está de pé.

Jack estava demasiado descontraído para protestar.

Algumas pessoas do Fully Caffeinated vieram felicitar-me por causa do nascimento e da cerimónia de Apresentação de Laria.

– Queríamos oferecer-lhe isto – disse Camille, uma das empregadas mais jovens, entregando-me uma colcha rústica de berço com todas as cores do arco-íris. – Foi feita por todas nós. Tentámos acabá-la a tempo da sua festa de comemoração da gravidez, mas não conseguimos. – Ela virou-a para me mostrar a inscrição com os nomes delas e a data do nascimento de Laria bordada atrás.

– Que bonita – respondi com as lágrimas a ameaçarem fluir outra vez. – Nem acredito que tiveram o trabalho de fazer isto para nós.

Camille olhou de relance para as suas irmãs empregadas de mesa e todas se riram.

– E nós também mal podemos acreditar que a pequena Laria já revela sinais de magia. Que bela demonstração esta manhã na Apresentação.

– Qual demonstração?

Ela piscou-me o olho e baixou a voz para um sussurro.

– Oh, não se preocupe! Connosco está à vontade, pode ser uma mãe babada. Quem diria que um bebé com tanto sangue humano tivesse tanto talento e logo tão cedo?

Lynette juntou-se a nós. Camille e a sua comitiva sorriram e voltaram para junto da multidão, depois de tornar a agradecer-lhes imenso.

– A Laria está na boca de toda a gente – disse-me Lynette. – Todos parecem pensar que ela já possui magia! Dá para acreditar numa coisa dessas?

– Foi exatamente o que me disse a Camille. Eu não vi magia nenhuma, e tu?

– Lembras-te quando caíste no final da cerimónia?

– Quem me dera poder esquecer... – As minhas aventuras no mundo da inépcia eram por de mais conhecidas.

– Bem, ninguém acha que tropeçaste.

– *Hello!* Não me conhecem? Eu tropeço nos meus próprios pés. – Ela parecia tão pouco à vontade que parei de falar. – O que pensam que aconteceu?

– É demasiado ridículo para eu o repetir sequer.

– Repete lá – pedi. – Quero saber.

– Eles... – Ela desviou o olhar por uns segundos e abanou a cabeça. – Eles estão convencidos de que foi a Laria.

Desatei a rir às gargalhadas.

– A Laria, com os seus dois quilos e não sei quantos, empurrou-me para cima de um monte de neve? – As minhas gargalhadas soaram mais alto. – Essa é boa!

Lynette não se ria.

– Acham que os poderes dela estão a manifestar-se.

– Ela só tem uma semana.

– Só estou a contar-te o que ouvi.

– Espero que lhes tenhas dito que isso é um perfeito disparate.

– Será?

Fitei-a boquiaberta.

– Estás a brincar, não estás?

– Eu estava lá, Chloe. Tenho de ser sincera contigo: não te vi tropeçar.

– Mas é claro que fui eu que tropecei.

Lynette parecia estar prestes a assumir a sua forma de canário e voar dali para fora.

– Nem te atrevas – avisei-a em voz baixa. – Isto está a abarrotar de humanos.

– Estavas a andar para a frente e de repente ficaste em pleno ar, a andar para trás. Não é isso que acontece quando tropeçamos.

– E desde quando tens uma licenciatura em Física, posso saber, Miss Pendragon?

– Não preciso de ser licenciada em Física para ter consciência do que vi e o que vi não teve nada a ver com tropeções. Acho que foste empurrada. – Ela fez uma pausa para dar ênfase às suas palavras. – E com força.

– E estás a dizer-me que eles, e tu inclusive, estão convencidos de que a Laria me empurrou para cima da Midge Stallworth?

– É realmente possível, sabes? Nem toda a gente demora tanto tempo como tu para receber os seus poderes.

– Caso não te recordes, uma mulher Hobbs só recebe os seus poderes depois de se apaixonar.

– E, caso não me tenhas ouvido, eu não me referi aos poderes totais.

– E é precisamente aí que a tua lógica perde toda a consistência – afirmei. – Passa-te pela cabeça o nível de competências necessário para projetar um adulto no ar? Não me parece que um mágico puro sangue conseguisse fazer uma coisa dessas com a idade dela.

– Talvez seja dotada.

– E tu talvez estejas a ver coisas.

Ela encolheu os ombros.

– Bem, tu é que perguntaste. – Em seguida, olhou em torno da sala cheia de gente. – É melhor ir ver porque está o Cyrus a demorar tanto com o ponche.

Não me lembrava da última vez que vira Lynette a afastar-se com tanta pressa.

– O que se passa com a Lynn timer? – perguntou-me Janice, juntando-se a mim perto da mesa das bebidas – Parecia aborrecida.

– Tivemos uma pequena discussão, mas está tudo bem.

– Eu disse-lhe para não te dizer nada. É um perfeito disparate.

– Em relação ao bebé ter poderes mágicos?

– A Laria é três quartos humana. E ainda nem sequer consegue segurar a própria cabeça.

– Exatamente – retorqui. – Eu tropecei. É pouco interessante, mas é o que aconteceu.

Janice olhou-me com um ar sério.

– Tu não tropeçaste.

– Oh, tu também, Jan?

– Estou a falar a sério. Houve ali magia. – Ela inclinou-se para a frente e baixou a voz. – Vi a Simone a apontar as mamocas na direção do Luke. Talvez tivesse decidido pregar uma partida à mulher que a impede de fazer mais uma conquista.

– Se estás a tentar ser engraçadinha, olha que não te acho piada nenhuma.

– Ainda bem, porque não estou a tentar ser engraçadinha.

A ideia de Simone a apontar os seus atributos, vastos e fora deste mundo, na direção de Luke fazia-me desejar poder transformar os meus dedos em lança-chamas e chamuscar-lhe as extensões do cabelo.

– É a primeira vez, nesta época, que fico contente por o Lorcan estar no mar – comentou Janice. – Aquela mulher é um perigo.

Simone era um fantasma, mas isso não a impedia de seduzir mais homens casados e comprometidos do que marcadores de malhas eu tinha. Havíamos passado vários minutos a coscuvilhar sobre as várias conquistas de Simone e a fazer troça do mau gosto deles.

– A Oprah nunca aparece quando é precisa – murmurei e ambas rimos como duas adolescentes.

Midge Stallworth aproximou-se de nós com uma história rebuscada sobre atribulações com sogros enquanto eu via Laria a ser passada de MacKenzie em MacKenzie, cada momento a ser registado para a posteridade. Ou, pelo menos, até ao próximo postal de Natal de família.

– A propósito, a irmã do Luke é completamente doida – disse Janice enquanto nos servíamos de chocolate quente de um cântaro gigante. – O tipo deixou-a sozinha no meio de nenhures e ela está a choramingar e a enviar-lhe SMS de dois em dois segundos.

Segui o olhar de Janice e, de facto, lá estava Meghan MacKenzie, com os polegares a dedilharem no *smartphone* a toda a velocidade enquanto contava a sua história a toda a gente num raio de três metros.

– Estou com um mau pressentimento – disse eu. – Primeiro, a Elspeth está a namoriscar com o tio do Luke e agora a irmã está a confessar-se à Verna Griggs.

– Se fosse a ti não me preocupava muito com ela. A minha irmã Sandy era exatamente a mesma coisa até ter assentado – explicou Janice, pegando numa sandes de aperitivo. – Quanto pior o tipo a tratava, mas ela andava atrás dele. Apaixonou-se por um *gato-homem* que já tinha três famílias e nem assim ela desistiu. Não era capaz de distinguir um tipo bom de um tipo bera nem que ele lhe mordesse o rabo.

– Estás a falar em termos metafóricos, espero.

– Nem por isso – replicou Janice. – Os *gato-homens* também mordem.

A lógica não fazia muito sentido, mas deixei o assunto passar.

Luke conseguira reunir todos os MacKenzie para a sessão fotográfica e Elspeth desaparecera na multidão.

Tentara mantê-la debaixo de olho, mas sinceramente não era muito empolgante vigiar uma *troll*.

Eu e Janice estávamos ali paradas a observar e a petiscar enquanto os MacKenzie continuavam a passar o bebé Laria de mão em mão, como uma bola de futebol cor de rosa e felpuda. Toda a gente

queria pegá-la ao colo, para comentarem com quem se parecia mais e tirarem fotografias. Luke tirou tantas fotos que teve de trocar de bateria e a festa ainda mal havia começado. Ele devia ter sido pastor na sua vida anterior, pois conseguia manter o rebanho sempre junto e o mais afastado possível das outras pessoas.

– Até agora tem estado a correr bem – disse a Janice. – Não me parece que eles desconfiem de alguma coisa, embora o pai dele tivesse feito um comentário em relação àquela coisa das estrelas de cinema. Talvez devêssemos aligeirar a coisa.

– Estamos a portar-nos lindamente – respondeu Janice piscando-me o olho com malícia. – Além do mais, acho que todos temos medo da mãe do Luke.

E com razão. Bunny era a personificação da matriarca, concentrando todas as suas incríveis energias na neta mais recente. Não era mágica, mas era como se fosse. Gerava energia suficiente para iluminar a vila inteira.

– A Bunny deu-me três livros sobre a amamentação – contei a Janice. – E dois DVD sobre desenvolvimento infantil. Espero um interrogatório lá para o final da noite.

Janice arregalou os olhos de uma forma cómica.

– E o «Cuidar e Alimentar o Seu Bebê Feiticeiro, do Passo Um ao Passo Sete»?

– Graças aos deuses, ainda falta muito tempo para nos preocuparmos com isso.

– Vou ser sincera contigo – afirmou Janice, enquanto observávamos Bunny a endireitar o gorro na cabeça aveludada de Laria e Luke a tirar fotografias aos seus familiares. – Não sei como vais conseguir esconder a verdade deles. Nem penses que aquela mulher vai ser uma avó ausente.

– Eu também não sei – admiti com um suspiro. – Talvez eles decidam ir viver para a Califórnia e assim já não tenho de me preocupar. – Era por de mais evidente que em breve começaria a necessitar de feitiços de encobrimento da pesada.

A voz de Bunny chegou até nós.

– Quem é a menina mais linda do mundo?... És tu!... A coisinha mais fofa da avó... És tão lindinha... Ah, pois és...

– Pois – replicou Janice, revirando os olhos –, estou mesmo a ver.

Eu precisava mesmo de pesquisar o Livro de Feitiços para descobrir uma forma de manter a família de Luke por perto, mas às escuras no que dizia respeito a Sugar Maple e à verdadeira herança da neta deles.

Subitamente, apercebi-me de que faltava alguém no grupo da família feliz.

– Onde foi a Meghan? – perguntei a Janice, olhando à minha volta.

– Pensava que ela estava com a Verna e os filhos dela.

Dei uma pancadinha no ombro de uma das empregadas do café.

– Viram o Jeremy Griggs? – indaguei.

– Sim – respondeu ela com um sorriso. – Ele e o Adam foram lá fora fumar um cigarro com a irmã do Luke.

Entreolhámo-nos. Era só o que me faltava, a irmã de Luke a namoriscar com um dos filhos lobisomens do Paul Griggs, por muito giros que eles fossem.

Saí porta fora à velocidade da luz.



CHLOE

Os rapazes Griggs não se viam em lado nenhum, mas Meghan estava a andar de um lado para o outro no passeio, em frente ao edifício da Câmara, entretida a conversar ao telemóvel. Olhou-me de relance, levantou a mão no gesto universal para «vou já» e continuou a conversar. Não conseguia ouvir o que ela dizia, mas dava para perceber pelo tom de voz que estava bastante irritada.

Reparei também que dois dos rapazes Souderbush pairavam por cima dela, escutando descaradamente a conversa.

Felizmente ambos estavam mortos há muito. Caso contrário, teríamos ali uma situação complicada.

Fiz-lhes sinal para se irem embora, mas eles recusaram-se. Ambos haviam feito parte da raça humana há muitos anos e adoravam contactar com os vivos. Luke contara-me que eles tinham começado a aparecer no gabinete dele, a esculpirem peças em madeira e a contarem histórias sobre a Nova Inglaterra durante a guerra civil. Eu não percebia muito bem como Luke os conseguia ver e os outros humanos não, mas, desde que não estragassem o dia de hoje, o resto não era da minha conta.

Estava a tremer de frio e os meus seios começavam a ficar com aquela dormência que antecedia o choro de Laria para ser alimentada. Era altura de juntar aquela última MacKenzie ao resto do rebanho.

– Meghan – chamei, erguendo a voz no que esperei fosse um tom autoritário –, és precisa lá dentro.

Ela levantou um dedo no ar e continuou a falar.

– O Luke já não tem mais baterias para a máquina fotográfica. Vamos, ele quer tirar-te uma foto com a Laria.

Não sei se ela já tinha acabado de falar ou se o meu tom de voz a assustara, mas a verdade é que enfiou o telemóvel no bolso e caminhou até mim.

– Ele disse que se encontrava comigo junto ao letreiro que diz «Bem-Vindo a Sugar Maple» e que me levava de volta para Nova Jérnia assim que me despachasse daqui, mas nem pensar. Ele que se lixe.

– Ótimo – respondi. Pessoalmente, detestava ultimatoss. Acabavam sempre por trazer ao de cima

o pior que havia em mim. – Não tens de andar às ordens de ninguém.

Reparei num leve salpico de brilhantes de fada no ombro esquerdo dela, um tom verde pálido que não me era familiar. Provavelmente de um dos transplantes de Salem. Sacudi-lho, fingindo que se tratava de neve.

Ela fitou-me com os olhos semicerrados.

– Achas que ele me dá ordens, é?

Porquê, tu não?

– Foi o que me pareceu.

Ela franziu o sobrolho, formando duas rugas profundas por cima da cana do nariz. Era tão parecida com Luke que quase desatei a rir.

– Bem, ele acabou por me pedir desculpa. Quer dizer, estamos juntos há menos de duas semanas. Diz que esta coisa de conhecer a família é de mais para ele. E, verdade seja dita, a família MacKenzie pode ser um tanto desgastante.

Estava orgulhosa de mim mesma por não ter aberto a boca. As fêmeas humanas eram loucas, disso não havia a menor dúvida. Nunca me sentira tão grata pelo meu sangue mágico em toda a minha vida. Preferia mil vezes ter dedos lança-chamas do que isto.

– Ouvi dizer que explodiste durante o *brunch*, na semana passada.

Olhei-a fixamente.

– Como?

– Explodiste – repetiu ela. – Passaste-te da cabeça.

– Não explodi e também não me passei da cabeça.

– A Jen diz que ralhaste com eles e depois saíste disparada da sala, a choramingar.

– Estava grávida de nove meses. Acredita em mim, seria incapaz de sair disparada fosse para onde fosse. E, além do mais, eu não choramingo.

– Mas ficaste chateada.

– As perguntas estavam a ser demasiado pessoais para o meu gosto – respondi – e limitei-me a dizer-lhes isso mesmo.

O esgar de Meghan era igualzinho ao de Luke, o que me fez sentir algum carinho por ela, não obstante o meu mau pressentimento.

– A Jen é uma cabra. Posso dizê-lo porque é minha irmã. A Kim não é muito má. Demorou imenso tempo para conseguir engravidar, por isso estou muito contente por ela. Há muito que o queria. O Kevin é um palhaço, mas a mulher é porreira. O Ronnie é um clone do nosso pai. Já nasceu com quarenta anos. O Patrick tem os problemas dele. O Luke contou-te que ele traiu a Siobhan? Por isso é que ela o deixou. Agora anda a tentar reconquistá-la, mas eu acho que ela já está noutra. – O esgar transformou-se num sorriso triste. – Durante uns tempos, o Luke era a ovelha negra, mas, agora que ele voltou para a família, parece que vou receber o meu título de volta.

– Caramba – exclamei, sorrindo em jeito de resposta. – Tudo isso sem uma única pausa para respirares. Estou impressionada.

– Exagerei, não foi? – Ela sacudiu a cabeça cheia de caracóis. – É o meu maior problema. Bem, é um dos meus problemas. Mando tudo cá para fora. As pessoas não gostam disso.

– Os homens não gostam disso, queres tu dizer, não é?

Ela assentiu com a cabeça.

– Sabes como é. Dá-se uma química entre ti e um tipo e pimba! Quando dás por isso, já estão na

cama e nem sequer sabes o nome dele. É tudo muito bonito enquanto se vive a fantasia, mas assim que a coisa ameaça ir mais além, eles piram-se logo.

Juro-vos que aquilo era melhor do que um filme da Lifetime. Era capaz de ficar a ouvi-la o dia todo. Quer dizer, tínhamos a mesma idade, mas as nossas experiências não podiam ser mais díspares. Falávamos a mesma língua, mas era como se fôssemos provenientes de planetas distintos.

– Ele parece feliz – disse ela, mudando de assunto sem avisar. – Acho que nunca o vi com um ar tão feliz.

– Tem imenso jeito com o bebé – respondi. – Criou logo uma ligação muito forte com ele.

– E está apaixonado por ti.

Senti o rosto a corar de novo.

– Pois, o sentimento é recíproco.

– E estão a pensar casar-se? Aqui só entre nós. Não conto nada ao resto da família.

– Sinceramente, não sei, Meghan. Estamos bastante felizes assim.

– A sério? – Ela arqueou as sobrancelhas. – Isso não parece nada o meu irmão. O Luke é do género de casar.

Felizmente, não tive de lhe responder pois dois dos irmãos MacKenzie juntaram-se a nós para fumarem.

– Não te importas, pois não? – perguntou-me Kevin ao mesmo tempo que acendia o cigarro.

Esbocei o que esperava fosse um sorriso caloroso.

– Quando me importar eu aviso.

Patrick cravou um cigarro ao irmão e acendeu-o também com os olhos postos em Meghan.

– Então porque não foste ao *brunch*, na semana passada?

– Fiquei encurralada por causa da neve.

Os dois irmãos entreolharam-se. Em seguida, emitiram aquele grunhido irritante que Luke também fazia de vez em quando e que era suposto ser sinónimo de um comentário inteligente.

Meghan desviou o olhar, mas não antes de eu ver a expressão triste e vulnerável nos seus olhos.

– O vento está a soprar o fumo para cima de mim – disse eu num tom de voz simpático. – É melhor irem fumar para ali.

– Com certeza – respondeu Patrick.

Kevin pareceu ficar um pouco irritado, mas seguiu o irmão até à esquina da velha igreja.

– Obrigada – agradeceu Meghan. – Hoje não estou com paciência para aturar as tretas deles.

Nem sequer lhe ocorrera que talvez o fumo estivesse realmente a incomodar-me.

Ela começou a escrever um SMS no telemóvel. Eu nunca vira polegares a mexerem-se tão depressa.

– Ele não me responde – disse ela. – Mas qual é o problema dele? Eu é que devia estar chateada.

Talvez não lho devesse ter perguntado, mas não me consegui conter.

– Se não fores com ele, como tencionas voltar para casa? – Não que achasse que ela devia ir com ele, apenas não lhe podia dar boleia nem nada do género. Queria manter a magia completamente afastada do assunto.

– Posso apanhar boleia com o Patrick, até Connecticut, ou posso voltar para Massachusetts, com os meus pais. – Ela olhou-me com uma expressão séria. – Ou ficar aqui durante uns tempos, para te dar uma ajuda com o bebé.

Mais uma hóspede? Estava na altura de mudar de assunto.

– Vamos – disse avançando em direção à porta da velha igreja. – Quero que tires uma fotografia com a Laria.

Ela tornou a enfiar o telemóvel no bolso e seguiu-me até lá dentro.

A divisão estava diferente a um nível celular. O vazio era palpável. O meu coração começou a doer de uma forma que me era inteiramente desconhecida.

É engraçado como conseguimos perscrutar uma divisão num ápice. Talvez fosse por viver com um agente da polícia há vários meses ou (quase de certeza) por assistir a policiais como se a minha vida dependesse disso, mas a verdade é que havia desenvolvido a capacidade de perscrutar uma sala, e assimilar todos os seus pormenores, com uma perna atrás das costas.

Luke, o pai dele, Jack e Tiffany, a mulher de Kevin, estavam a beber café e a conversar com Paul e Verna Griggs a um canto. Bunny estava a admirar a *écharpe* do casamento de Lynette, enquanto Midge a regalava com histórias sobre a azáfama diária de uma agência funerária. As irmãs dele tentavam evitar que os miúdos MacKenzie destruíssem a mesa da comida, enquanto os tios e as tias coscuvilhavam e também tentavam sacar informações aos habitantes locais sobre quem eu era realmente.

– O bebé. – As palavras rasgaram-me a garganta. – Onde está o bebé?

O tempo parou. Ninguém se mexeu. Sentia-me encurralada num pesadelo.

– Onde está o meu bebé?! – gritei.

– Lembras-te quando paraste para mudar o cartão de memória? – disse Archie, o *troll*, a Luke. – Acho que vi a Elspeth a levá-la para lhe ir mudar a fralda.

– Elspeth! – O grito de Luke fez estremecer as vigas do teto.

Nada. Nem sequer o ténue odor a *waffles* como resposta.

– Elspeth! – gritei. – Por favor, não me faças isto!

– Fazer o quê? – Os olhos de Bunny pareciam preocupados. Acho que a perturbei mais do que a situação em si. – Ela é a vossa ama. Querida, não fique assim se não não dura até ao primeiro aniversário da Laria. Ela foi só mudar-lhe a fralda.

Bunny sorria, mas eu não. A sensação de pânico que me acompanhava há várias semanas intensificou-se exponencialmente.

Eu e Luke saímos disparados da igreja. Ele abordou os irmãos, que tinham ido novamente fumar para a porta da rua.

– Viram o bebé?

– Claro que sim – respondeu Kevin, atirando a beata para o chão coberto de neve. – Tiraste-me uma fotografia com ela, lembras-te?

Não era a resposta que pretendíamos.

– Achamos que a nossa ama a levou por algum motivo – retorqui, tentando não dar a entender que estava à beira do histerismo. – Viste-as?

– Quem, aquela sócia da Betty White que não largava o tio Matt? – perguntou Patrick.

Luke acenou afirmativamente, com os músculos do maxilar muito tensos.

– Tenho quase a certeza de que a vi há uns dez minutos. – Patrick apontou na direção do cemitério. – Ia para aquele lado.

– E levava o bebé com ela? – indagou Luke.

– É difícil de dizer – replicou Patrick. – Estava meio curvada.

Fechei os olhos e, indiferente ao risco que corria, enviei sondas de pensamento na direção do

velho cemitério. Uma delas deve ter embatido em Jen, irmã de Luke, porque a ouvi proferir um «ai!» irritado, mas paciência. Quase chorei de alegria quando me senti invadida por uma onda de reconhecimento tranquilizante. Laria? Só podia ser. Tenho de admitir que fiquei surpreendida por uma recém-nascida conseguir transmitir com um sinal tão intenso. Surpreendida e bastante orgulhosa até. A resposta de Laria foi logo seguida de um zunido irritado e incrivelmente doloroso que só podia pertencer a Elspeth.

– Estão juntas – sussurrei a Luke ao mesmo tempo que amigos e familiares emergiam do interior da igreja para o passeio e para a rua. Conte-lhe sobre as sondas de pensamento. – Ela está bem e tenho a certeza absoluta de que está com a Elspeth.

Luke disse coisas das quais se arrependeria se alguma vez tivesse de as repetir em pleno julgamento, mas, afinal de contas, ele era humano e estava transtornado.

– Quando eu apanhar aquela...

– Primeiro temos de as encontrar – disse, tentando reprimir o meu próprio pânico – e depois logo se vê o que faremos em relação à Elspeth. – Dei-lhe as coordenadas das sondas de pensamento, tanto quanto fui capaz, e tudo indicava que elas estivessem junto ao cemitério.

Por vezes, Luke esquecia-se daquilo com que estava a lidar em Sugar Maple. Os poderes de Elspeth eram incríveis. Os outros *trolls* da vila ficavam deslumbrados com as capacidades dela. Até mesmo Janice, que era sua parente afastada do lado da mãe, olhava para a velha perversa com manifesta admiração. Eu não conseguia imaginar Luke a sair vitorioso de uma batalha travada com Elspeth.

Jack MacKenzie pôs-se em ação enquanto eu e Luke trocávamos informações.

– Espalhem-se – ordenou Jack à sua família. – Verifiquem todas as ruas, batam a todas as portas e espreitem atrás de todos os arbustos. Se ninguém vos abrir a porta, deem-na abaixo se for preciso, mas encontrem o bebé!

– Alto aí! – exclamou Archie, marido de Lilith, aproximando-se de Jack todo indignado. – Quem deitar a minha porta abaixo terá de se haver comigo!

Lilith pousou a mão no ombro de Archie para o acalmar.

– Ele está nervoso, Archie – disse ela numa voz meiga. – Não vai deitar a nossa porta abaixo.

– Ai vou sim! – Jack olhou fixamente para o *troll* furioso e atamancado. – Trata-se da minha neta. Se for preciso, sou capaz de pegar fogo à vila inteira.

De todo a coisa indicada para se dizer.

A vila em peso passou-se da cabeça. A malta do Lar de Sugar Maple apontou as cadeiras de rodas elétricas na direção de Jack enquanto se referiam aos antepassados dele com termos ostentosos.

Pobre Jack. Ele não fazia ideia do historial de Sugar Maple, de como os nossos antepassados haviam fugido da perseguição em Salem para encontrarem a liberdade naquele lugar.

Todavia, aquela confusão tinha o seu lado positivo.

– Vai agora! – sussurrei a Luke enquanto os MacKenzie e os habitantes da vila mediam forças. – Podes encontrar a Laria e resolver a situação antes de o Jack e o Archie pararem de discutir.

Ele desatou a correr em direção ao cemitério.

Voltei-me e vi Meghan a olhar para mim com uma expressão inquisidora.

– Trata da tua gente – ordenei – que eu trato da minha. Não há de ser nada. – Ainda tínhamos hipótese, desde que a magia não se revelasse e transformasse aquele bruaá num desastre nuclear.

– Parece-me bem – respondeu ela e ambas pusemos as mãos à obra.
– Frank! – gritei. – Manny! Rose! Todos! Desliguem as cadeiras de rodas e acalmem-se.
– Ele ameaçou pegar fogo à vila inteira – exclamou Archie, o *troll*. – Eu próprio o ouvi.
– Porque estamos a perder tempo com discussões? – disse Meghan. – Devíamos estar a procurar a Laria. Ela é a única coisa que importa neste momento.

– É a neta do homem, Archie – disse Lilith na sua voz calma. – É normal que esteja perturbado. – O facto de ela ter proferido a palavra «homem» com uma certa ênfase só foi perceptível para os mágicos.

Dera resultado. Archie acalmou-se. Jack diminuiu a retórica. E dois minutos depois todos partiram para passar Sugar Maple a pente fino em busca da minha filha.

– Onde foi o Luke? – Meghan olhou à sua volta, para a multidão que partia.

– Ele acha que a Elspeth pode ter levado o bebé para a nossa casa. Foi lá procurá-la. – Mentiras, mentiras e mais mentiras. Ter-me-ia sentido culpada se não estivesse tanta coisa em jogo. Além disso, ela jamais acreditaria na verdade.

– Tem piada – disse ela, olhando-me fixamente –, mas não pareces tão assustada como há pouco.

Bolas. Tanto quanto sabia, ela nunca fora agente da polícia, mas não restavam dúvidas de que havia herdado os mesmos genes de detetive que o irmão.

– Isto é uma vila muito segura. Além do mais, ela está com a ama.

– Referes-te àquela sósia estranha da Betty White, certo?

– A Elspeth – repliquei – e, sinceramente, não as acho nada parecidas. – Estava mais do que na hora de a vila abrandar um pouco com a pancada de Hollywood.

– Há cinco minutos pensava que ias ter um ataque cardíaco. Agora estás na boa. O que é que me passou completamente ao lado?

Esbocei uma careta e revirei os olhos para enfatizar as minhas palavras.

– São as hormonas – repliquei, valendo-me da eterna justificação para o comportamento estranho do meu sexo. – Um segundo estou contente e no segundo seguinte estou a chorar copiosamente. E eu a pensar que a tensão pré-menstrual era complicada!

Era mentira. Eu sabia que era mentira e estava certa de que ela também.

Mas depois o seu novo namorado enviou-lhe um SMS e ela esqueceu a minha mentira, esqueceu-me a mim e esqueceu tudo à exceção das palavras escritas na mensagem.

Onde quer que ele estivesse, eu ficara a dever-lhe um enorme favor.



LUKE

Arranquei direito ao cemitério como se estivesse a ser perseguido pelos cães do inferno. Desci a Rua Osborne rápido como um tiro, escorregando em zonas cobertas de gelo e neve acabada de cair.

Laria.

Conseguia ver o seu rosto minúsculo à minha frente e ouvir o seu choro suave.

Desconfiara logo no início de que algo não batia certo em relação a Elspeth. Desde o princípio que percebera que estávamos a percorrer um caminho perigoso que Samuel, o *troll* esquivo e intratável, havia posto à nossa frente, como se fosse uma dessas pragas bíblicas, e não compreendia por que motivo Chloe continuava a não conseguir ver a verdade.

Raios, ela podia andar metida com as fadas de Salem que se haviam instalado em Sugar Maple há poucos meses. As fadas de Salem juraram lealdade para com a vila, mas as animosidades que duraram vários séculos não desapareciam da noite para o dia. Ou muito me enganava ou nem todas as fadas de Salem haviam concordado com a decisão, pelo que era apenas uma questão de tempo até haver chatice.

Sugar Maple existia, e florescia, no mundo dos mortais e bastava passar cinco segundos na companhia de Elspeth para perceber qual era a sua opinião sobre a minha espécie. Elspeth e os membros mais ressentidos do contingente de Salem? Não me admirava nada que tivessem formado uma espécie de aliança.

Primeiro, Elspeth assinalara a cabeça da minha filha com uma marca vermelha esquisita e agora parecia que tinha levado Laria para o velho cemitério onde ninguém, à exceção do pai de Chloe, se encontrava sepultado.

Ninguém ia levar a minha filha para o cemitério e realizar um ritual qualquer da treta. Assistira a coisas estranhas como tudo desde que chegara a Sugar Maple e aprendera a aceitar o que era positivo e a ignorar o resto. Mas, com um raio, Elspeth nem sequer fazia parte de Sugar Maple. Estava-me completamente a borrifar se Samuel Bramford lhe tinha dado ordens antes de furar o véu ou morrido ou fosse lá o que fosse que acontecia aos mágicos quando deixavam o plano terrestre. Só sabia que ia pôr cobro à situação nesse instante.

Elspeth estava virada de costas para mim quando me aproximei, com a capa a encobri-la como se

fosse uma tenda de escuteiro gigante. Recitava algo naquela sua voz esganiçada, mais por meio de ruídos do que palavras, e, se fossem palavras, decerto não eram em inglês. Tentei escutar algum som proveniente de Laria, mas não ouvi nada e senti um pico de adrenalina a percorrer-me as veias.

Aproximei-me devagar e em silêncio, pousando cautelosamente os pés na neve em vez de a pisar com força, na direção dela. Elspeth era mágica e isso implicava poderes que os humanos apenas podiam imaginar. Eu próprio já sentira a magia na pele, na primavera anterior, e sabia exatamente o que esperar. A *troll* podia ser velha, mas os seus poderes eram formidáveis. Se decidisse virá-los contra mim, eu não teria qualquer hipótese.

Se ela pressentiu a minha chegada não o deixou transparecer. Talvez estivesse numa espécie de transe. Fosse por que motivo fosse, eu não tinha razão de queixa. Precisava de tempo para conseguir localizar Laria e avaliar a situação antes de fazer a minha jogada.

Só que de repente não me conseguia mexer. Tentei dar um passo e depois outro. Não me sentia diferente, mas a verdade é que não havia avançado um milímetro sequer. Observei, aterrorizado, enquanto Elspeth se elevava lentamente no ar, até ficar suspensa a cerca de três metros do chão, com a capa preta e macabra a esvoaçar ao vento nevoso do fim de tarde.

– Tolo. – A sua voz estava carregada de escárnio. – Tens a verdade diante desses teus olhos humanos e mesmo assim não consegues ver. Vai-te embora daqui antes que causes um dano eterno.

Ela estava enganada. Eu via sim e o que via era a minha filha deitada em cima da laje que marcava o local de repouso de Aerynn, rodeada de nuvens rodopiantes, de cor e de luz, que se entrelaçavam à volta dos membros dela, pequenos e expostos, e que dançavam em torno da cabeça, com formas tremeluzentes que me davam vontade de vomitar.

– Se lhe toca mais alguma vez – avisei-a –, mato-a.

– Essa é a resposta humana para tudo – redarguiu ela –, mas há coisa piores do que a morte terrestre.

Ela desceu rapidamente e segurou o rosto minúsculo de Laria entre as mãos nodosas, exalando ruidosamente para dentro da boca do bebé. Senti um vômito e quase deitei fora o pequeno-almoço.

O bebé deu uma risada, ou o que me parecia ser uma risada tendo em conta que se tratava de uma criança com uma semana de vida, e depois Elspeth desapareceu, levando com ela as nuvens e a minha paralisia.

Corri para a frente, com os membros estranhamente entorpecidos por falta de uso, apesar de só terem decorrido uns segundos, e caí de joelhos junto à pedra tumular de Aerynn. Senti um zunido familiar a percorrer-me o corpo, a mesma sensação que tinha sempre que visitava o cemitério. Podia não haver corpos sepultados naquele lugar, mas havia energias suficientes para iluminar Sugar Maple durante vários séculos.

Laria emitiu uns ruídos gorgolejantes, com os braços estendidos na manta mal embrulhada. Reparei num brilho ténue e húmido espalhado na sua testa, mas de resto parecia feliz e sã e salva. Embrulhei-a melhor e, segurando-a contra o peito, dentro da minha camisa, apressei-me a regressar para junto de Chloe antes que acontecesse mais alguma coisa.

– Sei que me está a seguir – exclamei em voz alta enquanto avançava sobre a neve por limpar. – Sinto-lhe o cheiro, Elspeth.

Não obtive resposta, mas o odor a *waffles* ressequidos intensificou-se à medida que nos fomos aproximando da velha igreja que servia de Câmara Municipal. A velha manhosa estava invisível, a ganhar tempo até conseguir fazer uma nova investida e pregar-nos mais uma partida.

Tinha de ser detida, antes que fosse tarde de mais, para evitar que realizasse o que quer que fosse que estivesse a planear.

CHLOE

Luke encontrara Elspeth e Laria no velho cemitério, tal como esperava. Ele chamou-me à parte e descreveu-me a cerimónia que interrompera e, embora eu tentasse acalmar a sua ira de magnitude nuclear com palavras tranquilizadoras sobre rituais e tradições do Velho Mundo I, a verdade era que estava seriamente assustada. Quem no seu juízo perfeito levaria um recém-nascido pouco agasalhado para a rua em pleno nevão de inverno? E o melhor era nem falar sobre o facto de a ter deitado em cima de uma pedra tumular e ter soprado para dentro da boca dela porque então já não me calava mais.

Nada daquilo fazia sentido. Elspeth estava ali para proteger Laria e não para a magoar, mas as coisas que ela fizera desde o nascimento do bebé encaixavam-se na segunda categoria. Seria possível que ela tivesse um plano secreto, algo que não tinha nada a ver com a razão por que Samuel a mandara para junto de nós antes de deixar a dimensão terrestre para todo o sempre? Luke estava mais do que convencido que sim.

Elspeth era uma grande chata, mas uma parte de mim tornara-se perversamente ligada a ela. Chamem-me doida, mas recusava-me a acreditar que ela raptara a nossa filha, que a deitara em cima da laje de Aerynn e que fizera nuvens coloridas dançarem sobre o corpo dela. Quer dizer, vocês acreditariam?

É claro que não explicámos à família dele o que tinha acontecido realmente.

Contámos-lhes uma história qualquer sobre germes, fraldas e uma ama ligeiramente entradota que fora excessivamente cautelosa no desempenho das suas funções, levando o bebé para casa por forma a poder mantê-lo longe dos ocasionais espirros alheios.

A sensação de alívio espalhou-se de uma ponta à outra da vila. E dizer que os MacKenzie ficaram contentes é pouco. A preocupação e o amor deles por Laria eram poderosos e genuínos. Ela fazia parte do clã deles. Se algo me tivesse acontecido, eles ajudariam Luke a mantê-la em segurança.

Bem, pelo menos até a magia dela se manifestar.

Meghan deixou-se ficar mais um pouco, até poder dar um beijo a Laria, e depois anunciou que ia ter com o novo namorado.

– Isto não me agrada nada – disse Bunny assim que Meghan começou a despedir-se rapidamente do resto da família. – Seja ele quem for, devia vir buscá-la.

– Ele não quer conhecer a família – respondeu Jen com um sorriso astucioso. – O que não é exatamente um bom sinal.

Por outro lado, Meghan e o seu homem misterioso estavam juntos há menos de duas semanas. Ninguém, exceto o namorado de uma das raparigas Kardashian, era apresentado à família tão cedo.

Mas não abri a boca.

E depois havia a ligeira questão de Luke estar completamente danado. Segundo ele, Elspeth recusara-se a dar uma justificação ou a pedir-lhe desculpa. Paralisara-o por completo, enquanto terminava o estranho ritual que estava a realizar, e desaparecera sem dizer uma palavra.

Não restavam dúvidas. A convivência com Elspeth chegara ao fim, mas, infelizmente, ainda havia

muita coisa por resolver.

Os MacKenzie eram uma espécie de pequeno exército. Não sei onde estava com a cabeça quando os convidara em peso para conhecerem o bebé. Na verdade, nem sequer devia estar a pensar. Lembrara-me de abrir a loja e contratar espíritos domésticos para prepararem um bufê digno de humanos, mas os dias que se seguiram ao nascimento de Laria não passavam de uma recordação indistinta. A única coisa de que tinha a certeza era que acabara por não fazer nada disso.

Possivelmente, não me ocorrera a quantidade de pessoas que iria aparecer. De modo algum caberiam todas na nossa casa e com Luke de mau humor estava certa de que também não quereriam lá estar.

Infelizmente, os espíritos domésticos desapareciam aos fins de semana para lugar incerto numa outra dimensão. Eu sabia que Renate os recrutava com frequência para a estalagem, por isso fui ter com ela para lhe perguntar se achava que abririam uma exceção numa situação de emergência.

– Nem pensar. Eles libertam-se do mundo aos nossos sábados e domingos. – Devo ter feito uma cara de caso porque ela deu-me uma palmadinha na mão num gesto compreensivo. (Quem diria que quase nos havíamos esganado uma à outra poucos meses antes.) – Conta-me o que se passa. Talvez possa ajudar-te.

Fi-lo o mais resumidamente possível.

– Podemos abrir o restaurante só para eles – ofereceu Renate. – Posso chamar um dos chefes para vir ajudar o Colm e eu e a Bettina podemos tratar dos pedidos.

– És a minha salvação – disse dando-lhe o tipo de abraço que era impossível quando ela exibia a sua forma de fada habitual. – Nem sei como te hei de agradecer.

– Só não lhes posso arranjar quartos – avisou. – O Trilho dos Espíritos está muito ativo neste momento e estamos com excesso de pessoas.

A ideia do clã MacKenzie misturado com os viajantes do Trilho dos Espíritos era assustadora. Mas, na verdade, tudo o que implicava ter a família de Luke em contacto com a realidade de Sugar Maple funcionava como setas de preocupação disparadas diretamente ao meu coração.

– Havemos de pensar em algo – repliquei, embora não me ocorresse nada.

Chamei Bunny à parte e expliquei-lhe que eu e Luke tínhamos de ir a casa resolver a «questão da ama», mas que iríamos ter com a família à estalagem logo que possível.

– Vão lá à vossa vida, minha querida – disse ela. – Nós compreendemos perfeitamente.

Eu sentia-me absolutamente exausta e começava a notar-se. Quase adormeci durante a viagem de cinco minutos até casa. Nem sequer o choro de Laria, vindo do banco de trás, me despertou.

Conseguimos chegar a casa e foi então que o divertimento começou.

– Quero a Elspeth fora desta casa hoje à noite – disse Luke, a andar de um lado para o outro na nossa pequena cozinha. – Não faço ideia o que aquela cabra tenciona fazer a seguir e também não vou permitir que a nossa filha corra perigo.

Eu estava sentada no chão, a mudar a fralda do bebé e a tentar impedir que os gatos curiosos examinassem mais de perto o membro mais recente da nossa família.

– Ela estava a fazer um ritual – expliquei pela terceira ou quarta vez. – Estava a estabelecer uma ligação entre a Laria e os antepassados dela e a pedir-lhes proteção.

Pelo menos fora o que Janice me dissera e queria acreditar que ela estava certa.

– Porque havia o bebé de precisar de mais proteção? – perguntou ele. – A vila inteira está protegida para não ser descoberta.

– Nenhum sistema é perfeito. – Lembrei-lhe as falhas a que ele próprio assistira no pouco tempo em que morava em Sugar Maple. – Além disso, no que toca à segurança da Laria, é preferível pecar por excesso.

– Desculpa, mas não vou nessa conversa – retorquiu ele ainda de um lado para o outro na divisão. – Acho que ela está a tramar alguma.

Ergui o olhar da muda de fralda.

– O que poderia ela estar a tramar? Passou os últimos trezentos anos às ordens do Samuel. Achas mesmo que iria dar cabo do último desejo dele?

Subitamente, a divisão encheu-se do odor a *waffles* ressequidos e vi Elspeth sentada em cima do frigorífico, qual gárgula.

– O bebé tem de ser protegido – disse ela, fitando Luke com desdém. – As tradições devem ser mantidas.

Não sei se Luke sentiu a força que emanava da *troll* rechonchuda, mas eu fiquei atónita com a sua potência. Não duvidava da lealdade dela para com Samuel, mas, ainda assim, continuava a ser uma criatura com quem ninguém se devia meter.

– Tivemos a cerimónia de Apresentação – recordei-lhe enquanto me certificava de que a fralda do bebé estava apertada como devia ser. – É um dos nossos rituais mais antigos. O bebé já tem uma mãe do coração para a ajudar no dia a dia.

– É necessário fazer muito mais – respondeu ela na sua voz esganiçada, semelhante ao som de unhas a rasparem numa ardósia. Estava a dirigir o seu olhar diretamente para Luke.

– O perigo está em todo o lado e ela tem de ser protegida até do próprio sangue.

Luke parou de andar mesmo em frente ao frigorífico. Ergueu o olhar irritado para ela, conferindo nele o peso dos vários anos em que trabalhara como polícia. Uma *troll* menos experiente talvez tivesse decidido que estava na altura de voltar para casa, mas não era o caso de Elspeth. Ela olhou-o fixamente também.

– Basta de olhares perversos e comentários misteriosos – explodiu Luke. – Se tem alguma coisa para dizer, diga-o de uma vez. Caso contrário, pire-se já daqui para fora e nunca mais volte.

– Eu digo o que tenho para dizer. Faço o que tenho de fazer. Nem mais, nem menos do que é possível.

– Estás a ver isto?! – Luke voltou-se para mim, exasperado. – Como se consegue lidar com esta treta? É preciso um intérprete e tudo!

– Corremos perigo? – perguntei a Elspeth.

– Depende.

– A Laria corre perigo?

– O bebé precisa de proteção.

No que dizia respeito a não respostas, a *troll* era um verdadeiro génio.

Inspirei profundamente e tentei acalmar a dormência que começava a sentir nas pontas dos dedos. Não queria nada envolver-me num «mano a mano» com a *troll*. Especialmente uma com séculos de prática.

– Porque estás tão preocupada, Elspeth? Corremos perigo? – Talvez aquilo fosse um estranho ritual *troll* e eu devesse colocar a pergunta três vezes para ela me responder.

– Define perigo – respondeu ela, encolhendo os ombros roliços.

– Pronto, agora está convencida de que é o Bill Clinton – murmurou Luke. – A seguir vai

perguntar-nos o que significa a palavra «definir».

Lancei-lhe um olhar sério. O confronto com Elspeth não nos levaria a lado nenhum, mas talvez estivesse na altura de jogar o meu trunfo.

– Lamento que não queira partilhar os seus pensamentos connosco, Elspeth – disse eu, esboçando um sorriso triste e abanando a cabeça. – O Samuel ficaria muito desiludido se soubesse que está a esconder-nos informação que nos pode ajudar a proteger a Laria.

– Faço o que posso. Mais não é possível.

Insisti mais um pouco.

– Porque levou o bebé? O que estava a tentar fazer?

Ela começou a andar à roda, o seu cabelo cor de manteiga a esvoaçar como os trapos de uma esfregona antiga, cada vez mais depressa até se tornar uma mancha de movimento.

– Elspeth! – Baixei as mãos num gesto de corte. – Basta!

Não devia ter usado magia contra ela, mas estava a ficar desesperada. Não que tivesse conseguido fazê-la parar por completo (a magia com que Samuel a protegera era demasiado forte), mas surpreendi-a a ponto de ela própria desacelerar. Para mim foi uma pequena vitória.

– O seu trabalho aqui está terminado – disse Luke. – Queremos que se vá embora esta noite.

Ondas de calor emanaram de Elspeth.

– Os humanos não me dão ordens.

– Nesse caso, terá de me dar ouvidos a mim, Elspeth – disse eu. – Custa-me imenso dizer-lhe isto, mas já não a queremos a viver connosco.

O olhar dela causou-me um arrepio na espinha, mas mantive-me firme. Não se tratava de um olhar zangado, nem magoado ou envergonhado. O que vi nos olhos dela foi algo que me incomodou imenso: pena.

– E nada de andar por aí invisível – avisou-a Luke. – Quero-a de volta a Salem.

Lancei a Luke um olhar de advertência, mas acho que ele não se apercebeu. A diplomacia não era o seu forte.

– Cumpru a promessa feita a Samuel – disse eu, calmamente. – Agora a Laria é da minha responsabilidade. O Livro dos Feitiços assim o diz.

Ela considerou as minhas palavras durante um tempo desagradavelmente desmedido e depois assentiu com a cabeça amarelo vivo:

– Assim seja.

E, dito isso, entrou no espaço existente entre o mundo dela e o nosso e desapareceu.

– Viste aquilo? – perguntei a Luke. – Parecia que tinha aberto uma cortina.

– Pois, da última vez que ela fez isso continuava em Sugar Maple, a vigiar tudo e todos.

– Não me parece que ela ainda esteja em Sugar Maple – repliquei. – Sinto uma diferença.

Ele cheirou o ar.

– Não me cheira a *waffles* foleiros. Já é qualquer coisa.

– Não, é mais do que isso. – Não lhe queria dizer que as energias que rodeavam Laria haviam enfraquecido assim que Elspeth desaparecera, quase como se alguém tivesse removido um anel de proteção. Talvez não tivéssemos tomado a decisão certa, afinal. – Sinto realmente a ausência dela.

– Achas que estou enganado em relação a ela. – Tratava-se de uma afirmação, não de uma pergunta.

– Sim – respondi. – Acho que ela estava a dizer a verdade quanto a ter levado a Laria.

– E eu acho que ela estava a mentir com quantos dentes tortos tem. – Os músculos do maxilar dele estavam novamente ao rubro. – E aquela marca na cabeça do bebé? De onde apareceu? Continuo à espera que alguém me explique isso.

Ele não ficara convencido com a explicação da mãe sobre um angioma morango.

– Falei nisso à Janice e ela disse-me que tenho a mesma marca na cabeça.

Parecia que acabava de lhe dizer que me nascera subitamente um corno de unicórnio.

– Espreita lá tu – insisti com ele. – Não consigo vê-la.

Ele posicionou-se atrás de mim e começou a afastar o cabelo para um lado e para outro.

– Filha da mãe – exclamou ele. – Ela tem razão. Tens a mesma marca na cabeça.

– Já te sentes melhor?

Ele acenou com a cabeça e uma parte da tensão dissipou-se do seu rosto.

Para minha surpresa, eu também me sentia melhor. Não que pensasse que Elspeth era um perigo para Laria, mas a súbita aparição daquela marca vermelha havia-me deixado mais enervada do que gostava de admitir. Uma vez que ambas a tínhamos, o mais certo seria tratar-se de uma marca de nascença Hobbs e, conseqüentemente, nada de preocupante.

Por outro lado, Elspeth existia desde o tempo de Aerynn. Quem me podia garantir que não fora ela a pôr-me a marca na cabeça há trinta anos?

Porém, essa era uma discussão do tipo «o ovo ou a galinha» para a qual eu não tinha tempo. Não com uma estalagem cheia de fadas e familiares à nossa espera.

Alimentei o bebé e depois fomos de carro até à estalagem para um lanche ajantarado com os MacKenzie.

– O Kevin e a Tiffany tiveram de ir embora – disse Bunny, falando por cima dos restos da carne assada e respetivos acompanhamentos. – Disseram que depois ligavam.

Jen, o marido e os filhos tinham-se ido embora. Ronnie e a sua família estavam praticamente de saída.

– Falamos via Skype ainda esta semana – disse Kim enquanto terminava a sobremesa. – Quero saber todos os pormenores sobre o parto.

– Nem penses – respondeu Bunny, intrometendo-se na conversa. – Todos os partos são diferentes. Não tencionas dar à luz na parte de trás de um *Jeep*, pois não?

– Não, mas...

– Preocupa-te contigo, Kimberly, e esquece a Chloe.

Kim revirou os olhos na direção da mãe, mas fê-lo com imenso carinho.

– Também não me parece que a Chloe planeasse dar à luz no *Jeep*.

– De modo algum – concordei. – Estava a contar com um parto em casa.

– Um parto em casa?! – Bunny pareceu ficar horrorizada. – Meu Deus, que ideia era a sua?

– Se calhar, acha que os hospitais são fábricas de germes à espera de nos infetarem com estafilococos e sabe-se lá mais o quê – retorquiu Kim, intervindo em minha defesa. – Eu também considerarei a hipótese de ter um parto em casa.

– Só por cima do meu cadáver – replicou Bunny. – Sou enfermeira há trinta anos. Sei muito bem o que pode acontecer durante um parto. O hospital é o lugar mais seguro.

– Tu trabalhavas no departamento cardíaco, mãe – lembrou-lhe Kim. – Não me parece que tenhas assistido a muitos partos.

– A Laria é saudável e feliz – disse eu, olhando de relance para o bebé que dormia no seu porta-

bebés com o pequeno rosto encostado ao peito de Luke. – Isso é que importa.

– Nem acredito que já andas de um lado para o outro quando ainda só passou uma semana – referiu Kim. – Pensava que nos ias receber deitada no sofá.

– E eu nem acredito nos disparates que estás para aí a dizer, Kimberly. – Bunny abanou a cabeça em sinal de reprovação. – Ela deu à luz, não é como se estivesse a recuperar de uma cirurgia. É claro que já anda de um lado para o outro.

A conversa estendeu-se e fluiu à minha volta enquanto eu depenicava o meu frango com tomate seco. Subitamente, sentia-me tão cansada que só me apetecia enfiar-me num porta-bebés e passar uma ou duas semanas a dormir.

– Já chega – disse Bunny, atirando o guardanapo para cima da mesa, ao lado do prato de sobremesa vazio. – Está na altura de vocês regressarem a casa e irem descansar.

Luke, que estava a dormir, acordou sobressaltado ao mesmo tempo que eu acenava com a cabeça em concordância. Casa. Cama. Dormir. Quem não gostava disso?

Renate agradeceu simpaticamente a toda a gente por visitarem a estalagem. Recusou-se a apresentar-nos a conta, mas eu trataria do assunto no dia seguinte. Reparei que Jack havia deixado uma boa gorjeta, o que me deixou muito feliz. Tal pai, tal filho.

Após mais uma série de despedidas, os MacKenzie partiram rumo às respetivas casas.

Todos à exceção de Bunny e Jack, que nos acompanharam até ao parque de estacionamento.

– É melhor fazeres-te à estrada, pai – sugeriu Luke, instalando o bebé na cadeirinha do carro. – Ainda têm uma longa viagem pela frente.

– Oh, nós não vamos para casa – respondeu Bunny com uma risada.

Talvez, se não estivéssemos tão cansados, tivéssemos percebido o que nos esperava, mas a falta de sono havia afetado as nossas faculdades mentais ao ponto de nem sequer nos lembrarmos dos nossos próprios nomes sem primeiro consultarmos as cartas de condução.

– Ai podes crer que não – retorquiu Jack, pondo os braços à volta dos nossos ombros enquanto Laria erguia o olhar para ele do seu porta-bebés. – Vamos ficar aqui convosco.



CHLOE

— Olhem bem para a cara deles! — exclamou Bunny entre gargalhadas. — Não vamos ficar em vossa casa. Vamos ficar aqui, na estalagem.

As coisas estavam a complicar-se de tal maneira que eu nem sequer sabia por onde começar.

— Vocês... Vocês reservaram um quarto na estalagem? — perguntei-lhe, sabendo que isso era absolutamente impossível.

— Bem, ainda não — admitiu Bunny —, mas vamos falar com a simpática Renate e arranjar qualquer coisinha.

— Acho que isso não vai ser possível, mãe — disse Luke, soando tão confuso como eu me sentia. — Tanto quanto sei, estão cheios.

— Por acaso não estão — respondeu Bunny. — Eu confirmei.

Caiu-me tudo ao chão.

— Foi a Renate que lhe disse isso?

Bunny fez um gesto depreciativo com as mãos.

— Confirmei-o com os meus próprios olhos.

Oh, deuses, aquilo ia acabar mal.

— O que fizeste, mãe? — perguntou Luke.

Jack revirou os olhos.

— O que te parece que ela fez? — respondeu ele. — Meteu o nariz onde não era chamada.

Bunny exibia um ar desafiador e defensivo.

— Fui só fazer uma visitinha — admitiu ela. — Que mal tem?

— A expressão «propriedade privada» não te diz nada? — perguntou Luke.

— Estamos numa estalagem, Luke — retorquiu Bunny. — É um lugar público.

— Não olhes para mim — exclamou Jack, pondo as mãos no ar em sinal de rendição. — Eu não tenho qualquer controlo sobre ela.

— Os quartos são lindos — continuou Bunny — e todo os que vi estavam vazios.

Luke olhou para mim, à espera de que o ajudasse, mas de modo algum iria atacar a mãe dele.

Lançou-me um olhar furioso e depois investiu.

– E não te ocorreu que os hóspedes pudessem ter saído?

Bunny suspirou, claramente exasperada.

– Confia em mim, Luke. Tenho idade suficiente para saber quando um quarto está vago e quando está ocupado.

«É só uma noite», pensei, ao mesmo tempo que eu e Luke nos entreolhámos. Não podia ser assim tão mau.

– Regressamos a casa na manhã da véspera de Natal – disse Bunny com um enorme sorriso. – Só vamos precisar do quarto durante uma semana. Estou certa de que nos arranjarão qualquer coisa.

– Nada como ficarmos já a saber – acrescentou Jack. – Vamos lá perguntar-lhes.

– Não! – Eu devia parece uma lunática, mas não queria saber. – Deixem-me ver se consigo que me façam um favor.

Corri para o interior da estalagem e abordei Renate e Colm no corredor.

– Digam-me que não têm quartos vagos – supliquei.

– Não temos quartos vagos – respondeu Renate, dando uma risada –, mas temos um duplo disponível por um bom preço.

– Os pais do Luke querem ficar cá durante uns dias, para nos ajudarem com o bebé, e precisam de um sítio para ficar.

– Não podem ficar aqui – disse Colm, piscando-me o olho. – Lamento, mas não temos vagas.

Corri para o exterior para lhes dar as más notícias.

Os pais dele ficaram desapontados e senti-me ligeiramente culpada por ter ficado aliviada.

– Esperem lá! – Os olhos de Jack iluminaram-se de entusiasmo. – Acho que vi motéis a uns quilómetros da vila. Podíamos ficar lá.

– Percevejos – disse Luke. – Foi um escândalo enorme. Não façam isso.

– Que chatice – exclamou Bunny, parecendo prestes a chorar. – A Chloe não tem família e eu acho que é a obrigação da avó ajudar os filhos com os recém-nascidos. Fi-lo pelo Ronnie e pelo Deni. E fi-lo pela Jen. Fi-lo pelo Patrick e pelo Kevin e estava muito contente por o poder fazer por vocês também.

O que havia eu de responder? Aquilo era o que as famílias faziam. Os seus membros ajudavam-se uns aos outros.

Respirei fundo e atirei-me de cabeça.

– Fiquem connosco esta noite – sugeri, tentando ignorar a expressão de choque estampada no rosto de Luke. – E amanhã logo se vê.

– A casa é pequena – avisou Luke. – O quarto de hóspedes está cheio de coisas do bebé e dos novos da Chloe.

– E rodas de fiar – acrescentei. – Planeávamos ter tudo arrumado antes de a Laria nascer, mas ela fez-nos uma surpresa.

– O tamanho não importa – replicou Bunny, acenando com a mão. – Só queremos estar convosco e com o bebé.

– Pequena como? – Jack começava a soar preocupado.

Luke encolheu os ombros.

– Uns setenta metros quadrados.

– É realmente pequena – respondeu-lhe Jack, a acenar com a cabeça. – Se eu espirrar, o mais certo é arrombar logo com uma janela.

– Jack! – Bunny lançou-lhe um olhar reprovador. – Está ótimo. Gostamos de acordar cedo, por isso podemos alimentar o bebê para vocês ficarem a dormir mais um bocadinho.

– Estou a amamentar – lembrei.

– Então tire o leite para eu lho dar no biberão.

A minha cabeça começava a andar à roda. Talvez devesse tê-los mandado ir dormir no tal motel com camas duvidosas.

– Sou só eu ou está um frio de rachar? – perguntou Luke. – Continuamos a conversa em casa.

O meu estômago deu uma volta quando me apercebi do que havia feito. A nossa pequena casa não estava preparada para receber visitas. No ano anterior, a ex-mulher de Luke passara umas noites connosco (mas isso é outra história) e acho que não dormi nada de jeito durante o tempo todo. No que toca a tarefas domésticas, não sou propriamente a Marta Stewart e é preciso uma visita anual dos meus amigos espíritos domésticos para evitar ficar soterrada em tralha.

– Limpaste os caixotes dos gatos esta manhã? – perguntei a Luke quando saímos do parque de estacionamento.

– Mudei três fraldas. Isso conta?

– Não me recordo da última vez que limpámos os caixotes. Os teus pais não são amantes de gatos, pois não?

– A minha mãe tem uma coberta de plástico a tapar o sofá da sala.

– Isto vai ser uma desgraça.

Já para não falar na questão da magia.

Em casa, Luke estacionou o *Jeep* ao lado do meu *Buick* e a carrinha dos pais dele teve de ficar na rua.

Não que existisse muito trânsito, mas tanto Bunny como Jack pareciam estar um pouco stressados, por isso pedi a Luke para pôr o *Buick* na rua e deixar os pais estacionarem ao lado do *Jeep*.

– Além disso – disse eu –, assim tenho tempo para dar uma volta rápida pela casa e certificar-me de que não se passa nada de esquisito.

Uma fila de talheres a dançar a conga. Minitornados em cima da mesa da cozinha. Telhados que se abriam sozinhos. Já vira de tudo e queria certificar-me de que Bunny e Jack não tinham a surpresa das suas vidas.

Estava a sacudir os pelos de gato do sofá da sala quando Bunny entrou.

– Têm gatos – comentou ela.

Amassei a fita-cola cheia de pelos na mão e pus-me de pé.

– Quatro – repliquei. – Cinco, se contarmos com a *Penny*, a gata da loja. – É claro que *Penelope* era muito mais do que «a gata da loja», mas havia a tal coisa chamada DI.

– Não sabia que o Luke gostava de gatos.

– Não sei se gosta dos gatos em geral, mas gosta bastante dos nossos.

Ela acenou afirmativamente e eu quase conseguia ouvi-la a pensar dentro da sua cabeça loura e fofa.

Pyewacket e *Lucy* apareceram vindas da cozinha e começaram a ronronar e a enrolarem-se nos tornozelos de Bunny.

– Gostaram de si – disse eu, deitando a fita-cola no caixote do lixo mais próximo. – Não costumam gostar de qualquer pessoa.

Não sei se Bunny se sentiu particularmente lisonjeada, mas acenou com a cabeça e sorriu.

Senti pena dela, pelo que peguei nas duas gatas e pousei-as a uns metros de distância mesmo a tempo da investida felina seguinte. *Blot* e *Dinah*, a miarem alto e em bom som, enrolaram-se à volta dos tornozelos de Bunny, exatamente onde os outros haviam estado.

– Foi assim que eles reagiram quando conheceram o Luke – recordei. – Deve ser genético.

– Como foi que disse que eles se chamavam?

Expliquei-lhe rapidamente quem era quem e, para minha surpresa, ela baixou-se e coçou *Blot* atrás da orelha direita. *Blot*, delirando imediatamente de alegria, atirou-se às botas de Bunny e exibiu a barriga para contemplação dela.

– Agora nunca mais vai conseguir livrar-se dela – avisei rindo-me.

Bunny agachou-se para fazer festas a *Blot* e eu aproveitei para descer o pequeno corredor até ao quarto de hóspedes e abrir caminho até à cama pelo meio da tralha. Os lençóis estariam lavados? Esperava que sim, mas não tinha tempo para o confirmar. A casa estava desarrumada, mas pelo menos parecia-me que não havia sinais de surtos de magia.

Já não havia mais nada a fazer exceto figas e esperar pelo melhor.

LUKE

– Não quero discussões – disse a minha mãe, enxotando Chloe. – Preparei-lhe um banho de imersão. Vá-se embora! Aproveite!

– Tu ouviste-a – disse-lhe. – Nós aguentamos o barco.

Ela desapareceu no corredor antes mesmo de eu terminar a frase.

A minha mãe estava sentada na cadeira de balouço junto à janela da sala de estar, com Laria ao colo, que não parecia minimamente interessada em dormir.

– E tu também – disse-me a minha mãe. – Estás com péssimo aspeto. Vai dormir um bocado. É para isso que aqui estou. Abusa dos teus pais enquanto podes.

– A Laria – respondi. – Ela precisa de...

– Eu criei sete filhos – lembrou ela. – Acho que tenho uma pequena ideia do que precisa e quando precisa.

– A alcofa dela está no nosso quarto.

– Porque não a pomos no quarto de hóspedes esta noite?

– Já viste o quarto de hóspedes? – perguntou o meu pai. – É uma sorte cabermos lá dentro.

– Em breve irão precisar de uma casa maior – disse a minha mãe por cima do choro persistente de Laria.

– Esta casa é mais do que suficiente para nós.

– Mas não para dois adultos, quatro gatos e um bebé.

– Temos tempo.

– O tempo passa mais depressa do que julgas, Luke.

– Vocês moraram num apartamento com quatro assoalhadas até eu nascer.

A minha mãe sorriu-me.

– Por isso sei que precisas de mais espaço.

– Ouve a tua mãe, filho – disse o meu pai. – Ela sabe o que diz.

Nem sequer tentei disfarçar o bocejo.

– Vou aceitar a vossa oferta para tomarem conta do bebé e enfiar-me na cama.

Certifiquei-me de que os meus pais tinham acesso à comida, às bebidas e às coisas do bebé e depois fui-me deitar antes que a minha mãe fizesse mais sugestões.

– Ela é bem-intencionada – disse Chloe mais tarde, enquanto se enfiava dentro da cama ao meu lado. – Quer que tudo seja perfeito connosco.

– Planeia reorganizar a cozinha enquanto cá está.

– A cozinha?

– Ah, agora já estás interessada – disse dando uma risada carregada de cansaço.

– A cozinha não tem problema nenhum. Sei onde está tudo.

– Deve querer organizar os teus livros de cozinha segundo o sistema decimal de Dewey.

– Eu não tenho livros de cozinha.

– Estou a falar em termos metafóricos.

– Oh, cala-te – disse ela, enroscando-se em mim e pousando a cabeça no meu ombro. – Estou demasiado cansada para palavras polissilábicas.

Sorri na escuridão.

– Também eu.

– Achas que o bebé fica bem?

– Sim.

– A tua mãe sabe onde estão as fraldas e essas coisas?

– Sim.

Ela deu-me um pequeno soco no braço.

– Estou demasiado cansada para palavras polissilábicas, não para frases completas.

– Certo.

Ela começou a rir.

– Gosto dos teus pais.

Puxei-a para mim e contive um bocejo.

– Eles também gostam de ti.

Ela ficou em silêncio durante um bocado e eu pensava que tinha adormecido.

– Sinto a falta da Laria.

– Queres que a vá buscar?

– Não – replicou ela por entre um bocejo. – A Bunny e o Jack precisam de passar tempo com ela.

E, de um momento para o outro, baixámos a nossa guarda e os sarilhos entraram-nos pela porta adentro.



CHLOE

Acordei sobressaltada e espetei um dedo nas costas de Luke.

– Ouviste aquilo?

– Hum – respondeu ele, enterrando o rosto ainda mais na almofada.

– Não ouviste um grito?

Se calhar, não o ouvira porque estava a ressonar alto.

A Laria não se encontrava na alcofa, o que significava que eu só podia voltar a dormir depois de saber o que motivara aquele grito.

– Não há motivo para alarme – disse Jack quando entrei, ensonada, na sala de estar. – Está tudo bem.

Laria estava deitada no chão, em cima de uma pilha de cobertores macios e acolhedores. Envergava um *babygrow* cor de pêssago, com uns coelhinhos pintados, e agitava os braços e as pernas no ar, satisfeita, como se já fosse de manhã e não noite cerrada. Agachei-me junto dela. Agarrou-me o dedo com a mão minúscula e o meu coração deu aquele salto desvairado que acontecia sempre que a via.

– Onde está a Bunny? – indaguei, erguendo o olhar para Jack que estava algo desganhado.

Ele fitou os pés e o meu alarme interior foi acionado de imediato.

– Ela... Hum, ela foi à casa de banho. – Ele encarou-me por uns breves instantes e depois desviou o olhar. – Teve um pequeno acidente.

– Tome conta do bebé – disse eu, atravessando o corredor a toda a velocidade.

– Não se preocupe – sossegou-me Bunny assim que entrei de rompante na pequena casa de banho. Ela estava sentada em cima da sanita, a humedecer uma toalha de mãos. – São coisas que acontecem.

Olhei-a, incrédula.

– Está a ficar com o olho negro. – Um pensamento terrível assaltou-me a mente. – Foi o Jack que...

Ela deu uma gargalhada e depois estremeceu de dor.

– Na verdade, foi a Laria.

– A Laria? – Era a minha vez de rir. – Agora a sério, Bunny: como aconteceu isso?

– Foi a Laria – repetiu ela. – Estava a fazer-lhe cócegas na barriga enquanto lhe mudava a fralda, e ela deu-me um pontapé na cara.

Assenti, emitindo todos os sons da praxe, mas custava-me a acreditar que a minha filha com uma semana conseguisse dar um pontapé com força suficiente para fazer qualquer estrago. Espetar-lhe um dedo no olho? Sim, era possível. Mas a vista de Bunny parecia ter sido alvo de um punho pequeno mas poderoso.

Seria possível que os MacKenzie tivessem discutido e Bunny estivesse a encobrir o marido? Afastei esse pensamento da cabeça. Talvez ela tivesse tido um desses acidentes palermas (do género dos meus) e estava demasiado envergonhada para o admitir pelo que substituíra a verdade por uma pequena mentira.

Eu não fazia ideia, mas uma coisa sabia com toda a certeza: era impossível ter sido Laria.

– É melhor pôr gelo nisso – sugeri examinando rapidamente a zona magoada. – Volto já.

Corri até à cozinha, retirei o tabuleiro do gelo do congelador e regressei rapidamente à casa de banho.

– Eu é que sou a enfermeira – disse-me Bunny com um sorriso enquanto eu embrulhava os cubos de gelo numa toalha húmida. – Eu é que devia estar a cuidar de si.

– Trouxe-lhe cubos de gelo – respondi com uma risada. – Não fiz propriamente uma cirurgia.

– Desculpe tê-la acordado – disse-me ela, retraindo-se assim que encostou o gelo ao olho. – Já deve estar a desejar que eu e o Jack tivéssemos ficado noutro sítio qualquer.

– Estamos muito contentes por vos ter cá – repliquei. – Os três.

E o mais estranho era que as minhas palavras eram sinceras. Não em relação ao olho negro, mas em relação ao resto.

Uma hora mais tarde, Bunny e Jack estavam aninhados no nosso quarto de hóspedes em segurança. Laria dormia na sua alcofa. E eu e Luke estávamos a ter uma dessas discussões sussurradas intensas muito conhecidas dos novos pais.

– Uma semana? – sussurrou ele num tom de voz desesperado. – Eles vão ficar o raio de uma semana inteira?

– Querem ajudar-nos com o bebé – sussurrei também. – As famílias fazem essas coisas.

– Só temos uma casa de banho.

– Eu sei.

– O meu pai demora horas na casa de banho.

– DI – respondi-lhe.

Ele deu-me um abraço e eu encostei o meu corpo ao dele.

– E eu a pensar que a Elspeth era o nosso maior... – Ele parou de falar. – As *trolls* costumam ser rancorosas?

– Nem te passa pela cabeça quanto.

– Talvez a Elspeth tenha dado um soco à minha mãe noutra dimensão como forma de vingança.

Desatei a rir e tive de esconder a cara no peito dele para não acordar o bebé.

– Ela nem sequer conhece a tua mãe. Porque havia de lhe dar um soco?

– Pensa bem – disse ele. – A Elspeth ficou mesmo chateada connosco, certo?

– Sem dúvida.

– E detesta humanos.

- Exato.
- Então porque não matar dois coelhos com uma cajadada? Dar um soco à minha mãe e lixar-nos a vida.
- Estás a começar a parecer um daqueles tipos das teorias da conspiração. Se a Elspeth quisesse vingar-se de nós não recorreria à subtilidade. Nós é que estaríamos agora com um olho negro.
- *Okay*, então e o que aconteceu durante a cerimónia de Apresentação?
- Tropecei.
- Para trás?
- Já pareces a Lynette.
- Quer então dizer que não sou o único a achar que aquilo foi muito estranho.
- Não, não és. Mas as pessoas têm acidentes estranhos todos os dias e a toda a hora.
- E o mais certo é haver um *troll* por trás de todos eles.
- Bem-vindo a Sugar Maple – disse eu, adormecendo de imediato.

* * *

Acordei pouco antes do amanhecer, com os seios doridos e cheios de leite. «Estranho», pensei. Laria pedia comida a cada duas horas e meia, dia e noite. Parecia um pequeno relógio suíço com uma precisão total. Seria possível que não a tivesse ouvido chorar? Fui invadida por um sentimento de culpa e olhei para Luke que dormia profundamente ao meu lado. Não me parecia provável que nenhum de nós a tivesse escutado e certamente não era possível que Bunny não a tivesse ouvido chorar, sendo o quarto de hóspedes mesmo ali ao lado.

Levantei-me da cama sem fazer barulho e espreitei para o interior da alcofa.

Aquilo sim, era ainda mais estranho. Laria estava mais do que acordada, a olhar para mim, com a tranquilidade típica de um bebé.

Assim que a vi senti o leite a subir. Peguei-lhe ao colo e levei-a até à sala de estar. Adorava sentar-me na cadeira de balouço a amamentá-la, a ver o Sol nascer atrás das montanhas que serviam de lar a Forbes, o Gigante. Era curioso como podíamos morar a vida inteira na mesma vila sem nunca apreciarmos as pequenas maravilhas diárias.

Não obstante todo o drama em torno do nascimento e da cerimónia de Apresentação, sentira-me mais enraizada e em paz nos últimos oito dias do que em toda a minha vida. As peças do quebra-cabeças começavam a encaixar-se finalmente e...

- Ai! – Gritei inadvertidamente, mas Laria estava a morder-me o mamilo com uma força incrível.
- Larga, querida!

Os olhos dela tinham perdido a concentração e estavam meio desfocados. De tal modo que me interroguei se teria adormecido enquanto mamava e se tratava de um qualquer movimento reflexo doloroso (pelo menos para mim).

A dor aumentou de intensidade. Numa escala de 0 a 10, estávamos no 9 e sempre a subir, e a minha filha agarrava-se a mim como um cão danado a um osso. Pus-me de pé e comecei a andar rapidamente de um lado para o outro, na esperança de desviar a atenção dela do peito, mas ela conseguiu levar a coisa ainda mais longe em termos do meu sofrimento.

Devia estar a fazer mais barulho do que pensava pois Bunny entrou na sala a correr, com o cabelo desgrenhado e descalça, e avaliou rapidamente a situação.

– Tem de interromper a sucção – disse ela mandando-me enfiar o dedo entre a boca do bebé e o desgraçado do meu mamilo.

O que provou ser mais fácil de dizer do que fazer.

– Não consigo enfiar-lhe o dedo na boca – redargui. – Ela está a fazer imensa força.

– Deixe-me tentar – sugeriu Bunny. – Importa-se?

Por aquela altura não me importava se todos os habitantes de Sugar Maple tentassem.

– Tem razão – respondeu Bunny, ao tentar enfiar o dedo mindinho entre o meu mamilo dorido e a boca faminta de Laria. – Parece um miniaspirador!

– Por favor, não aguento mais! Faça alguma coisa!

– Estou a tentar, querida, mas... Espere aí... Espere aí! Já está!

Lágrimas de alívio correram-me pelas faces enquanto libertava o meu pobre mamilo da Miss Bebé Dentada da Morte.

– Vá pôr gelo nisso – aconselhou Bunny. – Vai continuar dorido, mas o gelo irá fazê-la sentir-se melhor.

– Acho que vamos ter de mudar o nome dela para Terminadora – comentei, caminhando em direção à cozinha com Bunny atrás de mim. – Ela despachou-nos às duas.

Bunny segurou em Laria, enquanto eu vasculhava o congelador à procura de um pacote de ervilhas para embrulhar num pano da louça. (Tínhamos utilizado todo o gelo para tratar o olho negro que Laria dera a Bunny.)

– Sabe que mais? – disse Bunny, dando um beijo na testa do bebé –, ela parece-me um pouco quente.

Estremeci assim que encostei o saco de gelo improvisado ao peito.

– Talvez seja melhor vestir-lhe um *babygrow* mais fresco.

– Não é isso que quero dizer. Toque-lhe na testa.

Encostei os lábios à pele macia e bem cheirosa e franzi o sobrolho.

– Tem razão. Está um bocado quente.

– Não deve ser nada de mais – respondeu Bunny. – Os bebés costumam ter imensas febres baixas, mas convém mantermos esta debaixo de olho.

Coloquei-lhe uma série de perguntas sobre bebés e febres, sobre quando me devia preocupar, o que fazer e a quem ligar, e depois comecei a pensar sobre quantas mães aguentariam as primeiras semanas sem ninguém com quem contarem. Depositava uma confiança absoluta nas minhas amigas mágicas, mas havia algo de verdadeiramente reconfortante em poder partilhar as minhas preocupações com a avó de Laria. Alguém do seu sangue.

Cerrei os dentes e tentei amamentar, mas Laria não estava interessada.

– Deve ter a boca dorida por ter feito tanta força – explicou Bunny, dando uma risada.

Embora não me importasse nada com a pausa, a falta de interesse de Laria deixou-me vagamente perturbada.

– Parece que vai ficar um dia lindo – exclamou Bunny, a espreitar pela janela da cozinha. – Acho que vou vestir uma roupa quentinha e dar um belo e longo passeio. Talvez pare naquela casa de *bagels* e traga umas coisinhas boas para todos nós.

No que dizia respeito a hóspedes, Bunny MacKenzie era bastante mais divertida do que Elspeth.

Dez minutos mais tarde, ouvi Bunny e Jack, rabugento e ainda meio a dormir, saírem para o passeio matinal da ordem. Laria estava sossegada na alcofã, não a dormir mas satisfeita a observar

o mundo em seu redor. Luke planeava ir trabalhar durante umas horas para pôr as coisas em dia. Estava na casa de banho, a tomar um duche. Estendi-me em cima da cama, dizendo a mim mesma que não podia adormecer.

Contudo, lá se foram as boas intenções. Tive a sensação de que um segundo depois Luke estava a acordar-me com um safanão.

– O que foi? – resmunguei, tentando fingir que estivera acordada o tempo todo. – Estava só a descansar a vista.

– Passa-se qualquer coisa com o bebé.



CHLOE

Pus-me de pé num ápice. Laria estava deitada na alcova, com as pernas e os braços esticados como tábuas de madeira. Até a coluna dela parecia rígida.

Os meus joelhos deram de si e agarrei-me a Luke para me apoiar.

– Acho que está a ter um ataque qualquer.

Nunca na minha vida sentira tanto medo como naquele instante. Atravessou-me como um relâmpago, direito ao âmago do meu ser.

– Onde está a minha mãe? – perguntou Luke. – Ela deve saber o que é isto.

– Ela e o teu pai foram dar um passeio até à vila.

A boca de Laria torcia-se numa expressão de dor, misturada com surpresa, que eu esperei nunca mais ver na minha vida.

Juntei as mãos em forma de concha e fiz aparecer uma chama azul.

– Vou ligar à Janice – informei Luke. – Precisamos de ajuda.

– É bom que seja importante – exclamou ela, do interior do seu holograma um segundo mais tarde. – Estou a tentar despachar os miúdos para a escola.

Expliquei-lhe rapidamente o problema.

– Vou já a caminho – respondeu e o holograma dissipou-se.

Eu e Luke nem tivemos tempo para entrarmos em pânico. Ela chegou num abrir e fechar de olhos, sem um único sinal de cansaço provocado pela transição conturbada. Segurou o bebé nos braços, mas em vez de se descontrair com Janice, Laria ficou ainda mais tensa e rígida.

– O que se passa? – quis saber Luke. – Diz alguma coisa, Janice!

– Silêncio – adverti-o. – Ela está a concentrar-se.

Janice pousou o bebé em cima da cama e massajou-lhe os pequenos membros. Laria começou a chorar, dando gritos enormes e soluçados que me rasgavam o coração.

– Precisamos da Lilith – disse Janice.

Luke segurou-me na mão e ambos apertámos com força.

– É assim tão mau? – indaguei com a voz trémula.

A última coisa que queremos ver no rosto da nossa melhor amiga, numa altura como aquela, é compaixão.

– Não faço ideia – respondeu. – Por isso é que precisamos dela.

Lilith apareceu em menos de nada. Ela e Janice direcionaram para Laria todas as suas energias e competências nas artes da cura, e eu e Luke limitámo-nos a observar, a esperar e a rezar para que existisse uma resposta enquanto o pequeno corpo da nossa filha se entregava ao que nos pareciam ser espasmos a intervalos irregulares.

– Nunca vi nada assim – declarou Lilith, por fim, durante um período de calmaria por parte de Laria.

– Nem eu – concordou Janice. – É uma espécie de ataque, nisso estamos de acordo, mas não sabemos mais nada.

– Acho que é melhor levá-la a um hospital humano – sugeriu Lilith, o seu rosto bonito carregado de preocupação.

– Não! – A palavra explodiu da minha boca. – Só em último recurso.

– Querida, sabes bem que jamais o recomendaríamos se não achássemos que era importante. – Janice pousou o braço à volta dos meus ombros e deu-me um abraço. – A Laria é mais humana do que mágica. Precisa do tipo de ajuda que somente um médico humano lhe pode dar.

– Pelo menos, para fazer o diagnóstico – explicou Lilith, tentando acalmar os nossos receios. – Assim que soubermos do que se trata, podemos arranjar uma forma de o combater.

– Até lá estamos de mãos atadas – acrescentou Janice.

– Mas conseguiram ajudar-me – lembrou Luke – e eu sou cem por cento humano.

– Por favor – disse Janice, segurando na mão livre dele –, ouve bem o que te digo. Quem me dera poder fazer alguma coisa, mas não posso. Acho que vocês devem meter-se no *Jeep* e levar a Laria às urgências quanto antes.

Sustive a respiração e o corpo de Laria ficou novamente muito rígido ao mesmo tempo que ela revirava imenso os olhos.

– Vou ligar o carro – informou Luke, saindo a correr.

Eu tremia tanto que mal conseguia vestir o bebé. Lilith e Janice tiveram de me ajudar a recompor para lhe poder vestir a roupa e embrulhá-la na manta rústica amarela e branca que tricotara durante o verão.

– Leva-a ao Good Samaritan – aconselhou Lilith.

A minha expressão devia refletir bem a apatia que eu sentia.

– O Good Samaritan?

– O hospital humano. Não fica longe de Sugar Maple.

Ela tirou uma folha de papel e uma caneta da minha mesa de cabeceira e escreveu todos os dados.

– Leva isto – disse. – E, se puderes, pede para chamarem a doutora Albright. Ela estudou cura com plantas comigo e compreende as nossas tradições.

Assenti com a cabeça, mas a minha mente estava vazia de tudo menos terror.

– A Bunny e o Jack foram dar um passeio – disse enquanto caminhava para a porta da rua. – Digam-lhes onde fomos e expliquem-lhes como chegar lá, está bem?

– O teu telemóvel! – Janice pegou no meu telemóvel que estava em cima da mesinha da entrada.

Bebé. Telemóvel. Saco das fraldas. Eu estava a funcionar em piloto automático quando atravessei o pátio coberto de neve em direção ao *Jeep*.

Luke também não estava muito melhor. Tivemos de ser os dois a sentar o bebé na cadeirinha do carro. Mas assim que ele se sentou ao volante, recompôs-se. O que foi bastante positivo, uma vez

que eu estava um caco.

Dei-lhe as indicações para o hospital, mas, para além de partilhar com ele a informação relativa à Dra. Albright, não trocámos uma única palavra durante a viagem. O que havia para dizer? Algo de errado se passava com a nossa filha bebé. Ondas de culpa maternal invadiam-me intensamente a cada segundo que passava. Deveria ter consultado um médico humano durante a gravidez? A minha teimosia teria prejudicado Laria? Um médico humano teria detetado algum problema logo de início e resolvido o problema com ela ainda no útero? Seria eu culpada pelo que lhe estava a acontecer agora?

– Não chores – tranquilizou Luke. – Ela vai ficar bem.

Chorei ainda mais.

– Os miúdos estão sempre a ter coisas esquisitas – disse ele, o ligeiro nó da sua voz a denunciá-lo. – Os meus pais passaram metade da vida adulta nas urgências, à espera de que um de nós fosse examinado.

Mas nós não éramos a família norte-americana vulgar e Laria não era a bebé típica. A magia fluía nas veias dela e não tínhamos maneira de saber se, e como, essa magia se manifestaria perante um médico humano. Porém, mesmo a revelação seria um preço baixo a pagar em troca da saúde da nossa filha.

Sou uma stressada nata. Penso sempre no pior. E era nisso que estava a pensar a caminho do Good Samaritan. Quando Luke entrou no parque de estacionamento e acelerou rumo à entrada das urgências, Laria estava precisamente a meio do que me parecia ser um autêntico ataque.

Luke travou a fundo e eu saltei do *Jeep*. Atrapalhei-me um pouco com o cinto de segurança da cadeirinha até que, por fim, consegui retirar Laria, que estrebuchava.

Um segurança do hospital fez sinal a Luke para retirar o carro da zona reservada a ambulâncias.

– Vai andando – disse ele. – Eu vou lá ter.

Não foi preciso ele repetir. Nem sequer sei se fui minimamente coerente quando expliquei a situação à enfermeira de serviço, mas a verdade era que a imagem do meu bebé cheia de convulsões nos meus braços falou por si. Transpusemos rapidamente as portas de vaivém, rumo ao coração do serviço de urgências.

A primeira coisa em que reparei foi que era bastante mais calmo e silencioso do que os serviços de urgência que eu costumava ver na televisão. A segunda coisa em que reparei foi no cheiro. Medo? Doença? Morte? Não sabia precisá-lo, mas tão depressa não o esqueceria. Uma idosa esperava a sua vez deitada numa maca, a um canto. Tentei não olhar para ela e questionei-me por que motivo ninguém se havia lembrado de cobrir as suas pernas expostas com um lençol. Todas essas coisas ficaram gravadas na minha mente no espaço de um nanossegundo enquanto as enfermeiras e os estagiários se acercavam da minha Laria.

– Precisamos que espere lá fora – disse uma enfermeira com o cabelo ruivo, correndo a cortina à volta do espaço de examinação. – Um dos médicos falará consigo não tarda nada.

Apeteceu-me rasgar a cortina, pegar no meu bebé e transportá-lo de volta para Sugar Maple, onde o mundo real não nos pudesse tocar, mas não era uma opção. Estava ali parada, a inspirar os estranhos odores quando ouvi a voz de Luke vinda da sala de espera.

Desviei-me de um funcionário que empurrava um carrinho e transpus as portas de vaivém mesmo a tempo de o ver entregar o cartão da seguradora à rececionista.

– Estão a examiná-la – disse eu, enquanto ele preenchia os formulários com uma caneta

esferográfica. – Expulsaram-me de lá.

Vi-o preencher o nome LARIA HOBBS MACKENZIE em letras maiúsculas seguido do seu nome e número de segurança social.

O meu estômago deu uma volta enquanto o mundo real apertava o cerco ao nosso redor. O que teria eu feito sem Luke? Não obstante a minha herança meio humana, nunca me ocorrera que um dia poderia necessitar de um seguro de saúde no mundo real. Ou a nossa filha. Agradei aos deuses ele ter tratado de Laria.

A enfermeira de serviço levantou-se para ir à impressora. Luke baixou-se e pegou num saco familiar que estivera a segurar entre os pés.

– Lembrei-me de que talvez quisesses isto. – Entregou-me o saco do tricô que eu costumava guardar no *Jeep*.

Tricotar meias como uma forma de terapia? Se nunca experimentaram, não desdenhem. Naquele momento, as meias já começadas fizeram com que eu não me entregasse por completo ao pânico.

Por fim, a papelada estava preenchida e regressámos à zona de tratamentos. O cubículo onde tinham estado a examinar Laria encontrava-se vazio e eu senti um pavor como nunca antes experimentara.

– Onde está a nossa filha? – perguntou Luke a um enfermeiro que ia a passar.

Era evidente que o pobre coitado precisava de mais dados.

– Laria MacKenzie – referi. – Um bebé, com convulsões...?

Ele parecia estar completamente a leste, mas ergueu o dedo no ar.

– Dê-me três minutos – respondeu-nos – que eu vou averiguar.

Os três minutos passaram a cinco que, por sua vez, passaram a doze. Luke estava prestes a começar a vasculhar o hospital à procura do nosso bebé quando uma mulher de meia-idade, grisalha e envergando uma bata, se aproximou de nós.

– Sou a doutora Albright – apresentou-se, estendendo a mão direita. – A Lilith telefonou-me e disse-me que a vossa filha vinha para cá.

Apeteceu-me desatar a chorar de alívio.

– Ainda não sabemos nada – explicou a Dra. Albright –, mas na verdade isso é bom sinal. – Ela fez referência a duas condições médicas que haviam sido excluídas após os exames preliminares. Pediu-nos autorização para realizarem mais dois exames, nenhum deles invasivo, e nós concordámos.

– Vai demorar algum tempo – avisou-nos com um sorriso caloroso –, portanto, o melhor é instalarem-se na sala de espera do primeiro andar. A Lilith diz que você é tricoteira, por isso estou certa de que fará bom uso da luz fantástica que temos lá em cima. Fiquem descansados que irei mantê-los ao corrente de tudo.

Dito isso foi-se embora.

– Apetece-me correr atrás dela – disse eu quando as enormes portas de vaivém assinaladas com as palavras ENTRADA PROIBIDA se fecharam atrás da médica.

– Também eu – respondeu Luke.

– Achas que o bebé está assustado?

– A Laria é demasiado pequenina para compreender o que se passa – replicou ele, apertando-me a mão. – Isso é o único lado positivo desta merda toda.

Combati as lágrimas quentes, mas desta vez não estava a chorar por causa de Laria. Luke perdera

a primeira filha num acidente de automóvel. A filha dele estava a andar de triciclo, à frente de casa, quando fora atropelada por um carro que passava. E ele ficara à espera de ouvir as boas notícias que nunca chegaram. Ouvira as palavras que nenhum pai jamais deveria escutar. Enterrara a filha. Pela primeira vez, compreendi perfeitamente a profundidade da sua perda e a força do espírito humano.

- É melhor ligares aos teus pais e contares-lhes o que se passa – sugeri. – Eu telefono à Janice.
 - Não são permitidos telemóveis no hospital. Vai andando para a sala de espera que eu vou lá ter.
 - Não te demores – pedi. – Eu e a Laria precisamos de ti.
- Ainda mais do que havia imaginado.



LUKE

Ouvi-os antes mesmo de os avistar. A voz ribombante do meu pai, o tom soprano autoritário da minha mãe e outras duas vozes de que não estava à espera.

Assim que transpus a porta para a sala de espera rodearam-me com perguntas.

– O que se passa? – quis saber o meu pai. – Onde está a Chloe? O que raio estão aqui a fazer?

– Como está a Laria? – perguntou a minha mãe, esforçando-se para manter a sua compostura profissional. – O que dizem os médicos?

Meghan estava junto à porta, com um ar choroso, enquanto um tipo alto e musculado observava tudo o que se passava à sua volta. Se eu não tivesse coisas mais importantes em que pensar, ter-lhe-ia dado um murro só porque sim.

Alguma vez antipatizaram com alguém logo à primeira vista? O tipo de antipatia que nos dá vontade de lhe arrancar o sorriso convencido à chapada e dar-lhe uma valente tareia? Foi exatamente isso que o tipo me fez sentir assim que o vi. Uma coisa era certa, no que dizia respeito a descobrir palhaços, a minha irmã tinha um dom e peras.

Pus toda a gente ao corrente da situação de Laria enquanto caminhávamos para o elevador que nos levaria até à sala de espera de visitas no segundo piso.

Enquanto esperávamos, chamei Meghan à parte do resto da matilha.

– O que estão vocês dois aqui a fazer?

Provavelmente não era uma reação muito fraternal, mas naquela altura já estava com pouca paciência.

– Tivemos problemas com o carro – respondeu ela, encolhendo os ombros. – Tentei ligar-te, mas quem me atendeu foi a mãe. Fantástico, hum?

– Que género de problemas?

Ela tornou a encolher os ombros.

– Conduzo um carro velho, maninho. Tenho tido todo o tipo de problemas e mais algum.

Ela explicou-me que haviam passado a noite no velho Stardust Motor Court, situado perto do hospital.

– A ideia era irmos amanhã para o Canadá, mas ele ficou meio esquisito e partimos assim que amanheceu.

– Assim que amanheceu? – A minha irmã só via o amanhecer quando chegava de uma farra.

– Pronto, eram quase nove da manhã, mas parecia que tinha acabado de amanhecer. – Eles haviam percorrido uns quilómetros em direção a norte de Sugar Maple quando o carro se avariara. Os nossos pais foram lá buscá-los e depois seguiram todos diretamente para o hospital.

– E tinhas de o trazer contigo? – murmurei, assim que se acendeu a luz indicativa do elevador.

– Não o podíamos deixar na berma da estrada.

– Não me parece que fosse má ideia.

– Chiu – avisou-me ela. – Sê simpático.

Eu não prometia nada. Se o palhaço pisasse o risco, punha-o na rua. Sem mais conversas.

Talvez ele fosse mais esperto do que aparentava, pois acenou-me com a cabeça no elevador, mas depois manteve a distância, o que por mim estava mais do que bem. A minha irmã podia ter uma tendência natural para rufias, mas eu era polícia. Sabia que os rufias costumavam acabar a cumprir entre vinte anos a prisão perpétua.

Chloe falava com alguém de bata branca quando entrámos na sala de espera. Parecia incrivelmente nervosa, pálida e exausta, mas ligeiramente menos preocupada do que antes.

– Até agora tudo bem – disse ela, abraçando os meus pais e lançando um olhar inquisidor na direção de Meghan e do palhaço. – Vão fazer-lhe uma TAC agora, mas não contam descobrir nada de grave.

Bunny inundou-a com perguntas às quais ela se esforçou para responder, mas sem os pormenores que a minha mãe procurava. Eu estava contente com a notícia de que os ataques haviam cessado e com o facto de ela já não ter febre.

– Quem é o pediatra responsável? – perguntou a minha mãe.

– Não sei – replicou Chloe –, mas a doutora Albright está a supervisionar tudo.

Bunny afastou-se para ir à procura de respostas e Meghan aproveitou a oportunidade para nos apresentar o amigo.

– Este é o James – disse ela. – Tivemos um problema com o carro. Tentámos ligar-vos...

– Ninguém está interessado – interpelei-a, sentindo-me mal assim que vi Meghan ficar muito corada.

James esboçou um sorriso estilo «pasta dentífrica» e estendeu a mão direita a Chloe. Para minha surpresa, ela acenou com a cabeça mas não lhe apertou a mão. Em vez disso, voltou-se para o meu pai.

– Você parece estar a precisar de um café – comentou ela, dando-lhe o braço. – Sente-se que eu vou já tratar disso.

– Eu é que devia estar a cuidar de si – respondeu o meu pai.

Chloe esboçou um sorriso cansado.

– É um favor que me faz, Jack. Caso contrário, fico aqui sentada a matutar.

Ele assentiu com a cabeça e instalou-se num dos sofás encostados às paredes da sala.

– Mais alguém quer alguma coisa? – perguntou ela, evitando deliberadamente o olhar de James.

– Chá para mim, obrigada – replicou Meghan.

Lancei um olhar furioso à minha irmã.

– Ela perguntou! – protestou Meghan. – Tem lá calma, mano. Estás a ficar um bocado stressado.

– Stressado?! Caso te tenhas esquecido, estamos à espera de que nos digam porque é que a nossa filha com oito dias está a ter ataques.

– Luke. – Chloe pousou a mão no meu braço. – Ainda vai demorar algum tempo até sabermos alguma coisa. Vem ajudar-me com os cafés, está bem?

CHLOE

– Eu não me ia passar da cabeça – tranquilizou-me Luke, enquanto descíamos o corredor em direção à pequena cantina.

– Eu sei – repliquei. – Mas eu ia.

– Reparei que não lhe apertaste a mão.

– Não podia. Estava prestes a transformar-me num lança-chamas. – As pontas dos meus dedos estavam penosamente quentes e sacudi as mãos para as arrefecer. Seria possível que a minha magia estivesse a voltar tão cedo após o nascimento de Laria?

Fomos para a fila dos cafés, atrás de uma mãe exausta com três miúdos elétricos que não paravam de correr à volta da sala. A minha admiração pelas mães humanas subiu mais uns pontos.

– Vocês não tinham dito que a Meghan gostava de bonitões?

Luke olhou-me com uma expressão séria.

– Não o achas atraente?

– Não por aí além.

– A minha mãe acha que ele devia ser modelo.

Encolhi os ombros.

– Para isso teria de ir muito mais vezes ao ginásio.

– Mas estamos a falar da mesma pessoa? – perguntou-me Luke. – Feições perfeitas, olhos azuis, muito bem artilhado?

Comecei a rir-me e fizemos o nosso pedido.

– A tua irmã devia preocupar-se com a concorrência.

Ele corou imenso, o que me fez rir ainda mais. Sabia-me bem libertar um pouco da tensão que há várias horas se acumulava dentro de nós.

– Não faz o meu género – respondeu ele, enquanto pagávamos as bebidas. – Gosto delas altas, magras e louras.

Começámos a andar de regresso à sala de espera.

– Não tenho nada contra a Meghan, mas quem me dera que eles não estivessem cá.

– Isso quer dizer que o posso mandar embora?

– Não – retorqui. – Quer dizer que gostava que eles não estivessem cá.

Bunny e Jack estavam a ver televisão quando regressámos. Bunny tricotava as minhas meias já começadas. Meghan fazia as palavras cruzadas de um jornal e James estava encostado à janela, a observar o parque de estacionamento lá em baixo. A luz direta do Sol não o favorecia. Parecia mais velho e desgastado, de modo algum uma pessoa que me interessasse conhecer melhor. Ou de todo.

Sou mágica, mas não sou vidente. Não consigo entrar numa divisão e detetar o que é bom, mau ou pura e simplesmente malévolo como muitos dos meus amigos de Sugar Maple conseguem fazer. Porém, aquele tal James provocava-me uma reação instintiva que não podia ignorar. Ainda que por entre a nuvem obscura de preocupação por Laria, o meu sistema de alarme interno soava alto e em bom som.

Okay, talvez já soubesse o suficiente sobre ele para o detestar. A crueldade nunca fora do meu

agrado e ele tinha sido incrivelmente cruel e insensível com Meghan. Contudo, havia qualquer coisa mais, algo que não conseguia identificar, mas que ainda assim pressentia, e desejei que ele estivesse noutro lugar qualquer que não ali conosco.

Luke sentou-se ao lado de Meghan e começaram a conversar. Sentei-me no braço do sofá, junto a Bunny e Jack, e tentei concentrar-me no *Preço Certo*, mas só conseguia pensar em Laria.

– Espero que não se importe – disse Bunny, devolvendo-me a meia. – Estava aqui sozinha.

Consegui esboçar um sorriso.

– Dos dedos para cima ou do calcanhar para baixo?

– Do calcanhar para baixo – replicou ela –, mas já experimentei tricotar as duas com uma agulha circular. Não torno a cometer o mesmo erro.

Retomei onde ela havia parado, obrigando-me entrar no ritmo reconfortante das três meias, uma liga e ponto sanfona.

Bunny deu-me uma palmadinha na mão.

– Estou com um bom pressentimento, querida. Vai correr tudo bem.

Para meu embaraço, fiquei com um nó na garganta e somente consegui acenar com a cabeça. Estava consciente do olhar fixo de James sobre mim, frio e calculista, e baixei a cabeça perante o que me pareceu ser uma invasão de privacidade.

Afinal de contas, talvez devesse ter deixado Luke dar-lhe uma tarefa.

O tempo arrastou-se. Eu tricotei. Bunny comprou-nos sandes por volta da uma da tarde, mas eu não consegui comer nada. Jack dormitava intermitentemente no sofá de plástico, enquanto Luke fazia um buraco no chão de tanto andar sobre a alcatifa industrial cinzento-escura. Meghan deve ter-se apercebido da vibração hostil que pairava no ar porque convidou James para irem dar um passeio para ela «apanhar ar».

Bunny abanou a cabeça assim que eles saíram.

– Não percebo porque anda ela com homens que são mais bonitos do que ela. Seria de esperar que já tivesse aprendido a lição.

Jack ressonava. Luke resmungou algo pouco agradável. Eu olhei para Bunny com surpresa.

– Não me parece que ele seja assim tão bonito – repliquei com sinceridade, enumerando de seguida as falhas que lhe encontrava.

– Já se viu ao espelho? – perguntou-me Bunny, dando uma risada. – Parece uma estrela de cinema. O seu conceito de beleza mediana é muito diferente do meu.

– Simpatiza com ele? – inquiri.

Ela olhou-me com uma expressão como quem diz: «Está a brincar comigo, não está?»

– É arrogante, convencido e limitado. O tipo de homem pelo qual a minha filha se sente constantemente atraída. – Ela suspirou e inspecionou as unhas curtas e simples. – O que vale é que não vai durar.

– Se calhar nem chegam à tarde.

Bunny olhou para mim e deu uma enorme gargalhada.

– Eu sabia que ia gostar de si.

Eu também gostava dela. Era inteligente, agressiva e sem dúvida alguma uma grande intrómetida, mas amava a família. Eu fazia parte da tribo por acréscimo e isso sabia-me bem. E, para minha surpresa, notava diferença em Luke também. Os pais dele podiam deixá-lo com os nervos em franja, mas a sua presença no hospital ajudava a sentirmo-nos menos sozinhos enquanto

aguardávamos notícias de Laria. A conversa acabou por esmorecer com o passar das horas, mas o sentimento de ligação entre nós, no nosso amor e na nossa preocupação com Laria, era mais poderoso do que as palavras. Escapuli-me até à capela vazia no sexto andar e enviei rapidamente uma chama azul a Janice para a pôr ao corrente da situação.

– Se precisares de nós, é só dizeres – ofereceu ela. – Largamos tudo e transportamo-nos logo para aí. É só dizeres.

Tentei transmitir-lhe o quanto agradecia a sua oferta, mas Janice não era muito dada às manifestações de afeto. Tentou desvalorizar a situação com uma piada, mas eu impedia-a.

– Deixa-te de coisas – disse ela, a rir-se. – Não tarda nada estás a desenhar a coleção mágica dos postais *Hallmark*.

Meghan e James voltaram por volta da mudança de turno das três da tarde, para saberem se havia alguma notícia, e depois tornaram a sair para alívio de toda a gente presente na sala.

Eu e Luke conseguimos ver Laria uma vez, entre exames, e ela pareceu-nos o mesmo bebé doce e esfomeado de sempre. Eu tirara leite antes e estava pronta para lho dar, mas os médicos preferiam evitar alimentá-la até o exame seguinte ter sido realizado.

– Ela parece-me bem – comentou Luke enquanto Laria lhe agarrava no dedo mindinho.

Sorri e beijei-a na testa.

– Ninguém diria que está doente.

– Peço desculpa aos pais – disse Paula, uma das enfermeiras do turno da noite. – Mas a Laria é uma menina muito ocupada.

Deixámo-nos ficar o máximo de tempo possível, mas a enfermeira foi insistente. Relutantes, virámo-nos para irmos embora e demos de caras com James Cujo Apelido Era Uma Incógnita.

– Há quanto tempo estás aí parado? – exigiu saber Luke, sem se esforçar para parecer simpático.

– Pensava que tinhas ido dar uma volta com a Meghan.

– Voltámos para trás para irmos à casa de banho. – O tipo não aparentava estar minimamente incomodado. – Ouvi as vossas vozes quando vinha a sair. – Esboçou um sorriso e fiquei a gostar ainda menos dele do que antes, se tal era possível. – Lembrei-me de vir ver a estrela da noite.

– Não. – O tom abrupto não fora intencional, mas a verdade é que naquela altura as minhas emoções já estavam em farrapos. – Não são permitidas visitas. Só a família.

Outra pessoa teria ficado ofendida com a minha reação confrontacional, mas ele nem sequer pestanejou. O tipo tinha todos os indícios de ser um psicopata.

– Vi-a quando lhe pegaste ao colo. É mesmo gira.

– Obrigada. – Nem sei como consegui responder-lhe com Luke a olhar-me com má cara. – É melhor irmos andando. Eles têm mais um exame para lhe fazer e estamos a atrasá-los.

Eu e Luke começámos a descer o corredor, mas James deixou-se ficar.

– Vamos embora – ordenou Luke, a situação tornando-se cada vez mais constrangedora. – Já te disseram: é só para a família.

Não tinha a certeza se o tipo era socialmente disfuncional ou se era apenas manipulativo, mas estava mais inclinada para a segunda hipótese. Luke já estava de olho nele antes daquele incidente, mas agora vigiava-o como um falcão.

Um casal de meia-idade apareceu por volta das quatro e meia da tarde, à espera de notícias do filho que dera entrada nas urgências após um acidente numa mota de neve. Sentaram-se no canto, muito juntos, e eu ouvia a reza sussurrada aumentar e baixar de tom por cima das notícias locais na

televisão.

Encontrei outra agulha circular no fundo do meu saco de pano e Bunny começou a montar as malhas para a outra meia. Lançou-me um olhar de agradecimento que somente uma tricoteira compreenderia. Naquele momento, éramos certamente tricoteiras em plena atividade. Não importava o que emergiria das nossas agulhas. A única coisa que interessava era que tricotávamos para afugentarmos os demónios.

– Não aguento mais isto – explodiu Luke por volta das cinco da tarde. – Estivemos aqui o dia inteiro. Alguém tem de saber alguma coisa.

– Talvez se tenham esquecido de que vocês estão aqui à espera – sugeriu Jack das profundezas do sofá.

– Deste-lhes o número do teu telemóvel? – perguntei a Luke.

– Não mo pediram.

– A mim também não me pediram.

– Deixem-se estar aí sentados e respirem fundo. – Bunny valeu-se de todo o seu poder maternal. – Eles sabem que vocês estão aqui. Assim que houver alguma novidade, avisam-vos. Agora tentem descontraí-los.

– Acho que estamos todos esfomeados – observou Me-ghan. – E se eu e o James fôssemos buscar alguma coisa à cantina?

Não que nos apetecesse comida de cantina, mas a ideia de nos livrarmos de James durante uns minutos era demasiado boa para recusar.

– O que raio é que ela anda a fazer com aquele palhaço? – resmungou Jack assim que eles saíram. – É o pior de todos até agora.

– Fala mais baixo – pediu Bunny. – Não temos nada a ver com isso.

– Só me apetece dar-lhe um pontapé no traseiro.

Eu e Luke entreolhámo-nos e desatámos a rir às gargalhadas.

– Ora bem – disse a Luke. – Agora já sei onde foste buscar esses genes.

Bunny abanou a cabeça.

– Impliquem com ela e irá a correr para os braços dele. Não lhe digam nada e daqui a uma semana estará tudo acabado.

Devia estar a olhá-la fixamente, com uma expressão de admiração pura, pois ela inclinou-se e deu-me uma palmadinha na mão.

– Espere até ter sete filhos, querida, e verá que também terá resposta para tudo.

Tentei visualizar uma vida que incluísse uma família numerosa e ruidosa, mas o meu destino há muito que fora traçado. Laria seria a minha única filha.

O dia tinha sido muito longo. As minhas emoções estavam ao rubro pelo que baixei a cabeça e comecei a chorar. Bunny colocou os braços à minha volta.

– Deite tudo cá para fora – disse ela, dando-me uma palmadinha nas costas, num gesto tipicamente maternal. – Vai sentir-se melhor.

E assim fiz. Chorei baba e ranho encostada ao ombro dela, arquejando, carpindo e ensopando por completo a sua bonita camisola vermelha.

– Elsebeth Lavold – disse entre soluços. – Lã sedosa. Lavagem à mão.

Bunny riu-se e abraçou-me com mais força.

– Faça-lhe uma igual para o seu aniversário.

Nunca ninguém oferecia uma camisola tricotada à mão a uma tricotadeira. O gesto fez-me recomeçar a choradeira.

E, quando eu pensava que já se tinham esgotado as lágrimas, a Dra. Albright entrou na sala.



CHLOE

Quem diria que os nossos joelhos podiam realmente bater um no outro? Levantei-me e agarrei a mão de Luke, enquanto a médica se aproximava. O sorriso dela deveria ter sido um bom sinal, mas eu estava tão apavorada que nem sequer me apercebi disso.

– E que me dizem a levarem a vossa filha para casa ainda hoje? – perguntou-nos ela com um sorriso ainda mais alargado.

– Ela está bem? – indagou Luke com a voz carregada de emoção.

– Até agora está tudo bem. O único problema é que está cheia de fome.

Comecei a chorar outra vez, mas agora no bom sentido.

Bunny aproximou-se e apresentou-se. Começou a colocar as perguntas certas à médica e a tomar notas, ou seja, a fazer tudo o que eu e Luke devíamos fazer se não estivéssemos completamente em frangalhos.

– Embora não tenhamos encontrado nada e, para já, ela nos pareça estar de perfeita saúde, isso não significa que não tenha nada. – A Dra. Albright entregou-me uma folha de papel com uma série de nomes e números de telefone. – Quero que marque uma consulta com um destes neurocirurgiões para que lhe façam mais uns exames.

– A Laria corre perigo? – perguntei.

– Não lhe daria alta se achasse que sim – retorquiu a Dra. Albright –, mas também não gosto de mistérios por resolver. Dormirei muito mais descansada depois de descobrirmos o que estava a incomodar aquela linda menina.

A partir dali ligámos o turbo. Jack foi à procura de Me-ghan e o seu namorado horroroso. Eu e Bunny fomos preparar Laria para a viagem de regresso a casa e Luke foi tratar da papelada da alta médica.

A tensão, o stresse e a preocupação pareceram dissipar-se como nuvens após uma tempestade. A minha felicidade era tão pura e intensa que parecia iluminar o mundo. Apetecia-me voar e talvez o tivesse experimentado se não houvesse tantos humanos por perto. Acima de tudo, apetecia-me abraçar o meu bebé e preservar esse abraço até ela ter idade suficiente para votar.

Quando saímos do hospital estava escuro e fazia frio lá fora. Laria estava quentinha, aninhada no seu porta-bebés, mas o mesmo não se podia dizer de nós. O dia fora muito longo e estávamos todos

esgotados, física e emocionalmente.

Jack não se sentia muito bem, pelo que ele e Bunny decidiram pernoitar no motel perto do hospital em vez de fazerem a viagem de regresso a Sugar Maple ou irem para casa.

– Não me dou muito bem com estas estradas rurais tão escuras – admitiu Jack. – A minha visão noturna já não é o que era. – Perguntou se Luke não se importava de ir à frente para lhe indicar o caminho até ao motel e nós assentimos.

Infelizmente, isso significava que Meghan e James teriam de passar a noite connosco.

Sugeri-lhes que talvez ficassem mais bem instalados no motel também, mas Meghan respondeu que tinham passado a noite anterior num motel e que já só lhe restava dinheiro no cartão de crédito para pagar a reparação do carro.

Apeteceu-me perguntar-lhe por que motivo o suposto namorado não pagava a conta, mas felizmente contive-me. «Uma noite», pensei para mim própria, «e depois vão-se embora.»

– Talvez não – sussurrou Luke, enquanto colocávamos Laria na cadeirinha do carro. – O Archie encontrou o *Toyota* da Meggie no local que ela indicou e levou-o para a oficina. Eu disse-lhe que era uma emergência e que lhe pagaríamos a dobrar.

– Estás louco? O Archie cobra três vezes mais do que devia.

Luke inclinou a cabeça na direção de James.

– A alternativa é aturarmos aquilo.

Estremeci.

– Diz ao Archie que pode ficar com o meu *Buick* e com a loja de artigos de tricô se conseguir que o carro fique pronto ainda esta noite.

O bebé e respetivo material ocupavam metade do banco de trás. James, um tipo corpulento, sentou-se na metade livre e Meghan foi obrigada a enfiar-se no porta-bagagens. Parecia ridículo, mas não suportava a ideia daquele tipo sentado ao lado do meu bebé. Quando ele estendeu a mão para lhe tocar na mãozinha tive de me conter para não saltar para o banco de trás e arrancar-lhe os olhos de uma virada.

Estaria a exagerar? É claro que sim, mas acreditem em mim quando vos digo que as hormonas pós-parto dão uma valente abada à tensão pré-menstrual.

Laria, contudo, parecia gostar dele e agarrou-lhe o dedo durante o curto percurso até ao motel.

– Ela gosta mesmo de ti – ouvi Meghan dizer.

– Os bebés costumam gostar de mim – replicou ele e eu senti uma partícula de simpatia por ele.

Somente uma partícula.

Parámos no parque de estacionamento do Stardust Motor Court e, segundos depois, Jack e Bunny estacionaram mesmo atrás de nós.

– Será que posso ir à casa de banho? – perguntou Meghan. – Não consigo aguentar o caminho até casa sem ir à casa de banho.

– Pergunta na receção – respondeu Luke sem grande entusiasmo. Olhou para James no espelho retrovisor. – E tu?

– Estou fixe.

Eu e Luke tentámos não revirar os olhos.

Meghan saiu pelo porta-bagagens e caminhou em direção à receção do motel. Subitamente, uma ida à casa de banho não me pareceu nada má ideia.

– Espera aí – gritei-lhe quando ela saiu a correr. – Vou contigo.

Bunny saiu do carro assim que me aproximei.

– O Jack não consegue tirar a chave da ignição; dá para acreditar numa coisa destas?

– Depois do dia de hoje, acredito em tudo e mais alguma coisa. Talvez o Luke o possa ajudar.

Regressei ao *Jeep* e expliquei-lhe a situação do pai.

– Ninguém diria que o velhote já trabalhou na área da construção – respondeu Luke, saindo de trás do volante e correndo para ver qual era o problema.

Eu devia estar a cerca de três metros do carro, à espera que Meghan voltasse ou que Luke acabasse de ajudar o pai para poder ir à casa de banho. De modo algum deixaria Laria com um estranho.

James levantou a cabeça, entreolhámo-nos e juro-vos que ouvi as peças do quebra-cabeças a encaixarem-se de imediato na minha mente. *Os brilhantes!* Lembrava-me de limpar brilhantes verde pálido do ombro de Meghan, na festa da tarde anterior, e de pensar que deviam pertencer a uma das várias fadas de Salem presentes na sala.

Corri para a porta do carro, mas era tarde de mais. Com um chiar angustiante dos pneus, o *Jeep* saiu disparado rumo à autoestrada para longe da nossa vista.

Jack estava na receção do motel a preencher a documentação de entrada. Meghan estava a conversar com a mãe no degrau da frente. Luke estava sentado ao volante do carro dos pais, a remexer na chave.

Saltei para o lugar do passageiro e bati com a porta.

– Atrás dele! – gritei tão alto que devia ter-se ouvido noutra fuso horário. – Ele levou o bebé!

Por estas e por outras é que um agente da polícia faz imensa falta numa emergência. Luke demorou cerca de três segundos a interiorizar a situação. A família dele ficou a olhar, boquiaberta, enquanto os pneus cuspiam neve e gravilha em todas as direções, mas não havia tempo para explicações.

– Ele pertence às fadas – informei-o com o coração a bater com tanta força que me doía.

– Tens a certeza?

– Absoluta.

– Vingança?

– Talvez. – Eu era suficientemente humana para o pensar, mas também suficientemente mágica para perceber que, à exceção de Isadora e a sua vingança contra a minha família, as motivações das fadas costumavam ser bastante mais complexas do que uma simples represália. Às vezes, a crueldade pura e dura tinha um papel muito mais importante do que eu gostava de admitir.

– Elspeth – disse-me ele, batendo no volante com a mão. – É ela que está por trás disto tudo.

– Não acredito.

– Tu não *queres* acreditar, mas ouve com atenção: ela é de Salem. O novo contingente de fadas é de Salem. Ela detesta estar enfiada em Sugar Maple, assim como algumas das fadas. Se queres que te diga, a ligação está aí.

– Os *trolls* não são dados a estratagemas – repliquei. – São mais do género de...

O telemóvel dele tocou e reconheci o toque de Bunny.

– É melhor atenderes – disse eu. A última coisa de que precisávamos era que eles chamassem as autoridades.

– Não posso falar, mãe – disse Luke sem rodeios. – O sacana roubou-me o carro.

– O bebé. – Ouvi a voz de Bunny alto e em bom som.

– Está bem – mentiu Luke. – Tenho de ir, mãe, preciso das duas mãos para conduzir. Travámos a fundo quando uma família de veados atravessou a estrada estreita.

– Merda – exclamou Luke. – Continuo a não ver os faróis traseiros. – Ele olhou para mim. – Sabes para que lado foram?

– Perdi-os assim que dobraram a curva.

– Tenta adivinhar.

As lágrimas corriam-me pelas faces.

– Não sou capaz.

Chegámos a um cruzamento.

– Esquerda? – perguntou-me ele. – Direita? – Luke soava desesperado. – Bola oito mágica?

Tentei captar alguma coisa, qualquer coisa que fosse, que nos conduzisse ao nosso bebé, mas não havia magia para uma coisa como aquela.

Ou será que havia?

– Não te cheira a nada? – perguntei, snifando o ar.

– Sim, chama-se medo.

– Não, chama-se *waffles* ressequidos.

– Quer dizer que aquela grande...

– Não abras mais o bico, humano, se não amanhã de manhã acordas transformado num boneco de neve.

Elspeth, em todo o seu esplendor Buttercup¹⁴, apareceu em cima do painel de instrumentos. O seu cabelo amarelo vivo estava praticamente todo de pé. O vestido preto e o avental branco que envergava habitualmente estavam escondidos sob uma enorme capa com capuz que lhe conferia um ar demoníaco. Espirais de fumo amarelo pálido giravam em torno do corpo dela.

Luke cerrou o punho direito e eu receei que ele fizesse alguma loucura, como agarrá-la pelo pescoço e atirá-la contra o para-brisas, o que, tendo em conta o facto de ela ser capaz de limpar o chão com ele, não era muito boa ideia.

Além disso, eu continuava agarrada à crença de que ela estava do nosso lado.

– Onde está a Laria? – indagou Luke. – Se lhe fez alguma coisa, Deus me perdoe, mas eu mato-a.

Ela lançou-lhe um olhar que deveria tê-lo amedrontado, mas tal não aconteceu.

– Estão dispostos a depositar toda a vossa confiança em mim? – perguntou-nos ela. – Porque o tempo é curto e ela tem poucas horas.

– O que raio quer isso dizer? – explodiu Luke. – Se não parar de dizer essas m...

– Cala-te, Luke, e deixa-a falar.

Pedir-lhe-ia desculpa mais tarde. Quando a nossa filha estivesse nos nossos braços, em segurança.

– Segundo o meu coração e tudo o que sei, a pequenina não será magoada – disse ela –, mas abandonará este mundo para todo o sempre se não a salvarem já.

Abandonar o mundo? Ouvi as palavras dela, mas rodopiaram na minha mente como moedas soltas. Depois das batalhas que havíamos combatido ao longo do último ano e tudo o que tínhamos conquistado para tornarmos Sugar Maple o refúgio que Aerynn imaginara, eu estava prestes a perder a batalha mais importante de todas?

– Tudo o que quiser, Elspeth. Faremos tudo o que for preciso. Mas, por favor, ajude-nos a encontrá-la antes que seja demasiado tarde.

– Nem pensar – exclamou Luke, enquanto avançávamos a toda a velocidade sem um rumo definido. – Pode ser uma armadilha.

– Que outra opção temos, Luke? – Repeti o que já lhe havia dito anteriormente. Recusava-me a acreditar que Elspeth tivesse acompanhado Samuel durante mais de trezentos anos para agora destruir o legado dele levando Laria para longe de Sugar Maple.

A estrada que se estendia à nossa frente estava escura como breu. Os nossos faróis iluminavam um caminho estreito. Eu era uma feiticeira. Tinha poderes, ainda que não os compreendesse na sua totalidade, mas naquele momento sentia-me tão impotente como Luke. Elspeth era a nossa única esperança.

– Isto não faz sentido nenhum – protestou Luke. – Se ele pertence às fadas, porque está a conduzir? Porque não se serviu da magia para se transportar, a ele e ao bebé, para o sítio onde tenciona ir?

Elspeth começou a rodopiar furiosamente em cima do painel de instrumentos.

– Perguntas e mais perguntas. Deviam procurar respostas e não fazer mais perguntas.

Lancei a Elspeth um olhar supostamente de advertência e depois voltei-me para Luke.

– A transição foi difícil para ti e tu és um adulto – recordei-lhe. – Imagina o que faria a um bebé essencialmente humano.

O que, na minha cabeça, só provava que Elspeth tinha razão. Pelo menos, para já Laria não corria perigo físico. Senti um arrepio na espinha ao imaginar os outros perigos que a podiam esperar.

Os habitantes locais às vezes queixavam-se da falta de estradas novas no nosso país, mas naquele momento era uma vantagem. Quanto menos opções o raptor de Laria tivesse, mais hipóteses teríamos de o encontrar.

– Não! – gritou Elspeth quando Luke dobrou a esquina. – Por ali, humano, por ali!

Ela agitou as mãos no ar e, de repente, o carro deu uma guinada para a direita e seguiu em frente para a floresta densa que circundava Sugar Maple.

Luke esforçou-se para manter o controlo do volante, mas não estava literalmente nas suas mãos.

– Vamos embater nas árvores!

Confia na Elspeth... Confia na Elspeth... Confia na Elspeth...

Não fomos contra as árvores. Não exatamente. Atravessámo-las como a linha atravessa a agulha, explodindo por entre os troncos enormes, mas sem fazermos estragos, e continuámos em frente, cada vez mais rápido, até eu já não ver nada à exceção de um túnel de árvores que nos conduzia ainda mais para o interior da floresta.

– Que grande gaita! – gritou Luke.

Mas eu não conseguia gritar. Nem sequer conseguia respirar. A floresta parecia incrivelmente densa. Fomos atirados para a escuridão primeva, indo contra as árvores, mas deixando-as inteiras e intactas à nossa passagem. Mais incrível ainda, encontrávamo-nos intactos e ilesos também. Áceres, choupos, bétulas. Nada nos detinha. Não quando o futuro da nossa filha estava em jogo.

A minha magia podia estar em remissão desde o nascimento de Laria, mas os meus instintos maternos estavam bem despertos e diziam-me que a minha filha bebé estava muito perto.

¹⁴ Nome de uma das personagens dos desenhos animados Powerpuff Girls. (N. da T.)



CHLOE

Tínhamos acabado de atravessar um pinheiro gigantesco quando a mãe de Luke tornou a ligar.
– A Bunny vai passar-se se for para o *voicemail* – disse eu. – Vai ligar para o cento e doze em menos de nada.

Elspeth saltou do tabliê para a consola e começou aos saltos em cima do telemóvel de Luke, ativando a opção de alta-voz.

– Não! – guinchou ela. – Não! Não! Não!

O que, obviamente, obrigou Luke a atender.

– Há quanto tempo... – Uma voz familiar invadiu o carro e uma sensação de pavor apoderou-se de mim, sufocando-me.

– Dane – sussurrei. – É o Dane!

O ano passado por aquela altura combatêramos uma batalha até à morte com a mãe dele, Isadora, uma fada rainha guerreira terrivelmente poderosa. Só que não fora Isadora que morreria nesta dimensão, mas o filho dela, Dane. O cruel, belo e malévolo Dane. Isadora lançara-me um raio mortal e eu evocara um escudo de vidro para me proteger. O raio mortal fizera ricochete no escudo e atingira Dane, cortando-o ao meio e isolando-o para sempre de Sugar Maple e do plano humano onde ele passara tanto da sua vida.

O fim da sua existência terrestre fora um acidente pelo qual eu não sentia qualquer culpa e muito menos remorso. O único objetivo dele fora cumprir o desejo da mãe e ela desejara ver-nos mortos, a mim e a Luke.

E agora Dane voltara.

Até Elspeth parecia assustada.

Uma risada desagradável fez vibrar o telemóvel.

– Surpreendida? Bem me parecia que ficarias. Tentei deixar-te umas pistas, mas a gravidez tornou-te meio lerda, Chloe.

Luke murmurou algo desagradável entre dentes e eu fiz-lhe sinal para ficar calado. Elspeth estava imóvel em cima da consola, com a bota em cima do telemóvel de Luke. Eu estava prestes a entrar em histerismo, fazendo um esforço incrível para me controlar por causa do meu bebé.

– Então és tu que estás por trás disto – disse eu. – Eu vi os brilhantes. Devia ter percebido.

– Ainda não é demasiado tarde para ti, Chloe – retorquiu ele, na sua voz mais macia e sedutora. – A Laria deve ter a mãe junto dela.

Luke virou rapidamente a cabeça na minha direção. Vi terror no seu olhar.

– Para onde a vais levar?

Ele ignorou a minha pergunta.

– És um desperdício no meio dos humanos, Hobbs. Lembras-te daquela noite, junto ao lago? Eras tão nova, tão inocente. Eu...

Luke pegou no telemóvel e atirou-o pela janela.

– Estás louco?! – Perdi completamente as estribeiras. – Aquela era a nossa única esperança de conseguirmos encontrar a Laria. Ele ia levar-nos até ela. – No ano anterior, o irmão de Dane, Gunnar, comunicara comigo através de *Penny*, a minha querida gata da loja, uma forma de estabelecer contacto entre dimensões. Agora Dane utilizara o telemóvel de Bunny como fio condutor.

– Não há nada como os canais desportivos. – A voz dele rodeou-nos, emanando de todas as colunas do carro. Quase a sentia a escorregar-me pelos braços, como mel venenoso e doce. – Que tal é que os Pats se estão a safar esta época, MacKenzie?

Luke parecia uma arma mortífera prestes a atacar, mas conteve as emoções e deixou-se ficar em silêncio, comedido e à espera.

– Vamos buscar a Laria – disse eu no tom de voz mais calmo possível. – Não nos podes impedir.

– Junta-te a nós – respondeu ele de novo. – Posso oferecer-te um mundo de prazeres que jamais conhecerás com o humano.

O maxilar de Luke ficou muito tenso e não sei como não se partiu em dois.

– Quero o meu bebé – repeti. – Ela é uma Hobbs. Sugar Maple é o seu património.

– Agora é uma de nós – disse ele. – E a promessa que ela representa!

Elspeth fez-me sinal para o manter a falar. Continuávamos embrenhados em pleno bosque. Ficámos sem faróis e mergulhámos na escuridão total. Fiz sinal a Luke para permanecer em silêncio. O que quer que Elspeth estivesse a tentar fazer merecia que lhe proporcionássemos todas as condições.

Foi então que o senti. A sensação de dormência que começou no meu couro cabeludo e que depois desceu a espinha para voltar a subir, mais rápida e intensa, à medida que avançávamos pelo bosque. Estávamos cada vez mais próximos. Eu sentia Laria em todo o lado. Os meus seios encheram-se de leite.

Avançámos para a esquerda, depois para a direita e, subitamente, os faróis acenderam-se e eu vislumbrei uma mancha rosada, e movimento, a cerca de um campo de futebol de distância de nós.

Agarrei a mão de Luke e apertei-a com força. Estávamos quase lá. Laria estava quase a salvo. De modo algum permitiríamos que Dane ou os seus servidores arrastassem a nossa filha para lá do nevoeiro.

Eu não estava a prestar atenção ao que Dane dizia. Deixei-o simplesmente falar enquanto Elspeth manobrava o carro cada vez mais perto do nosso objetivo.

Aproximámo-nos de uma clareira e a mancha rosada tornou-se maior.

Laria estava pousada no meio de uns arbustos. Continuava sentada na cadeirinha do carro, embrulhada na manta de viagem, por causa do frio. James, ou fosse qual fosse o nome dele, estava parado ao lado dela, a fitar o céu. O nosso *Jeep* estava escondido debaixo de folhagem, apenas com

a parte da frente visível.

Ele possuía a beleza deslumbrante típica das fadas. A sua ascendência era por de mais evidente. Não era de admirar, portanto, que Meghan e Bunny tivessem sido arrebatadas pelo aspeto físico dele. Se se tivesse manifestado daquela forma à minha frente, também teria olhado duas vezes, mas Dane era demasiado esperto para isso. Em Sugar Maple todos sabíamos o que eram fâchadas, pelo que deve ter-me permitido ver o que ele entendia que eu devia ver e não o que estava realmente lá.

Dane encontrara o equivalente à sua beleza feérica e mandara-o para o meu mundo para criar a confusão, a começar pela irmã de Luke. Desprovido de aparência física na nossa dimensão, ele necessitava de um substituto para levar a cabo o seu plano para raptar Laria.

Saberia James que estávamos a observá-lo? Não dava sinais disso. Lembrava-me um boneco de cera, de tamanho real em todos os sentidos, menos no que era mais importante: não possuía alma. Era a criação perfeita de Dane.

Fiz o gesto para abrir a porta, mas Luke impediu-me.

– Ainda não parámos. Vais magoar-te.

– Ela precisa de mim. Tenho de...

O grito estridente de Elspeth fez-me parar. Ela rodopiou da traseira do carro até à dianteira, os seus gritos cada vez mais altos, estridentes e intensos e, quando eu pensava que os meus ouvidos iam rebentar, vi por que motivo ela estava a gritar.

A cair vindo do céu, na noite escura, via-se um *Toyota* todo amolgado direito a nós.

Luke agarrou-se ao volante e virou-o completamente para a esquerda, mas nada aconteceu.

– Filho da mãe, é o carro que nos fez despistar – exclamou ele, ainda a braços com o volante.

O carro velho azul que nos fizera sair da estrada coberta de neve na noite em que Laria nascera. O mesmo carro que arrancara sem parar para ver se estávamos bem.

O carro da irmã dele.

Tudo começava a fazer sentido demasiado tarde.

– Segura-te! – gritou Luke, colocando o braço à frente do meu peito. – Vamos bater!

O som explodiu dentro do meu crânio. Num abrir e fechar de olhos, tinha novamente seis anos, e estava deitada na estrada gelada, enquanto os meus pais estavam a morrer dentro do que restava do nosso carro.

O carro abriu-se ao meio como um bago de uva. Fui arrancada do meu assento e projetada por cima do capô, caindo a pique direita ao chão lá em baixo. O som arrepiante do metal a embater em metal foi seguido do berro de Luke e do grito penetrante de Elspeth.

Metal retorcido e vidros foram projetados em todas as direções, cravando-se nas árvores e no meu rosto e mãos enquanto eu embatia no chão duro. Tentei enrolar-me sobre mim mesma, para proteger as costas, mas senti o impacto no corpo todo.

Não ouvi nada vindo de Luke ou Elspeth.

O silêncio era o mais assustador de tudo, mas não durou muito tempo. De repente, o *Toyota* velho azul explodiu, enviando uma bola de fogo por cima das copas das árvores, rumo ao céu noturno, onde se dissipou rapidamente.

Tentei levantar-me, mas o meu tornozelo direito deu de si e caí novamente no chão. Fiz um esforço e tentei levantar-me outra vez. Não devíamos estar a mais de trinta ou quarenta metros de distância de Laria, mas eu não via nada na escuridão que me rodeava. Teria de me fazer valer do meu instinto.

– Chloe. – Era Luke, falando numa voz baixa e fraca.

Segui o som e quase tropecei no seu corpo estendido.

– A Elspeth... – disse ele. – Está morta. – Ele vira-a bater com a cabeça no chão e depois dar várias cambalhotas até desaparecer do seu ângulo de visão.

A tristeza que senti foi surpreendentemente profunda, mas, tal como muitas outras coisas naquela noite, o luto pela morte de Elspeth teria de esperar.

– O bebé está a cerca de sessenta metros. Vira-te ligeiramente para a direita e segue em frente. Ele está lá com a Laria.

– Nós conseguimos – repliquei. – Nós conseguimos ir buscá-la.

– Chloe – chamou ele –, eu não me consigo mexer. Tenho as pernas partidas.

O tempo pareceu parar. Tentei assimilar as palavras dele, mas a gritaria que ia dentro da minha cabeça não cessava.

– Tens de ser tu, Chloe. És a única salvação da Laria.

– Não sou capaz. A minha magia...

– Está a voltar. Olha para os teus dedos.

Afinal, a minha magia estava realmente a voltar. As pontas dos meus dedos começavam a brilhar como o isqueiro antiquado do meu velho *Buick*. Não sabia como nem por que razão estava a acontecer, talvez fosse resultado do desencadear da minha adrenalina ou do meu receio pela segurança de Laria, mas não importava. Eu precisava de todas as vantagens que se me oferecessem.



CHLOE

Não havia mais nada a dizer. Beije-o e depois desviei a cara antes que começasse a chorar. A presença de Dane fazia-se sentir em todo o lado, algo que me eriçava os pelos atrás do pescoço.

– Junta-te a nós – incitou James, mas eu sabia que as palavras pertenciam a Dane.

Corri em direção ao bebé, mas dei um grito ao embater numa parede de eletricidade.

– Tenho de pegar na Laria ao colo.

– Como qualquer mãe que se preze.

De repente, apercebi-me de que James era incrivelmente jovem. Por muito belo que fosse, e na verdade era absolutamente divinal, ainda não estava completamente formado. À medida que as fadas envelheciam, a sua beleza adquiria uma complexidade tal que não só deslumbrava a vista como também o coração. James ainda não alcançara essa fase. Representava o princípio da primavera. A promessa de verão ainda vinha longe.

Mas havia mais qualquer coisa. Só não conseguia identificar do que se tratava.

– Agrada-te à vista... – Era uma afirmação, insípida e sem emoção.

– És um membro das fadas – repliquei, encolhendo os ombros. – Agradas a toda a gente.

Subitamente, a expressão do olhar de James intensificou-se e senti ondas de calor a fluírem na minha direção.

– Temos assuntos pendentes para resolver.

– Não – respondi sempre com Laria no meu ângulo de visão. – Os assuntos que existiam entre nós há muito que morreram.

James puxou-me para os braços dele e ouvi Luke dar um grito irado atrás de mim.

«Deixa-te ir na conversa», disse para mim mesma. «Descobre o que ele quer antes de fazeres seja o que for.»

Não teria uma segunda oportunidade.

A expressão gelada dos olhos azuis de James revelou Dane e fiz um esforço tremendo para não me retrair.

Ele pousou as mãos nos meus ombros e depois deixou-as deslizar até ficarem sobre os meus seios.

– Se fosse a ti não fazia isso – avisei eu. – Estou a amamentar.

As fadas tinham o sangue quente, mas não eram terrenas, e esse lembrete do meu lado humano repugnou-o tanto como eu esperava.

James baixou as mãos e deu um passo atrás. A expressão do seu olhar tornou a assumir a insipidez habitual.

Eu não percebia muito de comunicação interdimensional, mas sabia que eram necessárias grandes quantidades de energia para manter a ligação, o que explicava aquele ritmo do «agora vejo-o e agora já não o vejo».

Laria começou a chorar e eu senti o medo dela em todas as células do meu corpo. Tendo em conta que as probabilidades estavam contra mim, sentia-me surpreendentemente calma. Não era como se tivesse outra opção. Podia ir-me embora e deixar o meu bebé nos braços de Dane ou ficava aqui e lutava.

Mas, quer ganhasse quer perdesse, ficaria com o meu bebé. Essa certeza ajudava-me a manter o controlo.

– Ela gosta de ti – disse-lhe, referindo-me ao momento estranhamente carinhoso no *Jeep*.

James assentiu com a cabeça. Teria sido da minha mente ou vira um brilho qualquer por trás daqueles olhos mortícios?

– Tens jeito para bebés – insisti. – Ela sentiu isso.

Havia ali um brilhaço.

– Ela está com fome – disse James. – Ele não a alimentou.

O meu sutiã de amamentação estava ensopado de leite. Dei graças pelas várias camadas de camisolas e pelo casaco.

– Eu posso tratar disso, se me levares até ela.

Ele abanou a cabeça.

– Por favor – pedi, mandando a cautela às urtigas. – Eu sei que não tens culpa disto. Sei que ele te tem debaixo de um feitiço qualquer. E sei que ele precisa de uma presença física nesta dimensão. Por favor, ajuda-me a ir ter com a minha filha. Sou a mãe dela. Ela precisa de mim.

Ele está a ceder... Vá lá, James... Tu és capaz... Deixa-me ir buscar o meu bebé e combatemo-lo juntos...

Ele levantou-me em peso e atirou-me ao chão, deixando-me sem fôlego. O brilho ardente e tresloucado regressara ao seu olhar e o meu coração encolheu-se.

– O bebé vem comigo – redarguiu, com a bota pousada em cima da minha barriga ainda sensível. Sustive a respiração quando ele carregou com toda a força. – O resto é negociável.

A dor atravessou-me a cintura, uma dor intensa e angustiante que me provocava tonturas.

– ... E ela é a chave para tudo... – continuava ele. – Com os poderes e a linhagem dela do nosso lado, nada nos deterá.

– Ela é um bebé – consegui dizer nos limites da minha tolerância à dor. – Sabes bem como é em relação às descendentes da Aerynn. Ela não tem poderes. Demorarão vários anos até ela vos servir para alguma coisa.

– O que nos dará tempo mais do que suficiente para a tornar uma de nós. – Ele aliviou ligeiramente o peso e as minhas náuseas acalmaram. – Anos para lhe ensinarmos tudo o que há a saber em relação ao nosso mundo. – Ele pegou-me nos braços e aninhou-me contra o seu peito musculado. – Anos para tu a criares tal como ela merece.

Ele depositou toda a força das fadas nas suas palavras. Eu sentia o seu calor a trespassar as

várias camadas de roupa que havia entre nós. A expressão dos seus olhos azuis era intensa, envolvente e desesperadamente sedutora a um nível que eu nem sequer sabia que existia.

Seria tão simples deixar-me levar, desistir e permitir que a vila de Sugar Maple encontrasse o seu próprio caminho, construir o seu próprio futuro sem uma Hobbs para a liderar. Se optasse pela via que Dane me oferecia, Luke seria livre de regressar ao mundo que deixara para trás. Um mundo repleto de familiares que o amavam, que o queriam ver feliz, que o apoiariam nos momentos bons e também nos momentos maus. Todas as coisas que lhe estavam vedadas pelo simples facto de me amar.

Elspeth já perdera a sua existência terrena. Não seria mais do que o suficiente?

Por muito que tentássemos, jamais teríamos uma vida normal. Por muito que eu quisesse fazer parte do clã MacKenzie, seria sempre uma estranha que escondia a sua verdadeira essência atrás de paredes tricotadas com segredos, meias verdades e mentiras.

Dane conhecia-me muito bem. Havíamos crescido na mesma vila minúscula. Ele conhecia as minhas fraquezas. Os meus sonhos. Ele sabia que eu passara a vida inteira a ansiar pelo carinho da minha mãe e que nada, à exceção da morte, me afastaria do meu bebé. As palavras deles começaram a tecer a sua magia.

Eu ficaria com o meu bebé. Luke ficaria livre para ter o tipo de vida que merecia, com uma mulher humana e vários filhos que brincariam com os primos sem recearem desencadear bombas de magia.

Eu já não conseguia lutar contra ele. Parecia que passara a vida inteira a tentar integrar-me e jamais conseguira fazê-lo. Cumprira a primeira parte do meu destino. Laria era prova disso mesmo. Agora precisava de a orientar de modo a que cumprisse o destino dela. Ouvi Luke a chamar o meu nome, mas ignorei-o. Estava a devolver-lhe a vida. Era um homem mortal como o meu pai. Merecia uma vida tão aberta e carinhosa como o coração dele, uma vida com família, filhos e uma mulher mortal que não tivesse medo de dedicar a sua vida a ele.

Eu não tinha como fazer frente a uma fada no auge dos seus poderes. Dane nem sequer se encontrava naquela dimensão e mesmo assim era capaz de vergar tanto fadas como humanos à sua vontade. Os meus poderes, no seu nível atual, seriam incapazes de lhe fazer mocha e podiam até pôr em perigo Luke e o bebé.

E pronto. A decisão estava tomada. Abri a boca para falar e apercebi-me de que Dane se fora embora, deixando para trás o verdadeiro James. A minha decisão foi para as urtigas e a alma encheu-se-me de esperança.

Ainda havia uma última hipótese para ter o meu final feliz.

– Ele tem estado a mentir-te, James. Tu não és obrigado a fazer isto. – A centelha de vida em que reparara anteriormente ganhou força. – Ajuda-me a salvar a minha filha e eu ajudar-te-ei a construíres uma vida em Sugar Maple. Lá ele não te pode tocar.

A centelha de vida intensificou-se.

– Eu já ouvi falar sobre Sugar Maple. Foi onde ele teve o acidente. É a tal vila letal para as fadas.

Esperava que ele não soubesse que fora eu que banira Isadora do plano terreno para toda a eternidade. Não seria propriamente benéfico para mim.

– Ele contou-te que me tentou matar? E contou-te que tentou matar o pai do meu bebé? E que matou os meus pais quando eu era miúda? O problema não eram as fadas, o problema era o Dane e

a mãe dele, a Isadora.

James não me respondeu. Nem foi preciso. Vi-o no seu olhar.

– As fadas de Salem mudaram-se para Sugar Maple na passada primavera. Achas que o teriam feito se as fadas fossem perseguidas lá?

A centelha de vida esmoreceu e depois tornou a acender-se. Dane apoderar-se-ia dele a qualquer instante e a minha oportunidade chegaria ao fim.

– Os humanos mentem.

– Sou só meia humana.

– Mas mentiras para salvar o teu bebé.

– Tens razão, fá-lo-ia. Mas neste momento não estou a mentir. Não és obrigado a acreditar em mim, mas acreditavas se fossem as fadas de Salem a dizerem-to pessoalmente?

Tinha-o na mão. Percebi a sua hesitação. Qualquer que fosse o controlo de Dane sobre ele, não era absoluto. Havia aberturas na escuridão onde a luz ainda podia entrar.

– Por favor, entrega-me a minha filha, James. Dá-ma. Se quiseres, posso invocar as fadas de Salem neste preciso instante, para elas to confirmarem pessoalmente.

Ainda havia bondade dentro dele. Estava certa de que sim. Dane não completara o processo de o transformar numa pessoa malévola.

– A Laria gosta de ti, James. Vi como foste carinhoso com ela, mas ela precisa da mãe. Por favor, suplico-te que ma tragas antes que seja tarde de mais.

Estava admirada por Dane ainda não ter reclamado James para si. Teria eu cometido um erro terrível e caído nas mãos dele? Dane tinha tanto de inteligente como de astucioso e não demoraria muito a perceber o que eu estava a tentar fazer. Estaria realmente a falar com James ou seria Dane a representar um papel? Só me restava rezar para estar certa.

– Despacha-te, James. Está-se-nos a acabar o tempo. – *Dá-me o bebé e pronto. É a única coisa que tens de fazer.*

Ele deu um passo em direção a Laria. Juro que parei de respirar. Olhou à sua volta, depois deu outro passo, e mais outro, e agarrou na pega da cadeirinha do carro, com Laria lá dentro. Os olhos dela estavam muito abertos e parecia fitá-lo diretamente enquanto ele se voltava para mim.

– Aqui a tens – disse-me.

Dei um passo em frente, mas fui novamente impedida de avançar pelo campo de forças invisível.

– Tens de a trazer até mim. Não consigo passar a barreira. – A mesma barreira que ele transpusera duas vezes seguidas, sem qualquer dificuldade.

Eu nunca vira uma fada a transpirar, mas gotas de suor escorriam pelo rosto de James. Tínhamos isso em comum. Eu atingira um nível de medo completamente novo para mim.

Não o faças. A voz que emanava do corpo de James pertencia a Dane. *Entrega-me o bebé, James.*

– Não lhe dês ouvidos, James – exclamei, o medo que sentia a ameaçar cortar-me todo o oxigénio. – Sou mãe dela. Sabes o que deves fazer, James.

Ela é humana. Está a mentir. Somos do mesmo sangue. Dá-me a criança.

– James! – Nem sequer tentei disfarçar o pânico na minha voz. – Não a leves de mim. Por favor, suplico-te, não dês o bebé ao Dane!

Laria começou a chorar, o seu rosto pequeno a ficar muito vermelho do esforço. James baixou o olhar para ela, preocupado, e nesse instante percebi que tinha vencido.

Não faça isso, James. Para enquanto podes.

Porém, ele não parou. Deu outro passo na minha direção e depois outro, até estarmos a poucos metros de distância um do outro. A transpiração escorria-lhe pelas faces, formando pequenas gotículas nas pestanas e ensopando-lhe a camisola. Eu quase sentia o cheiro do medo dele. Mas esse medo não o deteve.

– Leva-a – disse James. – Não quero que ela...

Foram as últimas palavras dele.



CHLOE

Um buraco do tamanho de uma bola de baseball abriu-se no céu, por cima das copas das árvores em chamas, e de lá saiu um raio a toda a velocidade, caindo em cima de James e matando-o.

Dei um grito ao mesmo tempo que ele explodia numa chuva de faíscas e brilhantes opalescentes, fazendo lembrar o fogo de artifício típico das comemorações do 4 de julho. A cadeirinha onde Laria estava sentada saiu disparada para o ar e depois tornou a cair no chão.

Vazia.

– Laria! – O grito dilacerou-me a garganta. – Onde está o meu bebé?

O telemóvel que tinha no bolso vibrou contra a minha perna. Um segundo depois, ouvi a voz de Dane.

– Está comigo. Eu disse-te que ia ganhar. Porque duvidaste de mim?

Luke respondeu antes de eu ter tempo para o fazer.

– Se fizeres mal à minha filha, mato-te. Estejas onde estiveres, hei de encontrar-te e, quando o fizer, mato-te.

Dei meia volta e vi Luke a arrastar-se lentamente no chão, cheio de dores, em direção ao sítio onde eu me encontrava.

– Não faças isto, Luke. Deixa-te estar quieto. – *Eu tenho um plano, Luke. Olha-me nos olhos. Deixa-te ir na conversa dele.*

Sentia as várias energias a rodopiarem à minha volta. Sabia que aquilo ainda não acabara e queria salvar Luke.

– Vou fazer-te uma proposta, Chloe – disse a voz de Dane. – Mato o humano e tu vens ter com a tua filha.

– Vai para o raio que te parta – exclamou Luke.

– E eu tenho uma proposta para ti, Dane – respondi. – Poupa o humano e eu vou ter com a minha filha.

– É a tua resposta final? – Dane parecia divertido, como um homem que sabia que acabava de vencer a batalha.

– Sim – afirmei.

– Ele que te mostre que a Laria está bem – sussurrou-me Luke. – Não confies nele. Ele que te

prove que ela está bem.

Ignorei-o. *Deixa-me fazer isto à minha maneira, Luke. Tens de confiar em mim.*

Os poderes de Dane eram obviamente limitados. Sempre que ele projetava a sua força naquela dimensão depois precisava de tempo para recuperar. Apercebera-me disso primeiro quando ele tentara controlar James e depois logo a seguir ao raio.

Porque lançara ele um único raio se podia ter matado Luke com uma segunda investida? A verdade era que não podia. Tínhamos de estar a postos para aproveitarmos uma dessas abertas e agirmos rapidamente. Então, sim, talvez tivéssemos hipóteses.

– E como vou ter contigo? – perguntei depois de lançar um feitiço de proteção sobre Luke.

A espera pela resposta pareceu-me interminável.

– Repete as palavras de ligação e serás transportada.

– Quais são as palavras?

– Ainda não, doce Chloe.

– Irei ver a Laria?

– Não confias em mim? – contrapôs ele.

– No que diz respeito à minha filha, não confio em ninguém. Mostra-ma e depois direi as palavras. – Contei até sessenta e depois contei novamente. – Estou à espera, Dane. Passa-se alguma coisa? Mostra-me a Laria e serei tua.

Ouvi Luke suster a respiração e tive de me obrigar a não olhar para ele com uma expressão tranquilizadora. Dane estava em toda a parte, como uma câmara de vigilância feérica com um ângulo de visão de trezentos e sessenta graus. Eu tinha de me manter concentrada.

Estava cada vez mais convencida de que Laria não se encontrava junto de Dane. Provocar dor era a sua essência. Se a tivesse com ele, não conseguiria evitar gabar-se da sua vitória. A imagem de Dane com a filha teria dado cabo de Luke. A crueldade era-lhe algo tão natural como respirar. De modo nenhum ele teria perdido a oportunidade de enfiar a faca ainda mais na ferida.

Mas se Laria não estava com Dane, onde estava?

Não podia conceber que Dane tivesse o poder de a transportar para a dimensão onde ele se encontrava. Ele precisara de James para o fazer, da mesma maneira que precisava de um encantamento de palavras para me transportar. Alguma coisa acontecera durante a explosão que fizera com que Laria ficasse longe do alcance de Dane, mas o quê? Se ao menos Elspeth ainda estivesse entre nós. Ela urdira todo o género de feitiços de proteção sobre o bebé. Seria possível que um deles tivesse sido acionado para a salvar?

O instinto dizia-me que Laria estava perto e eu aprendera, no espaço de pouco tempo, o quão poderoso era o instinto maternal no que dizia respeito a um filho.

Mas primeiro tinha de tratar de Dane. A solução era tão absurdamente simples que me questioneei por que razão me teria passado despercebida durante tanto tempo. Um descuido terrível da minha parte que já privara duas almas da sua existência terrena.

Não tinha a certeza da força dos meus poderes, por isso necessitava de todas as vantagens possíveis e imaginárias. Dane tinha de estar aberto, recetivo e totalmente alheio para aquilo resultar.

Sentia a presença de Laria no âmago do meu ser. A pele macia, os tufos ralos de cabelo louro e o seu doce odor a leite. Não tinha qualquer dúvida de que o meu bebé estava perto e que o iríamos encontrar.

– Dane! Por favor, não me deixes aqui. Desculpa. Eu não devia ter-te feito um ultimato. Só quero estar com a minha filha. Desculpa se te aborreci. Por favor, fala comigo. Diz-me quais são as palavras e juntar-me-ei a ti neste preciso momento!

Fiz um esforço para camuflar o meu entusiasmo assim que vi uma nova abertura no céu noturno, maior do que a anterior, repleta dos brilhantes de cor azul-aço exclusivos a Dane.

Ajuda-me, Aerynn, rezei. Ajuda-me, Guinevere e todas as que vieram antes de mim. Ajudem-me a salvar a nossa filha mais nova, a Laria.

As energias intensificaram-se. Sentia-as encostadas à minha pele, a beliscarem-me, a arranharem-me e a projetarem feixes de eletricidade em todas as direções.

– Dane! – gritei. – Ajuda-me!

O meu telemóvel vibrou dentro do bolso e depois parou. A força dele estava praticamente esgotada. Um grito de entusiasmo assolou-me à garganta e eu abafei-o.

Diz as palavras, Dane. É tudo o que basta. Diz as palavras e eu trato do resto.

Elas chegaram-me por meio de uma pequena vaga de pensamentos. Palavras ridículas, tal como é habitual na magia, mas cuja autenticidade era inquestionável.

Afastei-me de Luke, ergui o olhar para a abertura no céu e proferi as palavras numa voz clara e alta, com toda a força do meu coração.

Uma chuva de brilhantes num tom azul-aço caiu sobre mim enquanto o círculo se tornava cada vez maior, iluminado por trás com uma ténue luz prateada. Vi a recordação de uma imagem, em vez da própria imagem, e percebi que seria o mais perto que alguma vez estaria de Dane.

– Eu te bano! – gritei para os céus como deveria ter feito no ano anterior quando tivera a oportunidade. – Este banimento é inviolável, inexpugnável no tempo e no espaço... – As palavras fluíram, todas elas, e enquanto eu falava os brilhantes dissipavam-se, a luz enfraquecia e o buraco no céu encolheu-se até desaparecer por completo.

– Ele teria ficado orgulhoso.

Boquiaberta, vi Elspeth, coberta de neve de ramos das árvores, sair dos arbustos em direção a mim e a Luke.

– Elspeth! – Fiz algo que jamais pensara alguma vez fazer: peguei na *troll* conflituosa e abracei-a. Até Luke parecia contente por vê-la.

– Para lá com isso, minha menina! – Ela afastou-me com se estivesse a enxotar moscas com as mãos e o cheiro a *waffles* ressequidos encheu o ar da noite. – Mais tarde haverá tempo para essas coisas.

– Tem razão – repliquei. – Temos de encontrar a Laria.

Elspeth olhou para Luke, depois para mim e sorriu.

– Mas o que raio...? – resmungou Luke.

Penso que nenhum de nós alguma vez vira a *troll* de cabelo amarelo-torrado sorrir, o que provocou um enorme distúrbio no nosso campo de forças pessoal.

Ela olhou demoradamente para Luke, depois passou as mãos, pequenas e gorduchas, por cima das pernas dele e acenou com a cabeça.

Sustive a respiração enquanto Luke se levantava do chão, sacudia a neve das calças e beijava Elspeth na face.

Não digo que ela gostasse de ser beijada por um humano, mas a verdade é que não lhe bateu, pelo que isso devia contar para alguma coisa. Ela aproximou-se da cadeirinha vazia, juntou as mãos e

disse.

– Está na hora.

Eu e Luke entreolhámo-nos. Na hora de quê? O que sabíamos é que estava na hora de unirmos forças para procurarmos Laria.

Foi então que aconteceu. A cadeirinha começou a brilhar, a princípio tenuemente e depois com mais intensidade e, subitamente, o nosso bebé, Laria, estava de volta.

Nem preciso de vos dizer que chorei assim que a tomei nos braços. Ela debateu-se quando as minhas lágrimas, enormes e gordas, caíram nas suas faces macias, mas eu ri-me e chorei ainda mais ao mesmo tempo que a inundava de beijos.

– Foi a Elspeth? – perguntou-me Luke, com os olhos suspeitamente húmidos.

Assenti com a cabeça.

– Foi a Elspeth.

Olhei ao meu redor, à procura da *troll* de cabelo amarelo, e vi-a sentada no chão coberto de neve, com o avental a cobrir-lhe o rosto e a chorar desalmadamente.

– Pega na tua filha – disse eu a Luke. Palavras que jamais me cansaria de repetir.

– Elspeth? – Agachei-me ao lado dela e pousei a mão no seu ombro com chumaços. – Não chore. O que fez por nós foi maravilhoso. Jamais lhe poderemos retribuir por nos ter devolvido a nossa filha.

– Mais disparates! – explodiu ela, assoando-se no avental e olhando-me com um ar furioso. – Eu não devolvi o bebé a ninguém.

– Alguma coisa fez – respondi meio confusa e, devo admitir, ligeiramente irritada. – Eu vi o que aconteceu.

Ela murmurou algo em *troll*.

– Admita lá – exigi. – Fez uma coisa bondosa. Aposto que a tornou invisível, não foi?

Ela esboçou uma careta.

– És mesmo tapadinha, não és, minha menina? Não fui eu que a tornei invisível, foi ela.

Não consegui evitar. Desatei a rir.

– Se fosse a ti não me ria, minha menina, estou a dizer a verdade.

Luke e Laria juntaram-se a nós e, ainda a rir, contei a Luke o que Elspeth dissera.

Foi a vez de ele se rir também.

A risada não durou muito tempo. Lembram-se da marca vermelha na cabeça do bebé, a mesma que Janice dissera que eu também tinha no couro cabeludo? Afinal, não era marca nenhuma. Tratava-se do desenho altamente pormenorizado de uma coruja da neve, o que, por sua vez, era o símbolo de Aerynn. Todas as mulheres Hobbs tinham a marca da coruja, mas, regra geral, ela só se manifestava quando a rapariga atingia a puberdade e começava a dominar os seus poderes mágicos.

A coruja de Laria aparecera poucas horas após o seu nascimento, o que, segundo Elspeth, significava que a nossa filha iria provavelmente dominar o universo mágico antes mesmo de deixar as fraldas.

Os estranhos rituais que Luke vira Elspeth realizar com Laria eram na verdade sessões de aprendizagem. E a aula sobre invisibilidade salvara a vida da nossa filha.

Eu estava praticamente em estado de choque.

– Quer dizer que a nossa filha com oito dias se tornou invisível e depois tornou a aparecer. Eu tenho trinta anos e devo demorar mais uns dez até conseguir dominar a arte da invisibilidade.

– Vinte – corrigiu-me Elspeth, acenando com a cabeça. – Ou talvez mais.

Luke também parecia ligeiramente em estado de choque.

– A mesa das crianças no Dia de Ação de Graças vai ser uma autêntica aventura.

Ele entregou-me Laria e foi ver como estava o *Jeep* que James escondera no bosque. Um minuto depois ouvi o som maravilhoso do motor a trabalhar.

Ele voltou para vir buscar o bebé e a cadeirinha, e eu estava toda contente no lugar do passageiro, com o cinto de segurança posto e pronta para me ir embora quando me apercebi de que Elspeth estava parada no meio da clareira, sozinha.

Luke olhou para mim. Eu olhei para Elspeth. Olhámos uns para os outros.

– Ela não tem mais ninguém – disse eu. – E tem imenso jeito com o bebé.

Ele olhou de relance para as pernas, fortes e saudáveis, e assentiu com a cabeça.

– Além de ser uma excelente ortopedista.

– Nós habituamo-nos ao cheiro a *waffles* – disse eu.

– Podemos comprar velas de cheiro – replicou ele.

– Às paletes – concordei.

– Ei, Elspeth! – gritou Luke com o vidro aberto. – Despache-se! Não quer chegar a tempo de ver o programa do Conan?

– Deixa-te de resmunguices – respondeu ela, atravessando a neve em direção ao *Jeep*. – Quando chegar, cheguei, e pronto.

– Tens a noção de que vamos ter de inventar uma história qualquer por causa da minha família? – perguntou ele.

– E arranjar uns carros emprestados até eles contactarem com as seguradoras.

– Não vai ser fácil explicar o desaparecimento do James.

– Tenho o pressentimento de que até vão ficar aliviados.

– E vamos ter de explicar a presença da Velha Buttercup – disse ele com um sorriso.

– Uma ama com personalidade – repliquei. – Não estou preocupada. A tua família aprenderá a gostar dela. – Desde que não se tornasse invisível ou rodopiasse até ao teto ou fizesse os gatos dançarem o samba.

– Podem ser a tua família também – disse ele, pegando-me na mão. – Basta dizeres a palavra mágica.

Olhei para aqueles olhos verde-escuros que me haviam aparecido pela primeira vez num sonho e disse a palavra que me apetecia dizer desde esse dia.

– Sim.

O tabliê não facilitava os movimentos, mas ele puxou-me para si e beijou-me ao mesmo tempo que faíscas brancas, douradas e prateadas voavam dos nossos lábios, e das pontas dos dedos, e iluminavam o interior do *Jeep*.

– Ai! – resmungou Elspeth, instalando-se no banco de trás. – Poupem-me a esse espetáculo. É muito cedo para essas coisas, minha menina.

– Cale-se, velha rezingona – exclamou Luke na brincadeira. – Se quer fazer parte da nossa família, comece a habituar-se a ver muito disto, pois a Chloe acaba de aceitar casar comigo.

– Hobbs nasceu e Hobbs irá morrer – replicou Elspeth, sem conseguir conter o sorriso –, mas Ele havia de ficar satisfeito por saber que vocês tencionam trocar juras de amor eterno perante toda a comunidade. – Ela acenou com a cabeça. – Muito satisfeito mesmo.

– Para o Bem e para o Mal? – perguntou-me Luke. – Na doença e na saúde?
– Tudo menos aquela coisa de obedecer – disse eu. – Há que impor alguns limites.
– A minha mãe vai querer fazer uma festa em tua homenagem.
– Por mim tudo bem – repliquei, sentindo-me ousada e muito humana. – Vamos viver perigosamente!

Os MacKenzie eram um grupo inteligente, leal e barulhento pelo que não seria nada fácil guardar o nosso segredo mesmo debaixo dos seus narizes, mas estava disposta a tentar. A vida era demasiado curta, mesmo para uma feiticeira como eu, para desperdiçarmos a oportunidade de estarmos com as pessoas que nos eram queridas. As pessoas que gostavam de nós. Família de sangue ou família por opção, não importava. Eram as pessoas que nos apoiavam incondicionalmente.

Laria deu uma risada no banco de trás enquanto Elspeth lhe ajustava o gorro e a mantinha. Luke verificou os espelhos retrovisores e levou o *Jeep* até à estrada, rumo a Sugar Maple. Retirei o meu material de tricô do porta-luvas, fechei os olhos e sorri na escuridão.

A minha família.

Íamos a caminho de casa.

BARBARA BRETTON: A LINGUAGEM SECRETA DO TRICÔ

A terminologia do tricô pode ser algo confusa para civis (ou seja, *muggles*¹⁵), por isso aqui está um pequeno glossário para vos dar uma ajuda.

APD Agulhas de Pontas Duplas

BSJ Baby Surprise Jacket, provavelmente o *design* mais popular de **EZ**

Desmanchar Desfazer a peça puxando (Puxe! Puxe!) carreira a carreira, com total despreocupação

EAS Exercício de Aumento de *Stock*. Significava essencialmente gastar demasiado dinheiro em demasiada lã

EZ Elizabeth Zimmermann, a tricoteadeira mãe de todas nós

Fair Isle Técnica de tricô multicolor característico da ilha escocesa homónima.

Fibra de algodão O que resulta depois de o algodão ter sido lavado, penteado e cardado; a fibra está então pronta para ser enrolada sob a forma de novelo

Kitchener Duas carreiras paralelas com malhas vivas para formar uma costura invisível

Knitalong Um fenómeno da Internet em que centenas de tricoteadeiras embarcam simultaneamente num projeto e vão trocando relatórios de progresso

Kureyon Um novelo com variação de cores bastante popular, criado e fabricado por Eisaku Noro, sob a marca *Noro*

LATL Loja de Artigos de Tricô Local

Liga A irmã do ponto Meia. Em vez de tricotar na parte de trás da malha, com a ponta da agulha virada para fora, trabalha-se na parte da frente da malha, com a ponta da agulha virada para nós

Magic Loop Técnica de formar uma espécie de tubo com uma agulha circular, em vez de utilizar quatro ou cinco agulhas com pontas duplas

Meia O ponto básico na origem de tudo

Montar Criar uma carreira de malhas na agulha

Montar & Rematar A versão tricoteadeira do Corte & Costura. Reunião de tricoteadeiras que partilham técnicas de tricô e amizade em pleno século XXI

PT Peça terminada

Ravelry Uma comunidade *on-line* para tricoteadeiras e *designers* de peças em tricô que excedeu as expectativas de toda a gente

Rematar Prender a última carreira de malhas para não desmanchar a peça

Viciada em LAT O equivalente a um alcoólico. Substitua os bares por Lojas de Artigos de Tricô e perceberá do que se trata

SLUEMV Stock de Lã Que Ultrapassa A Esperança Média de Vida. Por outras palavras, não viverá tempo suficiente para conseguir tricotar tudo!

Stock A lã que tem andado a esconder no forno que não funciona, nos caixotes do lixo limpos, na cave, no sótão, debaixo das camas, nos roupeiros, em todos os sítios onde consegue manter os seus tesouros limpos, secos e longe dos olhares críticos

Tink Desmanchar cuidadosamente o seu tricô, malha a malha. Isto é, andar para trás até chegar ao sítio onde se enganou.

[15](#) Pessoas que não possuem conhecimentos de magia. Expressão retirada dos livros da coleção Harry Potter. (*N. da T.*)

QUEM É QUEM EM SUGAR MAPLE

Chloe Hobbs A presidente *de facto* meio humana e meio feiticeira de Sugar Maple e proprietária da Sticks & Strings, uma loja de artigos de tricô bastante bem sucedida. Enquanto descendente da feiticeira Aerynn, a fundadora da vila, Chloe tem nas suas mãos o destino da vila mágica.

Luke MacKenzie O chefe da polícia cem por cento humano. Veio para Sugar Maple a fim de investigar a morte de Suzanne Marsden, uma amiga dos tempos do liceu, mas acabou por ficar porque se apaixonou por Chloe.

Pyewacket, Blot, Dinah e Lucy Os gatos domésticos de Chloe.

Penelope A gata da loja de Chloe. Na verdade, *Penny* é muito mais do que isso. É um espírito que acompanha as mulheres Hobbs há mais de três séculos e serve frequentemente de canal entre dimensões.

Elsbeth Uma *troll* com trezentos e muitos anos, proveniente de Salem, que cuidava da casa de Samuel Bramford. Foi enviada para Sugar Maple a fim de vigiar Chloe até o bebê nascer.

Janice Meany A melhor amiga de Chloe e proprietária do Cut & Curl, o salão de cabeleireiro do outro lado da rua do Sticks & Strings. Janice é uma bruxa licenciada em Harvard que descende de uma longa linhagem de bruxas. Ela e o marido, Lorcan, têm cinco filhos.

Lorcan Meany O marido de Janice. Lorcan é um *selkie* e um dos amigos de Luke.

Lynette Pendragon Um ser metamórfico e proprietária, juntamente com o marido, Cyrus, da Casa das Artes de Sugar Maple. Têm cinco filhos: Vonnie, Iphigenia, Troy (cujo nome original era Gilbert), Adonis (cujo nome original era Sullivan) e Will.

Lilith Uma *troll* norueguesa que é a bibliotecária e historiadora da vila de Sugar Maple. É casada com Archie. A mãe dela era Sorch, a Curandeira, que tomou conta de Chloe quando os pais dela morreram.

Midge Stallworth Uma vampira de faces rosadas que gere a agência funerária juntamente com o marido, George.

Renate Weaver Membro das Fadas e proprietária da Estalagem de Sugar Maple. Renate e o marido, Colm, têm três filhos adultos: Bettina, Daisy, Penelope e Calliope.

Bettina Weaver Leonides Harpista, membro das Fadas, trabalha em regime de *part-time* na Sticks & Strings. Casada com Alexander. Mãe de três filhos: Memphis, Athens e Ithaca.

Paul Griggs Lobisomem e proprietário da Loja de Ferragens Griggs. É o melhor amigo de Luke na vila. É casado com Verna e tem dois filhos: Jeremy e Adam. O seu sobrinho Johnny é uma visita assídua.

Frank Um dos vampiros reformados mais tagarelas do Lar de Sugar Maple.

Manny Outro vampiro reformado que é amigo de Frank.

Rose O interesse amoroso de Frank e de Manny também. Ela é uma vampira reformada que mora no Lar de Sugar Maple.

Samuel Um feiticeiro com mais de quatrocentos anos que furou o véu no final de *Feitiços de Amor*. Era o amor da vida de Aerynn e pai do clã Hobbs.

Sorch A Curandeira que ficou no mundo mortal para criar Chloe até ela atingir a idade adulta, depois dos pais dela falecerem num acidente de viação. Sorch é a mãe natural de Lilith.

Aerynn Uma poderosa feiticeira de Salem que liderou as criaturas mágicas de Salem rumo à

liberdade, durante os abomináveis Julgamentos das Bruxas. Uma talentosa fiandeira, fundou Sinzibukwud no Norte de Vermont (mais tarde rebatizado com o nome Sugar Maple) e passou a sua magia e conhecimento de fiação e tricô às várias gerações de mulheres Hobbs. Aerynn é responsável pelo encantamento mágico que permite que Sugar Maple permaneça escondido à vista de todos.

Guinevere A mãe feiticeira de Chloe. Guinevere escolheu furar o véu depois do acidente de viação que ceifou a vida do seu amado marido.

Ted Aubry O pai humano de Chloe. Marido de Guinevere. Era carpinteiro de profissão.

Isadora O membro mais poderoso das Fadas. É também a mais perigosa. Atualmente, Isadora encontra-se banida do plano terreno até ao fim dos tempos, mas quem sabe o que o futuro reserva?

Gunnar O gémeo bom, sacrificou-se para que Chloe e Luke pudessem ficar juntos.

Dane O derradeiro gémeo mau.

A Família Harris Eram carpinteiros em vida (1860 aproximadamente), mas agora habitam o mundo dos espíritos.

Os Rapazes Souderbush O pai Benjamin, a mãe Amelia e os filhos David, William e John, são todos fantasmas que passam imenso tempo no Trilho dos Espíritos, que atravessa a Estalagem de Sugar Maple.

Simone Um espírito sedutor especialista em destruir casamentos felizes. Costuma manifestar-se sob a forma de uma nuvem lilás com cheiro a glicínia.

Forbes, o Gigante da Montanha O nome diz tudo.

O Clã MacKenzie

Bunny Matriarca, tricoteadeira, enfermeira reformada. Nascida e criada nos subúrbios de Boston, perto de Salem.

Jack Patriarca, pescador desportivo, soldador reformado. Também nascido e criado nos subúrbios de Boston, perto de Salem.

Ronnie Agente imobiliário de sucesso, pai de quatro filhos. Casado com Denise. Continua a morar na cidade onde nasceu e cresceu.

Kimberly A irmã mais velha de Luke. Kim é analista financeira, casada e grávida do primeiro filho do marido, Travis Davenport. Estão casados há oito anos. Ela e Chloe estabeleceram uma ligação afetiva logo de início.

Jennifer Outra das irmãs mais velhas de Luke. É casada com Paul e é mãe de Diandra, Sean e Colin.

Kevin O irmão mais novo de Luke. É casado com Tiffany há nove anos. Têm quatro filhos: Ami, Honor, Scott e Michael.

Patrick Outro dos irmãos mais novos de Luke. Recentemente divorciado de Siobhan. Têm duas filhas em comum: Caitlin e Sarah.

Meghan A ovelha ronhosa. Meghan é a filha mais nova de Bunny e Jack e é a menos previsível. (O seu irmão gémeo, dois minutos mais novo, morreu à nascença.) Tem o hábito de namorar com os tipos errados e acaba sempre por pagar caro, isto é, com um coração destroçado.

Fran Kelly Assistente administrativa do chefe da polícia de Boston, agora reformada. Amiga próxima da família MacKenzie.

Steffie Filha de Luke, que tinha seis anos quando faleceu num acidente de triciclo.

Karen Ex-mulher de Luke, que se sacrificou para salvar a alma da filha.

Joe Randazzo Sede de Supervisores do condado; um político que ocasionalmente faz a vida negra a Chloe.

JEREMY BREDESON: A MAGIA DA FIBRA

Já todos lemos os livros de Sugar Maple (porque, hum, de outro modo, como saberiam onde encontrar isto se não os tivessem lido?) A loja de Chloe tem novelos que nunca têm nós. Têm cores fabulosas e substituições perfeitas. A liberdade poética faz maravilhas, dando uma ideia fantástica e divertida da sua loja.

Se prestarmos realmente atenção à arte de tricotar, fazer crochê, fiar e tingir, veremos que não é assim tão complicada. Teoria da cor, sim. Destreza manual. A combinação certa entre tensão, agulhas, novelo, paciência e *voilà!* Criámos algo!

Sentem-se e pensem em tudo o que envolve o trabalho de tricô. (Sim, vou falar em relação ao tricô porque é o que faço. Podem substituir pelo vosso *Craft* de Eleição.) Qualquer que seja o trabalho que tenho em mãos, há a descoberta do padrão, o decidir para quem é a peça, qual a melhor cor para a pessoa em questão, qual a melhor fibra, descobrir a meada certa, comprar a meada, dobá-la em bolas (porque gosto de bolas com o fio no meio) e preparar as agulhas. Em seguida, temos a montagem das malhas e o tricotar em si. A mecânica do processo não é o mais importante, o que importa é o que fazemos enquanto tricotamos.

A magia tem a ver com invocar, e formar, energia e transformá-la naquilo que precisamos que ela faça. No que diz respeito à magia, a intenção é muito importante. E é igualmente importante quando criamos algo com as nossas mãos. Regra geral, não vamos criar armas, a não ser que sejamos ferreiros a trabalhar numa feira medieval, regra geral apenas porque é o que vende. Se trabalharmos com fibras, porém, alguns dos nossos trabalhos podem demorar centenas de horas a realizar. Essas horas serão ricas em gargalhadas, filmes, conversas, *cocktails*, cafés, amizade e amor. Algumas tricotadeiras aconselham as pessoas a não fazerem tricô quando estão irritadas e a maioria dir-vos-á que, quando pegamos num trabalho quando estamos irritados, acabamos por nos enganar e fazer disparates.

E, na verdade, se pensarmos bem, pegamos num fio muuuuuuuito comprido e transformamo-lo em algo completamente distinto. É *magia!*

JEREMY BREDESON: BASTA DE TRAÇAS!

Fomos às compras uma destas noites, a um dos centros comerciais aqui da zona, e descobrimos uma loja que vendia coisas para proteger a roupa das traças. Não estávamos à procura desses artigos especificamente, mas lá estavam eles. É claro, tinham bolas de naftalina, mas quem quer a roupa a cheirar a isso? Tinham também embalagens com pequenas bolas de cedro, por isso trouxe uma embalagem dessas.

Estávamos prestes a dar meia volta para irmos pagar quando reparei na caixa que havia ao lado das embalagens de bolas de cedro. Parecia cheia de sacos de chá, mas, quando a abri, senti um aroma maravilhoso. Fiquei algo cético, pois nunca ouvira falar numa mistura de ervas para prevenir o aparecimento de traças. Contudo, o amante de árvores e de terra que há em mim veio ao de cima e percebi de imediato que tinha de descobrir do que se tratava. Comprei e examinei a embalagem, mas não percebi o que era. Quando cheguei a casa, olhei com mais atenção e lá estava:

Hortelã-pimenta
Rosmaninho
Tomilho
Cravo-da-índia

Bingo! Eu sou capaz de fazer isso! A única coisa que não sou capaz de cultivar é o cravo-da-índia, mas posso perfeitamente comprá-lo. Qualquer pessoa consegue cultivar hortelã-pimenta, rosmaninho e tomilho, e depois basta secá-los, arranjar uns sacos de chá artesanais numa qualquer mercearia de produtos orgânicos (aposto que a Whole Foods ou a Trade Joe's os vende), colocar o correspondente a uma colher de chá em cada saco e depois guardar um ou dois no meio das lãs. Não só afasta as traças como também deixa a lã a cheirar bem!

A propósito, guardo a minha lã em caixas de sapatos de plástico e cada caixa contém a lã de dois ou três trabalhos, uma bola de cedro e um saco de ervas. Tricotar passou a ser muito mais agradável!

JEREMY BREDESON é um assistente administrativo profissional (com uma opinião muito vincada sobre determinados tipos de letra – nomeadamente *Comic Sans* e *Papyrus*) e o sumo-sacerdote de um dos mais antigos *covens* cibernautas, faz tricô desalmadamente e joga jogos de computador como um adolescente no seu muito tempo livre. Mora em Columbus, no Ohio, com o marido, Leon, e a supermimada, e muito bonita, *dachsund* do casal, *Belle*. Poderão encontrá-lo no *site* www.givemamasomesugar.net (embora talvez seja boa ideia evitarem fazer juízos de valor; ele tem poucos filtros e uma boca desbragada) e na comunidade Ravelry, sob o nome *technocowboy*.

KALI AMANDA BROWNE: TUDO À MÃO, AO ESTILO PORTO-RIQUENHO

Tempos houve, não há muito, em que sempre que nascia uma menina ela recebia um fato feito à mão, quer fosse costurado, bordado ou tricotado. Regra geral, eram as avós que tratavam disso. Quando a avó não era costureira, havia sempre uma velhota algures que costurava e bordava que era uma maravilha.

Quando a menina dava oficialmente entrada no mundo, já tinha o guarda-roupa de uma princesa. Rendas, cetins e modelos delicados para enfeitar a preciosa adição à família.

Atualmente, devido à pressão do trabalho e aos artigos pronto-a-vestir à disposição de todos, isso já não acontece com tanta frequência. Porém, os emigrantes mais recentes, e os que conservam uma ligação estreita com o seu país de origem (seja ele qual for) mantêm a tradição viva.

As minhas recordações de Porto Rico estão repletas de criações ricas e belas da autoria de pequenas velhotas desconhecidas, à altura de qualquer casa de *design* europeia!

A minha mãe teve a sorte de conviver com uma dessas senhoras talentosas ao crescer na Alta de Manhattan. A Doña Maria, que às vezes tomava conta dos filhos da minha avó, não tinha filhos e nutria um carinho imenso por eles, e a minha mãe tornou-se rapidamente uma das suas favoritas.

Ela combinou as suas duas grandes paixões e começou a criar as peças mais belas para a sua menina favorita. Durante anos, criou carinhosamente roupa e acessórios que mimaram a minha mãe, ao ponto de ela se tornar a perita em estilo que é hoje.

No quarto da minha mãe há uma fotografia dela em criança, parada junto ao lago do Central Park. Para acrescentar à sua essência docemente nostálgica, a fotografia contém mais árvores do que arranha-céus em pano de fundo. À frente, no meio, vê-se uma criança adorável, toda ela inocência e a fazer beicinho, vestida como uma boneca de porcelana vitoriana de valor inestimável.

Para aquele passeio no parque, Doña Maria havia confeccionado propositadamente um fato. Trabalhara nele a semana inteira, tal como fazia todas as semanas, para que ela e o marido pudessem dar um descansado passeio de domingo com a minha mãe.

O vestido em questão era uma magnífica obra de arte feita à mão, com a saia de folhos cintada em cima e mais larga em baixo, dando a ideia da letra A, incluindo sete camadas de renda costurada à mão. A parte de cima do vestido tinha um colarinho em renda, com quatro camadas de folhos rendados que lhe caíam sobre os ombros e se estendiam até à sua pequena cintura.

Mas não ficava por aí! A Doña Maria acrescentara também uns acessórios para complementar a indumentária. Na cabeça da criança, um laçarote feito de tule, esculpido, exibia umas colunas da mesma renda, embora em miniatura, costuradas verticalmente ao longo do tecido. Sob a bainha do pequeno vestido via-se que ela envergava umas cuequinhas de renda a combinar. Nos pés usava um par de meias de lã, com uma dobra de renda feita à mão, para condizer com o laçarote e a roupa interior, claro.

(Sim, eu sei... Visualizem-na na íntegra e deixem escapar esse «Ohhhhhhhh» que têm preso entre o diafragma e a garganta.)

Hoje em dia, praticamente só vemos algo do género nos batizados da comunidade latino-americana aqui perto. Eu e a minha mãe gostamos de os observar, paradas em frente à Basílica da Nossa Senhora da Ajuda, para vermos os elaborados fatos de batizado no final da cerimónia.

Tradicionalmente, para todos os latino-americanos, um batizado não só inicia a criança na fé como também serve de apresentação formal dessa coisinha boa perante Deus e o mundo.

Para os porto-riquenhos, claro, isso é sinónimo de festa. E uma festa implica comida. Mas nada de sandes, embora sejam permitidos alimentos que se comem à mão. Refiro-me a comida a sério, cozinhada, e em barda! Estou a falar de um bufê digno de um rei. Não existe nenhuma ementa tradicional, mas são necessários pratos de papel consistentes, pois haverá arroz, carne, salada e alguns dos alimentos que se podem comer à mão referidos acima, e toda a gente estará vestida a rigor, ainda que não tão extravagante como o bebé.

Regra geral, há pelo menos uma variedade de arroz na ementa; e será servido com fiambre, peru e provavelmente um pedaço de pá de porco assado – ou só salada para os que deixaram de comer carne. (Nunca conheci um porto-riquenho que tivesse deixado completamente de comer carne, embora deva existir uns seis ou sete, provavelmente em Los Angeles.)

Este é um dos nossos pratos nacionais, mas modifiquei-o ligeiramente para os cozinheiros atarefados que não têm tempo para demolharem o feijão de um dia para o outro. É delicioso e fornece uma boa dose de proteína.

ARROZ CON GANDULES

Arroz com Ervilhas-de-Angola

Um pouco de azeite

1 cebola média, picada

Alho (a gosto, eu utilizo 2 ou 4 dentes de alho, picado ou esmagado)

Flocos de pimento vermelho (a gosto)

1 colher de chá de orégãos secos

1 caneca de arroz de grão pequeno

2 canecas de caldo*

1 lata de ervilhas-de-angola (400 gramas, escorridas, mas reservar o líquido)

2 colheres de sopa de azeitonas verdes pequenas (sem caroço e recheadas com pimento vermelho)

Aquecer o azeite e saltear as azeitonas até ficarem quase translúcidas. Adicionar o alho, os flocos de pimento e os orégãos (cerca de dois minutos em lume brando).

Acrescentar o arroz e mexer na frigideira, de modo a que os bagos fiquem envolvidos no azeite (cerca de um minuto).

Adicionar o caldo, aumentar a chama e deixar ferver. Cobrir e cozinhar em lume brando durante 10 minutos.

Acrescentar as ervilhas-de-angola, escorridas, e as azeitonas. Adicionar o líquido de reserva se estiver demasiado seco. Cobrir e continuar a cozinhar durante mais 10 minutos.

Envolver as ervilhas-de-angola e as azeitonas no arroz. Provar e temperar se necessário. Deixar repousar, com a tampa, durante uns minutos antes de servir.

** Dependendo das suas preferências ou restrições alimentares, poderá utilizar caldo de galinha, de carne ou de legumes (incluindo os caldos de baixo ou nenhum teor de sódio). Cada um deles acrescentará uma intensidade ligeiramente diferente a cada prato. Em vez disso, se preferir, utilize água e acrescente um cubo de caldo já pronto. Se não fizer mais nada, o resultado final será um arroz «sujo». Se preferir um toque amarelado, adicione uma embalagem de Sazón (com aneto e açafrão).*

Os legumes irão desfazer-se durante a cozedura e dar sabor ao azeite (que o arroz absorverá na totalidade) e também ao caldo. Ambos ficarão mais espessos e darão sabor ao arroz. Além disso, se quiser aquele sabor autenticamente tradicional, poderá acrescentar um pedaço de fiambre fumado ao arroz na primeira fase da confeção desta receita. O arroz que sobrar combina bem com tacos ou poderá adicioná-lo a uma sopa, para lhe conferir mais consistência.

Buen provecho!

KALI AMANDA BROWNE nasceu na cidade de Nova Iorque, atingiu a maioridade em Porto Rico e passou toda a sua vida adulta em Nova Iorque. Perversa e diabólica, cínica e incrivelmente instruída, e ainda um pouco ingénua, ela tem demasiado tempo livre. Atualmente a morar, a cozinhar e a escrever em Brooklyn, é a autora do livro *Kali: The Food Goddess: A*

Compilation of Delightful Recipes and Memories of Food; do romance policial *Justified* e do conto «Putting May to Rest». Os seus livros encontram-se disponíveis em vários revendedores *on-line* e também através da Smashwods, em www.smashwords.com/profile/view/KaliAmanda. Ela partilha regularmente a sua opinião sobre a carreira de escritora em <http://ebooksbykali.blogspot.com>, assim como pensamentos sobre comida e culinária em <http://barbarabretton.com>.

ELIZABETH DELISI: PANO DE COZINHA COM PADRÃO PI OPENWORK

Materiais

Fio de algodão gramagem worsted (usei Peaches and Cream, cor #130 Shaded Pastels)

Agulhas de tricô tamanho 7

Agulha de crochê, ou de tapeçaria, para rematar

Tamanho da Peça Acabada

Aproximadamente um quadrado com 22 cm²

Tensão do Ponto

Não é importante

Ponto do Padrão Pi Openwork

Múltiplos de 3

Carreira 1 (lado direito): Meia2, *Laçada, Meia3, com a agulha esquerda puxar a primeira das 3 malhas acabadas de fazer por cima das últimas 2 e tirá-la da agulha; repetir desde * até à última malha, Meia1.

Carreira 2 e todas do avesso: Liga.

Carreira 3: Meia1, *Meia3, com a agulha esquerda puxar a primeira das 3 malhas acabadas de fazer por cima das últimas 2 e tirá-la da agulha; laçada; repetir desde * até às últimas 2 malhas, Meia2.

Carreira 4: Liga.

Repetir estas quatro carreiras para criar o padrão.

Instruções para o Pano de Cozinha

Montar 43 malhas.

Tricotar 6 carreiras com ponto de liga.

Carreira 6: Meia5, repetir carreira 1 do padrão Pi Openwork durante as 33 malhas seguintes, Meia5.

Carreira 7: Meia5, Liga33 (carreira 2 do padrão Pi Openwork), Meia5.

Carreira 7: Meia5, repetir carreira 3 do padrão Pi Openwork durante as 22 malhas seguintes, Meia5.

Carreira 9: Meia5, Liga33 (carreira do avesso do padrão Pi Openwork), Meia5.

Repetir carreiras 6-9 até a peça medir menos 1 cm do que o tamanho desejado, terminando com uma carreira do avesso.

As 6 carreiras seguintes: trabalhar com o ponto de liga.

Rematar, tecer as pontas.

Variação: tricotar ponto de arroz em vez de ponto de liga.

Dúvidas? Contacte-me em: elizabeth@elizabethdelisi.com.

Divirta-se!

O romance de viagens no tempo de Elizabeth Delisi, cujo cenário se desenrola no antigo Egito, *Lady of the Two Lands* (vencedor do Prémio Bloody Dagger e nomeado para o Prémio Golden Rose), e o seu romance de *suspense* *Since All Is Passing* (finalista dos Prémios EPPIE e Bloody Dagger) encontram-se disponíveis na Amber Quill Press. *Fatal Fortune* (Word Museum Reviewer's Choice Masterpiece), o primeiro da série Lottie Baldwin Mystery, encontra-se atualmente disponível através da Fictionwise. «Mistletoe Medium» (a prequela em formato de romance curto de *Fatal Fortune*, de Elizabeth) está incluído na antologia dos romances paranormais *Enchanted Holidays*, disponível através da Ellora's Cave; e *Restless Spirit* foi publicado na antologia paranormal *One Touch Beyond*, também disponível através da Ellora's Cave.

As duas coleções de contos de Elizabeth Delisi, *Mirror Images* e *Penumbra*, estão disponíveis na BWLPP. O seu conto «The Heart of the Matter» foi publicado na antologia do Dia dos Namorados da DiskUs Publishing, denominada Cupid's Capers (finalista dos Prémios EPPIE). O seu conto «A Cup of Christmas Charm» foi editado na antologia do Natal da DiskUs Publishing, denominada «Holiday Hearts 2» (finalista do Prémio EPPIE), e o seu conto «A Carol of Love» continua disponível na primeira antologia da série «Holiday Hearts» (finalista do Prémio EPPIE). Elizabeth Delisi tem ainda um conto publicado na antologia de Natal «The Holiday Mixer», disponível através da Haypenny Press.

Elizabeth Delisi é formadora na Writers Digest University. Lecionou Escrita Criativa ao nível do ensino secundário e faz edição para terceiros. Possui um bacharelato em Língua Inglesa, sendo a sua especialização em Escrita Criativa pela St. Leo University. Atualmente trabalha nos livros *Deadly Destiny* e *Perilous Prediction*, as sequelas de *Fatal Fortune* e *Knit a Spell*, um romance paranormal.

Para mais informações, aceda ao *site* de Elizabeth Delisi, em www.elizabeth-delisi.com, ou ao seu blogue, em <http://elizabethdelisi.blogspot.com/>.

LISA SOUZA: DATA DE NASCIMENTO

Há muitos anos, li qualquer coisa sobre um rapaz que pedira ao irmão mais novo para lhe descrever Deus. Por algum motivo aquilo soou-me familiar e só percebi porquê quando nasceu o meu primeiro neto.

Eu havia escrito sobre ele, apelidando-o de «Fetoneto», a partir do momento em que os pais descobriram o sexo dessa força da natureza em constante crescimento. A data prevista do parto foi ultrapassada, tal como costuma acontecer na primeira gravidez, e a minha amiga vidente disse-me que recebera a mensagem de que ele nasceria no dia 15 de dezembro. O dia 15 passou e a minha amiga ficou perplexa, lamuriando-se porque nunca se tinha enganado. Algo que nos transcendia a todos estava em jogo. Aproximava-se a data do aniversário do meu falecido padrasto e *ele* fora uma força da natureza e era um fantasma muito barulhento.

Esperámos impacientemente e, na noite do dia 16 de dezembro, recebemos a notícia por telefone de que a nossa filha tivera os primeiros sinais de parto. Tratando-se do seu primeiro filho, calculei que ainda tivéssemos algum tempo para planearmos a viagem de noventa minutos de carro até casa dela. Estava redondamente enganada. O corpo da minha filha entrou em plena atividade laboral no espaço de poucos minutos e as contrações eram cada vez mais frequentes, o que nos levou a vestirmos as camisolas de lã e a sairmos para a noite fria de dezembro, qual cavalaria.

O menino nasceu na manhã do dia 17 de dezembro, o dia do aniversário do meu padrasto. Eu estava junto da minha filha, a segurar-lhe uma das pernas enquanto ela fazia força para expulsar o bebé e, assim que vi o seu rosto minúsculo a emergir, fui invadida por todas as emoções e mais algumas. Foi Amor puro e total.

A parte desta história que faz lembrar o que li há tantos anos é que quando aquele pequeno ser rosado foi limpo e se encontrava deitado, despido, na sua cama quentinha, começou a fazer uns ruídos enquanto mexia a cabeça para olhar por cima dele. Acreditarei sempre que estava a falar com a multidão invisível que o fora ver, enquanto a alma dele dava entrada no seu recetáculo. Nunca vira um recém-nascido fazer aquele tipo de ruídos e falei nisso ao meu marido, que estava parado ao meu lado. Durou apenas uns minutos e depois foi como se ele tivesse começado a esquecer essa linguagem e tivesse deixado de ver esses rostos.

Agora o meu neto é um atleta nato de cinco anos, tal como foi o avô Lenny, e diz coisas que me lembram essa força da natureza mais velha. Terá esse bebé adiado a sua chegada a este mundo para que a alma de Lenny pudesse introduzir-se nele para «mais uma voltinha»? Penso que só saberei a resposta quando eu própria passar para o Outro Lado, onde todas as minhas dúvidas obterão respostas.

LISA SOUZA estudou Belas Artes no California College of Arts, foi cantautora durante uma década e depois enveredou por uma carreira nas artes da fibra, que na realidade nunca haviam deixado as suas mãos desde que ela aprendera a segurar uma agulha e linha. Outrora essencialmente fiandeira, criando peças originais para os seus clientes, desde então dedicou-se a uma vida de cores, criando ricas paletas de cor em fio e em fibra. O seu primeiro livro, em colaboração com Vicki Stiefel, chama-se *10 Secrets of the Laidback Knitters* e foi publicado pela St. Martin's Press em maio de 2011. Poderá encontrá-la em www.lisaknit.com

e no seu blogue em <http://lisaknit.typepad.com/tiltawhirl/>.

FRAN BAKER: MANTA DE BEBÉ PADRÃO FEATHER & FAN

No que diz respeito a mantas para bebês, sou uma tricoteira do tipo «quanto mais simples e macio, melhor». Um dos meus favoritos é o modelo Feather & Fan, em Baby Marble, da autoria de James C. Brett. Adoro a macieza e a tonalidade subtil do Baby Marble. Além disso, lava e seca que é uma maravilha. Curiosamente, descobri que as tricoteiras não costumam escolher o modelo Feather & Fan para bebês, mas todas as mães a quem já ofereci um ficaram encantadas. E adoro ver um bebé a dormir tranquilamente enrolado numa manta feita por mim.

Não me preocupo muito com a tensão do ponto para este modelo porque controlo as repetições que me interessam. Regra geral, faço 11 repetições e, como tenho a tendência para fazer a malha apertada, utilizo uma agulha de tamanho 7. Mais abaixo está o padrão tal como gosto de o criar. (Atenção que utilizo marcadores para controlar as repetições que faço na carreira 3.) A manta terminada fica com cerca de um metro quadrado, mais coisa menos coisa.

Materiais

Agulhas de tricotar de tamanho 6 ou 7 (depende se a pessoa faz a malha mais apertada ou mais solta)

2 novelos de Baby Marble (numa cor à sua escolha)

11 marcadores

Monte 208 malhas, o que incluirá 11 repetições de modelo e 5 malhas para o debruado.

Tricotar 5 carreiras em ponto musgo se quiser, marcando com um novelo de cor contrastante a primeira carreira como sendo o lado direito.

Modelo

Carreira 1: Tricotar (se saltou as carreiras do ponto musgo, marque esse lado com um novelo de cor contrastante para o lado direito).

Carreira 2: ponto de liga.

Carreira 3: Meia5, colocar marcador, *Meia2juntas 3 vezes, (Meia1, Laçada) 6 vezes, Meia2juntas 3 vezes, colocar marcador; repetir a partir de * até às últimas 5 malhas, colocar marcador, Meia5.

Carreira 4: Ponto Meia.

Tricotar 5 carreiras em ponto musgo se quiser. Ou saltar este passo e...

Rematar.

Lavar e fixar à mão.

FRAN BAKER está atualmente ocupada a escrever o seu décimo quarto romance. Os seus livros já constaram de várias listas de *bestsellers* e já foram traduzidos para mais de vinte línguas. Realizou uma série de *work-shops* sobre escrita para publicação a nível local, nacional e internacional. É membro da Novelists Inc., do Authors Guild e da Society of Midland Authors. Tem um blogue em www.daughterofthegreatdepression.blogspot.com. Os leitores estão

convidados a visitarem o *site* dela em www.franbaker.com.

DUSTY MILLS: HEREDITARIEDADE PALPÁVEL

Sou uma dessas pessoas com uma paixão imensa por tudo o que sejam relíquias de família. A ideia de passar algo às gerações futuras é profundamente importante para mim. Entre os meus objetos favoritos encontra-se uma velha manta, feita em crochê pela minha avó muitos anos antes de eu ter nascido. Estão a ver o género, não estão? Com riscas folhadas em três tons de azul e não combina com nada do que tenho em casa...

Atualmente, tem tantos buracos que seria incapaz de a oferecer a quem quer que fosse lá a casa, exceto numa situação de vida ou de morte, mas ainda assim uso-a todos os dias e agora a minha filha mais nova também. Se conseguisse evitar usá-la tantas vezes, talvez os meus netos ainda pudessem ser embrulhados nela daqui a uns anos!

Quando criamos algo, nem sempre imaginamos que essa peça poderá continuar a ser utilizada dali a várias décadas. Continuar a ser amada e valorizada como se se tratasse de uma prenda do último Natal. Mas a grande beleza do tricô reside no facto de ser verdadeiramente a prenda eterna. Algo de nós permanece nas nossas criações muito depois de as nossas agulhas pararem de fazer «tique tique» e o nosso amor se difundir em cada malha, diretamente para os corações de descendentes que talvez nunca venhamos a conhecer.

Essencialmente, o que quero dizer é: essa manta que pensou tricotar para a sua sobrinha que nasce no próximo mês... Comece a montar as malhas. Faça o tal fato de batizado em renda ou a primeira camisola de lã do bebé que anda dentro do saco há um mês. À medida que for avançando no trabalho, pense não só no bebé que aí vem como também em todos os bebés que virão depois.

Cada peça que você termina é tricotada com amor, esperança, sonhos, laços e fontes de estabilidade familiares, amizade e história. É a hereditariedade palpável.

DUSTY MILLS é a tricoteira típica, que gosta de desenhar peças em malha e escrever no blogue (www.theknitlife.wordpress.com). Mora em Missouri com a sua querida família, nunca tem material suficiente para fiar e tricotar e tem duas criaturas peludas que pensam que mandam em tudo.

Dusty convida o leitor a descarregar gratuitamente o seu modelo de chapéu mãe/filha, Chippewa. Quando for ao *site* Ravelry, insira o código STICK&STRINGS. Encontrará o modelo aqui: www.ravelry.com/designers/dusty-mills.

DAWN BROCCO: O PRIMEIRO CASAQUINHO DO BEBÉ

Este modelo de casaquinho pequeno e fácil de realizar possui duas opções de novelo e tensão da malha (sport e worsted) para um trabalho rápido e ainda mais rápido.

O esquema do padrão tem uma barra oblíqua a separar as instruções para sport e para worsted (sport/worsted).

Materiais

Gramagem Sport: Caxemira Lobster Pot (caxemira 100% leve), novelo 50 gramas: 2 novelos Natural (Cor Principal) (dobro)

Gramagem Worsted: Cascade Yarns Heritage Silk (85% lã Merino Superwash, 15% Mulberry Silk), novelo de 100 gramas: 1 novelo cor #5659 Primavera (Cor Principal) (dobro); e ou 1 novelo Heritage Silk cor #5617 Framboesa ou 1 novelo Cascade 220 Superwash (lã 100% fácil de lavar), novelo de 100 gramas, cor #7805 Flamingo Pink (Cor Contrastante) (único)

Agulhas circulares tamanho 6 / 8 (4 / 5 mm), com 40-50 cm de comprimento

Agulhas pontas duplas tamanho 6 / 8 (4 / 5 mm)

Agulha de tapeçaria

Marcador

4 botões, tamanho 1,5 cm / 1,9 cm

Dimensões

Circunferência do corpo: 46 cm. Comprimento: 23 cm. Comprimento da manga: 17 cm. Largura da manga: 10 cm.

Tensão da Malha

6 malhas e 8.5 carreiras / 5 malhas e 6.5 carreiras equivale a 2.5 cm em meia do direito e liga do avesso com agulhas tamanho 6 / 8 ou de um tamanho que confira tensão.

Perca algum tempo a verificar a tensão do ponto.

Substituir a gramagem do novelo: sport / worsted.

Abreviaturas

Aprox = aproximadamente

In = início

Re = rematar

CC = cor contrastante

Atc = agulhas de tricô circulares

Mon = montar as malhas

Apd = agulhas pontas duplas

M = ponto de meia

M2j = tricotar duas malhas meia juntas

T2m = torcer duas malhas e colocá-las na agulha direita

CP = cor principal

V = voltas

A = agulha

L = ponto liga

l2j = duas malhas liga juntas

Mod = modelo

Rest = restantes

Rep = repetir

D = lado direito

P2mj = passar duas malhas meia, separadamente, e depois tricotá-las juntas a partir desta posição

M(s) = malha(s)

AI = aumento intercalar

PJ = ponto jersey

AV = lado avesso

Ponto de Arroz Cós

Com a CP e as atc, mont 110 / 92 malhas (método da ponta comprida recomendado).

Preparar padrão do ponto de arroz (AV): l2, (M1, L1) até ao fim, virar. (D): M2, (L1, M1) até ao fim, virar.

Repetir últimas 2 carreiras 2 vezes / 1 vez.

Trabalhar 41 / 31 carreiras em ponto jersey (até aprox 13 cm desde o in das malhas mont), terminar após acabar a carreira AV.

Frente Direita

Tricotar 26 / 22 malhas, virar. Liga até ao fim.

Trabalhar mais 18 / 12 carreiras em ponto jersey, terminar depois de acabar a carreira do AV.

Decote (D): Na carreira do D seguinte, Re 5 / 4 malhas, p2mj, M até ao fim, virar.

L até ao fim.

M1, p2mj, M até ao fim.

Rep últimas 2 carreiras mais 3 / 2 vezes – 16 / 14 malhas ombro rest.

Trabalhar 5 / carreiras iguais em ponto jersey. Re.

Frente Esquerda

Com D virado para si, tricotar ao longo 26 / 22 malhas frente esquerda, virar.

L até ao fim.

Trabalhar mais 19 / 13 carreiras em ponto jersey, terminar após acabar a carreira D.

Decote (AV): Re 5 / 4 malhas, p2mj, L até ao fim, virar.

M até ao fim.

L1, p2mj, L até ao fim.

Rep últimas 2 carreiras mais 3 / 2 vezes – 16 / 14 malhas ombro rest.

Trabalhar 4 / 4 carreiras iguais em ponto jersey. Re.

Costas

Com D virado para si, M 58 / 48 malhas das costas, virar. L carreira D.
Trabalhar mais 32 / 24 carreiras em ponto jersey (até aprox 10 cm da axila).
Coser as partes da frente às costas, nos ombros.

Mangas

Com CP e apd, in no meio da axila, apanhar uma malha meio axila depois 48 / 40 malhas à volta da cava, colocar marcador – 49 / 41 malhas. M2 / 0 voltas.

Reduzir volta: M1, p2mj, M até últimas 2 malhas, l2j.

M5 / 4 voltas iguais.

Rep últimas 6 / 5 voltas mais 7 / 6 vezes. Rep volta de redução – 31 / 25 malhas re.

Preparar modelo ponto de arroz – somente gramagem sport: M2j, (L1, M1) à volta, termina L1 – 30 malhas re.

Preparar modelo ponto arroz – somente gramagem worsted: com CC, M2j, tricotar à volta – 24 malhas re (M1,L1) à volta.

Ambas as gramagens: mod mais 5 / 3 voltas. Re no padrão.

Ponto de Arroz Frente Direita Botões

Com CP e apd ou atc, in parte inferior direita aba frente, apanhar e tricotar 47 / 37 ms por cada 10 carreiras / 3 ms por cada 4 carreiras, virar.

Preparar padrão ponto de arroz (AV): (M1, L1) até ao fim, terminar M1, virar.

Rep última carreira mais 1 vez / 0 vezes.

Carreira Casas botões (AV) – somente gramagem Sport: M1, L1, M2j, T2m, L2j, (M1, L1) 4 vezes, M1, L2j, T2m, M2j, (L1, M1) 4 vezes, L1, M2j, T2m, L2j, (M1, L1) 4 vezes, M1, L2j, T2m, M2j, L1, M1.

Carreira Casas Botões (D) – somente gramagem worsted: M1, L1, *M2j, T2m, L2j, (M1, L1) 3 vezes; rep desde * mais 2 vezes, M2j, T2m, L2j, L1.

Na carreira AV seguinte, mod até ao fim, trabalhando no fio inferior de cada AI1. (Inserir agulha no AI1 por baixo do fio horizontal. Isto fará subir esse fio até à m, em vez de o deixar pendurado, o que daria origem a uma casa de botão descaída.)

Mod mais 2 / 1 carreiras. Re no padrão.

Ponto de Arroz Frente Esquerda Botões

Com CP e apd ou atc, in parte inferior direita, apanhar e tricotar 47 / 37 ms na aba frente direita (aprox 7 ms por cada 10 carreiras / 3 ms por cada 4 carreiras), virar.

Preparar padrão ponto de arroz (AV): (M1, L1) até ao fim, terminar M1, virar.

Rep última carreira mais 5 / 3 vezes. Re no padrão.

Colarinho Ponto de Arroz

Com CP / CC e atc, in meio da frente direita, apanhar e tricotar 67 / 55 ms à volta do colarinho até meio de frente esquerda, virar.

Preparar padrão ponto de arroz (D): (L1, M1) até ao fim, terminar L1, virar.

Rep última carreira mais 15 / 11 vezes (moreto aprox 5 cm). R no padrão.

Terminar

Coser os botões no lado oposto às casas. Esconder todas as pontas do fio. Lavar e fixar.

MONICA JINES: DICAS PARA QUANDO TRICOTAR PARA BEBÉS

Os bebés têm a cabeça grande, quase tão larga como o peito, por isso é necessário fazer um remate que dê de si na zona do pescoço. Os remates extensíveis são trabalhados com uma laçada antes de cada malha. Uma laçada invertida é feita antes do ponto de meia e uma laçada normal é feita antes do ponto de liga.

Para M1, L1 ponto remate sanfona trabalha-se da seguinte maneira:

Laçada invertida, M1, passar o novelo por cima no ponto de meia, novelo por cima, L1, passar o novelo por cima do ponto de liga e depois passar o ponto de meia por cima do ponto de liga. Repetir o processo.

Outro remate:

Tricotar as primeiras duas malhas juntas atrás do ponto. Passar a malha da agulha da mão direita para a agulha da mão esquerda, depois tricotar essa malha e a seguinte juntas atrás do ponto. Continua o processo até ao fim do trabalho. Para um remate de aspeto ligeiramente diferente, pode tricotar no ponto da frente; continuará a ter um remate mais solto, mas haverá espaços entre as malhas de remate.

MONICA JINES: Não me lembro de nenhum período da minha vida em que não estivesse a tricotar algo. A minha mãe ensinou-me quando era tão pequena que nem sequer tenho memória disso. Embora tenha passado curtos períodos de tempos sem fazer muito tricô, acabo sempre por voltar a ele. Adoro tricotar todo o tipo de peças e também adoro criar *designs*.

Já apareci na revista *Vogue Knitting on The Go* e também criei *designs* para a Loopy Ewe e para a Cherry Tree Hill Yarn. Os meus *designs* podem ser vistos e adquiridos na comunidade Ravelry, em www.ravelry.com/designers/monica-jines, e também em Loopy Ewe e Simply Socks Yarn Company.

RACHAEL HERRON: CINCO COISAS SOBRE TRICÔ PARA BEBÉS

Tricotar para bebés não é o mesmo que tricotar para o resto das pessoas e há várias coisas que tenho de repetir a mim mesma à medida que vou trabalhando, caso contrário acabo com presentes que são impossíveis de oferecer, que ficam arrumados nas minhas prateleiras, fitando-me com ressentimento.

1. Os bebés têm proporções esquisitas. Não foi Elizabeth Zimmermann que disse que eles eram cubos? Não podemos fazer cinturas nos trabalhos para bebés ou então, se o fizermos, temos de criar a camisola com a forma do Buda porque os bebés são redondos e não sobre o comprido. E, além do mais, ficam assim durante muito tempo. A camisola deverá ser mais larga do que comprida, o que permitirá ao bebé crescer para os lados. (Comecei a criar as minhas próprias camisolas da mesma maneira. Afinal de contas, não é como se estivesse a ficar mais alta.)

2. As peças tricotadas para bebés demoram mais tempo do que pensamos. O truque está no planeamento, minhas amigas. Sabem, eu trabalho bastante rápido. Costumo despachar uma camisola para mim num mês ou coisa do género. Por isso, quando penso em algo minúsculo e fofinho, penso logo: «Oh! Vou ver um filme e tricotar uma camisolinha num instante!» Engano-me sempre e acabo por demorar *semanas* para terminar algo que pensava que não iria demorar mais do que três horas para criar. O que faz do tricô para oferecer a futuras mães um verdadeiro pesadelo.

3. Os bebés também são maiores do que pensamos. Não sou mãe, por isso nunca consegui acertar nessa parte. Na minha cabeça, os bebés são *minúsculos*. São pequenas criaturas deliciosas e tricotar uma camisolinha pequenina deve ser a coisa mais engraçada. Certo? Uma vez ofereci uma camisola de bebé a uma mulher que a encostou à barriga e disse: «Oh, meu Deus! Não vou ter um gato!» Vi-me aflita para a convencer de que não estava a desejar-lhe um parto prematuro.

4. Os bebés sujam-se imenso. Se a mãe não puder enfiar a camisola, o gorro e as botinhas a condizer dentro da máquina de lavar, juntamente com as dezenas de cargas de roupa que tem para lavar, o nosso príncipezinho irá vesti-los uma única vez, a primeira e a última vez que será visto a envergar as suas lindas peças. Se, no entanto, a mãe não tiver de se chatear muito com a lavagem das peças, o bebé irá usar essa camisola o inverno inteiro, dia sim e dia não, e haverá milhares de fotografias com ele assim vestido. A não ser, claro, que seja o terceiro filho. Nesse caso, não haverá fotografias (mas a camisola de lavar e vestir será ainda mais valorizada).

5. Os bebés são amorosos. Oh, essa é a parte que você já sabia, não é? Eu também. Essa é a única parte em que acerto sempre.

RACHAEL HERRON fez o mestrado em Escrita em Mills College e faz tricô desde os cinco anos. É mais do que um passatempo; é um modo de vida. Rachael mora com a sua cara-metade em Oakland, na Califórnia. Têm quatro gatos, três cães, três rocas de fiar e mais instrumentos musicais do que conseguem contar. Visitem-na em <http://yarnagogo.com>.

JANET SPAETH: CANÇÃO DE EMBALAR

Se este é o seu primeiro filho, há apenas uma coisa muito importante que *tem* de compreender antes de prosseguir.

Você não manda nada!

Já não. Talvez mandasse antes, mas agora é mãe/pai, o que significa que abdicou do controlo do seu orgulho, do seu sono e da sua sanidade mental. Lamento imenso, mas alguém tinha de a/o informar.

A minha primeira lição deu-se quando a minha filha tinha umas meras quatro semanas. Os meus sogros iam ficar a tomar conta dela para eu e o meu marido podermos ir a um casamento.

«Ela costuma fazer a sesta por volta das três da tarde», disse eu aos meus sogros. «A cassette já está no gravador.»

«Cassete?», perguntou a minha sogra.

Agora diga-me lá se não era uma ideia fantástica: todos os dias, quando chegava a hora da sesta dela, eu punha a música a tocar. Por acaso, tratava-se de *Canon em Ré Maior*, de Pachelbel, com o chilrear do mergulhão e o cantar dos pássaros. (O que hei de dizer? Era o meu primeiro filho. Eu sabia lá.) Calculava que ela comesse a associar a música com a hora da sesta e, eventualmente, bastar-me-ia tocar a música para ela adormecer toda satisfeita.

Eu e o meu marido fomos ao dito casamento e a noiva percorreu a nave até ao altar, devagar, muito devagar, ao som de *Canon em Ré Maior*, de Pachelbel. Era a nave mais comprida do mundo, acredite. Quando a noiva chegou finalmente ao altar, o meu marido tinha os olhos fechados e eu deitara a cabeça no ombro dele. Acordámos antes de um de nós começar a risonhar, mas foi por um triz.

Até hoje, sempre que ouço essa peça musical adormeço.

A minha filha, porém... Juro-lhe que a miúda espreita assim que ouve essa música.

E o que aprendemos com isto? Que os pais são amestráveis, mas as crianças não. Portanto, aceite as coisas como são. E durma o máximo que conseguir. Eu tenho uma solução milagrosa para isso...

JANET SPAETH é escritora e mãe de dois filhos. Sejam simpáticos com ela. Não dorme desde que o gravador se avariou.